This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

SA5823.2

HARVARD COLLEGE LIBRARY

SOUTH AMERICAN COLLECTION

THE GIFT OF ARCHIBALD CARY COOLIDGE, '87
AND CLARENCE LEONARD HAY, '08
IN REMEMBRANCE OF THE PAN-AMERICAN SCIENTIFIC CONGRESS
SANTIAGO DE CHILE DECEMBER MDCCCCVIII.

BIBLIOTHECA DA REVISTA PORTUGUEZA DE DIREITO

Augusto de Castilho

PORTUGAL E BRAZIL

CONFLICTO DIPLOMATICO

III

COMMANDO SUPERIOR
DAS
FORÇAS NAVAES PORTUGUEZAS
NA
AMERICA DO SUL

Correspondencia official

(AGOSTO DE 1893 A MAIO DE 1894)

1894
M. GOMES — EDITOR
LIVREIRO DE SUAS MAGESTADES E ALTEZAS
70, Rua Garrett (Chiado), 72
LISBOA

PORTUGAL E BRAZIL

Conflicto diplomatico

Alguns defeitos e incorrecções que se encontram n'este volume, são motivados pela pressa com que elle foi feito, tendo-se composto, impresso e revisto em sete dias.

PORTUGAL E BRAZIL

Conflicto diplomatico

devia conduzil-o, dirigiu-se para bordo d'esta corveta com sua familia, creados, sequito e bagagens e aqui pernoitou.

No dia seguinte pelas 3 h. p. m. foi S. Ex.ª para o vapor francez «Equateur», acompanhado por mim e por varios officiaes dos dois navios, e largando pouco depois das 5 h. p. m para Lisboa.

Emquanto eu estava a bordo do «Equateur» conversando com o commandante, appareceu o segundo tenente Lamare immediato do crusador revoltado «Tamandaré», perguntando noticias dos navios «Tiradentes» e «Bahia», respondendo o commandante, que lhe parecia e ouvira dizer, que estavam ainda em Montevideo, posto elle os não houvesse visto, por fundearem os paquetes a uma grande distancia do fundo da bahia. Contou o tenente Lamare que no bombardeamento de 27 entre a Armação e o «Tamandaré» recebera este 8 projecteis, e perdera 7 pessoas, inclusivè 2 officiaes! Um dos projecteis cortou o mastro do traquete por metade da sua grossura, ficando este ameaçando ruina. O navio tem soffrido varias outras avarias, e é hoje, inda assim, o unico navio propriamente de guerra que pode mover-se e que anda em operações de guerra n'esta bahia. Constou-me pelo Conde de Paço d'Arcos que, no intuito de malograr as diligencias, com que o almirante Saldanha da Gama procurou levar a officialidade dos diversos corpos da capital, a acompanhal-o no movimento de revolta, mandára o marechal Floriano Peixoto distribuir 6:000 contos de reis por esses corpos, para os reter ao serviço do governo, e para que elles respondessem ao almirante como responderam. E' de crer esta asserção, em vista de tudo que se tem passado, e não sei qual seja mais para admirar, se a semceremonia com que o presidente esbanja assim os dinheiros publicos para comprar adhesões, se a torpesa com que officiaes militares vendem as suas consciencias áquelle!

Paralellamente ao exercito propriamente dito, que é composto da tropa regular de linha, ha ainda no Brazil duas outras instituições militares, em que o alistamento é mais ou menos voluntario: a guarda nacional que se compõe de corpos de infanteria, cavallaria, e até artilheria, e os batalhões patrioti-

cos, dos quaes alguns teem denominações bastante comicas. É assim que temos os batalhões *Tiradentes*, *Frei Caneca*, *Francisco Glicerio*, *Pedro Ivo*, *Floriano Peixoto*, *Benjamim Constant*, *Republicano Municipal*, *Operario*, *Defensores da Republica*, *Silva Telles*, etc., etc. Quando alguem se lembra de commemorar uma instituição, uma idéa ou um homem que prestou ou ainda presta serviços relevantes á republica, dá esse nome a uma futura agremiação militar, depois de obter para isso o consentimento do governo; inventa-se um uniforme, designa-se quartel, o ministerio da guerra nomeia o respectivo Commandante, que é um tenente, capitão ou major de linha, a quem se dão logo as divisas de coronel, e começa logo o alistamento da soldadesca, entrando immediatamente esse corpo em serviço, muito embora não tenha instrucção de especie alguma!

Em 28 veio a meu bordo o capitão do vapor «Parahyba», que ha dias foi aqui aprisionado com a bandeira argentina pela esquadra revoltada, pedir-me auctorisação para residir a bordo do vapor portuguez «Moçambique», emquanto não seguia para Portugal. Este capitão é subdito portuguez, e contou-me toda a historia d'este vapor, com um cunho de verdade que me convenceu, e que me deixou crente de que o apresamento fôra o acto mais violento, injusto e brutal que pode imaginar-se. O vapor era brazileiro, mas não podendo navegar sob a bandeira brazileira porque seria aprisionado, foi vendido a uma firma argentina, e arvorou a respectiva bandeira. Arranjou os seus papeis, recebeu mantimentos, carregamento e passageiros atracado a um caes, e no dia determinado largou d'ali já a vapor, em direcção á barra com destino a Buenos Ayres e depois ao Rio Grande do Sul. Quando ia em meio da bahia foi atacado pelos navios da esquadra com vivo fogo de fuzilaria, sendo mortos 2 passageiros e feridos outros individuos. Diz o capitão que não tinha a bordo qualquer carga de natureza suspeita, que os seus papeis estavam perfeitamente em ordem, e que não havia o minimo motivo para o acto brutal de que foi victima, o qual elle attribue á impetuosidade e imprudencia de aspirantes e officiaes novos e irresponsaveis, mais do que ás or-

dens dos seus chefes. Diz mais o capitão do «Parahyba», que o proprio capitão de mar e guerra E. C. Tavares, chefe da divisão dos frigorificos, e que tem a sua insignia no vapor «Jupiter», e mesmo o contra-almirante Saldanha da Gama, commandante em chefe da força naval revoltada actualmente n'esta bahia, reconheceram a injustiça do acto praticado, lamentaram a precipitação de rapazes indiscretos e ardentes, mas não o puderam evitar, nem mesmo remediar depois, porque aquelles rapazes a isso se oppuzeram!

O ex-capitão do «Parahyba» que conviveu durante alguns dias com o chefe Tavares a bordo do «Jupiter», diz-me que n'aquelle e n'outros navios reina grande indisciplina, que cada um faz approximadamente o que lhe vem á cabeça, que ha falta absoluta de feijão para alimentação das marinhagens da esquadra, ao passo que ha grande abundancia de café e assucar. É sua opinião que, se o marechal Floriano Peixoto fizesse uma proclamação convidando as guarnições da esquadra a apresentarem-se-lhe, garantindo-lhes uma recepção humanitaria, os navios ficariam desertos no dia immediato. Não vou tão longe nas minhas crenças; mas estou bem persuadido de que a longa demora n'esta guerra, a falta de um plano seguido e nitido, a hesitação que parece revelar-se em todos os actos externos do pessoal superior da revolta, teem produzido no pessoal inferior os seus naturaes effeitos dissolventes e desmoralisadores. Não posso pôr em duvida a heroicidade e bravura da marinha brazileira; mas tenho a certeza de que a secção que está hoje sob as ordens do almirante Saldanha da Gama, seria, pela sua falta de cohesão, de disciplina passiva e de cega obediencia, incapaz de acompanhal-o em qualquer tentativa arrojada e de que dependesse o bom exito da causa. Não obstante a regularidade e correcção do procedimento do vapor «Parahyba», o governo de terra, que desconfia de tudo e de todos, attribuiu ao capitão e tripulantes uma certa connivencia no apresamento, e olha-nos a todos com uma mal disfarçada suspeição. Por tal motivo tres tripulantes que eram portuguezes, que eu reclamei e me foram mandados entregar, tiveram de ficar a meu bordo pelo receio que teem de ser capturados em terra. Esses

homens foram por mim mandados abonar de ração, e fazem o serviço ordinario das praças de marinhagem.

Espero que esta minha deliberação será approvada por essa secretaria, mas não espero que m'o digam, visto que em geral não obtenho resposta ás perguntas que faço!

No dia 29 foi a nossa lancha a vapor «D. Carlos» mais uma vez victima d'uma brutal e improvocada aggressão da parte das tropas do governo legal estacionadas na ponta de Ribeira, que é o extremo oriental da ilha do Governador. As peripecias minuciosas d'este caso, vão narradas no officio que sobre o assumpto dirigi ao encarregado de negocios, e de que junto a copia [(Documento A) e por isso me absterei de a referir aqui circumstanciadamente. Direi apenas que, se eu não consegui obter uma condigna satisfação, pelas outras aggressões gratuitas de que aquella mesma lancha nossa foi victima ha tempos, por manifesto e deliberado proposito da soldadesca brazileira, e quando o Conde de Paço d'Arcos a exigiu em termos dignos e energicos, menos posso esperar obtel-a agora, depois da calmante recommendação do Exm.º ministro dos estrangeiros Hintze Ribeiro, no seu telegramma de 16 de novembro, e sendo o encarregado de negocios quem a reclama.

Sujeitar-nos-hemos pois a mais esta vergonha, e consentiremos que os soldados brazileiros continuem a fazer-nos todos os ultrajes que a sua arrogante imaginação lhes possa suggerir, ou que pelos seus superiores lhes sejam inspiradas. E a ultima abjecção a que podia chegar a nobre marinha portugueza!!

Ficou dito acima que o presidente Floriano Peixoto espargia com mãos largas os dinheiros dos cofres publicos para conservar junto a si todos os elementos da força armada... pelo menos satisfeitos. O presidente procede assim porque está no fim do seu governo, e não lhe importa que quem lhe succeder encontre vasios os cofres da fazenda e o credito do paiz empenhado. Acima de tudo está a necessidade de fazer triumphar a sua causa e esmagar a hydra da revolta por todos os modos.

Além d'isso o presidente encontrou ao seu dispôr um curioso

expediente financeiro que muito desafogou o seu proceder, e que merece ser narrado.

Quando foi subvertido o Imperio brazileiro, havia em cofre uma grande porção de dinheiro em notas, com a effigie do Imperador, mas ainda não assignadas, as quaes foram logo postas de parte e consideradas como inuteis, mandando-se imprimir outras com os caracteristicos da nova republica. Agora porém, que estas estão dispendidas, e que os encargos teem crescido espantosamente, lançou-se mão das notas imperiaes ainda virgens, e collocaram-se-lhes assignaturas da actualidade, lançando-as o governo em circulação! Em consequencia, pois, do anachronismo flagrante entre a effigie do veneravel Imperador e as assignaturas que authenticam aquelles papeis, não se póde deixar de reconhecer que um tal expediente é uma burla, e que um tal papel é nem mais nem menos do que dinheiro falso, imposto ao povo pela força da auctoridade!

Ainda mais: havia tambem nos cofres do thesouro uma grande porção de notas imperiaes velhas que haviam sido retiradas da circulação, para serem destruidas pelo fogo, em virtude d'um decreto que havia feito cessar o seu curso forçado. Pois todas essas notas foram novamente postas em circulação, representando tambem, como é evidente, dinheiro falso! O governo devia pagar no fim do anno de 1893 em Londres a quantia de dois milhões de libras esterlinas, por encargos da divida externa; e segundo todas as probabilidades, tal quantia não existia e portanto não póde ter sido paga.

Todos estes factos reunidos revelam claramente a situação financeira desesperada do Brazil, e a proximidade d'uma bancarrota, da qual parece que nada o póde já salvar, sobretudo se a actual crise se prolongar um pouco mais.

O padre portuguez Ricardo da Silva, que ha quinze annos está no Brazil, e que parochiava a egreja suburbana de Nossa Senhora da Penha, foi considerado suspeito pelo governo, e parece que ia ser perseguido, e talvez fuzilado, como teem sido muitos individuos brazileiros e portuguezes, inclusivè senhoras. Em vista do exposto, e a pedido do encarregado do consulado geral de Portugal, veio o dito padre homisiar-se a meu bordo,

para seguir para Lisboa no paquete que esta conduz. O padre Silva, que me dizem ser homem respeitavel e verdadeiro, conta os maiores horrores das atrocidades que o marechal tem praticado nas masmorras da cidade, para conter a população pelo terror que inspira. São medonhas hecatombes de cadaveres, sobre os quaes elle pretende firmar os alicerces do seu vacillante e odiado poder.

Diz-se com muita insistencia, ha dias, que a divisão da esquadra revoltada que anda na costa, sob o mando do almirante Custodio de Mello, e que se compõe do «Aquidaban», «Republica», «Tiradentes» (recentemente aprisionado), «Esperança», «Urano» e «Meteoro» deve passar em frente da barra d'esta bahia vinda de Santa Catharina com destino ás ilhas de Maricá para lançar na costa fronteira um golpe de gente que traz do sul. Esse corpo de exercito que parece ter sido organisado em Santa Catharina, e que dizem compôr-se de quatro mil homens, viria por terra atacar a cidade de Nictheroy, e provavelmente a fortaleza de Santa Cruz.

Diz-se tambem que a fortaleza de Santa Cruz, cançada d'esta tremenda lucta sem exito algum visivel, se declarou indifferente a ella. Não sei se isto é verdadeiro, mas o que sei é que ha tres dias ella não tem feito fogo com a sua grossa artilheria.

Os revoltosos estão bastante desanimados, por não terem ainda sido reconhecidos belligerantes por qualquer das potencias estrangeiras. E com effeito, no estado de desorganisação em que se acha o governo chamado legal, e considerando os processos mais que equivocos, violentos e vis, de que elle tem lançado mão para se segurar no poder, estou convencido de que o governo não merece mais consideração do que a revolta. Parece-me portanto que em vista da tenacissima opposição que ao governo tem opposto a gente da esquadra sublevada, não é muito que os governos estrangeiros deixem de contribuir pela sua mais prolongada abstenção, para accelerar o desenlace d'esta lucta.

O commandante, *Augusto de Castilho*
Capitão de fragata

Documento A

Queixa do commandante da Mindello ao representante de Portugal ácerca de um novo ataque da artilheria do governo contra uma lancha da corveta

*Ill.*mo *e Ex.*mo *Sr.*

Tendo ha dias reclamado o meu soccorro alguns subditos portuguezes residentes na ilha de Paquetá, contra esperados ataques por parte do governo áquella ilha, dirigi-me hoje pessoalmente ali na lancha "D. Carlos„ ao serviço d'este navio, e que bem conhecida é n'esta bahia, a qual levava a sua bandeira e flamula bem em evidencia.

Passando em frente da ponte da Ribeira na parte Leste da ilha do governador, foram-nos d'ali dirigidos varios tiros de peça, tendo um dos seus projecteis cahido bem proximo da lancha.

Na viagem de regresso, e no mesmo logar, foi-nos feito outro tiro com granada, a qual veio rebentar mesmo sobre a embarcação, cahindo os seus estilhaços aos dois lados d'ella, sem que felizmente nenhum de nós houvesse sido ferido. Teve isto logar pouco depois do meio dia.

Sendo esta a terceira vez que, durante esta revolta, a nossa lancha é assim brutalmente atacada por tropas do governo legal, sem que da nossa parte tenha jámais havido a minima provocação, e sem que depois pudessemos tomar qualquer desforço, comprehende V. Ex.ª que estamos correndo grandes riscos, e que algum de nós pode um dia ser victima de tão gratuitas aggressões. Devo dizer ainda que, pouco depois de ter passado a lancha "D. Carlos„, passava uma lancha ingleza, que não foi por qualquer fórma molestada!

Tenho portanto a honra de rogar a V. Ex.ª se digne de levar este extranho caso ao conhecimento do governo federal, exigindo d'elle a explicação de tão insolito procedimento e perguntando-lhe os motivos da insistencia com que são assim perseguidas as embarcações da corveta "Mindello„, que não podem, senão por malevolencia e com manifesta intenção hostil, ser confundidas com as da esquadra revoltada.

Deus guarde a V. Ex.ª.— Bordo da corveta "Mindello„ surta na bahia do Rio de Janeiro, 29 de dezembro de 1893.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Dr. Manuel Garcia da Rosa, encarregado de negocios de Portugal.

O commandante, *Augusto de Castilho*

Capitão de fragata

Documento B

Nota do almirante Saldanha ao commandante da Mindello ácerca do alastramento dos navios mercantes

Rio de Janeiro, dezembro, 30 — 1893.

Ex.mo Sr. Capitão de Fragata Conselheiro Augusto de Castilho, commandante da corveta "Mindello„ da Real Marinha portugueza.

Pelo capitão da barca ingleza "Scamull Brothers„ foi-me hoje mostrada auctorisação escripta, por V. Ex.ª concedida á lancha de vapor "Elisa„ de propriedade de subdito portuguez, para rebocar embarcações de lastro da pedreira do Morro da Viuva, em Botafogo para o ancoradouro da carga e descarga, visto como pelas operações militares em andamento n'este porto, se torna perigoso continuar a tirar lastro, como d'antes, da pedreira da ilha da Conceição em Nictherhoy.

Não póde haver de minha parte, e V. Ex.ª o sabe, a minima idéa de causar prejuizo aos interesses dos subditos portuguezes, interesses que V. Ex.ª tão dignamente zéla e protege na presente conjunctura; mas permitta-me V. Ex.ª ponderar ao menos, que não ha menos perigo e inconveniente em ir buscar pedra de lastro actualmente no Morro da Viuva, do que o ha na ilha da Conceição. As embarcações que alli forem, terão que transitar pela linha das fortalezas, e quer passem pelo canal, quer pelo largo, estarão sujeitas a constante fogo de fuzilaria e artilheria. Ainda uma razão:

No Morro da Viuva, ou em suas proximidades, teem as forças do governo do Marechal Floriano Peixoto um dos seus pontos fortes, onde se acoutam as lanchas e outras embarcações, empregadas no provimento das fortalezas da barra. V. Ex.ª deve comprehender, pois, que inconvenientes não podem resultar da promiscuidade alli de outras embarcações do trafego do porto.

No intuito de solver as difficuldades do lastro para os navios do commercio, eu pediria venia a V. Ex.ª para lembrar a pedra do Morro da Saude ou a de S. Diogo no fundo do Sacco do Alferes, pelo menos emquanto durar o presente lamentavel estado de cousas. Esperando que V. Ex.ª me relevará estas ponderações, aproveito a opportunidade para reiterar a V. Ex.ª a segurança da minha melhor estima e distincta consideração.

Luiz Filippe de Saldanha da Gama.

Documento C

Communicação do commandante superior americano sobre o artilhamento do morro do Castello

United States Cruiser "Charleston„, Rio de Janeiro, Brazil, december, 30 th, 1893.

Capitain Picking, U. S. N, Commanding U. S. Naval Forces on South Atlantic Station to Captain Augusto de Castilho, Commanding Portuguese Naval Forces.

I have received an official report from an officer of this vessel regarding the guns and fortifications, which he has observed on Castle Hill.

I would suggest that we convene at 10 a. m. tomorrow on board the "Charleston„ to discuss, whether, owing to this violation of the agreement made by the Brazilian Government on October 5th. 1893, we should or should not withdraw from the position which we have heretofore held with regard to permitting the bombardment of the city of Rio de Janeiro.

There are several other points, which I should also like to discuss.

Accept, Sir, the assurance of my high esteem.

Henry F. Picking.
Captain, *U. S. Navy.*
Commanding, *U. S. Naval Forces*, on South Atlantic Station.

Documento D

Informação de um official americano ao seu commandante sobre o artilhamento do morro do Castello

U. S. S. "Charleston„ (2d Rate), Rio de Janeiro, Brazil, december 29, 1893.

Sir:

About three-quarters of the way up Castello Hill is the Hospital Militaire, which is now garrisoned and in which are held a number of prisoners of war. See Fig. I.

In front of the building, facing the island "das Cobras„, are barricades made of bags of clay. The barricadcs are about twelve (12) feet thick and behind them are mounted, on field carriages, two (2) nine (9) pounders, one Whitworth 4 inch B. L. R., also one 47 m|m Revolver Cannon, which is not yet placed, besides two (2) eight (8) inch mortars. The square enclosure to the right is about fifteen ft. lower and a place has been prepared there for a large gun.

On top of the hill, (see fig. II.) are fortifications facing the island "das Cobras„ and commanding "Enchadas„, Villegagnon„, and "Cobras„. The barricades are made of bags filled with clay and arranged as shown in the figure. The magazine is underground and has a double barricade around it. There are two 12 pounders, mounted, but, not in place, also one 5,2 inch Whitworth. There are two barricades in which these guns may be mounted. The mounted guns are shown in the figure. A large gun was being taken up the hill, but it was covered, but I should think it was an eigth (8) inch at least.

A gun has been placed commanding the road over the mountain south of Fort Lage.

Very respectfully.
H. E. Smith.
Ensign, *U. S. Navy.*

To Captain, *Henry F. Picking U. S. Navy.*
Commanding South Atlantic Station.

Nota n.º 5

Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1894.

Ao Conselho do Almirantado

1.ª Repartição

Do commando da corveta «Mindello.»

Summario.—Ainda a captura do vapor «Parahyba»; varios documentos sobre o assumpto.—Relação de alguns dos prisioneiros detidos nas prisões do Estado.—Aventa-se uma opinião sobre o que talvez devessem ter feito os representantes diplomaticos.—Má vontade contra os estrangeiros e especialmente contra os portuguezes.—Proclamação anonyma contra as guarnições mercenarias da esquadra legal esperada.—Substituição do ministro da marinha por outro — Desmente-se o boato de neutralidade de Santa Cruz.—Não se verifica o boato do desembarque de tropas de revoltosos em Maricá, nem o de terem sido mettidos a pique os navios «Bahia» e «Tiradentes».—Estão em Pernambuco varios navios do governo.—Scisão na revolta depois da sahida do almirante Mello.—Destruição da marinha.—Desanimo nas operações dos revoltosos.—Posição dos navios.—Tentativa sem exito feita pelo governo para tomar a ilha do Engenho—O serviço das lanchas e rebocadores de carga a vapor.—Maneira como foram salvaguardadas as lanchas com bandeira portugueza.— Peiora consideravelmente o clima com a febre amarella.—Installa-se um conselho de saude naval estrangeiro.—Relatorio do Dr. Bright.—Instrucções aos capitães mercantes.—Communicação ao corpo diplomatico.—Correspondencia com o corpo diplomatico e com o governo brazileiro sobre o armamento

da cidade, e prevenção, caso esta rompa hostilidades contra os revoltosos.—Cahem alguns projecteis da artilheria do governo no hospital de sangue da esquadra revoltada.—Boatos inverosimeis sobre cousas do Sul.—Falta de mantimentos.—Falta de agua.—Os navios portuguezes recebem carvão.—Estado da «Mindello».—Más condições de espirito da guarnição.

Voltando ainda a falar da captura do vapor argentino «Parahyba» pelos navios da esquadra revoltada ancorados n'esta bahia, junto agora tres interessantes documentos relativos ao assumpto.

Doc. A. — Termo do protesto feito pelo capitão do vapor, em que minuciosamente descreve o occorrido, e que é assignado por elle, pelo capitão de bandeira e pelos mais officiaes do navio.

Doc. B. — Requerimento dirigido pelo capitão ao juiz seccional protestando perante essa auctoridade, e em nome do dono, carregadores, consignatario e outras pessoas a quem tal caso possa interessar.

Doc. C.—Auto da posse do vapor «Parahyba» pelo capitão de mar e guerra Elieser Coutinho Tavares, com intenção de o armar em guerra (o que se não realisou ainda), e convite dirigido ao capitão do navio para continuar n'esse posto, o que elle não acceitou.

Estes tres documentos pouco interesse teem do nosso ponto de vista. Juntei-os porém aqui, para que bem se avalie, em todas as suas minucias, a summaria brutalidade e criminosa leviandade com que tal apresamento foi feito pelos revoltosos, e a falta de bom senso e ordem, que hoje desvirtua todos os seus actos, e os desacredita aos olhos dos estrangeiros que os presenceiam. Os donos do vapor «Parahyba» antes de resolverem arvorar-lhe a bandeira argentina, tentaram pôr-lhe a portugueza; mas tanto o consul geral, como o nosso ministro, se recusaram terminantemente a dar-lhes os necessarios documentos, prevendo quiçá as complicações que poderiam surgir.

Direi ainda que os referidos donos do vapor foram mandados prender pelo governo, e que o consul da Republica Ar-

gentina foi demittido pelo seu governo. Presumo que seria por ter andado levianamente na operação de transferencia; porque, até hoje, não consta que o governo argentino tivesse protestado contra a apprehensão, e nem sequer ainda se resolveu a mandar para aqui um navio de guerra para evitar as violencias de que mais de uma vez tem sido alvo aquella bandeira.

Junto remetto (Doc. D) as relações de alguns dos individuos que se acham presos na fortaleza da Conceição, na casa de detenção, e na casa de correcção. Estas relações não estão completas, e não referem os nomes dos individuos que teem sido já fuzilados, no dizer de varias pessoas. Mostram porém sufficientemente, o audaz desassombro com que o presidente Floriano tem usado das prerogativas do estado de sitio, encarcerando officiaes de altas e baixas graduações, proprietarios, magistrados, subditos brazileiros e portuguezes, e lançando-os em infectos cubiculos onde falta o ar e a luz, e que nos tempos antigos foram destinados a prisões dos escravos!

Faltam tambem n'estas relações os nomes de muitas pessoas que teem sido arrancadas violentamente aos seus lares, e cujo destino é ignorado.

Em vista do que exponho é facil de comprehender o terror que reina nas diversas classes da sociedade, e o receio que todos teem, em qualquer parte onde se achem, de aventarem opiniões, pela inesperada apparição de policias secretos, dos muitos que pullulam por essas ruas.

Não posso deixar de dizer n'este logar, — com a clara independencia que sempre inspira as minhas apreciações, muito embora nem sempre sejam talvez justas,—que me parece difficil de explicar a serenidade com que os nossos representantes diplomaticos, ministro e encarregado de negocios, teem assistido a estes abusos praticados nas pessoas de nacionaes nossos, quando talvez em certos casos, pudessem para elles solicitar e obter do governo federal, em troca do horrivel encarceramento em que os lançaram, a pena de expulsão do territorio brazileiro, nas condições do decreto numero 1566 de 13 de outubro proximo passado.

Se assim se tivesse procedido, teriam os irmãos Benchimol podido melhor olhar pelos seus interesses hoje abandonados, pelos dos seus credores hoje seriamente compromettidos, e pelos seus tres vapores que jazem fundeados e inutilizados n'esta bahia. E abstenho-me de mais considerações que o assumpto naturalmente suggere, por ser elle absolutamente estranho á minha competencia, e por não ter eu direito de criticar os actos de outras auctoridades.

O que não posso deixar de dizer de uma maneira generica, é que a missão do representante de Portugal, sempre difficil n'este paiz, é-o agora muito mais no periodo de agitação e de animosidades que estamos atravessando. É incontestavel que sempre houve uma tal ou qual má vontade da parte dos brazileiros para com os portuguezes, a qual nós retribuimos sempre bizarramente em sentido opposto no nosso paiz. Essa má vontade, eivada de uma mal disfarçada desconfiança para com os representantes de Portugal de terra e de mar, e em geral para com os outros estrangeiros, tem-se nos ultimos tempos accentuado em muitos factos, e manifesta-se em varios attritos que surgem a cada passo em cada questão nova.

É evidente portanto, que a tarefa do novo representante de Portugal que para aqui venha, tem que ser toda de activa vigilancia, de grande energia, e ao mesmo tempo de um largo espirito de conciliação e cordura, para poder proteger cabalmente os nossos vastos e multiplos interesses, sem todavia deixar de acalmar a má disposição do governo brazileiro, que tanto nos prejudica. Um ministro novo, desprendido de compromissos, com a sua acção perfeitamente desembaraçada, e que saiba intelligentemente insinuar-se, poderá com algum estudo collocar-se desde o principio em posição prestigiosa e efficaz.

É tambem absolutamente indispensavel que o ministro resida na cidade do Rio de Janeiro, séde do governo federal, pelo menos durante a estação salubre, em circumstancias normaes, e sempre que haja crises politicas de alta gravidade como a actual.

Envio tambem (Doc. E) a copia de um escripto anonymo

impresso, que ha dias foi distribuido pela cidade, e no qual o seu auctor se insurge contra a compra de novos navios de guerra realisada pelo governo nos Estados Unidos, contra o preço por que elles foram adquiridos, contra a composição das suas guarnições, e contra os vencimentos d'ellas. É um brado patriotico contra a mercenaria intervenção d'esses estrangeiros chamados em auxilio do governo, com o qual se pretende provar que o governo brazileiro se encontra desamparado!

A verdade porém, é que, se um exercito se póde improvisar de um dia para o outro, dando armas ao povo e fazendo surgir a cada canto batalhões patrioticos; não succede o mesmo com uma marinha, para a qual o governo não tinha navios, não tinha marinheiros, nem mesmo officiaes de confiança, segundo parece, e carecia de prompto de todo este material e de pessoal com aprendizagem technica especial. Se se admitte que a auctoridade do governo legal tinha que prevalecer para esmagar a revolta, o que é desde o principio e em these a minha opinião, não tinha elle outro meio de combater uma esquadra revoltada, senão oppondo-lhe uma outra esquadra, que elle não possuia e que precisou adquirir!

Foi ha poucos dias exonerado a seu pedido o ministro da marinha Filippe Firmino Rodrigues Chaves, sendo nomeado para o dito cargo o chefe do estado maior general da armada, vice-almirante graduado Francisco José Coelho Netto.

As mudanças de ministros ou recomposições ministeriaes, não teem, em um paiz constituido como este, a importancia que teem n'outros paizes. Ao passo que em Portugal, na Inglaterra, etc., os ministros são responsaveis pelos seus actos, e formam com os seus collegas um grupo homogeneo, inspirado por idéas harmonicas e orientadas politicamente no mesmo sentido, os ministros aqui são meros secretarios do presidente, e inspiram-se só na sua vontade, sendo portanto despedidos pelo presidente quando não está satisfeito com os seus serviços, ou despedindo-se elles quando lhes não convem servir mais tempo.

Disse eu na minha ultima nota que corria o boato de estar neutral a fortaleza de Santa Cruz. Sei hoje porém, que tal boato

não era verdadeiro, porque aquella praça de guerra já depois d'isso entrou em fogo contra a de Villegaignon. Parece que a causa do silencio de Santa Cruz era apenas a deficiencia de munições, as quaes posteriormente lhe foram mandadas pelo governo.

Disse tambem, fundado na opinião de um official revoltoso, com quem conversei a bordo do paquete «Equateur» em 28 do passado, que os seus partidarios esperavam por aquelles dias quatro mil homens de tropas do Sul, para desembarcarem em frente das ilhas de Maricá, d'onde viriam por terra atacar Nicterhoy e Santa Cruz. Esse boato parece que era igualmente falso, porque depois de decorridos tantos dias nada de notavel tem havido na parte oriental da bahia.

Tambem parece ser falso o boato que correu, e de que eu me fiz echo, de ter sido mettido a pique nas aguas do Sul o cruzador «Bahia» e aprisionado o «Tiradentes» pela esquadra revoltada. Esses dois navios, bem como o «Santos» e «Desterro,» paquetes armados em guerra, em Montevideu, achamse ainda n'aquelle porto com o chefe Gonçalves, e não parecem ter pressa de vir em auxilio do governo.

Em Pernambuco, estão tambem, ao que parece, os cruzadores «Nicterhoy» e «America» e o torpedeiro «Aurora» que tambem se não apressam em vir para o Sul.

Entretanto, ninguem sabe ao certo onde estão o «Aquidaban» e os outros navios que o acompanham; havendo comtudo quem affirme que a esquadra teve um combate algures, no qual o almirante Custodio de Mello teria sido ferido e perdido uma das mãos. O que me parece muito provavel, como já creio tel-o dito, é que aquelle official general não ousará mais apresentar-se n'esta bahia, onde a pessoa do almirante Saldanha da Gama o offusca, e onde este não se lhe submetteria por caso algum. N'esta hypothese estaria formada uma scisão dentro da propria revolta, a qual ainda mais arruina e destroe as possibilidades, aliás remotissimas, de uma saudavel regeneração futura da marinha brazileira. Quando terminar esta guerra, de qualquer maneira que isso se faça, terá o futuro governo que organizar uma nova marinha desde os seus alicerces,

adquirindo material novo, e talvez importando pessoal habilitado de todas as classes.

Ultimamente o governo tem reforçado ainda mais a guarnição de Nicterhoy e mandou mesmo occupar o ponto da costa em frente das ilhas de Maricá com artilheria e soldados. Não será pois muito facil que a esquadra lance ali um golpe de gente, se é que tencionou fazel o.

As operações de guerra dentro d'esta bahia teem nos ultimos dias estado bastante desanimadas. O cruzador «Tamandaré», que é hoje aqui o navio mais efficaz pela sua poderosissima artilheria que cursa oito mil m., jaz ancorado ao fundo da bahia, fóra do alcance de todas as baterias do governo, tendo não longe de si o cruzador «Trajano». Em frente da parte Norte da cidade, não longe do caes da praça da Harmonia, estão os cruzadores «Liberdade», com a bandeira do almirante Saldanha da Gama, e o «Guanabara», ao qual já taparam um rombo que tinha recebido. Por entre os navios de guerra e mercantes estrangeiros estão ancorados os vapores da companhia frigorifica armados em guerra, «Jupiter», «Marte», «Pereira da Cunha», «Mercurio», e outros. O vapor «Alagoas», o navio .que teve a honra de transportar para Lisboa S. M. I. o Senhor D. Pedro II, depois da sua queda, está fundeado mesmo ao pé da corveta «Affonso d'Albuquerque», cheio de mulheres e creanças, em uma accumulação infecta. São familias de revoltosos que estavam na ilha do Governador, e que d'ali fugiram quando o governo a occupou depois do combate em que foi ferido de morte o general Silva Telles.

Todos estes navios estão immoveis ha muitos dias, havendo quem affirme que estão faltos de carvão, de munições e de mantimentos. Os marinheiros que guarnecem as lanchas a vapor, já não teem aquelle ar arrogante, alegre e decidido dos primeiros dias da revolta; e andam mal vestidos, sujos e sombrios, pelas longas privações e riscos que teem soffrido ha mais de quatro mezes, e pelas tenebrosas preoccupações que devem agital-os. Os officiaes podem ser ainda animados pela esperança do exito, da gloria, e do triumpho da causa que defendem; os marinheiros porém, que desempenham a parte

mais violenta d'aquelle muito arduo serviço, não vêem no ambito mais restricto das suas idéas, senão os incommodos materiaes que estão soffrendo, e as durezas da sua negra vida.

Ha dias pretendeu o governo tomar a ilha do Engenho, mas não o conseguiu. Ficaram prisioneiros dos revoltosos n'essa occasião, um major e alguns soldados, e morreram outros. Esta villa teria para o governo bastante importancia, por isso que commanda do lado Leste, como a ponta da Ribeira da ilha do Governador no lado Weste, o canal que conduz a Paquetá e ao fundo da bahia. Ouço dizer que a expedição que o governo mandou á ilha do Engenho era pouco numerosa e mal commandada.

Logo no começo da revolta parou repentinamente todo o trafego commercial da bahia, o qual a pouco e pouco se foi depois restabelecendo. A casa Wilson Sons & Companhia, que é ingleza ou brazileira conforme lhe convem, procurou então a protecção da esquadra ingleza, para que os seus numerosos e magnificos rebocadores continuassem a circular. A legislação do paiz considera nacionaes todas estas embarcações do trafego da bahia, mas n'estas circumstancias, nem o governo tinha interesse em impedir que ellas se servissem de outra bandeira, nem tinha ao seu dispor os meios repressivos para o evitar. Em consequencia d'isso todas essas lanchas andam desde então em serviço, com alguns marinheiros dos navios de guerra, e usando da bandeira ingleza mercante e algumas da de guerra.

Nas mesmas condições navegam tambem algumas lanchas com bandeira franceza, sob a protecção do navio de guerra respectivo; e pelo mesmo processo, conferi eu auctorisação para usarem da bandeira portugueza, a algumas lanchas.

Ultimamente porém, o almirante Saldanha da Gama mandou-me dizer que as lanchas com bandeira portugueza eram propriedade brazileira, e portanto me pedia que retirasse a auctorisação que para uso da bandeira eu lhes havia dado.

Para evitar polemicas sobre assumpto delicado, especialmente com quem hoje não tem, pela sua posição excepcional, auctoridade official para discutir comigo, entendi dever resolver a questão por uma forma diversa. Considerei essas diver-

sas lanchas como estando completamente ao serviço dos navios de guerra portuguezes, como está ha mais de tres mezes a «D. Carlos», sob minha inteira responsabilidade, e sob a garantia de um marinheiro meu, que n'ella representa a minha auctoridade e a nossa bandeira, e que está munido de um documento por mim assignado. Essas lanchas emprego-as no serviço de commercio geral de carga e descarga dos navios, tudo minuciosamente fiscalisado, para que ellas não sejam vehiculo de operações illicitas, que eu nunca por caso algum poderia cobrir. Este processo inspira todas as garantias de seriedade, e creio que não acarretará quaesquer attritos.

O clima do Rio de Janeiro tem ultimamente soffrido grandes modificações. As chuvas cessaram quasi completamente nos primeiros dias de dezembro, e a temperatura, que se conservara até então muito supportavel, tem-se elevado excessivamente, começando a apparecer alguns casos de febre amarella na cidade, e um a bordo de um navio inglez de commercio. Em consequencia da gravidade das circumstancias, para os tripulantes de todos os navios de guerra e mercantes das nossas diversas nacionalidades, resolveu ha dias a reunião dos commandantes superiores fazer installar um conselho de saude naval, composto dos medicos navaes mais graduados de todas as nações aqui representadas, sob a presidencia do medico de esquadra Bright do navio americano «Newark» afim de que todos ponderassem attentamente o assumpto e nos suggerissem o que achassem mais opportuno.

Esta nossa resolução era motivada pelo facto de não ter presentemente o governo brazileiro os meios de pessoal e material necessarios para por si fazer o serviço de policia sanitaria d'esta immensa e densamente povoada bahia.

Em 8 recebemos em conferencia o relatorio do dr. Bright (Doc. F) e resolvemos expedir, de maneira provisoria, as instrucções juntas (Doc. G e H) a cada um dos navios mercantes sob nossa jurisdicção. Drigimos egualmente uma nota ao decano do corpo diplomatico (Doc. I) para que os nossos representantes se dignassem avistar-se com o governo federal, expondo-lhe a grave conjunctura presente, e perguntando-lhe se o go-

verno poderia ou não desempenhar as funcções de policia medica que é necessaria, e se ao menos estaria preparado a satisfazer os honorarios do dr. Anwyl, domiciliado a bordo do «Republic». O dr. Anwyl é um medico inglez civil, com longa residencia no paiz, muito familiarisado com o diagnostico e tratamento da febre amarella, o qual todos os annos, n'esta estação, vae residir a bordo de um navio de commercio n'esta bahia, e desempenha officiosamente as funcções que hoje d'elle estamos dispostos a reclamar, pelo menos para os nossos navios mercantes.

Na minha nota de 25 de dezembro, referi eu que o almirante Saldanha da Gama havia communicado ao almirante Magnaghi, para que este informasse os outros commandantes superiores, que a esquadra não poderia ficar indefinidamente impassivel, perante a attitude do presidente marechal Floriano Peixoto, que estava novamente artilhando as eminencias da cidade; e que, caso as fortificações de terra dessem um tiro de peça contra os seus navios, elle lhes responderia immediatamente com a grossa artilheria da esquadra.

Referi egualmente como nós respondemos ao almirante Saldanha da Gama, e disse que nos tinhamos dirigido ao decano do corpo diplomatico, para que este fizesse ao governo do paiz as convenientes observações sobre tão importante assumpto, accrescentando em outra nota que, como o governo com effeito estava de novo armando com artilheria os morros da cidade, o que nós sabiamos por informação ocular de confiança, e o que nós haviamos considerado como um pretexto para hostilidades da parte do mar, não poderiamos manter a attitude ameaçadora que haviamos intimado ao almirante Mello, e que renovaramos na pessoa do seu successor n'esta bahia, Saldanha da Gama. (Doc. J).

O corpo diplomatico dirigiu-se com effeito ao governo com as notas que vão por copia (Doc L. M. N), respondendo-lhes o ministro das relações exteriores, Cassiano do Nascimento, com a sua nota cortez, mas peremptoria (Doc. O. P). Em vista do exposto ficámos nós desembaraçados naturalmente da attitude ameaçadora que haviamos assumido contra a esquadra revol-

tada, tendo comtudo obtido que nos seria feita a prevenção de 48 horas pelo menos, para que pudessemos acautellar os navios das nossas respectivas nacionalidades.

Não posso prever o que virá a acontecer. Entretanto, depois de ter o governo adoptado uma attitude tão firme e determinada, bem possivel é que em pouco tempo elle rompa da cidade hostilidades contra as ilhas de Villegaignon e Cobras, contra a esquadra, se ella se puzer ao seu alcance, e talvez mesmo contra a ilha das Enxadas. E n'esse dia, de que nós seremos avisados para pôr a bom recato os navios das nossas diversas nacionalidades, romperá certamente da esquadra e das ilhas o bombardeamento aberto da cidade, dando logar a prejuizos incalculaveis! Não prevejo já maneira de se evitar esta grande catastrophe!!

Em 6 cahiram no hospital da ilha das Enxadas alguns projecteis de artilheria, lançados pela fortaleza de S. João ao que parece. Parece que este facto causou um grande panico no dito hospital, bem como a morte de um doente, além de prejuizos materiaes e grande desordem. Esse acontecimento vem minuciosamente narrado na nota que o contra-almirante Saldanha da Gama dirigiu ao commandante das forças navaes americanas, nosso decano, em data de 7, mas que só hontem chegou ao conhecimento d'elle e meu. (Doc. Q).

Imparcialmente devo dizer que me não parece que taes tiros fossem intencionalmente atirados sobre a ilha das Enxadas. Os tiros de Nictheroy contra a ilha das Cobras, em dia de viração fresca como era o dia 6, podem perfeitamente soffrer um desvio para sotavento que explique o caso lamentavel que se deu. E depois, com os artilheiros brazileiros, tudo é licito esperar-se menos que acertem no alvo!

Disseram os periodicos de hontem, que o chefe da revolução do Rio Grande do Sul, Gaspar Silveira Martins, tinha fugido para Buenos-Ayres; e hontem mesmo á chegada do paquete «La Plata», que veio de Montevideu, e que conduz esta correspondencia, dizia-se que elle estava a bordo. Dizia-se mais hontem que tambem havia fugido de Santa Catharina o chefe do governo revolucionario provisorio Frederico de Lorena;

mas eu referindo estas duas noticias, importantissimas como symptomas de desalento nas fileiras dos revolucionarios, faço-o sob toda a reserva, pois as julgo carecerem de confirmação authentica, e mais fidedigna do que póde ser hoje a voz da imprensa periodica.

Disseram hontem no consulado geral de Portugal que o agente da «Hamburg-Sudamerikanische Dampfschiffahrts-Gesellschaft», a que pertence o vapor «Ceará», affirmára que tal vapor não trouxera para nós mantimentos alguns de Lisboa, não obstante d'essa secretaria me haverem pelo telegrapho annunciado que elles tinham sahido d'ahi. Se assim é realmente, o que hoje vou mandar averiguar melhor, ficaremos em uma posição bastante critica. Os mantimentos vindos no vapor allemão «Paraguassu» ficaram retidos na alfandega; a seguinte remessa dizem não ter vindo, e o conselho administrativo terá portanto de comprar n'este mercado os mantimentos e sobresallentes de que urgentemente carecemos, pois temos os paioes quasi vasios, tendo já recebido varios generos da corveta «Affonso d'Albuquerque». As difficuldades para obter agua são enormes e complicadissimas, porque o governo, receiando que a agua tenha outro destino, nos exige as mais vexatorias garantias, tendo ambos os navios já tido mais de uma vez que accender as caldeiras para distillar. Estamos pois aqui luctando presentemeute com as mais extraordinarias e imprevistas contrariedades.

A corveta «Affonso d'Albuquerque» attestou, ha dois dias, de carvão os seus paioes, e ámanhã faremos nós o mesmo, porque o consumo com a lancha «D. Carlos», com a distillação e com o gasto ordinario, tem sido enorme, e porque quero que os navios estejam quanto possivel promptos para qualquer urgencia de serviço.

A corveta «Mindello» está n'um estado miseravel a todos os respeitos. As suas embarcações velhas e arruinadas; panno só o que está na verga, já com bastante uso, e duas gavias no paiol em bom uso; os toldos que estão envergados, unicos que existem, e servem para o sol e para as chuvas, quasi de todo inuteis. Além d'isso carece de todas as beneficiações internas

de cavername e outros metaes, etc., etc. Os tanques estão em adeantado estado de ruina e nem podem ser convenientemente raspados porque se arrombam, como já succedeu em Mossamedes. As chapas interiores dos paioes de carvão na casa da machina estão no mesmo estado e já com varios remendos.

Aqui é presentemente impossivel proceder-se aos grandes trabalhos de beneficiações internas, não só por não haver logar onde se depositem em terra as cousas de bordo, que empacham esses trabalhos, mas tambem porque o navio deve estar constantemente prompto a mover-se, e a quadra é insalubre.

A guarnição tem ha muito completo o seu tempo de estação, havendo mesmo quem tenha muito mais de tres annos, e não tem conseguido ser substituido não obstante os reiterados pedidos que tem feito. O serviço tem sido violentissimo, não tanto pelo trabalho physico, como principalmente pelos incommodos de um longo estacionamento de cinco mezes no mesmo ponto, vivendo a bordo, em estação quasi sempre de chuvas, sem se poder ir a terra senão excepcionalmente e por pouco tempo, sem grandes meios para fazer face á carestia da terra, e não podendo os officiaes, por esse motivo, estreitar muito as relações de convivencia que existem entre officiaes estrangeiros, pela impossibilidade em que se acham de retribuir condignamente os convites e obsequios que recebem.

Pessoalmente eu, estou cançado e doente e careço de regressar a Portugal para me tratar convenientemente e sobretudo para descançar. Os longos cinco mezes que aqui tenho passado, mas principalmente todo o tempo que tem durado a revolta, e que vae já além de quatro mezes, tem sido de grande trabalho physico e intellectual, de grandes anciedades moraes, e de responsabilidades politicas quasi incomportaveis, especialmente por não ter quem consulte, ou por me não responderem aquelles a quem me dirijo. De todos os commandantes superiores sou eu o unico que está aqui a pé firme desde o começo d'esta questão.

Em consequencia do que fica dito, visto esta guerra mostrar tendencias a prolongar-se, Deus sabe por quanto tempo, e estarem bem ou mal providenciadas por mim as principaes

questões embaraçosas que poderiam surgir e que estão em caminho quasi normal, entendo hoje que a corveta «Mindello» póde e deve retirar para Lisboa, ficando aqui a «Affonso d'Albuquerque», á qual se póde juntar qualquer outro navio que d'ahi venha, mesmo com sacrificio, porque a presente conjunctura exige e justifica esse sacrificio.

Caso esse conselho concorde com esta proposta minha, peço encarecidamente que m'o annunciem pelo telegrapho, e que me deixem a faculdade de fazer a viagem de regresso com as escalas e demoras que eu entender, afim de não ir chegar á costa de Portugal no rigor do inverno. Não acho tambem inconveniente que sejam por mim visitados os portos da Bahia, Pernambuco, Maranhão, Pará e mesmo Manaos.

O commandante, *Augusto de Castilho*,
Capitão de fragata

Documento A

Termo de protesto do capitão do vapor «Parahyba» pelo apresamento de que foi victima

Aos nove dias do mez de dezembro de 1893, n'esta Capital Federal, achando-se atracado ao trapiche Maia o vapor Argentino "Parahyba„ do commando de Joaquim Rodrigues Esteves com tres mil saccos com farinha de trigo, do peso de 45 kilos e quatro mil saccos do peso de 22 kilos, e mais trezentas e cincoenta barricas com dita, recebida no Moinho Fluminense, achando-se devidamente despachado, desembaraçado de todas as repartições para seguir ao porto de Buenos-Ayres, ali recebeu mallas do correio e sessenta e seis passageiros para Buenos-Ayres e Rio Grande do Sul, sendo d'estes dezesete menores com suas bagagens para os dois portos.

A's duas horas e vinte minutos da tarde largou-se todas as espias, suspendeu-se a ancora e seguimos com direcção á barra; porém succede que passando pelo cruzador "Trajano„, este intimou ao commandante que voltasse para dentro e largasse a ancora, o que parou immediatamente; querendo o commandante provar com os

documentos que o vapor era de nacionalidade argentina, porém sem que dessem tempo a taes explicações, romperam um violento bombardeio sobre o vapor "Parahyba„ partindo este do Almirante Tamandaré, e do "Trajano„ do cruzador "Jupiter„ e do cruzador "Pereira da Cunha„, fazendo um fogo vivo de metralhadora e canhão de tiro rapido, matando um passageiro de nome Benito Peres Senados, cortando a perna de outro que tambem morreu momentos depois, sendo estes de nacionalidade hespanhola, ferindo gravemente o cosinheiro em differentes partes, ferindo o immediato n'uma perna e o piloto na testa, recebendo o navio uma bala de canhão pelo lado de noroeste, furando o costado e entrando na casa da machina, cortando o telegrapho, arrombando a antepara, indo furar um tanque de agua; outras balas fizeram avarias na casa do leme e no fogão, uma bala no bote de noroeste que ficou inutilisado, outra furou do mesmo lado um bote á ré; n'esta occasião grandes gritos e lamentos afflictivos dos passageiros.

Depois de estar o "Parahyba„ ancorado, veiu uma lancha com um guarda marinha com uma força armada e obrigaram o commandante a arriar a bandeira argentina e içar no mastro a bandeira branca e á ré a Brazileira; subindo ao passadiço mandou suspender e conduzir o vapor para meio rio, fundeando entre a armação e a ilha de Mocangué.

Logo que o navio ancorou foi o commandante chamado e o capitão de bandeira á presença do sr. capitão de mar e guerra Eliezer Coutinho Tavares a bordo do cruzador "Jupiter„ ficando presos os dois até que o sr. capitão Eliezer Coutinho Tavares chegasse de bordo do vapor argentino "Parahyba„, quiz fazer-lhes declarar que aquella bandeira não era argentina, o que já tinha feito a bordo com o immediato e passageiros, que era uma bandeira com duas tiras de fillele branca ao centro e uma tira azul de cada lado, ao mesmo tempo accusando-me que eu levava força armada do governo, e munições de guerra, o que nada havia a tal respeito; ordenou ao guarda marinha que fossem todos os camarotes revistados e o cofre do navio, pedindo as malas do correio, que havia só uma, e foi aberta na presença de todos os passageiros, e levaram-n'a para bordo do cruzador "Jupiter„, no dia seguinte foi toda a carga revistada, os saccos de farinha todos furados a sabre, as barricas primeiro furadas a pé de cabra, depois mettia-se-lhes o sabre, depois destapadas e foram descarregadas para bordo do vapor "Itacolomi„ duzentas e vinte e duas barricas e oitocentos e quarenta e seis saccos de vinte e dois kilos cada um, tiraram para bordo do cruzador "Jupiter„ todos os documentos do navio e diario nautico, foram abertos os tanques da aguada, ditos de lastro e o tunnel da machina, passaram uma busca rigorosa mandando depois arriar o

signal branco, e a bandeira e levando a força de bordo, levaram todos os tripulantes brazileiros deixando só ficar os portuguezes a bordo do dito vapor argentino "Parahyba„, levaram metade dos mantimentos. Em vista pois do que fica relatado mandou o commandante reunir a gente que se achava a bordo, e deante d'estes disse:

Que em nome do dono, fretador, carregadores e pessoas outras a quem interessar possa o navio e seu carregamento, protestava contra quem de direito fôr, e pertencer possa por todos os prejuizos, perdas, e damnos e lucros cessantes que lhe possa causar com a demora acima especificada. E por assim haver protestado mandou o dito commandante lavrar o presente em que depois de lido, assignado com a tripulação: e eu Joaquim Alexandre da Silva, immediato do vapor "Parahyba„ que o escrevi.

Bordo do vapor "Parahyba„, 10 de dezembro de 1893.

Commandante, *Joaquim Rodrigues Esteves.*
Capitão de bandeira, *Paschoal Magliocca.*
Joaquim Alexandre da Silva.
1.º machinista, *Paulo Ignacio Neves.*
2.º machinista, *José Joaquim.*
Leopoldino Wich.
Fernando da Fonseca Froes.
Wilz Jacobs M.
Domingos Joaquim Ferreira Martins.

Documento B

Requerimento do capitão do «Parahyba» ao juiz seccional sobre o afretamento do seu navio

Ill.mo Ex.mo Sr. Juiz Seccional

Joaquim Rodrigues Esteves, commandante do vapor argentino "Parahyba„ achava-se no dia 9 de Dezembro do corrente anno de 1893, atracado ao trapiche Maia com um carregamento de farinha de trigo, achando-se o navio do seu commando devidamente despachado, e desembaraçado por todas as repartições; alli recebeu a mala do correio e sessenta e seis passageiros para Buenos Ayres, e Rio Grande do Sul, ás duas horas e meia da tarde largou do trapiche, e seguiu com direcção á barra, porém succede que passando pelo cruzador "Trajano„ foi intimado para voltar para traz e tendo

parado para provar com os documentos que o vapor era argentino, não attenderam, fazendo sobre o navio do supplicante um vivo tiroteio de metralhadoras e canhão de tiro rapido matando dois passageiros e ferindo varias pessoas de sua tripulação, fazendo os prisioneiros.

No entretanto no desempenho de seu dever pretende protestar em nome do dono, carregador, consignatario e pessoas outras a quem possa interessar no vapor e seu carregamento por todos os damnos causados pela demora forçada n'este porto occasionada pelas razões acima expostas; por isso vem respeitosamente pedir a V. Ex.ª se digne ordenar que o escrivão respectivo lhe tome por termo o seu protesto, ficando este archivado, dando-se treslado ás partes, e n'estes termos

P.ª V. Ex.ª — Ill.mo e Ex.mo Sr. Juiz Seccional se digne deferir-lhe; e pede justiça.

Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1893.

Documento C

Termo de posse do vapor «Parahyba» tomado pelos revoltosos

Aos vinte e sete dias do mez de Dezembro de mil oitocentos e noventa e tres.

Achando-me a bordo do vapor Argentino "Parahyba„(do meu commando, com os tripulantes abaixo assignados, ás 9 horas da noite atracando a bordo do mencionado vapor uma lancha, conduzindo o chefe de Esquadra Brazileira Eliezer Coutinho Tavares acompanhado de um official mercante (Lobo), um machinista e alguns foguistas, dirigindo-se-me o dito chefe, declarou que vinha tomar conta do vapor para armar em guerra, e convidando-me para eu lhe prestar os meus serviços como commandante, respondi-lhe que era estrangeiro e não acceitava o logar que me offerecia, pois que não tinha partido algum de politica, e que em vista de tomar conta do vapor que me mandasse desembarcar a mim e á tripulação estrangeira juntamente o capitão de bandeira Paschoal Magliocca.

No dia 28 ás 4 horas da manhã desembarcámos todos, tendo eu antes do desembarque pedido ao chefe da esquadra que me passasse um recibo do vapor e do seu carregamento, declarando o mesmo que só passava recibo dos mantimentos, o que fez, apre-

sentei mais ao mesmo Sr. chefe os inventarios das camaras para que passasse recibo, o que declarou não passar, e mais disse que quando a revolta da armada termine se liquidaria esta questão; em vista do respondido, mandei lavrar este termo que assigno junto com os principaes da tripulação.

Bahia Rio de Janeiro, 28 de Dezembro de 1893.
Seguem as assignaturas:

Commandante, *Joaquim Rodrigues Esteves.*
Capitão de bandeira, *Paschoal Magliocca.*
Immediato, *Joaquim Alexandre da Silva.*
1.º machinista, *Paulo Ignacio Esteves.*
Mestre, *Fernando da Fonseca Froes.*
Leopoldino Wich.

Documento D

Nota de alguns presos detidos em prisões do Estado em 1 de janeiro de 1894

Presos na Casa de Detenção

Major *dr. Alcides Bruce*, lente da Escola Militar.
Major *dr. José M. Pinto Peixoto*, lente da Escola Militar.
Coronel *João José de Oliveira Galrão*, senador pelo Estado do Rio Grande do Norte.
General chefe do Corpo de Saude do Exercito, *dr. Alexandre Marcelino Baima.*

Transferidos para a Casa da Correcção

Generaes de brigada (reformados) *Honorato Candido Ferreira Caldas* e *João Maciel da Costa.*
Tenente coronel (reformado) *dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo.*
Dr. Serzedello Correia.
Conselheiro Adolpho de Barros.
Tenente coronel da Guarda Nacional *Borges de Lima.*
Dr. Leopoldo de Freitas.
Capitão honorario *Manuel José Fernandes.*

Horacio Caldas, negociante.
Capitão de fragata (reformado) *Francisco Paiva Bueno Brandão.*
1.º tenente (reformado) *Alfredo de Azevedo Alves.*
Coronel (ex-governador de Santa Catharina) *Elysio Guilherme.*
Delegado de policia, *dr. Pinto Netto.*
Os dois irmãos Benchimol, donos do paquete *Cidade do Porto.*
O portuguez *Bastos.*
Alfredo José de Mello (sobrinho do contra-almirante)
Climaco Barbosa Filho.
Alberto Oneth Sampaio (official do gabinete Ouro Preto).
Dr. Carlos Martins.
O gerente das barcas *Ferry.*
O gerente da redação da *Cidade do Rio.*
O sr. *Pedro Correia da Camara.*
No 23.º batalhão de infanteria, o alferes *Jansen Tavares.*
Machinista *João Figueiredo de Sousa*, esteve preso na Fortaleza da Conceição, como espião do governo e foi solto a poucos dias sem responder a inquerito; se fôr para a revolta desconfiem d'elle.

Presos na Fortalesa da Conceição em Janeiro de 1894

General de brigada *Frederico Solon Sampaio Ribeiro*, deputado pelo Estado de Matto Grosso.
General de brigada *Teixeira Junior.*
Tenente coronel *Belarmino de Mendonça Lobo*, deputado pelo Estado do Paraná.
Capitão de fragata *Francisco Gavião Pereira Pinto*, ex-commandante do cruzador "Parnahyba„.
Capitão de fragata *Antonio Lins Cavalcante de Oliveira*, ex-commandante do cruzador "Trajano.„
Capitão de fragata *Frederico Corrêa da Camara*, engenheiro naval, director das obras hydraulicas do Arsenal de Guerra da Capital.
Capitão tenente *José C. da Costa Barros*, ajudante da capitania do porto do Rio de Janeiro.
Capitão tenente *Alberto Jacintho Corrêa de Mattos*, immediato das torpedeiras.
Capitão tenente *Francisco dos Santos Matta*, gerente da Companhia Frigorifica.
Primeiro tenente *Francisco Xavier Tinoco Junior*, 2.º ajudante da capitania do Rio de Janeiro.
Primeiros tenentes *Raul Augusto Fernandes*, ex-official do "C. Benjamim Constant„.
Alipio Medina Cœli, ex-capitão do porto de Porto Alegre.

Tancredo Burlamaqui de Moura, ex-official do "C. Benjamim Constant„.

José Manuel Monteiro, encarregado da hora no Observatorio do Rio de Janeiro.

Fernando Pinto Ribeiro, immediato da corveta «Lamego».

Oscar Short, ex-official do «C. Benjamim Constant».

Segundos tenentes: *Ticho-Brahe de Araujo Machado*, immediato do «Aprendiz Marinheiro».

João Facundo Lins, immediato do cruzador «Centauro».

Florio de M. Pitombo, *Severino de C. O. Maia* e *Octavio Luiz Teixeira*, ex-officiaes do «C. Benjamim Constant.»

Guarda marinha, engenheiro naval *Melciades de Vasconcellos e Almeida.*

Aspirante a guarda-marinha: *Oscar Gitaly de Alencastro.*

Machinista: *Francisco P. da Silva Lousada.*

Primeiros tenentes; *Nelson de Vasconcellos e Almeida*, presidente da Companhia Frigorifica.

Arthur Alvim e Francisco de Sousa Pinto.

Documento E

Proclamação anonyma ao povo brazileiro

Muita attenção

Saibam os brazileiros que amam verdadeiramente a sua patria que as tripulações dos navios que já se esperam dos Estados-Unidos se compõem quasi totalmente de mercenarios. O ministro Salvador de Mendonça, ajudado pela casa commercial Flint & C.ª (socios d'este nas especulações vergonhosas de 1889-90) compraram e armaram os navios por quantia superior a 5.000:000$000 réis. Esta esquadra comprehende o "Cid„ (Nictheroy), "Britannia„ (America), o "Destroyer„ e duas pequenas lanchas a vapor convertidas em torpedeiros.

Tanto os officiaes como os tripulantes são estrangeiros alistados nos Estados-Unidos e pagos a preço exorbitante. Os officiaes mais graduados recebem 5:000 dollars por tres mezes de serviço, ou cerca de 100:000$000 réis por anno, recebendo os tripulantes communs 100 dollars por mez, ou quasi 16$500 réis por dia. E todos esses mercenarios teem exigido tres mezes de salario adiantados! Devendo combater pela Republica brazileira, não farão cousa alguma até receberem d'antemão o seu dinheiro em quantia muitas vezes superior áquella que ganharia o tripulante brazileiro em circumstancias identicas.

Mais: insistem em ter a direcção absoluta dos navios! Deverão metter a pique navios brazileiros, malas, marinheiros brazileiros, e *tudo isto para ganhar dinheiro!* Nada sabem da nossa Republica, nada se importam com ella; e nem sequer se fiam no governo em cujo auxilio vieram.

Quantas miserias — que bons alliados!

Eis como o sr. Floriano Peixoto combate contra os seus compatriotas! Eis o patriotismo de que temos ouvido tantos elogios! Os federalistas do Rio Grande do Sul fóram condemnados porque permittiram que alguns orientaes combatessem nas suas fileiras sem paga; mas temos aqui o presidente de uma nação de treze milhões de almas, o presidente do Brazil, a subornar o estrangeiro mercenario — e para quê? Para a destruição de seus proprios conterraneos e da propriedade nacional!

Será prova de que o paiz está com elle quando é obrigado a recorrer a tal expediente? E que valor dará o povo brazileiro a uma victoria ganha por estrangeiros assalariados sobre os cadaveres de seus proprios irmãos? Será necessario que a dictadura militar se salve a tal preço e com tanta humilhação?

Ou não será melhor morrermos do que assistirmos a essa degradação nacional, pois que a victima não será alcançada senão com a deshonra das armas e da nação brazileira?

Ameaçam-nos a servidão e a vergonha secular. Será isto que quer o nosso povo e nossos alliados?

A's armas pela verdadeira Republica e abaixo a tyrannia!

Documento F

Relatorio do medico presidente do conselho de saude naval internacional, sobre a crise da febre amarella

U. S. S. Newark, Rio de Janeiro, Brazil, 7 January 1894.

Sir:

As a result of a recent conference of the Senior Medical Officers of the foreign men-of-war in the harbor of Rio de Janeiro, the following recommendations and observations are submitted.

There are two hospitals on shore specially available for the use of vessels whose crews are affected with yellow fever, viz; the Jurujuba hospital in the bay of Jurujuba, and the San Sebastian hospital at Point Caju. Of these two the San Sebastian is to be preferred, as being nearer and more accessible; moreover Jurujuba

hospital is liable to be at any time included in the line of fire of the hostile forces. I am informed on good authority that the appointments of San Sebastian are quite as good as those of the other hospital. Merchant vessels whose men are attacked by the fever are recommended to seek the services of an English physician dr. Anwyl, who is to be found on board the steamer "Republic", now lying in this harbor under the English flag.

Merchant vessels should be warned to seek medical advice at once when their men are attacked by fever, as it is very important that cases which are to be sent to hospital should be sent early.

Vessels having fever on board should hoist the quarantine flag at once, and send their sick to hospital at once. The vessels should then be isolated in the bay as well as possible, or sent to Ilha Grande, which is better, as the quarantine arrangements there are complete, and all conditions are favorable. Patients may be sent to San Sebastian direct with a written statement from the Captain of their vessel to the Director of the hospital; the formal request for admission can be sent to the authorities later.

As the Health Officer of this port is practically non-existent, it is recommended that a request be made to the authorities to appoint some one to fill the place temporarily so far as concerns ships afloat; for example the English physician on board the "Republic". The "Republic" should have some distinguishing flag also, such as the Geneva Cross, to mark her position.

The formal request for permission to send foreign patients to hospital should be addressed to the Brazilian Minister of Foreign Affairs, through a Minister or Consul. There is no quarantine boat available to transport sick to hospital; this want should be supplied.

Respectfully

(Signed) *Geo A. Bright, M. D.*
Fleet Surgeon.

Capitan, *Henry F. Picking, U. S. Navy.*
Commanding, *U. S. S. Charleston.*
Senior Officer Present.

Annexo ao Documento precedente

MEMORANDUM

The "Republic" is a four masted sailing ship under the English flag, anchored half a mile or more W. from the "Newark".

As a distinguishing flag she will hoist N of the international code — alternate blue and white squares —.

Dr. Anwyl's fee per visit is 20$000 réis.

In case dr. Anwyl changes his quarters to another vessel, the distinguishing flag will be hoisted on that vessel. Respectfully

George A. Bright, Fleet Surgeon.

Rio Janeiro, Brazil, 8 January 1894.

Capitan, *Henry F. Picking, U. S. Navy.*
U. S. S. Charleston, Senior Officer Present.

Documento G

Instrucções geraes para os capitães de navios mercantes

You are directed, in case any one becomes sick on board your vessel of fever, to immediately send, if there is no doctor on board your ship, to Dr. Anwyl, on board the English merchant ship *Republic*, which carries the International flag N. If he decides after examination, that the case is that of yellow fever, you will hoist the quarantine flag at the fore and arrange a boat to take the man to St. Sebastian hospital on Caju Point, and send to the Senior Naval Officer of your nation, who whill tow your boat to Caju Point.

The cost of this, 20$000 to the Doctor, and the hospital expense will be borne by the marchant vessel

After the man is in the hospital, the usual consular papers will be required by the Master.

Documento H

Instrucções do commandante da «Mindello» para os capitães de navios mercantes portuguezes

Fica prevenido o sr. capitão d..... .. que caso alguem a seu bordo venha a adoecer de febre, deve immediatamente mandal-o, se não tem medico a bordo, ao navio mercante inglez "Republic„, que tem a bandeira N do codigo internacional, e onde se acha o dr. Anwyl. Se esse medico, depois do seu exame, disser que se trata de um caso de febre amarella, deverá V. S.ª

sem demora içar a bandeira de quarentena no mastro de prôa, e preparar uma embarcação para levar o doente ao hospital de S. Sebastião na ponta do Caju, mandando-me logo pedir uma embarcação a vapor para o rebocar até lá.

O preço da inspecção medica, 20$000 réis do paiz, e as despezas do hospital, serão costeados pelo seu navio.

Depois de estar o doente no hospital os documentos consulares usuaes serão requisitados por V. S.ª

Bordo da corveta "Mindello„ surta na bahia do Rio de Janeiro, 9 de Janeiro de 1894.

O commandante, *Augusto de Castilho*,
Capitão de fragata

Documento I

Nota dos commandantes superiores ao corpo diplomatico sobre as providencias adoptadas, relativas á febre amarella e pedindo o concurso do governo

United States Cruiser "Charleston„ Rio de Janeiro, Brazil.

The Senior Naval commanding officiers of the United States of America, France, Portugal, Austro-Hungary, England and Italy, met in conference some days since, and concluded to have a Board of the Senior Naval Surgeons to confer as to the best means of taking care of yellow fever on board of the merchant vessels of their respective nations.

We have the honor to enclose herewith a copy of the report to us, received in conference this day, of the said Senior Naval Surgeons. We have deemed this action necessary because, owing to the conditions here at this time, the Brazilian Government is perhaps unable to give the usual medical attendance of its Health office.

We desire to know if it is possjble that the Government will defray any of the expenses of the proposed arrangement, in consideration of the fact that the within mentioned medical officer would, by the said arrangement, be fulfilling the duties which

would otherwise be accomplished by the regular Brazilian Health Officer.

(Sig.) *A. Aubry.*
Commanding Naval Forces of Italy.
(Sig.) *F. J. Foley.*
Commanding English Naval Forces.
Jos. Holeczek.
Commanding G Naval Forces of Austro-Hungary.
Augusto de Castilho.
Commanding G Naval Forces of Portugal.
De Barbeyrac, S. M.
Commanding Naval Forces of France.
Henry F. Picking.
Commanding G Naval Forces of the United States of America.

Monday January Sth. 1894

Documento J

Nota dos commandantes superiores ao corpo diplomatico sobre o artilhamento do morro do Castello

On board the United States Cruiser "Charleston„ Rio de Janeiro, Brazil, 1st January 1894.

The Senior Commandants of the Naval Forces of the United States of America, France, Portugal, England, and Italy, have the honor to bring to the knowledge of the Diplomatic Corps, that they have in their possession authentic and positive information that, on one of the heights in the city of Rio de Janeiro, known as "Morro de Castello„ there have been already mounted some large guns ready for use; that in the same place, there are also other large guns, in the process of being mounted; and that there are a number of guns of smaller calibre on field carriages; all of the guns being in batteries protected bi bags of clay.

The Vice President of the Republic of Brazil announced through his Minister of Foreign Affairs to the Diplomatic Corps and through it to the Senior Commandants, in a note dated October 5th 1893, that the Government was going to give the order that the guns be removed from the batteries in the city of Rio de Janeiro, "Vae ordenar que os canhões sejam retirados das referidas Baterias„.

The Senior Commandants of the aforesaid powers can, therefore, only regard the mounting of these guns on the "Morro de Castello„ as a breech of the agreement expressed by the Brazilian Government on October 5th 1893, and as giving to the city of Rio de Janeiro the qualities of a fortified town. Under these circumstances, the Senior Commandants have the honor to state that they can no longer consider themselves under obligations to adhere to the attitude which they expressed in their communication of October 1st 1893, to Rear Admiral Mello, and which they reiterated in their communication of December 25th 1893 to Rear Admiral Saldanha da Gama.

Documento K

Nota dos commandantes superiores ao corpo diplomatico sobre a necessidade de aviso previo caso o governo tencione romper hostilidades

On board the United States Cruiser "Charleston„ Rio dc Janeiro, Brazil, 1.st January 1894.

The Senior Commandants of the Naval Forces of the United States of America, France, Portugal, Austro-Hungary, England, and Italy, have the honor to bring to the knowledge of the Diplomatic Representatives of their respective Governments, that, if it be the intention of the Brazilian Government to fire on the Insurgents from the batteries erected on the heights in the city of Rio de Janeiro, and, in so doing, to endanger the foreign vessels in the harbor, the above mentioned Senior Commandants would request that the Diplomatic Representatives of their respective countries obtain from the Brazilian Government a previous warning of at least forty-eight hours, in order that all foreign vessels in the harbor may be removed to a place of safety.

Documento L

Resposta do corpo diplomatico a uma nota dos commandantes, superiores, de 25 de dezembro; com dois annexos

The Representatives of England, Italy, the United States, France and Portugal have the honor to inform the Commanpants con-

cerned, that they have not failed to carry out with their note of the 25th of last December, what it admitted of.

They have the honor to enclose herewith for the information of the Commandants, the note dated December 31st (Annex No. I.) which, in consequence, they addressed on their part to the Minister of Foreign Affairs.

They enclose here, also, (Annex No. II.) the note of January 2d, 1894, which they addressed to m. Cassiano do Nascimento, in consequence of the information which the Commandants have been pleased to transmit to them in their two notes of January 1.st which reached them the evening of the same day.

Petropolis, January 2d, 1894.

Documento M

Nota do corpo diplomatico ao ministro das relações exteriores sobre os riscos que corre a cidade depois de se armar com artilheria

Annex I

Rear Admiral Saldanha da Gama addressed on the 23.d instant, a letter to the Senior Commandants of the Foreign Naval Forces in the harbor, in which he announced to them that he had decided to bombard the city of Rio de Janeiro, with large calibre guns, if acts of aggression were made, not only from the heights of the said city, but even from the island in the bay known under the name of Ile de Bom Jesus.

"It is notorious,„ wrote Rear Admiral Saldanha da Gama, "that all the heights which border the city proper are garrisoned "with batteries of cannons, without even respect for sacred place "and those for the benefit of suffering humanity. This fortification "of the "Morro Castello„ commands the Santa Casa da Misericor-"dia, and no less those on the hills of St. Bento and Conceição; the "first by the secular and historic convent "Benedictinus„, the se-"cond by the episcopal palace; also, there is on the "Morro de Bom "Jesus„, on whose side stands the asylum for our regular invalids "from both land and sea. Under these circumstances, Your Excel-"lency will undoubtedly understand, that it is difficult for the squa-"dron to maintain, to the end of the struggle, the promised re-

"spect for the city of Rio de Joneiro, which has changed from a de-
"fenseless city to a place of war in the strict sense of the term.
"At the first cannon shot from any of those places, including Bom
"Jesus, the squadron will reply agrressively with its large artillery.„

The Senior Commandants of the Naval Forces of Italy, England, the United States of America, France and Portugal, have deemed it their duty to reply to Rear Admiral Saldanha da Gama, that the facts enumerated in his note would not constitute a provocation of a nature to justify the threat of bombardment of the city of Rio de Janeiro; that the fire from the batteries established on "Bom Jesus„, an island of the bay, completely outside of, and distant from the town, could not be considered as one of the operations of war, which the Federal Government agreed to abstain from.

The Commandants have consequently signified to Rear Admiral Saldanha da Gama that, for the moment, they intend to preserve in the question of the bombardment of the city, the attitude which they took towards Admiral Mello by their note of the 1.st of last October.

The Commandants in transmitting to the Representatives of England, Italy, the United States of America, France and Portugal, the communications mentioned, added that, as a consequence of the notification which they had just addressed to Rear Admiral Saldanha da Gama, the fate of the city of Rio remains in subordination to a strict respect of the agreement taken by the Federal Government, not to mount cannons in the town.

Consequently the Representatives of England, Italy, the United States of America, France and Portugal, express anew the firm hope that the Federal Government will continue, by its attitude to mr. Saldanha da Gama, to remove all pretext for bombardment of the city of Rio. In the case that, in spite of all, the bombardment should become inevitable on account of provocation, the Representatives of the Powers mentioned, would ask that a previous notification of two days, at least, be given to them, in order to assure the security of those of their nationality who live in the town, as well as of all the floating material in the harbor.

Petropolis, 31st december, 1893.

Documento N

Nota do corpo diplomatico ao ministro das relações exteriores, pedindo prevenção de 48 horas pelo menos, caso hostilidades de terra para o mar em larga escala sejam inevitaveis.

The Representativos of England, Italy, the United States of America, France, and Portugal, have received from the Commandants of their respective Naval Forces, a communication, warning them that the said Commandants are in possession of authentic and positive information to the effect that on one of the heights of the city of Rio de Jaueiro, known under the name of "Morro do Castello„, there have been mounted cannons of large calibre and that in the same place there are others which are in the process of being mounted, that there are a number of cannons of smaller calibre there, all the cannons being in batteries protected by bags filled with clay.

Now, add the Commandants, The Vice President of the Republic of the United States of Brazil announced through his minister of Foreign Affairs to the Diplomatic Corps, who, in a note dated October 5.th 1893, transmitted it to the Commandants of the Foreign Naval Forces, "that the Government was going to give the order to withdraw the cannons from the batteries established in the city of Rio de Janeiro„.

"Vae ordenar que os canhões sejão retirados das referidas Baterias.„

In consequence, the Senior Commandants of the Foreign Naval Forces can only regard the mounting of these cannons on the "Morro do Castello„ as a breach of the agreement to which the Brazilian Government adhered on October 5.th 1893; and as giving to the city of Rio de Janeiro the qualities of a fortified city.

Under these circumstances, the Commandants of the Foreign Naval Forces declare that they can no longer consider themselves under the obligation to maintain the attitude which they assumed towards Rear Admiral Mello in the communication which they addressed to him October 1.st 1893, and an attitude which they also took with regard to Rear Admiral Saldanha da Gama in another communication addressed to this latter the 25.th of December, and which the Representativos of the Powers interested made known to His Excellency M. Cassiano do Nascimento, Minister of Foreign Affairs, in a note dated lhe 31.st of last December.

Thr Representatives of the Powers interested, in considering

the last paragraph of their aforesaid note of December 31.st and moved by sentiments of humanity as well as by the thought of the interests of which they have charge, come today to ask the Brazilian Government, in order to assure the security of their countrymen who inhabit the city of Rio de Janeiro, and that of the foreign ships anchored in the harbor, to accord a delay of 48 hours, at least, before firing from the batteries established in the said city.

Petropolis, January 2.nd 94.

Documento O

Nota do corpo diplomatico aos commandantes superiores enviando copia de uma nota do governo brazileiro, que segue

The Representatives of England, Italy, the United States of America, France, and Portugal, received from the Minister of Foreign Affairs of the Federal Government a note bearing the date of the 5.th of the present month, and which replies to theirs of the 31.st of last December.

In transmitting a copy of this note of January 5.th from the Minister of Foreign Affairs, to the Commandants of the Naval Forces of their respective nationalities, the Representatives of the afore said Powers have the honor to call their attention particularly to the last paragraph of the said note.

Petropolis, 7.th January 1894.

Documento P

Nota do governo brazileiro, manifestando as suas decididas intenções de suffocar a revolta; documento a que se refere o precedente

The Minister of Foreign Affairs has had the honor of receiving the official note which the Representatives of England, Italy, the United States of America, France and Portugal, addressed to him

31.st of last December, in order to communicate to him the reply which the Senior Commandants of the Foreign Naval Forces gave to a letter from Mr. Saldanha da Gama dated the 23.d of the same month.

Mr. Saldanha da Gama declared that he had decided to bombard the city of Rio de Janeiro with large calibre guns, at the first shot fired from the heights, be it from the island of "Bom Jesus„.

The Commandants replied to him that the facts enumerated by him could not constitute a provocation of a nature to justify the threat of bombardment and that the fire of the batteries established on "Bom Jesus„, an island completeley outside of and distant from the city, could not be considered as one of the operations of war which the Federal Governement agreed to abstain from.

The Commandants added that for the moment, they maintain in the question of the bombardment the attitude taken towards Mr. Mello by their note of the last October.

Consequently the Representatives express the hope that the Federal Government will continue to keep away all pretext for bombarding the city; but at the same time they ask, that in case, in spite of all, the bombardment should become inevitable owing to provocation, they be given a previous notice of two days, at least.

The Vice President of the Republic sees with pleasure that the Commandants did not admit the strange pretention of Mr. Saldanha da Gama relative to the island of "Bom Jesus„, but he believes it his duty to stop any idea of lacking on his part in the agreement of not mounting the cannons.

This agreemont is respected, and the Representatives recognized that when they asked the Federal Government to continue to keep away all pretext from Mr. S. da Gama. But the Government has not deprived itself of the right to prepare for acting energetically against the Insurgents in spite of the circumstances.

If, unhappily, the case not of provocation, but of action, presents itself, the Representatives may be sure that they will be informed of it in useful time. The Federal Government would do it spontaneously.

Rio de Janeiro, 5.th January 1894.

Documento Q

Nota do almirante Saldanha da Gama ao commandante superior estrangeiro mais graduado, ácerca do bombardeamento do hospital de sangue por artilheria do governo.

A S. Ex.ª o Snr. Captain Picking, commandante superior da divisão da marinha dos Estados Unidos da America do Norte, e official mais graduado das marinhas de guerra estrangeiras representadas n'este porto do Rio de Janeiro.

A V. Ex.ª assim como a todos os chefes das forças navaes estrangeiras representadas n'este porto, não póde ter passado despercebido o facto extraordinario passado hontem á tarde, qual o do fogo dirigido pelas baterias da Armação e de S. João Baptista em Nichteroy contra o hospital de sangue da ilha das Enxadas.

Ha um mez que o hospital se acha transportado para aquella ilha. N'este lapso de tempo teem sido dirigidos para alli alguns tiros disfarçados, pela fortaleza de S. João da Barra e baterias do Bom Jesus. O occorrido hontem, porém, foi de natureza a não deixar duvida sobre o proposito deliberado de se bombardear aquelle hospital. Oito projecteis explosivos alli cahiram, dois dos quaes dentro das enfermarias produzindo, além de estragos materiaes, a morte de um ferido e o desvairamento dos outros, que abandonaram seus leitos rompendo os apparelhos de curativos.

O que se passou então no hospital foi verdadeiramente indescriptivel.

Não creio que na historia da guerra e das revoluções d'este seculo haja facto identico.

O governo do Brazil, por motivos que aliás nunca externou, ainda não adheriu á convenção de Genebra, chamada da Cruz Vermelha. Comtudo os doentes e feridos do hospital da ilha das Enxadas não deixam de ser homens e Brazileiros.

A ilha das Enxadas teve, antes, o deposito das munições de guerra da Escola Naval e uma pequena officina; tudo foi removido com a trasladação do hospital. Hoje alli existem, apenas, o gazometro para a illuminação, os distilladores d'agua potavel, um forno de padaria, e algumas velhas armas, modelos da Escola.

Deixo a V. Ex.ª e a todos os officiaes estrangeiros aqui presentes julgarem de semelhante attentado contra a civilisação e a humanidade; porém a V. Ex.ª especialmente, pela circumstancia de

ser o representante de um paiz que em uma lucta de quatro annos não deixou de applicar nunca os principios de caridade e de respeito ao proximo, que tanto houram o nosso seculo.

Não penso sequer retaliar, pois que só pensar em tal deshonraria a esquadra que se intitula libertadora.

Os soldados de terra feridos na ilha do Engenho, estão em tratamento n'esse hospital. Os soldados prisioneiros estão apenas repartidos entre os navios da esquadra, mas em liberdade. Os officiaes prisioneiros tiveram a restituição de suas espadas. Por ahi poderá V. Ex.ª comparar a differença do modo de proceder entre as duas forças combatentes.

Se o facto se reproduzir, procurarei remover o hospital para logar mais seguro, não obstante os inconvenientes que d'essa mudança devem resultar para os doentes e feridos.

Rogando a V. Ex.ª a fineza de dar conhecimento d'esta nota aos demais chefes estrangeiros presentes n'este porto, prevaleço-me da opportunidade para reiterar a V. Ex.ª a segurança da minha perfeita estima e distincta consideração.

Bordo do cruzador "Liberdade", 7 de Janeiro de 1894.

Luiz Philippe de Saldanha da Gama· Commandante em chefe da esquadra em operações no porto do Rio de Janeiro contra o governo do marechal Floriano Peixoto.

Nota n.º 13

Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1894.

Ao Conselho do Almirantado

1.ª Repartição

Do commando da corveta «Mindello»

Summario: Tomada da ilha Conceição pelos revoltosos.—Occupação da de Mocangué. - Vantagens estrategicas d'estes pontos.—Conflicto entre a lancha portugueza «D. Maria» e as tropas do Caes da Harmonia.—Paralysação do serviço commercial maritimo sob bandeira portugueza.—Bombardeamento da ilha do Bom Jesus sobre navios revoltosos e seus perigos para os navios de commercio estrangeiros.—Nova reunião e representação ao corpo diplomatico — Mais correspondencia do governo e sua critica. — Resposta dos commandantes superiores.— Serviço incontestavel das esquadras estrangeiras a bem da cidade do Rio.—Chegada de navios do governo a Pernambuco, e novas fortificações dos moiros.—Mais bombardeamentos.— Retirada do commandante Lang da esquadra ingleza.—Chegada do cruzador americano «San Francisco» com o almirante Benham.— Chegada do couraçado «Aquidaban» sem o almirante Mello.— A corveta «Mindello» recebe carvão e mantimentos.— Retirada do capitão-tenente Gonçalves Pinto para Lisboa; é indispensavel substituil-o.

Na noite de 9 para 10 do corrente os insurgentes foram com pequenas embarcações occupar a ilha da Conceição perto de Nictheroy, onde se acham estabelecidos os depositos de

carvão da firma Wilson Sons & C.ª Esta ilha não estava militarmente guarnecida por forças do governo, mas como jaz a curta distancia da de Mocangué, era por esta dominada.

A população da ilha da Conceição consistia principalmente do pessoal que trabalha no carvão, e que era composto de subditos portuguezes na sua grande maioria. Estes desgraçados, que ficaram desde esse momento em uma posição muito exposta, evacuaram a ilha com o auxilio de lanchas a vapor da casa Wilson e minhas, e recolheram á capital, sendo outros tantos infelizes que ficam sem trabalho nas circumstancias já bastante angustiosas em que estamos.

Na noite seguinte, de dez para onze, depois da occupação da Conceição, foi, com relativa facilidade, reoccupada tambem a ilha de Mocangué Grande pelas forças revoltadas. E como a esquadra possue hoje, além d'essas duas ilhas, a do Engenho, a da Velha e a do Vianna, todas entre si pouco distantes, todas montanhosas, e algumas já guarnecidas com algumas peças de artilheria nas alturas, fica dominada a linha do caminho de ferro que vae em volta da bahia, do Rio de Janeiro para Nictheroy, e estão portanto por esse motivo seriamente compromettidas as communicações entre as duas cidades. Não me consta ainda que tenham realmente sido interceptadas essas communicações, mas é bem possivel que, de um momento para outro, o venham a estar. Na tomada das duas ilhas houve grande mortandade, principalmente de gente do governo.

Em onze, uma das lanchas ao serviço d'esta corveta no trafego commercial maritimo da bahia, denominada «D. Maria», foi alvo, por parte da força armada que guarnece o caes da Harmonia, unico que nos é accessivel, de um ultraje bastante grave. Dei logo conta d'elle ao nosso encarregado de negocios, em termos bastante energicos (Documento A) e depois de ter recebido a participação escripta do machinista da dita lancha ácerca do occorrido (Documento B) officiei novamente ao nosso representante (Documentos C, D, E) enviando-lhe copia d'aquelle documento, dando ao mesmo tempo de tal conflicto communicação pelo telegrapho para essa secretaria.

E' a quarta vez que uma embarcação ao serviço da corveta, e garantida pela presença de gente da armada, é alvo de ataques á viva força por parte de tropas do governo do paiz; e se isto mostra em parte a estulta ignorancia d'aquelles que commandam os postos do litoral, não mostra menos a sua evidente má vontade contra tudo que é portuguez. Actualmente está a lancha «D. Maria» sem fazer serviço, atracada a este navio, emquanto o encarregado de negocios não esclarece superiormente esta questão junto do governo federal. Como, porém, nenhuma satisfação nos foi dada pelos anteriores ultrajes, não a espero d'esta vez, resignando-me a ir descendo assim de degrau em degrau a vergonhosa ladeira da humilhação.

Como já foi dito em outra nota, os navios «Liberdade», «Guanabara» e «Trajano», ancorados ao norte da ilha das Enxadas e em frente da cidade, teem por vezes travado fogo da sua grossa artilheria com a bateria da ilha Caqueirada ou Bom Jesus, sendo esta ilha quasi sempre quem rompe o fogo sobre os navios. Ora como os ditos navios revoltados se acham cercados por diversos navios de commercio estrangeiros, os quaes se acham assim em grande risco, entendeu a reunião dos commandantes superiores dever dirigir ao governo do paiz, por intermedio dos seus representantes diplomaticos (Documento F, G, H) as convenientes observações. Deve notar-se que, tanto os navios de commercio como os de guerra das diversas nacionalidades, se acham proximamente no logar que pela capitania do porto foi fixado para nosso surgidouro.

Ainda sobre a mudança da attitude dos commandantes superiores de forças navaes estrangeiras para com a esquadra revoltada, envio por copia outra nota do ministro das relações exteriores aos representantes diplomaticos das potencias (Documentos I e J) ácerca do armamento da cidade, na qual o governo apresenta argumentos debeis para justificar o seu procedimento clandestino e furtivo para collocar a cidade em posição não só de se defender como tambem de atacar as forças navaes alevantadas. A nota precedente do mesmo ministro tem incomparavelmente mais valor politico, porque ao

menos revela uma coragem digna e resoluta, sem procurar acobertar-se por detraz de especiosos argumentos, que de modo nenhum explicam o seu acto.

A esta nota entendemos nós ainda dever replicar com a nossa de 11 (Documento K) em que em poucas palavras restabeleciamos a verdade dos factos, sem todavia desmentirmos o ministro. Alguem um dia poderá imparcialmente avaliar estes documentos, e julgar se fomos nós, commandantes superiores, ou o governo brazileiro, quem teve razão.

O que ninguem poderá negar-nos é a decisão com que procurámos e conseguimos até este momento historico, salvaguardar a cidade do Rio de Janeiro contra os ataques da esquadra, com os seus grossos canhões; e isto apezar das provocações da terra. Ainda ha pouco tempo o almirante Saldanha nos declarava que faria fogo sobre a cidade com a grossa artilheria, caso lhe dessem um tiro, mesmo que este partisse da ilha do Bom Jesus; e tendo-se dado esta hypothese, elle não se atreveu a fazel-o, porque nós lhe declarámos peremptoriamente que lh'o não consentiriamos, porque a ilha do Bom Jesus não fazia parte da cidade, e era portanto um dos pontos em que, a acção do governo estava absolutamente desligada de qualquer compromisso.

E' minha opinião que o governo não se decidirá por emquanto a atacar a esquadra com a artilheria da terra, continuando a armar-se gradualmente, e esperando talvez o momento da chegada dos navios que está apromptando em diversos pontos, e dos quaes alguns estão já em Pernambuco. N'essa occasião, quando elle tiver assim concentrados todos os seus elementos de acção, romperá resoluto um vigoroso ataque sobre os navios rebeldes que aqui estiverem, e sobre as ilhas, provavelmente com bom exito. O que resta saber é se a esquadra poderá permanecer inactiva até esse momento, ou se terá mantimentos, carvão e paciencia para esperar essa occasião.

E' tambem difficil dizer-se quando é que o governo se considera preparado para a lucta. Dizem uns que bastarão os navios que actualmente estão em Pernambuco; dizem outros

que quando muito, se reunirão esses navios com os que estão no Rio da Prata; finalmente outros mais cautelosos julgam indispensavel a vinda dos couraçados «Benjamim Constant» e «Riachuello», o ultimo dos quaes está em fabrico em Toulon, e só estará prompto em fim de março. E' forçoso dizer-se tambem que entretanto as forças de terra, tanto de linha como das guardas nacionaes, mostram visiveis indicios de descontentamento e indisciplina, tendo-se por vezes alguns destacamentos recusado a marchar para Nictheroy.

Em 11 de tarde houve troca de muitos projecteis de artilheria entre a ilha do Bom Jesus e os navios «Guanabára» e «Trajano». Este ultimo navio recebeu alguns que lhe causaram morte de gente.

Em 11 seguiu para Inglaterra doente, o capitão de mar e guerra W. M. Lang, commandante das forças navaes d'aquella nação; fica substituindo-o interinamente, e emquanto não chega outro official para commandar o cruzador «Sirius», o capitão de fragata (commander) Rollestone da canhoneira «Racer».

Em 12 chegou de Nova York o grande cruzador norte-americano «San Francisco» conduzindo a seu bordo o novo commandante da divisão naval americana, contra-almirante Benham.

N'esse mesmo dia de madrugada entrou tambem n'este porto o couraçado brazileiro «Aquidaban», mas não trazendo a insignia do contra-almirante Custodio José de Mello. Ha quem diga que este ficou a bordo do cruzador «Republica», e chegará brevemente com outros navios e com tropas para desembarcarem em ponto proximo das ilhas de Maricá.

A entrada do «Aquidaban» deu logar a serem disparados contra elle alguns tiros das fortalezas da barra, mas sem resultado apparente. Aquelle navio está desde então fundeado perto do «Tamandaré», muito pela bahia dentro e não longe da ilha do Engenho, perfeitamente silencioso.

A corveta «Mindello» attestou de carvão, com setenta e nove mil kilos em 12 do corrente, e só hontem consegui que chegassem a bordo os mantimentos vindos de Lisboa no

vapor allemão «Ceará», os quaes, por erradas informações dadas na agencia, eu disse na mala passada não terem vindo. Os anteriores mantimentos vindos pelo vapor «Paraguassú», continuam a estar presos na docca da alfandega dentro de uma lancha, sem poderem sahir para o mar nem desembarcar para aquelle estabelecimento para irem ser embarcados n'outro caes. Quanto a aguada, tem sido por emquanto impossivel recebel-a de terra, estando portanto os dois navios obrigados a distillal-a constantemente.

O capitão-tenente Antonio Gonçalves Pinto que tem exercido as funcções de meu immediato n'esta corveta, segue no paquete que esta conduz, em virtude de ordem telegraphica recebida d'essa secretaria, e por ter sido deferido, segundo creio, o requerimento em que elle pedia a sua retirada pagando a sua passagem e a do seu successor á sua custa. Como porém esta clausula não vem especificada no telegramma, entendi dever mandar tomar-lhe a passagem por conta do navio.

Nas circumstancias em que está este navio, é indispensavel que este official seja com a maxima urgencia substituido. Interinamente ficará exercendo o logar de meu immediato o segundo tenente João Pedro da Cruz Vizetto, e muito embora elle seja um official de merecimento e applicado, é mais conveniente que venha um official superior, visto haver aqui o machinista e o commissario que teem os galões de primeiro tenente, e com os quaes póde ás vezes haver qualquer attrito. Além d'isso, como eu estou constantemente absorvido aqui por negocios de alta importancia, por uma espantosa correspondencia, pelas repetidas sessões de commandantes superiores, e por frequentes entrevistas com muitas pessoas que me procuram sobre assumptos officiaes, preciso absolutamente de ter um immediato com o desembaraço, a experiencia e os galões que lhe permittam resolver todas as questões de arranjos interiores, aceio, disciplina, etc., a que eu não poderia sempre dedicar-me.

O commandante, *Augusto de Castilho*,
Capitão de fragata.

Documento A

Officio do commandante da «Mindello» ao encarregado de negocios narrando mais um conflicto com tropas em terra

Urgentissimo.

*Ill.*mo *Ex.*mo *Sr.*

Tenho a honra de levar ao conhecimento de v. ex.ª mais uma nova affronta de que acaba de ser victima a minha auctoridade, no desempenho das minhas legitimas e rigorosas obrigações, ácerca da qual creio dever exigir da parte de v. ex.ª promptas e energicas representações perante o governo brazileiro. Já em 29 do mez passado tive a honra de representar a v. ex.ª contra um ataque com fogo de artilheria, de que fôra victima uma das embarcações d'este navio, por parte das forças do governo estacionadas na ponte da Ribeira da ilha do Governador, sem que até hoje eu saiba ainda se essa minha representação foi ou não levada em consideração. Comprehende v. ex.ª que se nos não for dada uma cabal explicação de factos aggressivos tão extraordinarios como aquelle já narrado e como o que agora vou referir, ficará a tal ponto amesquinhada a minha auctoridade, que só me restará pedir mais uma vez ao governo que me exonere do cargo que estou exercendo e em que me sinto coacto.

Estão ao serviço d'esta corveta quatro lanchas a vapor a "D. Carlos„ desde 22 de Setembro, a "S. Roque„, "Lili„ e "D. Maria„ desde poucos dias. Com excepção da primeira d'ellas que faz quasi exclusivamente só o serviço do navio, as tres restantes desempenham o serviço do commercio licito do porto, rebocando entre a terra e os navios mercantes as lanchas de carga. Cada uma d'ellas tem a bordo, além do pessoal civil pago pelos respectivos donos, todos subditos portuguezes, um marinheiro da armada portugueza uniformisado representando a minha auctoridade, authenticando o uso da nossa bandeira n'estas circumstancias anormalissimas, e fiscalisando rigorosamente que taes embarcações não se empreguem senão nos serviços licitos que eu tenho missão de proteger.

Da mesma forma estão procedendo os commandantes de forças navaes inglezas, francezas, allemãs etc., parecendo-me que, se todos estamos contribuindo para ajudar o commercio dos nossos respectivos nacionaes, estamos tambem fazendo um valioso serviço á população da cidade, que assim recebe e expede as suas cargas, sem perigo de que ellas lhe sejam confiscadas pelos revoltosos.

Posso affirmar a v. ex.ª que, desde que taes embarcações estão sob a minha auctoridade e responsabilidade, nenhuma tem desempenhado o minimo acto que, mesmo remotamente, possa ser alcunhado de suspeito. Se assim não fosse, eu deshonraria a farda que visto e os meus longos e penosos trinta e cinco annos de serviços sem nota!

Hoje de tarde, tendo a lancha "D. Maria„ chegado ao Caes da Harmonia, depois de ter conduzido a terra varios saveiros de carga, foi-lhe intimado que atracasse, porque tinha que ficar retida por ser suspeita de ter conduzido ha dias, de terra para a esquadra revoltada,um tal Dr. Saldanha que ninguem dos tripulantes conhece! O official que intimava esta ordem, não quiz attender as observações que lhe eram feitas de que a lancha pertencia a esta corveta para todos os effeitos politicos internacionaes, e clamava em altas vozes que. se o governo brazileiro procedesse como devia, toda a guarnição da "Mindello„ deveria já estar na casa de correcção!

Para tornar effectiva esta ordem, mandou o dito official apagar os fogos da caldeira da lancha, e mandou saltar dentro d'ella um cabo da guarda nacional, armado com o terçado, para prender o machinista. O machinista e o meu marinheiro houveram-se porém com tanta dextreza e rapidez, que affastaram a lancha do caes e navegaram para o largo, debaixo de um vivo fogo de fuzilaria da tropa de terra, depois de terem desarmado o cabo.

Como porém os fogos haviam sido retirados das fornalhas, a pressão da caldeira abateu rapidamente, ficando já ao largo a lancha, quasi sem governo nem andamento, debaixo de todo o peso de uma grande trovoada e quando ia já escurecendo. Em taes circumstancias foi a lancha "D. Maria„, soccorrida por uma lancha da corveta revoltada "Trajano„. a qual acabava tambem de soccorrer um escaler de um navio mercante americano. A lancha "D. Maria„, foi depois rebocada para meu bordo pela lancha revoltosa, pedindo-me o official que veiu á minha presença que lhe entregasse o cabo da guarda nacional! Escusado seria talvez dizer a v. ex.ª que me recusei terminantemente a satisfazer tal pedido, mandando ámanhã entregar em terra aquella praça, a qual me confessou não lhe ter sido feito mal algum por parte da gente da *D. Maria*, e reconheceu o serviço que eu acabava de lhe prestar evitando a sua prisão pela gente da esquadra.

A'manhã vou obter do machinista da "D. Maria„ uma narração escripta do occorrido, a qual mandarei depois a v. ex.ª, não o fazendo agora pela hora adiantada da noite.

Por prudencia, e pelo justo receio de represalias por parte de tão desenfreada soldadesca e de tão.... impetuosos e.... injustos

officiaes, não tenciono mandar ámanhã a terra qualquer das tres lanchas "Lili„, "D. Maria„ ou "S. Roque„, e não mando a "D. Carlos„, por estar procedendo a trabalhos de limpeza de caldeiras e pinturas que demorarão alguns dias. Far-se-ha portanto o serviço todo das nossas communicações com a terra, com as embarcações de remos e com o escaler a vapor do armamento do navio, mas isto com sacrificio; e ficará parado o trafego commercial que as lanchas estavam desempenhando.

Fico aguardando com a maxima anciedade a reposta de v. ex.ª, parecendo-me que v. ex.ª conseguirá desaggravar-me d'este novo insulto gratuito e calumnioso, e que não será necessario que eu communique o occorrido á reunião dos commandantes superiores de forças navaes estrangeiras, para que elles o levem collectivamente ao conhecimento do corpo diplomatico.

Deus guarde a v. ex.ª — Bordo da corveta "Mindello„, surta na bahia do Rio de Janeiro, 11 de Janeiro de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Dr. Manuel Garcia da Rosa, encarregado de negocios de Portugal.

O commandante, *Augusto de Castilho*
Capitão de fragata

Documento B

Participação do machinista da lancha «D. Maria» ao commandante da «Mindello» sobre o conflicto em terra

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Tenho a honra de participar a V. Ex.ª que hontem pelas 6 horas e 20 minutos da tarde atracou a lancha "D. Maria„, de que sou machinista, ao caes do moinho Fluminense levando uns saveiros. Iam a bordo, além de um marinheiro da corveta "Mindello„, eu, um foguista e um marinheiro.

Logo que atracámos entrou a bordo um sargento da guarda nacional que revistou a lancha sem dizer o que procurava. Depois, de cima da ponte um alferes da mesma guarda perguntou-me se me chamava Antonio, ao que respondi chamar-me Manuel, dando-me elle logo voz de prisão á ordem do marechal Floriano. Junto com o alferes estava um policia secreta que me chamou á parte, desembarcando eu da lancha e indo fallar com elle dentro do moinho. Disse-me que não me acontecia nada se dissesse a verdade;

e perguntou-me se a lancha tinha levado o Dr. Saldanha para bordo da esquadra, porque tinha havido denuncia de um visinho do meu patrão, chamado Couto, ao que lhe respondi que não conhecia o Dr. Saldanha. Voltei depois á lancha para buscar a minha roupa, e o policia deu ordem para tirar o fogo fóra, dizendo que o foguista tambem estava preso. Nesta occasião o alferes, o policia e um soldado preto em conversa disseram que a gente da "Mindello", se elles mandassem, estaria toda na correcção; e quando o marinheiro portuguez perguntava onde dormia a noite, respondeu-lhe o alferes que se deitasse ao mar, e o soldado preto que dormisse com elle..... ..... Depois de ter apagado o fogo, disse ao policia, que como havia muita ressaca a lancha se escangalharia ali, e elle respondeu-me que atracasse do outro lado da ponte; para isto embarcaram um cabo da guarda nacional e o marinheiro portuguez. A lancha, com o vapor que ainda estava a 80 libras, tocou atraz e adeante de vagar abrindo da pôpa; como eu não queria ficar preso apezar de estar innocente, como tem acontecido a muitos outros, resolvi ir pedir asylo na corveta "Mindello"; para isso, logo que a lancha aproou para o mar puz a machina a toda a força e disse ao cabo que iamos para bordo; o cabo quiz resistir agarrando o leme e desembainhando o sabre, mas eu juntamente com o foguista e o marinheiro desarmei-o; n'esta occasião começou o fogo de fuzilaria da ponte e da Mortona; nós abaixámo-nos, o cabo para se livrar das balas recolheu-se na camara, e o marinheiro portuguez, que só então se metteu na questão, tomou o leme governando até que perto da "Trajano", gritámos que a lancha era da "Mindello" e atracámos sem que nos fizessem fogo. Como a caldeira já não tinha vapor, accendeu de novo, e d'ahi a pouco, comboiados pela lancha a vapor da "Trajano" viemos para bordo da "Mindello", onde chegámos pouco depois das 8 horas, contando eu o caso, ficando a lancha amarrada a bordo, e passando para a corveta o marinheiro e o cabo.

Deus guarde a V. Ex.ª.—Bordo da lancha "D. Maria" amarrada na corveta "Mindello" no Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro commandante da corveta "Mindello".

Manuel Francisco Quadros
Machinista da lancha "D. Maria"

Documento C

Officio do commandante da «Mindello» ao encarregado de negocios ácerca do incidente já narrado

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Em additamento ao meu ultimo officio de 11 de janeiro tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex.ª a copia da communicação que me foi dirigida pelo machinista da lancha "D. Maria„, sobre o conflicto com ella havido no caes da Harmonia.

Como V. Ex.ª vê, o assumpto merece toda a sua desvellada attenção porque além da tentativa de aprisionamento houve insultos dirigidos á guarnição da corveta em geral, e obscenidades revoltantes ao marinheiro que representava a minha auctoridade na referida lancha.

Mais uma vez reitero o pedido que a V. Ex.ª fiz para que me seja dada uma completa reparação sobre assumpto tão grave.

Deus guarde a V. Ex.ª—Bordo da corveta "Mindello„, surta na bahia do Rio de Janeiro, 13 de Janeiro de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Dr. Manuel Garcia da Rosa, encarregado de negocios de Portugal.

O commandante, *Augusto de Castilho*
Capitão de fragata

Documento D

Telegramma do commandante da corveta «Mindello» ao conselho do almirantado

Rio de Janeiro, 12 de Janeiro de 1894.

Hontem official subalterno terra em nome do governo, empregar todas as diligencias possiveis aprisionar lancha mercante nosso serviço, motivo suspeitar connivencia esquadra. Lancha tinha marinheiro meu, já regressou debaixo de fogo, vindo cabo brazileiro dentro. — Hoje mandei restituir cabo. — Escrever pela primeira mala com a maior energia e celeridade ministro de Portugal pedir com a maior instancia exigir a devida satisfação.—Chegou sem novidade "Aquidaban„.—Chegou sem novidade almirante americano. — Situação muito grave.

Documento E

Officio do encarregado de negocios de Portugal ao commandante da corveta «Mindello» sobre conflictos

Legação de Sua Magestade Fidelissima. — Rio de Janeiro, 13 de Janeiro de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Tenho a honra de accusar a recepção dos officios de V. Ex.a de 29 de Dezembro ultimo e de 11 do mez corrente, em que se serve dar conhecimento a esta Legação de novas occorrencias que tanto lamento.

De novo me dirijo hoje ao Governo brazileiro e aguardo a sua resposta. Não sei se occorrencias d'esta ordem deveriam ser tratadas em nota collectiva entre os representantes que teem aqui vasos de guerra. Se V. Ex.a lhe parecer, converse a este respeito com os seus illustres collegas a vêr de que accordo os acha.

Deus Guarde a V. Ex.a. — Ill.mo e Ex.mo Sr. conselheiro Augusto de Castilho, commandante da corveta "Mindello".

Manuel Garcia da Rosa.

Documento F

Convocação de uma reunião de commandantes por causa de bombardeamentos, perigosos para os navios mercantes e de guerra estrangeiros

U. S. Cruiser "Charleston". — Rio de Janeiro, Brazil. — January, 10, 1894.

Sir: —We all noticed the firing yesterday afternoon. between the guns on Caquirada (Bom Jesus) island and the Insurgent vessels, the "Trajano" and "Guanabara". As this firing was across the position, or nearly so, now occupied by merchant vessels, and also across the line of safety for anchorages, given verbally but officialy, by the captain of the Port: Would it not be well to meet and represent this condition to the Brazilian Government? If yes, come on board at 9 A. H. to-morrow (Thursday).

Very respectfully, *Henry F. Picking*, Captain, U. S. Navy. Senior Officier Present. — To the Commanding Officer, "Mindello".

Documento G

Nota dos commandantes superiores ao corpo diplomatico sobre o fogo de artilheria da ilha do Bom Jesus

United States Cruiser "Charleston„ Rio de Janeiro, Brazil.

The Senior Naval Representatives of the United States of America, France, Portugal, England, and Italy have the honor to inform their respective Diplomatic Representatives that they have observed with great surprise, the firing from heavy guns from the battery on Caquirada (Bom Jesus) Island at two vessels of the Insurgents, the *Trajano* and *Guanabara*, lying to the northward and westward a short distance from Enchadas Island. This firing was commenced by the guns on Caquirada Island, and was replied to, by the heavy guns on the two vessels. The zone fired over was that in which the merchant ships of many nations lie at anchor. A premature explosion of shells, from either side, which not infrequently happens, might have destroyed both life and property.

This seems a strange coincidence after the letter received by the Senior Commanders, through their Diplomatic Representatives, from the Minister of Foreign Affairs for the Brazilian Government, dated January 5.th, and also after the fact that this position for anchoring was given us, verbally, but officially, by the Captain of the Port, and we enclose a communication which shows this to be the case absolutely.

A. Aubry, Commanding Naval Forces of Italy.
Jas Rollestone, Commanding English Naval Forces.
Augusto de Castilho, Commanding Naval Forces of Portugal.
de Barbeyrac S. M., Commanding Naval Forces of France
Henry F. Picking, Commanding Naval Forces.

January 11.th, 1894.

Documento H

Doc. appenso ao precedente marcando a zona de ancoradouro determinada pelo governo para navios estrangeiros

Rear Admiral Magnaghi, commander-in-chief of Italian Naval Forces.—Captain Picking, commander of U. S. A. Naval Force.—Rio de Janeiro, 26th December 1893.

I have the honour to inform you that following the suggestion expressed by the superior commanders of all Naval Forces present in Rio de Janeiro., I sent an officer to ask the captain of the Port to indicate the space assigned for the anchorage of merchant and war vessels· The reply was made verbally but officially, and a line was traced on the plan of the bay, fixing the limits of the safe anchorage for all ships.

With the greatest consideration. — Yours sincerely, *G. B. Magnaghi.*

U. S. Cruiser "Charleston„, December, 27, 1893.

The line was traced by the Italian officier who communicated the information to this vessel . starting from Caju Point, passing over Chapeo do Sol and ending at Vianna island. The safe anchorage for foreign vessels was indicated to the northward of said line.

John R. Edie, Ensign "U. S Navy„.

Documento I

Nota do corpo diplomatico á reunião dos commandantes superiores de forças navaes estrangeiras, enviando uma nota do governo.

The Representatives of England, Italy, the United States, France, and Portugal, have received from the Minister of Foreign Affairs of the Federal Government a communication, dated the 8th of the present month, replying io their communication of the 2nd of January, which they have had the honor of communicating to the senior commanders of their respective nationalities on the same date of January 2nd.

The Representatives of the above named Powers hasten to send, enclosed, a copy of the communication, dated January 8th, from the Minister of Foregn Affairs.

Petropolis, January, 9, 1894.

Documento J

Nota do ministro das relações exteriores ao corpo diplomatico. Doc. a que se refere o precedente.

Translation.

By their official communication of the 2.nd of the present month, the Representatives of England, Italy, the United States of America, France and Portugal, have communicated to the Minister of Foreign Affairs that the commanders of the Naval Forces of their respective nations ere in possession of authentic and positive information, which proves that heavy guns have been mounted on Castello Hill, and at the same place they are in the act of mounting others and also a number of guns of small calibre, all these guns being placed in batteries and protected by bags filled with sand.

The Vice President of the Republic having announced, the 5.th of last October, that he was going to give the order to remove the guns from the batteries, the commanders can only regard the mounting of the guns on Castello Hill as a breaking of the agreement of the date mentioned, and giving the city of Rio de Janeiro the position of a fortified town.

Under these circumstances the commanders need no longer consider themselves under the obligation to maintain the attitude they assumed against Mr. Mello, and later against Mr. Saldanha da Gama.

The commanders are rightly informed when they affirm that new guns are placed on Castello Hill, but they will permit this rectification, that these guns are not placed in batteries; they are like the old guns, back of the batteries, which indicates no intention of using them immidiately, and is not contrary to the agreement of October 5.th.

The Vice President of the Republic would be failing in his duty to the nation, if he permitted the Insurgents to proceed freely in the pursuit of their criminal undertaking. Four months have passed away since Mr. Mello rose against the legal Government of his country, and during all this time the city of Rio, wich was considered as unprotected, notwithstanding the existence of cannon on some of the heights in the city, has been bombarded vigorously.

In this bombardment, almost daily, the Insurgents will not confine themselves to attack the troops that defend the water front, but they have fired into the interior of the city. Now Mr. Saldanha

da Gama threatens to use his heavy guns. He will have changed the instruments of destruction not the process. The agreement has been broken on his side for a long time.

The Representatives desire that, for the security of those of lheir nationality who live in the city of Rio de Janeiro, and the foreign ships anchored in the harbor, the Federal Government will accord a delay of 48 hours, at least, before opening fire from the batteries established in said city. On this point the Minister of Foreign Affairs can only repeat the assurances contained in his preceeding communication.

Rio de Janeiro, January Sth 1894.

Documento K

Nota dos commandantes superiores ao corpo diplomatico, rebatendo asserções do governo, contidas no documento precedente.

United States Cruiser "Charleston„ Rio de Janeiro, Brazil.

The Representatives of the United States of America, France, Portugal, England, and Italy, in conference assembled, have read the note of the Minister of Foreign Affairs of the Brazilian Government, dated January 8.th 1894.

The Senior Naval Commanders are very much surprised at the statement made in this note. A sketch is enclosed showing the exact position of the guns in battery on Castello Hill, made by two Naval officers, at different times, on December 28.th.

It was reiterated by these officers that the guns were capable of being fired immediately. All that is necessary to do, which would take but a minute, is to knock out some of the bags filled with clay which are placed to mask the guns from view outside, and these guns can be immediately fired. The Senior Commanders and their officers have often noted the firing from and against the city by small arms and rapid fire guns, and it was frequently seen

that the first shot was fired from the shore, which right the Government officially declared not to abdicate.

(Signed). *A. Aubry*, Commanding Naval Forces of Italy.
S. Rollestone, Commanding English Naval Forces.
Augusto de Castilho, Commanding Naval Forces of Portugal.
De Barbeyrac S. M., Commanding Naval Forces of France.
Henry F. Picking, Commanding Naval Forces of the United States of America.

January 11, 1894.

Documento L

Telegramma do conselho do almirantado ao commandante da «Mindello»

Lisboa 12 Janeiro 1894.

Estão Pernambuco tres navios governo Brazil destino Rio de Janeiro, um armado peça lançar torpedos aereos grande effeito. Deve regressar immediatamente Gonçalves Pinto.

Secretario

Documento M

Telegramma do conselho do almirantado ao commandante da «Mindello»

Lisboa 12 Janeiro 1894

Visto deficiencia noticias nosso representante informe com urgencia se ha segurança subditos portuguezes, qualquer occorrencia extraordinaria.

Secretario

Nota n.º 18

Rio de Janeiro, 1 de janeiro de 1894.

Ao conselho do Almirantado

1.ª Repartição

Do commando da corveta «Mindello.»

Summario: Correspondencia do corpo diplomatico com o governo brazileiro sobre os perigos do actual ancoradouro. — Correspondencias ácerca do estabelecimento de uma estação sanitaria fluctuante. — Rectifica-se a data da tomada de Mocangué pelos revoltosos. — Consequencias da occupação das ilhas.—Boatos de desembarques na costa de Leste. — Chegada do grande cruzador americano «New York». — Poderosa demonstração de força dos Estados Unidos; varias opiniões sobre este ponto. — Animosidade de brazileiros contra estrangeiros em geral, e portuguezes em especial. — Tiroteios entre a terra e o mar. — Uma praça da «Affonso d'Albuquerque» cahe ferida a bordo.—Communica-se ao almirante americano. — A policia de terra requisita a comparencia dos tripulantes da lancha «D. Maria»; esses tripulantes fogem a nado para um navio revoltoso. — Mau estado da minha saude, que me obrigou a desembarcar para me tratar. — Insta-se pela necessidade da retirada da «Mindello». — Doença de varias praças.— A febre amarella.

Juntos serão encontrados varios documentos que envio por copia para completo esclarecimento de assumptos tratados por intermedio do corpo diplomatico com o governo brazileiro.

Doc. B. — Nota do corpo diplomatico ao ministro das re-

lações exteriores ácerca do fogo de artilheria que por vezes tem sido feito entre a ilha do Bom Jesus e alguns dos navios da esquadra revoltada, e que tem feito correr risco aos navios estrangeiros de guerra e mercantes ancorados na zona marcada pelo governo.

Doc. A. — Nota do corpo diplomatico aos commandantes superiores das forças navaes estrangeiras enviando copia da nota precedente.

Doc. C. — Nota do corpo diplomatico aos commandantes superiores accusando recepção da communicação ácerca do artilhamento do morro do Castello.

Doc. D. — Nota do corpo diplomatico aos commandantes superiores de forças navaes estrangeiras ácerca do estabelecimento de uma estação sanitaria fluctuante na bahia do Rio de Janeiro. N'esta nota parece querer o corpo diplomatico dar-nos lições de conveniencia politica internacional!

Doc. E. — Nota do corpo diplomatico ao ministro das relações exteriores rememorando o que se passou na entrevista d'este ministro brazileiro com o decano do corpo diplomatico ácerca das medidas a tomar para garantir quanto possivel as guarnições dos navios estrangeiros contra a invasão da epidemia da febre amarella.

Ficamos aguardando a resposta definitiva do governo sobre este urgente e muito importante assumpto, a qual communicarei para ahi opportunamente.

Mencionei na ultima nota a retomada da ilha do Mocangué pelas forças dos revoltosos; não era verdadeira essa noticia: a ilha de Mocangué Grande só por elles foi retomada na madrugada de 16, depois de um activo bombardeamento contra a ponta da Armação, no qual tomaram parte os navios «Aquidaban» e «Tamandaré».

Com a occupação d'estas ilhas todas pelos insurgentes, a saber: Mocangué, Vianna, Velha, Conceição e Engenho, fica como já disse dominada a linha ferrea de Nictheroy, a qual passa muito perto do litoral oriental da bahia. Por esse motivo estão quasi interrompidas as communicações entre esta capital e a do Estado do Rio de Janeiro por via terrestre. Ficam ainda

as communicações por agua da praia Vermelha para Santa Cruz, mas essas são sempre, para o governo, difficeis, por falta do sufficiente numero de embarcações a vapor.

Em consequencia d'isto, um general que pelo governo fôra mandado por via terrestre, para tomar o commando das forças legaes que guarnecem Nictheroy, não poude chegar á estação de Sant'Anna e retrocedeu, tendo depois que emprehender viagem por Santa Cruz.

Tem corrido o boato de que gente dos revoltosos teria desembarcado na costa de Leste para marchar sobre Santa Cruz e Nictheroy; mas para mim tal noticia parece-me, pelo menos, prematura, por isso que, a dar-se tal, deveriamos já ter observado grande movimento e tiroteio na cidade fronteira.

Em 16 entrou n'este porto o grande cruzador protegido americano «New-York» do commando do capitão de mar e guerra Philip, que vem reforçar as forças navaes d'aquella nação. Ficam hoje portanto n'esta bahia cinco grandes, modernos e poderosos navios dos Estados Unidos da America, ás ordens do contra-almirante Benham, sem que se possa adivinhar o que significa tão vigorosa demonstração de força.

Dizem uns, que os Estados Unidos querem usar de todos os meios para evitar que triumphem quaesquer velleidades monarchicas que porventura se contenham nas ambições nebulosas e contradictorias dos revoltosos; dizem outros que aquella poderosa potencia americana quer preponderar sobre quaesquer influencias de outras nações européas, para defender a theoria de Monröe e evitar que aqui se insinuem os Europeus; dizem ainda outros que os Estados Unidos querem em um dado momento, intervir pela força para fazer cessar esta demorada guerra que está arruinando o paiz, fazendo que se estabeleça um governo que dê garantias de ordem e progresso, que é a divisa da bandeira republicana, e que nunca nos *ultimos* quatro annos, tem sido ainda posta em pratica de uma maneira vigorosa e segura.

O que haverá de verdade n'estes diversos boatos não o posso eu saber; parecendo-me comtudo, que todas as nações deve-

riam estar de sobre-aviso, bem informadas pelos seus representantes diplomaticos n'este paiz, e promptas a tomar, de commum accordo, um procedimento que salvaguardasse os interesses de vidas e de propriedades dos numerosissimos estrangeiros que aqui residem. Não devemos esperar que se dêem os acontecimentos para então tomar uma deliberação; é melhor ter previsto as diversas hypotheses e estarmos preparados para cada uma d'ellas.

A animosidade dos Brazileiros para com os estrangeiros em geral e para com os Portuguezes e Inglezes em especial, é muito grande; e, qualquer que venha a ser a solução d'esta ingente lucta, teremos que presencear scenas de sangue horrorosas. Se vencer o governo, assumirá elle uma attitude ainda mais arrogante e altiva do que até agora; a populaça armada e victoriosa que constitue os batalhões patrioticos, a guarda nacional, etc., ha de querer vingar-se dos aggravos que julga ter dos estrangeiros, e exercerá o saque das suas casas e talvez assassinatos sem conto. Se vencer a revolta, veremos quasi os mesmos resultados; porque, vendo-se o governo perdido incitará á anarchia essas hordas indisciplinadas para crear ao partido triumphante uma situação difficil de serenar e resolver. Em qualquer dos casos far-se-hão com certeza muitas prisões e execuções em muito mais larga escala do que até agora!

Parece me que o corpo diplomatico deveria já ter-se preoccupado com todas estas cousas, e buscado avistar-se com os commandantes superiores de forças navaes, procurando ao mesmo tempo receber instrucções dos respectivos governos para tão melindrosa situação. Não é a nós certamente que, em assumpto como este, cumpre tomar uma iniciativa.

Na tarde de 17 houve bastante tiroteio entre a cidade e algumas lanchas e navios da esquadra. Pelas 7 h. 45 m. p. m. o conductor de machinas de 2.ª classe Francisco Simões Pires, n.º 104/3:448 da 12.ª companhia do corpo de marinheiros da armada foi inesperadamente ferido por projectil de arma de fogo, achando-se elle sentado no castello, virado para a amura de B B. O ferimento foi feito junto do angulo interno da homaplata esquerda, parecendo que a bala viria da direcção da

terra. Foram logo ao ferido prestados todos os soccorros pelos facultativos dos dois navios, reconhecendo elles que a bala deve ter ficado alojada dentro do corpo, que toda a região da homoplata está dolorosa á pressão impedindo os movimentos da articulação do hombro, mas que a respiração estava normal e o pulso regular. Concluem d'aqui os peritos que os orgãos essenciaes não foram atacados. As diligencias para a extracção da bala foram infructiferas, não julgando os medicos dever explorar mais a ferida para não aggravar a situação do doente que é tão satisfatoria quanto possivel. (Doc. F. G. H.)

Communiquei o occorrido ao almirante americano, (Doc. I) e tendo este convocado em 18 uma reunião dos commandantes superiores de forças navaes, reconheceu-se que não havia logar para protestar perante qualquer dos partidos em armas, por se ignorar ao certo se o ferimento era resultado de tiro disparado da terra ou do mar. Caso venha o projectil a ser extrahido, poder-se-ha pela sua fórma averiguar a qualidade da arma a que elle pertencia, não me parecendo hoje porém que em todo o caso haja motivo para dirigir a quem quer que seja uma reclamação, sobre um facto que é meramente um incidente de guerra e não um acto intencional.

Depois do que occorreu á lancha «D. Maria», e que foi narrado na ultima nota, ficou aquella embarcação inactiva junto á corveta «Mindello» com os seus tres tripulantes, machinista, fogueiro e marinheiro, todos subditos brazileiros. Não obstante dizerem-me que a lancha incriminada era a «Maria» e não a «D. Maria», não quiz eu expôr esta e os seus tripulantes a qualquer acto violento da parte da gente de terra. Entretanto a policia, que já tinha prendido em terra o patrão da lancha e o proprietario, sollicitou, pelo consulado geral de Portugal, que lhe fossem mandados apresentar os tres que a meu bordo estavam (Doc. J e K). Respondi ao consul que, no estado da questão, tendo estes individuos buscado refugio a meu bordo, não podia eu entregal-os sem praticar um acto deshumano e indigno, ou sem que me fosse dada certeza de que elles não ficariam encarcerados. Sabendo, porém, aquelles desgraçados o pedido que a respeito d'elles me fôra dirigido, lançaram-se todos ao

mar e nadaram para bordo do vapor «Marte», sujeito á revolta, o qual estava proximo de nós, e conseguiu mandal-os soccorrer e recolher a bordo, primeiro que a elles pudesse ter chegado uma embarcação nossa.

É claro que tratando-se de subditos brazileiros, que assim de seu motu-proprio sahiam do seu navio em busca de um revoltado, não tinha eu direito para dirigir a este qualquer reclamação ou exigencia de entrega, ficando assim terminado, e a meu vêr muito satisfatoriamente, um incidente desagradavel e que podia complicar-se muito.

Estou desde hontem residindo em terra, no consulado portuguez, para me tratar com cuidado, e com mais commodidades do que a bordo posso ter. Estou padecendo de um eczêma na perna esquerda, proveniente de uma queimadura com acido phenico, occorrida ha mais de dois mezes, e que me tem debilitado consideravelmente. Encarreguei provisoriamente o commandante da corveta «Affonso d'Albuquerque» de resolver superiormente qualquer occorrencia imprevista e urgente, e participei ao almirante americano que deveria convocar o commandante Teves, para qualquer conferencia que elle tivesse de reunir durante a minha ausencia.

Continuo a instar pela necessidade de fazer retirar a corveta «Mindello», a qual carece todavia de fazer a viagem de regresso com todo o vagar, tocando nos diversos portos onde a presença de um navio de guerra portuguez é sempre util, e fazendo-a chegar a Portugal em estação menos prejudicial do que póde ser o inverno. Terei talvez que mandar para Lisboa o primeiro sargento Lucas, que está doente; tenho um aspirante da machina tambem um tanto anemico; estão todos cançados do serviço penosissimo que aqui teem desempenhado, e com direito a recolher ao reino. A febre amarella vae-se desenvolvendo com intensidade, e não acho justo que a ella se exponha desnecessariamente esta guarnição.

E' certo ter eu dito que era necessario fazermos aqui uma demonstração de força; quizera eu mesmo que viesse um vice-almirante ou um contra-almirante mais antigo do que o americano, para termos a supremacia na direcção dos nego-

cios das conferencias. E como isso porém é impossivel, nas presentes condições precarias da nossa marinha, acho que uma corveta satisfaz perfeitamente

O commandante, *Augusto de Castilho*
Capitão de fragata

Documento A

Nota do corpo diplomatico aos commandantes superiores alludindo ao documento precedente

Translation.

The Representatives of England, Italy, the United States of America, France, and Portugal have the honor to acknowledge the receipt of the note of the 11.th of January, which was addressed to them by the Senior Commanders of the Naval Forces of their respective nationalities. They did not fail, in accordance with that communication, to send to the Minister of Foreign Affairs of the Federal Government a note, of this date, reiterating the request previously formulated, particularly on the 24.th of December, in regard to the demarcation of an anchorage offering every safety to vessels of war as well as to merchant ships.

Petropolis, January 14, 1894.

Documento B

Nota do corpo diplomatico ao ministro das relações exteriores sobre perigos no ancoradouro dos navios estrangeiros

Translation of copy.

The Representatives of England, Italy, United States of America, France and Portugal, have received from the Commanders of the Naval Forces of their respective nationalities a communication informing them that the line of fire of the batteries establi-

shed on Bom Jesus Island crosses the line of refuge of the merchant ships, these finding themselves menaced by the premature explosion of projectiles coming either from these batteries or the insurgent ships.

The Representatives of the forenamed Powers have the honor to call the attention of His Excellency, the Minister of Foreign Relations to these facts, whence it appears that the zone indicated by the Captain of the Port for the anchorage of merchant vessels might be struck by the fire of the batteries of Bom Jesus Island.

They renew, in consequence, the request which they made in their note, dated the 24.th of last December, to designate an anchorage, offering every safety as well to war vessels as to merchant ships.

Petropolis, January 14.th, 1894.

Documento C

Nota do corpo diplomatico aos commandantes superiores accusando recepção da outra

Translation.

The Representatives of England, Italy, the United States of America, France, and Portugal have the honor to acknowledge the receipt of the note which the Commanders of the Naval Forces of their respective nationalities addressed to them, dated the 11.th of the month.

They thank them for the communication and the sketches appended to it, whichis conform to their communication dated the 1st of the month.

Petropolis, January 14, 1894.

Documento D

Nota do corpo diplomatico aos commandantes superiores sobre uma estação sanitaria fluctuante e hospitaes

Translation.

The Representatives of England, Italy, United States of America, Austro-Hungary, France, and Portugal, have the honor to acknowledge the receipt, from the Senior Commanders interested,

of the note and the three papers appended, dated the 8th of January, which they addressed to them concerning the necessity of establishing a floating sanitary station, intended to provide the necessary attentions to the crews of the merchant vessels, which might be attacked by yellow fever, and to remove the sick to the two Brazilian hospitals of S. Sebastian and of Jurujuba.

The Representatives of the above Powers have the honor to remark to the Senior Commanders that the sanitary station in question is established in the national waters of Brazil, and that the hospitals which would receive the sick of all nationalities attacked with yellow fever are Brazilian Hospitals. Under these circumstances it belongs to the Federal Government to establish the sanitary station in question, to advise the means material to its establishment and of its service, and to designate the medical authorities capable to report the cases of contagion, as well as the sanitary authorities equally capable of arranging the transportation of the sick into the two hospitals of S. Sebastian and Jurujuba.

The Representatives of the Powers interested think now that it would not be expedient to choose, for the Federal Government, for the sanitary station in question neither a vessel of a particular nationality, such as the merchant vessel «Republic», nor as a medical authority a foreign personality such as Doctor Anwyl: the Federal Government remaining master to designate and choose the one and the other.

However under the existing circumstances this sanitary station ought to be protected by a neutral flag that cannot be assailed, such as the red cross, and should be placed under the joint protection of all the naval forces.

It is in this sense that the Representatives of England, Italy, the United States of America, Austro-Hungary, France, and Portugal, have addressed to the Minister of Foreign Relations of the Federal Government a note, which they have the honor of addressing, a copy, appended to the Senior Commanders of the Naval Forces of their respective nationalities.

Petropolis, January 14, 1894.

Documento E

Nota do corpo diplomatico ao ministro das relações exteriores a que allude o precedente documento

The Representatives of England, Italy, the United States of America, Austro Hungary, France and Portugal have received from the Senior Commanders of the Naval Forces of their respective nationalities, a communication, dated January 8t, with three papers appended, informing them of the necessity of advising proper sanitary measures to fight the yellow fever on board the vessels anchored in Rio de Janeiro Bay.

The dean of the Diplomatic Corps, the 11th of the present month, had an interview witn the Minister of Foreign Relations of the Federal Government, in which Mr. Cassiano do Nascimento informed him that in view of the present circumstances, the Federal Government had already given orders in order that the hospital of S. Sebastian, which was intended under ordinary circumstances to receive only those yellow fever patients coming from shore, should also receive the sick with the same disease coming from the crews of war and merchant ships.

His Excellency added more: that the hospital of S. Sebastian would receive yellow fever patients from the insurgent forces, in order to avoid their being sent to Enchadas where there are ambulances.

With a view of completing these arrangements, the Representatives of the above named Powers, at the request of the Commanders of the Naval Forces of their respective nationalities, have the honor to call the attention of the Federal Government to the necessity of establishing temporarily in the harbor, medical and sanitary authorities capable to ascertain the cases of yellow fever which might be signalated to them on board the merchant ships, and to arrange for the transportation of the sick of this disease to the hospitals named S. Sebastian and Jurujuba. The medical and sanitary authorities, designated hy the Federal Government, might be stationed on some merchant ship, flying some distinctive flag such as the "red cross", thus constituting a floating sanitary station, to which conventional signals might be made by the merchant vessels having yellow fever patients on board, to request a call of the doctor.

The infected merchant ships should receive an order to occupy an isolated position in Rio de Janeiro Bay, and the foreign com-

manders also suggest that it would be expedient to send the ships to Ilha Grande, where the quarantine station offers them refuge and all proper attention.

However the Representatives of the above named Powers have the honor to remark that the last measure should not be adopted unless an anchorage, isolated and out of the line of fire, cannot be designated by the Federal Government.

The Senior Commanders of the Foreign Naval Forces interested, have likewise suggested that it would be necessary that the Federal Government should advise means material to the establishment of this floating sanitary station in Rio de Janeiro Bay, and for the transportation of the sick, material means that would be protected by the same unassailable flag of the "red cross„, and placed under the common and joint protection of the Naval Forces.

The Representatives of England, Italy, the United States of America, Austro-Hungary, France, and Portugal have the honor to call the attention of His Excellency the Minister of Foreign Relations to the preceding considerations, and beg him to inform them as soon as possible the intentions of the Federal Government in regard to these various propositions.

Petropolis, January 14, 1894.

Documento F

Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 1894.

Ao Commando da Corveta «Mindello.»-Do Commando da Corveta «Affonso de Albuquerque»

Para mais promptamente poder dar conhecimento a esse commando de uma occorrencia grave que hontem pelas 7 horas e 45 minutos da noite teve logar a bordo d'este navio, qual a de ter sido ferido com um tiro de bala de espingarda, vindo de terra, ou de algum dos navios que estão fundeados entre esta corveta e a terra, o conductor de machinas de 2.ª classe, Francisco Simões Pires, que se achava sentado em cima do castello de prôa, conversando com outros camaradas, junto envio os originaes das partes que acabo de receber do official de serviço, e do medico d'este navio ácêrca da referida occorencia.

Commandante, *Francisco de Paula Teves.*

Documento G

Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 1894.

Ao Commando da Corveta «Affonso de Albuquerque». Do medico naval de 2.ª classe da referida Corveta.

Communico a V. S.ª que pelas sete horas e cincoenta e dois minutos da noite de 17 de janeiro, fui chamado, por me achar a bordo da Corveta "Mindello„, para prestar os soccorros a um ferido do meu navio. Cheguei a bordo e dirigi-me á coberta, onde se achava o ferido, deitado sobre o decubito lateral direito, nú da cintura para cima e com impossibilidade absoluta de qualquer movimento da articulação escapulo-humeral esquerda. Pela simples observação, notei uma pequena abertura arredondada, lembrando logo um ferimento por arma de fogo, junto do angulo interno da homoplata esquerda e pela qual não se fazia a mais ligeira hemorrhagia. Toda a região da homoplata esquerda dolorosa á pressão não permittia movimento algum da articulação do hombro. A respiração normal e o pulso regular provam que orgãos essenciaes não foram atacados e por isso entendi não dever explorar a ferida, que podia complicar. É evidente, que esta nota, que remetto a V. S.ª, não é um exame completo do ferido, mas unicamente a participação, que na enfermaria d'esta corveta entrou um doente ferido, penso eu, por arma de fogo. N'esta observação fui acompanhado pelo meu collega Benevolo Luiz da Fonseca, que plenamente concordou com o meu procedimento perante o ferido.

Julio de Moura Borges.

Documento H

Ao commando da corveta «Affonso de Albuquerque».— Do official de serviço do mesmo navio em 17 de Janeiro de 1894

Rio de Janeiro, 18 de Janeiro de 1894.

Cumpre-me participar a V. Ex.ª que hontem, 17 de Janeiro de 1894 pelas 7 h. 45 m. (p. m.), quando começou um fortissimo tiroteio de fuzilaria e metralhadora para os lados do Caes da Harmonia, na bahia do Rio de Janeiro, estando eu no patim superior do

portaló de estibordo ouvi a bordo uns gritos que partiam da prôa do navio; voltando-me para saber o que era que se passava, fui logo avisado de que uma praça do navio fôra ferida por uma bala. Immediatamente mandei arriar o segundo escaler que foi a bordo da corveta "Mindello„ chamar o medico da corveta "Affonso de Albuquerque„ que ali se achava.

Partido que foi o escaler, dirigi-me á coberta, onde já se achava o ferido, que para ahi tinha sido acompanhado pelo official immediato e pelo enfermeiro, aos cuidados do qual ficou entregue, reconhecendo eu então que o ferido era o conductor de machinas de 2.ª classe, Francisco Simões Pires n.º 104/3448 da 12.ª companhia do corpo de marinheiros da Armada. Pelas 7 h. 57 m. (p. m.) chegou a bordo o medico do navio, acompanhado pelo medico da corveta "Mindello„ que depois de observarem o ferido declararam que o ferimento parecia ter sido feito por uma arma de fogo. Na occasião do facto estava o navio aproado á fortaleza de Santa Cruz, e o conductor Pires achava-se sentado no castello de prôa a bombordo com as costas para ré e um pouco para estibordo. Segundo as indicações do ferido, parece ter elle ouvido, antes de ferido, um ruido de granada metalica, e que no momento de se virar para ver o que era, faltou-lhe a respiração e cahiu. Do lado de bombordo não senti eu, nem nenhum dos officiaes que estavam em cima do tombadilho, tiro algum. Por tudo isto sou levado a crer que a bala que feriu o conductor devia ter sido disparada de longe e do lado da cidade, podendo ser de terra ou do mar, onde n'aquelle momento rebentara como acima disse um fortissimo tiroteio de fuzilaria, e que o ferimento devia ter sido feito depois da bala ter ricochetado.

Achavam-se perto do conductor Simões Pires na occasião em que este foi ferido, o serralheiro de 2.ª classe, Carlos Augusto da Rocha n.º 29/287 da 8.ª companhia e os conductores de machinas de 1.ª classe Carlos Augusto Fernandes Serra, n.º 12/3415 da 4.ª companhia e Antonio Baptista n.º 17/3436 da 12.ª companhia, todos do corpo de marinheiros da Armada.

Bernardo de Mello Castro Moreira

2.º tenente.

Documento I

H. M. F. M.'s S. "Mindello„.—Rio de Janeiro, Brazil, the 18.th January 1894.

Rear Admiral *A. E. K. Benham.*— U. S. Navy. Commander in chief of the naval forces of the United States of America, Senior foreign naval officer present.

Sir — I have the honor to inform you that yesterday evening, at about half past seven, one man belonging to the crew of H. M. F. M's S. "Affonso d'Albuquerque„ in the engines department, while standing on the forecastle, was suddenly hit by a rifle bullet between the homoplat and one of the ribs. The bullet penetrated deeply into the man's body and has not as yet been extracted. It appears that it came from the shore side.

The "Albuquerque„ is anchored exactly in the line marked by the Port Captain as the southern boundary of the zone in which foreign vessels could be considered in safety.

Submitting this strange occurrence to your wise apreciation, and hoping that some steps might perhaps be taken in order to protest against it,

I remain your most obedient humble servant.

Aug. de Castilho

Commander, Portug. R. N.

Documento J

Consulado geral de Portugal no Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Para os fins convenientes, passo ás mãos de V. Ex.ª por copia, o officio em que o 2.º Delegado de Policia pede que lhe sejam apresentados o machinista, foguista e marinheiros da lancha "D. Maria„ afim de serem interrogados sobre objecto policial.

Deus guarde a V. Ex.ª

Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Augusto de Castilho, M. D. chefe da Divisão Naval Portugueza.

Frederico Correia Lima

Chanceller encarregado do consulado.

Documento K

Segunda Delegacia Auxiliar da Policia da Capital Federal. = Rio de janeiro, 12 de Janeiro de 1894. Numero 15. = Ao Sr. Consul Geral de Portugal. = Rogo-vos digneis providenciar no sentido de que sejam apresentados a esta Delegacia o machinista, foguista e marinheiros da lancha "D. Maria„, que actualmente trabalha sob a proteção da bandeira portugueza, e que é propriedade de Antonio Pereira dos Santos, afim de serem interrogados sobre objecto policial. = Ao Sr. Consul renovo os protestos de consideração e respeito. = Saude e Fraternidade. = O segundo Delegado Auxiliar. = Assignado = *Dr. Francisco Correia Dutra.*

Está conforme. = Consulado Geral de Portugal no Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1894.

Frederico Correia Lima
Chanceller encarregado do consulado.

Nota n.º 20

Rio de Janeiro, 30 de Janeiro, de 1894.

Ao conselho do Almirantado

1.ª Repartição

Do commando da corveta «Mindello».

Summario:—O commandante da «Mindello» continúa doente.—Boletim official do commando das forças revoltosas á esquadra.—Segundo manifesto do almirante Saldanha da Gama; sua critica. — Mais documentos sobre o desarmamento da ilha Bom Jesus. — Ordem do Benchimol de Buenos Ayres para a entrega do «Cidade do Porto» aos revoltosos. — Telegrapha-se para Lisboa a esse respeito. — Instrucções incomprehensiveis. — Resolução definitiva de não consentir a entrega do vapor. — Movimentos de navios de guerra brazileiros nos portos do Norte. — Uma lancha de carvão com bandeira ingleza é confiscada pelos revoltosos. — Pedem todos os commandantes superiores instrucções sobre o assumpto aos seus governos. — Varios boatos. — O Estado do Paraná em poder dos revoltosos.—O almirantado telegrapha sobre a retirada da «Mindello» opportunamente. — Considerações sobre o mau estado do navio e da guarnição, e em especial do commandante. — Participação official do almirante americano sobre um conflicto com as

forças revoltosas. — Grande força d'aquella potencia e dos seus representantes. — Correspondencias do Sul sobre o engajamento de estrangeiros nas forças do governo. — Acto magnanimo do almirante Saldanha da Gama. — Circular do almirante Saldanha da Gama sobre as possiveis contingencias de um bombardeamento.

Continúo doente e sem grandes melhoras, residindo no Consulado Geral de Portugal, para estar mais accessivel ao medico especialista que me está tratando, recebendo todavia amiudadas vezes por dia noticias dos navios e transmittindo-lhes as minhas instrucções.

Acho conveniente d'aqui por deante, e adopto desde hoje esse habito, mandar para essa secretaria copia de todos os documentos interessantes que tenham relação com a questão que aqui me tem prendido, e bem assim dos telegrammas trocados comigo por diversas auctoridades sobre o mesmo assumpto.

O documento A é um Boletim official publicado á esquadra provavelmente pelo almirante Saldanha da Gama, tendente a levantar-lhe o espirito mesmo com algumas evidentes fanfarronadas, como são: a fixação da data de 24 do corrente para a tomada do porto de Santos, que ainda está em poder do governo; os grandes melhoramentos feitos ao couraçado «Aquidaban» em Santa Catharina, onde não ha com certeza arsenal para trabalhos d'essa ordem. etc., etc. E' este o primeiro Boletim Official que chega á minha mão, e por isso ignoro se estes documentos são diarios, ou se só são feitos de tempos a tempos, e quando ha assumpto para isso, como é mais provavel.

O documento B é um segundo manifesto do almirante Saldanha da Gama, no qual elle parece querer attenuar a má impressão causada no publico pelo primeiro, attribuindo a falsificação da imprensa essas divergencias. O almirante falla novamente em plebiscito, dizendo que o quer para se saber qual dos systemas de governo republicano a nação deseja. Parece agora que o almirante não pensa já em restauração monarchica, na qual nos quer fazer crer que nunca mesmo pensou,

e termina o seu debil manifesto dando vivas á republica civil, que ninguem sabe ao certo o que quer dizer.

Tenho razões para suppor que o primeiro manifesto do almirante era tão authentico como este, e que, se ha divergencias de opiniões politicas nos dois papeis, proveem ellas de ter o almirante mudado de pensar, por ver que as suas idéas monarchistas não conciliavam as opiniões e adhesões da população brazileira, e antes haviam levantado uma geral e clamorosa indignação contra elle.

O argumento apresentado pelo almirante pedindo que lhe mostrem o original do seu primeiro papel, é pouco leal, porque tendo esse papel saido para o publico, já impresso em uma ordinaria typographia manual da ilha das Cobras, é evidente que o original ali ficou. E se o manifesto que saiu nos jornaes era com effeito, em pontos essenciaes, tão diverso do seu original como elle diz, deveria immediatamente, e logo que assim o viu adulterado, sair a rectifical-o, sem esperar que a opinião publica se houvesse contra elle violentamente manifestado.

Prestava-se este escripto a mais commentarios, que eu agora não faço por falta absoluta de tempo. O que direi apenas, é que os creditos do almirante Saldanha da Gama que tão alto andavam, teem ultimamente decahido consideravelmente; e o seu prestigio, que era superior ao de qualquer outro official da marinha brazileira, não merece já hoje grande consideração. E' bem possivel que venha um dia a restabelecer-se a monarchia no Brazil; mas nem será em consequencia da actual insurreição da esquadra e dos Estados do Sul, nem sobretudo pela influencia do chefe visivel da marinha n'esta bahia.

Os documentos C e D referem-se á resolução tomada pelo governo do marechal de mandar retirar a artilheria da ilha do Bom Jesus em virtude das reclamações a elle dirigidas por nós commandantes superiores estrangeiros, por intermedio do corpo diplomatico. O governo manda retirar a artilheria até que nos seja demarcada uma zona segura para nosso ancoradouro, mas tal zona não foi ainda determinada.

Entretanto parece que os revoltosos tomaram posse da ilha

do Bom Jesus, a qual póde ser para elles um excellente ponto de apoio para atacar a ilha do Governador.

O documento E é uma carta mandada pelo Benchimol de Buenos Ayres, representante ali da firma Benchimol e Sobrinhos, ao encarregado do vapor «Cidade do Porto» para que este entregasse o dito navio ao almirante Saldanha da Gama. Essa carta parece ter sido sollicitada pelos revoltosos, porque foi mandada pelo almirante (antes de ser entregue ao destinatario) ao commandante Teves da corveta «Affonso d'Albuquerque» o qual immediatamente m'a enviou para que eu d'ella tomasse conhecimento, e lhe desse as necessarias instrucções.

Essas minhas instrucções, conteem-se na minha carta semi-official. (Documento F) dirigida ao commandante Teves, da qual deu copia ao official brazileiro que fora enviado pelo almirante Saldanha da Gama. Entendi dever escrever uma carta e não um officio, por diversos motivos — primeiro: porque continuando eu a ser o commandante superior, não obstante não poder residir a bordo, apenas punha na bôcca do meu legitimo successor as palavras que eu queria que elle dissesse; — segundo: porque não tendo havido communicação escripta official do almirante, não havia tambem razão para que eu respondesse por essa fórma; — terceiro: finalmente, porque tendo a questão do vapor «Cidade do Porto» tomado, só por accidente, um caracter official para nós, não valia a pena tratal-a em nota d'essa natureza.

Como se verá, a carta do Benchimol de Buenos Ayres é altamente imprudente; e o acto do almirante mandando-m'a, muito mais imprudente ainda.

Como tenho referido em outras notas para essa secretaria, oppuz-me sempre, desde que o vapor «Cidade do Porto» ficou sem capitão, a que os mantimentos que elle trouxera de Santa Catharina para a esquadra revoltada tivessem esse destino. O almirante Custodio de Mello fez para isso varias diligencias infructiferas. O almirante Saldanha da Gama, servindo-se das suas boas relações comigo, e da sua posição de neutro, instou tambem por varios modos, por emissarios que me enviava, por cartas e pessoalmente, para que eu consentisse que os

mantimentos fossem baldeados para os navios da esquadra. Posteriormente, depois de se ter declarado rebelde, tem renovado essas instancias, sempre com o mesmo negativo resultado.

Em vista do exposto, é evidente que eu não poderia por forma alguma admittir a possibilidade de entregar o navio com os mantimentos, quando me tinha sempre recusado a entregar os mantimentos. E como o acto leviano do Benchimol de Buenos Ayres occasionou a prisão dos socios aqui, muito peiores resultados produziria a execução d'esta sua actual disparatadissima ordem.

Em 26 telegraphei para essa secretaria referindo este negocio (Documento G) e pedindo instrucções, posto me pareça que até aqui tenho andado correctamente, e tenho tido a approvação dos meus collegas commandantes superiores e especialmente a do almirante americano.

A resposta d'essa secretaria (Documento H) não a comprehendo bem, talvez por não interpretar bem o telegramma. Diz o referido telegramma que: *Não posso consentir que um navio sob a minha protecção passe para os revoltosos; mas se não tenho compromisso com o governo legal para evitar que o navio saia, não terei razão para impedir a sua saída do Rio de Janeiro. O procedimento ulterior é de responsabilidade d capitão.*

Não percebo que compromissos eu poderia ter com o governo do Brazil ácerca do «Cidade do Porto», para que evitasse ou permittisse a sua saída. E não sei como tal saída poderia realisar-se estando dois dos donos presos aqui, e o terceiro em Buenos Ayres a dar ordens tão absurdas.

O que é verdade é que os dois Benchimoes que aqui estão, não teem querido intrometter-se de modo algum nos negocios da firma, os quaes se acham por elles quasi praticamente abandonados. O Benchimol de Buenos Ayres não tem a meu vêr auctoridade moral para dar ordens, visto que por deliberação sua comprometteu os seus socios e parentes, e pela actual viria, quando cumprida, a comprometter muito mais esses mesmos socios, o que não era bom, — a comprometter a

minha responsabilidade, o que era peior, — e a comprometter a bandeira portugueza, o que era pessimo.

Parece-me portanto que delibero bem, recusando-me peremptoriamente, e sejam quaes forem as consequencias, á entrega do vapor «Cidade do Porto» aos revoltosos. E se porventura o almirante Saldanha da Gama meditar qualquer acto violento contra o dito navio, como o official seu emissario parece tel-o deixado entrever no decurso da conversação, terei de oppôr á força d'elle a força dos navios em que tenho mando.

Creio que não chegaremos a essa extremidade; mas por prudencia mandei collocar o «Cidade do Porto» entre as duas corvetas, e tenho n'elle de dia e de noite uma guarda de marinhagem. Os documentos n.os 7 e 7-A referem-se á saida de quatro navios de guerra do governo brazileiro de Pernambuco para a Bahia, e o segundo menciona terem ficado ainda no porto mais do Norte sete torpedeiros. Estas noticias communiquei-as para essa secretaria no final do meu telegramma de 26 (Documento I). Ha dias foi pelos revoltosos tomada uma lancha de carvão descarregado de um navio inglez e que levava a bandeira ingleza, declarando o almirante Saldanha da Gama que resolvera não deixar descarregar mais carvão para terra por consideral-o contrabando de guerra. O commandante superior das forças navaes inglezas participou o caso ao almirante americano pedindo-lhe para reunir conferencia, a qual teve logar a 26.

Ficou assentado que cada commandante superior participaria o occorrido ao seu respectivo governo, e lhe perguntaria se o almirante Saldanha da Gama tinha auctoridade para assim proceder; e se no caso contrario deveriamos oppôr a força a quaesquer suas futuras violencias d'esta natureza. E como, no meu entender, só abusivamente o almirante podia ter taes pretensões, perguntava eu mais (Documento I) se devia tambem oppôr a força a analogas violencias praticadas contra outros quaesquer generos de commercio. Mandei immediatamente cessar todo o trafego que se estava fazendo por meio de lanchas com bandeira portugueza e sob minha protecção, para

me não vêr inesperadamente victima de um vexame que eu não tivesse instrucções para reprimir.

Essa secretaria respondeu logo no dia seguinte (Documento J e K) que deveria eu proceder d'accordo com os outros meus collegas commandantes superiores estrangeiros

Communiquei essa resposta sem demora ao almirante americano em nota de 28 (Documento L) respondendo-me elle com a sua da mesma data (Documento M) pela qual se vê que, não tendo os outros commandantes superiores communicado ainda as respostas dos seus respectivos governos, não podia elle ainda convocar outra conferencia.

O Documento N contém varias noticias que aqui teem corrido com muita insistencia ácerca da attitude officiosa do almirante americano para congraçar os dois partidos em lucta. Dava eu mais outras noticias sobre a compra de dois couraçados chilenos por um emissario do almirante Custodio de Mello.

O boato ácerca de intervenção do almirante americano, que eu procurei esclarecer escrevendo-lhe uma carta particular, foi-me por elle desmentido em carta que me diz: «The rumors «you have heard of my having arranged for a cessation of hos«tilities are entirely without foundation». Quanto á tomada do Estado do Paraná pelas forças dos federalistas parece certa. Parece tambem certo ter o governo acceitado serviço de officiaes da marinha chilena dos partidarios do malogrado Balmaceda, e entre outros o do celebre capitão Moraga, que destruiu o cruzador chileno «Blanco Encalada», e acaba de contractar com o governo brazileiro destruir por meio de torpedos o couraçado «Aquidaban» pela retribuição de 500 contos de réis, como referi no meu outro telegramma de 28 (Documento O).

O documento P é um telegramma d'essa secretaria em que se me diz que opportunamente se darão ordens sobre o assumpto da minha nota n.º 5. Supponho que este telegramma se referirá ás ponderações que fiz para ser mandada retirar a corveta «Mindello», e sobre tal assumpto direi mais o seguinte:

A estação está muito insalubre, e a febre amarella propa-

ga-se rapidamente por essa cidade com uma intensidade espantosa, dizendo todos que os navios no porto estão em geral em peiores condições do que a população da cidade. Felizmente as guarnições dos dois navios teem até hoje escapado a este flagello. Ha comtudo doentes de outras molestias, e entre elles dois sargentos que terei provavelmente que mandar para Lisboa em um dos proximos paquetes; e está o estado moral da guarnição em geral, pela forçada e longuissima permanencia a bordo, sequestração de todas as distracções de terra, sensivelmente abatido. Eu proprio estou ha 10 dias em terra, vivendo no Consulado, em tratamento rigoroso com um medico especialista, por causa do teimoso eczema que me atormenta ha mais de 70 dias. O official immediato que me substitue a bordo é um 2.º tenente moderno, o que é inconveniente em um navio d'aquella cathegoria e onde ha officiaes com mais grossos galões. Em consequencia d'isso estão os officiaes da «Mindello» a 3 divisões com o serviço pesadissimo de retem, ao passo que os da «Affonso d'Albuquerque» estão a 4 divisões por ter aquelle navio completa a sua lotação.

Eu sei bem que posso perfeitamente convocar uma junta de saude, e que esta não deixaria de opinar pela minha prompta retirada. Em tal hypothese teria que abandonar o navio e seguir no paquete. Não o faço porém, porque entendo que não devo abandonar o meu posto senão em uma ultima extremidade, esperando entretanto a todo o momento que d'ahi seja dada ordem para a retirada do navio. O *opportunamente* do telegramma d'essa secretaria é porém uma palavra tão vaga que quasi equivale a um *não!*

No documento Q communica-me o almirante americano as medidas decididas que se viu na necessidade de adoptar para dar protecção a navios mercantes da sua nacionalide, e penso que ellas produziram bom resultado porque me não consta ter havido qualquer novo conflicto. Hontem houve tambem uma demonstração de força feita pela esquadra americana, com respeito a auctoridades de terra que no litoral desattenderam um escaler d'aquella nação. Não conheço ainda bem os pormenores d'esse caso, e por isso o não relato mi-

nuciosamente n'esta occasião. O que vejo porém, é que o almirante d'aquella poderosa nação tem attribuições para resolver como entende, e dignamente, as questões em que se julga agravado; emquanto eu, que tenho soffrido varios vexames, que para ahi e para a Legação tenho referido minuciosamente, nem a mais leve satisfacção obtive ainda! Para isto é perfeitamente dispensavel ter aqui dois navios... ou mesmo um! E a final não sômos ainda tão pequenos que precisemos soffrer resignadamente taes affrontas até do governo brazileiro!!

Remetto ainda um artigo publicado em hespanhol por um official da marinha brazileira em um jornal de Montevideu, ácerca do engajamento de officiaes estrangeiros para servirem na nova esquadra do governo do Brazil. É um escripto bem feito, e em que se mostra a indignação com que o auctor encara esse acto desesperado do governo. Vae em seguida a narração de uma entrevista com o ministro do Brazil n'aquella republica platina, em que se pretende justificar o acto do governo. É a meu ver uma debil e incompleta defeza.

Vou terminar referindo um acto magnanimo do almirante Saldanha da Gama.

O dr. Barata Ribeiro, ministro do supremo tribunal federal, cuja nomeação tão accentuada indignação produziu em uma certa classe da população contra o presidente do Estado, tem sido um dos mais acirrados detractores do almirante Saldanha da Gama em artigos publicados nos jornaes. Um filho d'esse magistrado, que milita nas forças governamentaes, foi ha dias ferido e feito prisioneiro pelas forças que obedecem ás inspirações da revolta, sendo levado para o hospital de sangue da esquadra.

Justamente ferido pela dor, no seu coração de pae, conseguiu o dr. Barata que outro filho seu fosse ao hospital da ilha das Enxadas, onde poude verificar o carinhoso tratamento que a seu irmão era dispensado; e quando os dois irmãos se iam separar, contristados e lacrimosos, perguntou o almirante ao prisioneiro ferido se queria acompanhar o irmão! Este ficou admirado da generosidade da offerta, acceitou-a, e trouxe o

irmão para a cidade. Será curioso de vêr se o pae continua a publicar diatribes contra o almirante !!

Á ultima hora. O documento n.º 17 é a copia de uma circular que acabo de receber, quando ia fechar esta correspondencia, enviada pelo almirante Saldanha da Gama sobre as possiveis contigencias de um bombardeamento da cidade.

É natural que este escripto motive uma reunião dos commandantes superiores de forças navaes estrangeiras; e então reservo para mais tarde os commentarios que tal assumpto naturalmente suggere, depois de conhecer o modo de pensar dos meus collegas sobre tão grave assumpto.

O commandante, *Augusto de Castilho*,
Capitão de fragata

Documento A

Boletim official publicado á esquadra revoltosa

Paraná todo occupado

Do dia 15 para 16 do corrente cahiu em poder da Revolução todo o Estado de Paraná, adherindo ás forças federaes e estadoaes, após ligeira escaramuça da nossa vanguarda.

O general Pego e coronel Carneiro, perseguidos, transpuzeram a fronteira de S. Panlo, abandonando completamente os valles do Itararé.

Nossas forças em numero de oito mil homens no dia 21 deveriam invadir S. Paulo, e a 24 tomarão o porto de Santos, marchando uma grande columna sobre a capital, que não opporá resistencia.

Nictheroy

Forças dispersas em guerrilhas percorrem a capital d'esse Estado, infligindo serias perdas ás forças do dictador.

Aguardamos forças por mar para o grande e decisivo ataque *dentro em poucos dias*. Nossas baixas são poucas.

Confie a Nação na Esquadra Libertadora e a causa da justiça e da Patria ha de triumphar.

Esquadra mercenaria

A 25 sahirá da Bahia a esquadrilha equipada por estrangeiros vindos dos Estados Unidos para atacar a nossa esquadra, que a ha de receber condignamente.

A esquadra libertadora é forte e tem tres poderosos vasos, alem de vinte e quatro navios bons e seis torpedeiros.

O «Nictheroy», ex-Cid, é imprestavel e não poderá resistir a dois tiros das torres do «Aquidaban», que passou por grandes melhoramentos em Santa Catharina.

A esquadra libertadora não quer bombardear a cidade, e só o fará se a isso fôr provocada pelas baterias das eminencias de terra.

Mais alguns dias e é certa a victoria!

Viva a esquadra libertadora!

Viva a Republica Parlamentar!

Viva a Nação Brazileira!

Viva a Paz e a Liberdade!

Ilha das Cobras, 17 de janeiro de 1894.

Documento B

Segundo manifesto do almirante Saldanha da Gama ao povo brazileiro

O povo bem orientado, não só d'esta capital como do Brazil inteiro, sabe perfeitamente que o manifesto e outros documentos a mim attribuidos foram e são indignamente falsificados na sua publicação impressa (apresentem o original) com o perfido e miseravel intento de deslocar artificialmente o nobre fim da revolução do terreno em que já agoniza este governo dictatorial que nos envergonha perante o mundo. Sabe mais este povo que a idéa do plebiscito é precisamente a mesma pela qual se bate gloriosamente o Rio Grande do Sul, e vem a ser: — consultar a nação sobre qual dos systemas de *governo republicano* ella prefere envolver os seus gloriosos destinos. Sendo certo que todas as infamias teem sido empregadas contra a revolução, o povo do Rio de Janeiro, não obstante o regimen de terror em que vive, aguarda tranquillo a victoria da revolução, convencido de que com ella virá a instituição do governo republicano civil, ficando para sempre banidos e extirpados o militarismo e o jacobinismo que avassalam a nação.

Para este desideratum é que a revolução lucta victoriosamente, digam embora o contrario os assalariados pelo Thesouro Nacional, agora pagos e remunerados com a emissão falsa da antiga monarchia que foi jogada á circulação.

Viva a Republica Civil!

Viva a Revolução!

Morra o Jacobinismo!

Fortaleza da Ilha das Cobras, em 20 de Dezembro de 1893.

L. F. Saldanha da Gama.

Documento C

Nota do corpo diplomatico aos commandantes superiores remettendo copia de uma do governo

Les Représentants de l'Angleterre, de l'Italie, des Etats Unis d'Amerique, de la France et du Portugal ont l'honneur de transmettre a Messieurs les commandants supérieurs des Forces Navales de leurs nationalités respectives copie d'une note de Monsieur le Ministre des Relations Extérieurs du Gouvernement Fédéral qui leur est parvenue hier en réponse á la leur du 14 courant. La note de Monsieur Cassiano do Nascimento leur annonce que Son Excellence le Vice-Président de la République a resolu de faire retirer les canons de la baterie de l'île Bom Jesus jusqu' à démarcation d'une zône offrant toute sécurité pour le mouillage tant des navires de geurre que des navies do commerce.

Petropolis, le 22 Janvier 1894.

Documento D

Nota do governo brazileiro ao corpo diplomatico annunciando o desarmamento provisorio da ilha do Bom Jesus

Le Ministre d'Etat des Rélations Extérieures a reçu la note que MM. les Représentants de l'Angleterre, de l'Italie des Etats Unis d'Amérique, de la France et du Portugal, lui ont adressé le 14 courant, pour appeler son attention sur la communication des com-

mandants des forces navales de leurs nationalités respectives, les informant que la ligne de tir des batteries établies á l'île de Bom Jesus coupant la zône indiquée par le capitaine du Port pour le mouillage des navires de commerce ceux-ci se trouvent menacés par l'explosion prématurée des projectiles provenant soit de ces bateries, soit des navires insurgés.

La dite note ayant été portée á la connaissance de M. le Vice-Président de la République, S. E. a résolu de faire retirer les canons de la batterie de l'île de Bom Jesus jusqu'á démarcation d'une zône offrant toute sécurité pour le mouillage tant des navires de guerre que des navires de commerce.

Rio de Janeiro, le 21 Janvier 1894.

Documento E

Carta da firma Benchimol & Sobrinho de Buenos Ayres ao encarregado do vapor «Cidade do Porto»

Linea de Vapores Benchimol & Sobrinho. — Escriptorio, Calle Cuyo, 372. — Direccion telegrafica: Benchimol.

Buenos Ayres, 18 de janeiro de 1894. Illustrissimo Senhor Emediato do Vapor «Cidade do Porto».

Bahia do Rio de Janeiro.

Sabendo que o commandante Paulino de Jesus se acha preso, por isso me dirijo a si participando-lhe que desde o momento que receber esta ponha-se á disposição do Ex.mo almirante Saldanha da Gama e siga com o navio para onde elle mandar. O que fôr preciso para o navio seguir viagem queira pedir ao Ex.mo almirante execute as ordens d'elle e caso não queira servir mais o navio, queira entregal-o ao Ex.mo almirante Saldanha da Gama.

Sem mais, sou de V. S.a Att.o V.or Obg.do

(a) *Benchimol & Sobrinho.*

Documento F

Instrucções dadas ao commandante da «Affonso» sobre o documento antecedente

Rio de Janeiro, 26 de Janeiro de 1894.

Meu caro Teves

Recebi hontem, e li cuidadosamente a carta do Benchimol de Buenos-Ayres ao piloto do vapor "Cidade do Porto„, dando lhe ordem para se pôr com o dito navio á disposição do almirante Saldanha da Gama. Disse-me o teu official, portador da carta, que esta te fôra levada por um official brazileiro, o qual pedia da parte do almirante, a nossa annuencia para a execução d'esta ordem.

O assumpto é grave, mas resolve-se a meu ver sem grandes hesitações, devendo tu mandar em meu nome, communicar ao almirante ou á pessoa que te procurou, o que passo a expôr-te.

A firma Benchimol & Sobrinho compõe-se de tres socios, a saber: os dois irmãos Benchimol que estão aqui encarcerados, e o que está em Buenos-Ayres, que é, no dizer d'estes de cá, o culpado unico da operação commercial do "Cidade do Porto„, de que veiu a resultar a prisão d'elles e do capitão do navio.

Comprehende-se portanto em these que em uma firma de tres, não é natural que um socio separado dos outros, esteja a dar ordens sobre bens que pertencem aos tres, e que estão perto dos outros dois, sem que pelo menos estes dois sanccionem essas ordens. E como, n'este caso particular, foi uma resolução do Benchimol de Buenos-Ayres que motivou as prisões dos socios de cá, não é tambem natural que estes dessem o seu consentimento a um acto tumultuario que aggravaria a sua situação de presos, ou que mesmo provocaria o seu fuzilamento pelas auctoridades de terra.

Por outro lado, estando o vapor sob a minha protecção e vigilancia, como o proprio almirante Saldanha da Gama o tem reconhecido mais de uma vez, e estando elle sem capitão, e hoje sem piloto e com poucos tripulantes, não podemos por forma alguma deixar de ser officialmente responsaveis pela sua segurança, mantendo-se rigorosamente até ao fim da lucta, e até que haja quem legalmente providenceie ácerca dos haveres da firma, o *statu quo* actual.

Além de tudo mais, tendo eu sempre entendido que não poderia consentir na baldeação dos mantimentos que estão no "Cidade do Porto„, d'esse vapor para a esquadra brazileira a quem perten-

cem, sem que passassem pela alfandega ou sem consentimento d'ella, com muito mais forte razão não posso nem devo consentir na entrega do vapor com a carga que contem!

Deves ponderar finalmente ao emissario do almirante que, tendo eu até aqui procurado, e creio que conseguido, manter n'esta desgraçada pugna uma posição de absoluta imparcialidade, não posso agora quebrar essa linha de conducta, entregando o vapor "Cidade do Porto„ á revolta, porque tambem me negaria terminantemente a entregal-o ao governo brazileiro.

O almirante Saldanha da Gama é um homem intelligente, illustrado, de muito bem senso, e perfeitamente conhecedor das regras a seguir em questões d'esta ordem; e como além d'isso sei que faz justiça aos meus sentimentos de equidade, ha de certamente conformar-se com esta resolução que tomo e que tu lhe farás conhecer.

Crê-me sempre

Teu camarada e amigo velho obrigadissimo

Augusto de Castilho.

Documento G

Telegramma do commandante da «Mindello» ao conselho do almirantado ácerca do vapor «Cidade do Porto»

Rio de Janeiro, 26 Janeiro 1894.

"... Benchimol Buenos Aires mandar ordens para piloto "Cidade do Porto„ entregar navio Saldanha; este fazer as communicações necessarias mim. Decidi com a maior brevidade possivel recusar annuir; ha razões para suppor Saldanha mostra desejos de empregar a força armada.

Pedir instrucções com urgencia ...„

Castilho

Documento H

Telegramma do conselho do almirantado ao commandante da «Mindello» sobre o vapor «Cidade do Porto.

Lisboa 27 Janeiro 1894

"... Benchimol, não poder esse commando consentir navio sob sua protecção passe revoltosos; mas se não tem compromisso com governo legal evitar navio sair, não terá razão impedir sua saida Rio de Janeiro. Procedimento ulterior responsabilidade capitão.„

Secretario

Documento I

Telegramma do commandante da «Mindello» ao conselho do Almirantado sobre tomadia de carvão pelos revoltosos

Rio de Janeiro 26 Janeiro 1894

"Revoltosos ser feita tomadia lancha carvão ingleza declarar officialmente contrabando guerra. Commandantes superiores forças navaes estrangeiras pedir com a maior instancia governos respectivos dar as instrucções necessarias. Terá Saldanha auctorisação tal sentido? Deveremos empregar a força armada repellir identico procedimento sobre carvão e outros generos commercio? Entretanto mandei cessar trafego todas lanchas portuguezas até receber as instrucções. E' da maior conveniencia procurar evitar a demora, causa grande transtorno para o commercio .. „

Castilho

Documento J

Telegramma do conselho do Almirantado ao commandante da «Mindello» sobre tomadia de carvão

Lisboa 27 Janeiro 1894

"Emquanto primeira parte telegramma obrar accordo resolução collectiva forças navaes estrangeiras...„

Secretario

Documento K

Officio da legação ao commandante da «Mindello» transmittindo outra via das ordens contidas no documento precedente

Legação de Sua Magestade Fidelissima. — Rio de Janeiro, 29 Janeiro de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Apresso-me a ter a honra de passar ás mãos de V. Ex.ª a traducção de um telegramma que acabo de receber do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, o qual responde, pelo que vejo, á primeira parte de um telegramma de V. Ex.ª de que não tenho conhecimento:

"Recommende a Castilho proceda em conformidade resoluções "collectivas das Forças Navaes, relativamente a assumpto primeira "parte do seu telegramma; se necessario fôr V. S.ª cooperar.„

Assim fica V. Ex.ª sciente de quaes são as ordens do Governo de Sua Magestade.

Deus Guarde a V. Ex.ª Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Augusto de Castilho M. D. Commandante da Corveta "Mindello.„

Manuel Garcia da Rosa.

Documento L

Communicação do commandante da «Mindello» ao almirante americano sobre as instrucções recebidas acerca da confiscação de carvão

Rio de Janeiro.—Brazil, Portuguese Consulate General, January 28.th 1894.

Rear Admiral *A. E. K. Benham.* — U. S. Navy.

Sir — I beg to inform you thal H. E. the minister of Marine of the Portuguese government, has cabled to me yesterday, in reply to my questions about foreign trade conducted in this bay under

the protection of our flag, and to the declaration made by admiral Saldanha da Gama, about the coal trade, that I must confer with you and abide by the decision that may be arrived at by you and the other senior foreign naval commanders present in this Bay.

I hope therefore that you may think fit to convene a meeting of the said floreign commanders, in order that trade, which has been brought to a stop, as far as tugs under Portuguese flag are concerned, may again be resumed.

The state of my health is not yet good and therefore commander Teves shall replace me in the conference.

I beg to remain your most obedient servant.

Augusto de Castilho.

Documento M

Nota do almirante americano accusando recepção da precedente

U. S. Flagship "San Francisco„ 2d Rate.—Rio de Janeiro, Brazil. January 28, 1894.

Sir :

I have to acknowledge the receipt of your letter of this date, informing me of the tenor of a cablegram received by you from your government, relating to foreign trade in the harbor of Rio de Janeiro. I have also received a telegram from the United States which concurs in the views taken by the Naval conference on board this ship on the 25th instant.

When notified by the other senior officers present that they are in receipt of the views of their governments on the same subject, I will call another conference.

The question concerning the tugs is another matter which must receive further consideration.

Very respectfully, *A. E. K. Benham* – Rear Admiral, U. S. Navy.— Commanding U. S. Naval Force on South Atlantic Station. —To Captain *Augusto de Castilho* "Mindello„.

Documento N

Telegramma do commandante da «Mindello» ao conselho do almirantado sobre varios boatos

Rio de Janeiro, 27 Janeiro 1894.

"Consta que está almirante americano empregar todas as diligencias possiveis tratado de paz evitar bombardeamento; Saldanha declarou officialmente é completamente impossivel elle entabolar negociações porque Custodio chefe esquadra; Silveira Martins chefe revolta; almirante americano procurar Peixoto, não foi recebido.—Estado Paraná tomado por federalistas. Custodio comprar dois couraçados Chili que sympathisar Custodio e está de má vontade porque Poixoto acceitou serviços officiaes Balmacedistas. Carece de confirmação a noticia„.

Castilho.

Documento O

Telegramma do commandante da «Midello» ao conselho do almirantado sobre varios boatos

Rio de Janeiro, 28 Janeiro de 1894.

"Governo fazer um contracto capitão Chili Moraga, destruidor *Blanco Encalada,* destruir *Aquidaban* com torpedo, remuneração 500 contos.—Governo collocar torpedos á entrada da barra; é muito perigoso, torna difficultosa a navegação. Carece de confirmação a noticia.—Buenos Ayres invadir territorio Missões disputado Brazil para levantar conflicto.—Situação muito grave aqui quando terminar guerra causa perseguição esperada estrangeiros, principalmente inglezes, portuguezes..... ... . Esquadra legal permanecer Bahia.„

Castilho.

Documento P

Telegramma do conselho do almirantado ao commandante da «Mindello» sobre a retirada para Lisboa

Lisboa 27 Janeiro de 1894.

"... Opportunamente se darão ordens sobre assumpto nota 5."

Secretario.

Documento Q

Nota do almirante americano acerca de um conflicto com o almirante revoltoso

U. S. Flagship "San Francisco", 2.d Rate. Rio de Janeiro, Brazil, January 28, 1894.

Sir:

Several American vessels having been deliberately fired upon and otherwise prevented from going to the City wharves of Rio de Janeiro by the insurgents, I have demanded from the insurgent leader, Admiral Saldanha da Gama, an order for the immediate cessation of all such molestation and requested him, by letter on the 27.th instant, to inform me when such order had been given.

Having received no reply to my demand, I shall convey such American vessels as wish to go, into their berths at the City wharves to-morrow morning, and if they are fired upon the fire will be returned.

Very respectfully,

A. E. K. Benham

Rear Admiral, U. S. Navy.

Comd'g U. S. Naval Force on South Atlantic Station.

To the Senior Commanding Officer.— *Mindello.*

Documento R

Circular do almirante Saldanha da Gama sobre as possiveis contingencias do bombardeamento da cidade

A Suas Excellencias os Srs. Commandantes das Forças Navaes estrangeiras surtas no porto do Rio de Janeiro.

No começo da presente revolução, quando a cidade do Rio de Janeiro defendida apenas por alguns raros canhões de campanha, collocados em sua frente e collinas principaes, esteve á mercê dos canhões da esquadra, os chefes das marinhas estrangeiras então representadas n'este porto, em nota collectiva e unanime dirigida a S. Ex.ª o Sr. Contra Almirante Custodio José de Mello declararam que se opporiam, mesmo pela força, a qualquer tentativa de bombardeamento contra a cidade, a não ser que partisse antes de terra a provocação.

Aproveitando-se d'essa resolução dos chefes navaes estrangeiros, o governo do Marechal Floriano Peixoto apressou-se em fazer retirar das collinas e da frente da cidade os seus pequenos canhões de campanha, não por certo para salvaguardar as innumeras vidas e os altos interesses commerciaes que este encerra, mas como ardil para armar os mesmos pontos novamente, e outros mais, de grande e numerosa artilheria.

Principiado á sorrelfa e com embuste, se ostenta esse trabalho hoje sem mais disfarce em toda a sua plenitude.

Todas as collinas adjacentes á frente da cidade se acham cobertas de baterias; os historicos e sacros mosteiros de S. Bento e dos Capuchinhos no castello estão convertidos em fortalezas; as fabricas estabelecidas ao longo do littoral receberam ordem para cessar o respectivo trabalho e retirar o pessoal afim de serem transformados em outros tantos pontos fortificados; estão levantadas trincheiras em todos os caes publicos, até mesmo em frente ao estabelecimento pio da Santa Casa da Misericordia; n'uma palavra, é voz corrente que o Governo, uma vez que considere ultimado esse trabalho, se apressará, em dado momento, a romper de todas essas fortificações, fogo contra a esquadra. Suas Excellencias os Srs. Chefes Navaes estrangeiros não hão de certamente oppôr-se, e pela força, a que a esquadra responda a essa fallada aggressão das baterias da cidade, ou mesmo que a ella se antecipe. Porêm, seja-me licito perguntar a SS. EE., homens de guerra conspicuos como são todos, si as condições de lucta para a esquadra são pre-

sentemente as mesmas que em setembro, outubro ou novembro e dezembro findo? E não foram SS. EE. os culpados d'essa situação desfavoravel para a esquadra, com uma intimação que aliás não serviu para salvaguardar os altos interesses commerciaes da cidade nem a vida e propriedade da sua população, na maior parte estrangeira?

As mesmas razões em que SS. EE. se estribaram para impedir por parte da esquadra um ataque de viva força sobre a cidade do Rio de Janeiro, deviam agora pesar no sentido de tornar igualmente respeitado, mesmo á força, pelo Governo do Marechal Floriano Peixoto um pacto que elle quebrára á falsa fé.

Por parte da esquadra sob o meu commando devo declarar a SS. EE. que lamento pela cidade do Rio de Janeiro e por seus mesmos habitantes, a ruptura d'esse benefico compromisso, por nossa parte respeitado com todo o rigor até a presente data, mas acceito a contingencia em que a intervenção de SS. EE. a collocou. A tarefa poderá ter-se tornado para nós da revolução mais ardua, mais perigosa e mais sangrenta; comtudo, nem assim nos fará recuar.

A esquadra sob o meu commando respeitará o pacto até o ultimo momento; realisada porém que seja qualquer aggressão por parte das baterias da cidade, eu me reservo o direito da resposta para quando e como entender conveniente, sem ulterior aviso.

N'esta hypothese ficará tambem a SS EE. perante a historia d'esta revolução a responsabilidade dos inevitaveis successos, que longe de impedirem, antes aggravaram com a sua intervenção.

Nada d'isto me impede entretanto, de prevalecer-me do ensejo para assegurar a SS. EE. os meus protestos do mais alto respeito e consideração.

Bordo do Crusador Liberdade, 28 de janeiro de 1894.

Luiz Philippe de Saldanha da Gama.

Commandante em chefe das Forças Navaes da Revolução
contra o Governo do Marechal
Floriano Peixoto no porto do Rio de Janeiro

Nota n.° 35

Rio de Janeiro, 9 de fevereiro de 1894.

Ao Conselho do Almirantado

1.ª Repartição

Do commando da corveta «Mindello.»

Summario: — Ainda o conflicto entre o almirante americano e Saldanha da Gama. — Apreciações da imprensa: artigo do *Tempo* contendo trechos apocryphamente attribuidos ao almirante Benham. — Protesto do almirante Saldanha contra o acto de força de que foi victima. — Responde-lhe o almirante americano sem convocar conferencia de commandantes estrangeiros. — Cessa o trafego das lanchas com bandeira portugueza, mas é de novo restabelecido. — Prorogação do estado de sitio. — O almirante pede novamente ser reconhecido belligerante. — Desenvolve-se rapidamente a febre amarella. — Doença e morte do medico Moura Borges da corveta «Affonso d'Albuquerque». — Regressam ao reino varias praças doentes. — Grandes difficuldades para o serviço, especialmente pelas avarias no fogão da «Mindello». — Pondera-se a urgencia de fazer recolher o navio. — Doença do commandante. — Começam os navios de guerra estrangeiros a ir espairecer no mar largo. — Outra proclamação das forças revoltosas contida em um Boletim official emanado da ilha das Cobras. — Enumeração das forças navaes do governo legal. — Não se garante a authenticidade do documento da ilha das Cobras.— Substituição do encarregado da pasta da guerra marechal barão do Rio Apa pelo general Costallat. — Outras mudanças nos commandos de corpos do exercito. — Reina o terror no Rio de Janeiro; des-

contentamento no exercito e nos officiaes da corporação da Armada chamados leaes. — Decreto presidencial para as eleições de presidente, vice-presidente, deputados e senadores federaes, em 1 de março. — Captura da lancha «Celestina» com bandeira portugueza, pelas tropas de terra; injustiça d'este procedimento brutal. — Numero de doentes dos dois navios, com febre, no hospital. — Dá-se a primeira noticia do combate da Armação.

Juntos serão encontrados diversos documentos interessantes ácerca d'esta guerra civil, aos quaes irei fazendo allusão no decurso da minha narrativa.

O documento n.º 1 é um officio do encarregado de negocios, em que elle me communica o telegramma em que o excellentissimo ministro dos negocios estrangeiros lhe recommenda que me diga o que eu já sabia, por telegramma d'essa secretaria, ácerca do assumpto tratado na ultima conferencia de commandantes superiores. (Vid. doc. K pag. 103).

O documento n.º 2 é a minha resposta ao encarregado de negocios, elucidando-o sobre um assumpto que parecia ser-lhe desconhecido. Não sei se tenho ou não obrigação de informar o representante de Portugal de tudo que se passa n'esta bahia relativamente á revolta, porque desconheço quaes as fontes de informação que aquelle funccionario tem ao seu dispor. O que sei é que os representantes das nações estrangeiras deveriam residir na cidade do Rio de Janeiro, como já o tenho dito, por ser aqui a séde do governo do paiz, e a residencia das auctoridades brazileiras com quem pódem ter necessidade de estar em contacto.

O acto de força praticado pelo almirante americano contra o almirante Saldanha da Gama, a que me referi na ultima nota, foi o seguinte:

Tres navios mercantes de vella, americanos, carregados, pretendiam atracar aos trapiches da cidade para operarem a sua descarga. O almirante Saldanha comtudo, que parece tinha denuncia de que um dos referidos navios pelo menos trazia munições de guerra para o governo, tomou as suas precauções para evitar tal manobra, mandando fazer fogo sobre um dos referidos navios mercantes, que teve por isso de fundear perto

do cruzador «Trajano», depois de ter tido a sua bandeira atravessada por um projectil de arma de mão.

Constando isto ao almirante Benham, pelo capitão do navio aggredido, mandou elle intimar o chefe das forças navaes revoltadas, de que no dia seguinte mandaria seguir as tres barcas da sua nacionalidade para os trapiches onde ellas queriam atracar, e que, se tal manobra fosse de qualquer modo embaraçada, teria que empregar a força Ao mesmo tempo mandava o almirante Benham prevenir o general ministro da guerra, que teria talvez necessidade de atacar a ilha das Cobras, e que n'essa eventualidade bom seria que a população da cidade, proxima á dita ilha, fosse prevenida a tempo.

No dia 29 de manhã toda a esquadra americana appareceu em movimento, tomando os diversos navios posições préviamente determinadas. O cruzador «Detroit» seguiu por entre as ilhas das Enxadas e das Cobras, com a guarnição a postos de combate, passou junto ao cruzador «Trajano», deu um tiro de polvora secca, que foi respondido por outro do navio brazileiro, ao mesmo tempo que duas das barcas americanas eram levadas a reboque para o trapiche, indo a terceira no dia seguinte sem mais opposição.

Este acto de força causou, como era natural, uma extraordinaria impressão no mar e em terra. Os jornaes governamentaes, unicos que teem licença de fallar, exultaram de contentamento e louvaram o procedimento da esquadra americana que assim havia abatido as orgulhosas pretenções da esquadra revoltada brazileira. Estavam no seu direito, e tinham razão para isso os jornalistas da cidade. O que é torpe porém, é que recorressem e architectar phantasticas e inverosimeis mentiras para exagerarem ainda mais a victoria americana, e amesquinharem o almirante Saldanha da Gama.

N'esta ordem de idéas, o *Tempo* de 30 dava conta do occorrido, e transcrevia um longo trecho de um officio, que elle dizia ter sido dirigido pelo almirante Benham ao ministro da guerra, contando o episodio, e dizendo ter o couraçado «New York» disparado onze tiros contra o «Trajano» dos quaes sete haviam acertado no alvo! Esta longa transcripção vinha mi-

pressa entre aspas como se fosse *ipsis verbis* o que o almirante Benham havia escripto. A verdade porém, é que este official não havia escripto tal documento, como no dia immediato mandava declarar no mesmo periodico, e que os factos se passaram como acima ficaram narrados. Parece incrivel que o governo brazileiro do Marechal Floriano Peixoto, porque é só elle quem inspira o *Tempo*, se atreva á impudencia de publicar similhantes falsidades, para se ver forçado a desmentil-as no dia seguinte!! (Doc. A).

Esta grave occorrencia deu logar a que o almirante Salpanha da Gama mandasse a todos os commandantes superiores de forças navaes estrangeiras, incluindo o americano, a sua nota de protesto (Docum. B) na qual elle allude a um *modus vivendi* para o serviço commercial do porto, o qual nunca existiu auctorisado por elle, mas sim estabelecido por nós, sem mesmo termos de o consultar ou pedir a sua sancção. N'essa nota diz elle que não poderá de futuro impedir que atraquem ao caes da cidade navios de qualquer nacionalidade, mas que está no seu direito de obstar pela captura, a que circulem na bahia lanchas rebocadoras com bandeiras estrangeiras.

A esta nota respondeu o almirante americano com a sua de 3 do corrente (Docum. C), na qual me parece que elle corrige bem as asserções inexactas do almirante Saldanha sem todavia alludir sequer ao acto de força praticado. Esperei eu que o protesto do almirante Saldanha teria motivado convocação da conferencia de commandantes, para que lhe fosse respondido collectivamente, e de modo a estabelecer para o futuro normas bem precisas para garantir o trafego commercial da bahia. O almirante Benham não o entendeu assim, e portanto pensei que não era necessario dirigir eu por minha parte ao almirante brazileiro revoltado qualquer officio meu sobre o assumpto.

Entretanto, receiando eu que o almirante Saldanha da Gama praticasse qualquer violencia contra as lanchas estrangeiras, que fazem o serviço de carga e descarga dos navios mercantes, mandei parar o serviço de todas as lanchas a vapor

que andam com bandeira portugueza. Vendo porém no dia seguinte que as lanchas francezas se aventuravam a andar no serviço da bahia, recomecei com o trafego das nossas, não tendo estas sido molestadas por qualquer fórma.

No meu telegramma de 1 do corrente (Docum. D) dava eu succinta conta do incidente com a esquadra americana, e da cessação, ou antes interrupção do trafego commercial.

O documento E é a copia do novo decreto presidencial de 31 de janeiro, prorogando o estado de sitio até 25 do corrente com algumas ligeiras restricções e ampliações. Esse acto do poder executivo tambem vae mencionado no meu telegramma de 1 (Docum. D).

O documento F é uma nota do almirante Saldanha da Gama, certamente circular, em que elle, depois de enumerar as victorias obtidas pelas forças revolucionarias de mar e terra contra as do governo, e as conquistas de importantes partes de territorio já realisadas, pede mais uma vez para ser reconhecido belligerante pelo governo de Portugal. Mandei immediatamente copia d'este documento ao representante de Portugal, não julgando dever tratar do assumpto em telegramma, visto ser elle da exclusiva competencia do encarregado de negocios. *

O documento I é a copia de uma nota do almirante americano a mim, em resposta a outra minha enviada na passada mala.

A epidemia da febre amarella tem-se desenvolvido com grande intensidade desde o fim do mez passado, e faz diariamente grande numero de victimas. Os nossos navios de guerra estão fundeados bastante longe da cidade; mas como as communicações com esta, posto que reduzidas ao minimo, são todavia imprescindiveis, não era para admirar que um ou outro caso viesse a declarar-se, muito embora em ambos os navios se tenha prestado a mais seria attenção ás condições hygienicas das guarnições e seus alojamentos (Doc. J e K).

Em 31 de Janeiro o medico naval Julio de Moura Borges da corveta «Affonso d'Albuquerque», que já havia dias se sen-

* Entram aqui os doc. G e H, não citados no texto

tia incommodado com ligeiras febres, a que elle chamava febres de Africa, sentiu-se um pouco peior e chamou o collega da «Mindello». Este, creio que não julgou tratar-se de um caso de febre amarella, mas receitou-lhe o tratamento que julgou mais adequado, o qual o doente não seguiu á risca.

Em 1 do corrente de manhã cedo foi o doente levado para o hospital portuguez de Beneficencia, e em 2 ao meio dia fallecia de um ataque formal de febre amarella, apesar dos desvellados cuidados com que n'aquelle estabelecimento foi tratado. Esta desgraçada occorrencia foi mencionada nos meus telegrammas de 1 e 2 (Doc. D). O enterro teve logar a 3 ás 8 h. (a. m.)

Dois sargentos da corveta «Mindello» que ha dias estavam doentes, e que se achavam muito debilitados, devendo ser presentes á junta de saude em 1, não puderam ser inspeccionados pelo medico da «Affonso», pelo motivo acima exposto. Declarando porém o medico da «Mindello» que elles deviam seguir na primeira opportunidade para Lisboa, aproveitei o paquete «Corytiba», de nacionalidade allemã, que partia em 2. Esse vapor não tinha alojamento de 2.ª classe, mas como o caso era grave e urgente para os dois doentes, e para o resto da guarnição, entendi, d'accordo com o conselho administrativo, dever tomar-lhes passagem de 1.ª classe e mandei os seguir.

Depois d'isto, varias praças dos dois navios teem baixado ao hospital de Beneficencia, com ligeiras febres, por ser recommendado que logo aos primeiros symptomas febris se faça o tratamento mais rigoroso. Com as poucas excepções dos casos fulminantes, os doentes de febre amarella, quando tratados convenientemente no primeiro periodo da molestia, têem todas as probabilidades de escapar; e como a bordo dos navios não é possivel isolar os doentes, e é portanto perigoso fazer-se o tratamento, é indispensavel leval-os para o hospital. Dos doentes dos dois navios que ali se acham, não me consta que haja algum em estado de gravidade. Além dos doentes em tratamento no hospital, ha diversas praças dos dois navios, que, por varias causas, carecem de seguir para o Reino, segundo a opinião do medico da «Mindello». Conta-se n'este numero a

bordo da «Mindello» o 1.º machinista José Vaz dos Santos, 1 contra-mestre e 5 praças de marinhagem, e na «Affonso» o conductor de machinas que foi ferido por bala, e mais 7 praças. Diz mais o medico que terá brevemente de apontar mais praças, principalmente da «Affonso», cuja guarnição parece estar em estado menos lisonjeiro do que a do meu navio.

O 1.º machinista faz-me uma grande falta, como é facil de comprehender. Contra-mestres, fico reduzido a 1; sargento 1! O serviço de fiel de generos está sendo desempenhado por um 1.º marinheiro de manobra, e o de fiel de artilheria por um 1.º marinheiro de artilheria, por não haver ao menos um cabo! Official immediato, que deve ser um official superior, é um 2.º tenente, carregando sobre os outros tres a tarefa que devia ser desempenhada pelos quatro, e que é presentemente pesadissima. Estes assumptos vão mencionados nos meus telegrammas de 1 e 6 (Doc. D e L).

O fogão da «Mindello», que recebeu em Loanda mais de uma vez grandes concertos parciaes, para ir remediando, porque se contava com a chegada a Lisboa no outono do anno passado, está hoje quasi totalmente inutil e não durará mais que tres mezes, no dizer do serralheiro. Aqui não é possivel concertal-o com os operarios de bordo, por ser necessaria obra de fundição, e por ser impossivel substituil-o emquanto elle fosse desarmado para terra. A caldeira onde se faz o café para a guarnição foi mandada concertar, estando-se provisoriamente fazendo o café em uma emprestada do vapor «Cidade do Porto»!!

Em vista de mais esta ponderosa razão, acho que a corveta «Mindello» deve quanto antes recolher a Portugal, para receber os concertos que precisa, caso ainda os mereça, e para dar á sua guarnição o justo descanço a que tem jus, depois da longuissima, trabalhosa e incommoda estação no golpho de Benim, e da perigosissima e trabalhosa permanencia de seis mezes n'esta bahia em tão anormaes condições.

Eu proprio continúo doente do teimoso eczema na perna esquerda, em tratamento rigoroso com um medico especialista que não poderia ir a bordo, e sem poder prever quando me

acharei de todo restabelecido. Entretanto vou desempenhando o serviço do commando da «Mindello» e superior dos dois navios conforme posso, assistindo ás conferencias de commandantes superiores, que não teem ultimamente sido muito frequentes, o capitão de fragata Francisco de Paula Teves commandante da «Affonso d'Albuquerque». E' certo que estou aqui talvez mais exposto a infecção do que estaria a bordo, mas por outro lado estou mais accessivel ás noticias, e mais habilitado a informar minuciosamente o governo de tudo que aqui occorre E como tenho tido infelizmente uma muito longa permanencia em climas tropicaes, não exceptuando mesmo o Brazil, creio que irei resistindo indemne sem maior novidade. Não me admiraria entretanto, que outro official em circumstancias identicas ás minhas, já ha muito tivesse recolhido a Lisboa: não é com certeza por falta de indicação medica a tal respeito que deixo de o fazer.

A falta de medico na corveta «Affonso d'Albuquerque» é muito sensivel, esperando eu que, logo que ahi constou o fallecimento do medico Moura Borges, tenham sido dadas ordens para a immediata vinda de outro. Interinamente faz o medico da «Mindello» a visita aos dois navios, e estou diligenciando contractar um medico civil brazileiro para desempenhar as funções de medico permanente d'aquelle navio emquanto não chega um de Lisboa. (Doc. L).

Caso porém eu tenha que sair com a «Mindello» para a costa durante alguns dias, e não tenha sido possivel encontrar medico brazileiro, tenho a promessa do almirante americano de que um dos medicos da esquadra d'aquella nação passará diariamente as visitas á «Affonso».

Os navios de guerra das diversas nacionalidades teem continuado a sair de vez em quando por alguns dias para a costa, para beneficiarem as más condições hygienicas com um banho tonificante de ar mais fresco e puro do mar largo, e para levantar o espirito das guarnições com a distracção de manobras, exercicios, e outras fainas que aqui se não podem executar. Se porventura não chegar ordem para que a «Mindello» recolha a Portugal por estes dias, tenciono sair com ella, logo

depois da partida do paquete que esta conduz, e no meu regresso farei sahir a «Affonso» levando o meu medico, caso não haja medico brazileiro.

O documento n.º 8 é um extracto de um boletim official, publicado pelo almirante Saldanha da Gama á esquadra revoltada em operações n'esta bahia, e que traz o detalhe da formação das tres divisões que estão ainda fóra. Por este documento, que não chegou ao meu conhecimento na sua integra, parece ser confirmada a noticia já por mim dada, da acquisição, feita pelos revoltosos, de varios navios chilenos para seu serviço. Se juntarmos a estas tres divisões os navios que se acham aqui, veremos que os revoltosos dispõem de uma respeitavel força naval.

Em contraposição a essa poderosa esquadra enumerarei agora as forças navaes que compõem a esquadra que o governo tem organisado, e que se acha em varios portos da costa e ainda na Europa.

Cinco torpedeiros de dois helices, de 28 nós de velocidade, construidos nos estaleiros Schickhaus em Elbing. Tres d'elles, o «Ein», «Zwei» e «Drei» já se acham em Pernambuco.

«S. Salvador», vapor do Lloyd brazileiro armado em guerra.

«Parnayba», cruzador de madeira, de 9 milhas de velocidade, armado com 7 peças de Witworth de carregar pela culatra.

«Gustavo Sampaio» (ex-«Aurora»), torpedeiro de 500 toneladas, 22 milhas de velocidade, armado com dois canhões Armstrong movidos por electricidade, 4 Hotchkiss e 3 tubos de lançar torpedos.

«Nicterhoy» (ex-«Cid»), cruzador de 4:665 toneladas. E' armado com uma peça pneumatica, que atira á distancia de 3 ½ milhas cargas de 50 lb. de dynamite; a 2 ½ milhas cargas de 200 lb. e a 1 ½ milha cargas de 500 lb. Tem mais 8 peças por banda, de 8 a 14 centimetros; e dizem as folhas brazileiras ser a primeira machina de guerra do mundo. Era navio mercante, e custou em 1880 a quantia de 540:000 dollars.

«Rio», cruzador de 3:500 toneladas. Não tenho pormenores.

«Britania», cruzador de 2:500 toneladas. Não tenho pormenores.

«Boston», cruzador de 2:800 toneladas, de 18 milhas de velocidade e com tubos de lançar torpedos.

«Javelin», «Yarrow», «Freissen», torpedeiros.

«Piratinim» (ex-«Destroyer»), torpedeiro couraçado sem artilheria, em fórma de charuto. Tem 130 pés de comprimento, 12 de bocca e 11 de pontal. O torpedo tem 25 pés e 6 pollegadas de comprimento, 16 pollegadas de diametro, e peza 1:500 lb. incluindo a carga de 250 lb de dynamite; a sua velocidade inicial é de 250 pés por segundo, ou 160 milhas por hora.

«America», cruzador. Não tenho pormenores.

«Ytaipu», paquete mercante, armado em guerra.

«Andrade», cruzador. Não tenho pormenores.

«Tiradentes», cruzador.

«Bahia», couraçado antigo.

«Riachuello», couraçado grande em fabrico em Toulon.

«Benjamim Constant», cruzador em fabrico em Toulon, ou já em viagem para cá.

Como já tenho dito para essa secretaria, estas minhas notas são escriptas conforme as noticias vão chegando ao meu conhecimento, e resentem-se inevitavelmente de falta de ordem, de repetições, e ás vezes mesmo de contradicções, que, em trabalho litterario mais cuidado, seriam indesculpaveis, mas que n'estas anormalissimas circumstancias me serão relevadas n'esta especie de communicações.

N'esta altura da minha exposição, acaba de chegar ao meu conhecimento uma copia do Boletim official, emanado do commando da esquadra revoltada n'esta bahia (Doc. M), dando minuciosa conta das forças navaes da revolução em operações na costa, e do proximo futuro desenlace d'esta ingente pugna E' um documento interessante, posto que se resinta um pouco de um tom enfatuado e bombastico, mas que revela a força de convicção com que a revolução está luctando contra o governo do marechal Floriano Peixoto.

Não ouso affirmar que este documento seja authentico, por-

que a copia que obtive era já em terceira mão pelo menos. Ha mesmo quem affirme, que é absolutamente falso ter o governo chileno dispensado quaesquer dos seus navios de guerra, fundado em que o representante d'aquella nação aqui nenhum conhecimento tem de tal facto. Devem portanto estas e outras noticias, que eu não apresentar sob o cunho de verdade averiguada, ser recebidas com toda a reserva.

As noticias da occupação de alguns dos Estados do Sul por forças federalistas, taes como o Paraná, Santa Catharina, etc., são verdadeiras, sendo até certo que o general Pego que commandava forças do governo no Paraná, retirou para esta capital.

O chefe do estado maior general do exercito, marechal Enêas Galvão, barão do Rio Apa, encarregado do expediente do ministerio da guerra, foi exonerado a seu pedido d'esse alto cargo, por um conflicto que teve com o director da casa de correcção, no qual o marechal Floriano Peixoto deu razão a este e desauctorisou aquelle. Para o substituir foi nomeado o general Costallat que dirigia a escola militar.

O marechal Enêas Galvão gosava de grande prestigio no exercito, ao passo que o seu substituto lhe é quasi desconhecido, por ter andado em commissões estranhas a elle durante largos annos. Não admira portanto que este acto do presidente da republica tenha sido mal recebido pelo exercito em geral. Por outro lado o general Niemeyer, que commandava as forças do governo em Nictheroy, deu a sua demissão tambem por susceptibilidades de precedencias e de hierarchia militar com o novo encarregado dos negocios de guerra. Por todos estes motivos, e ainda por outros, parece reinar grande descontentamento no exercito, e diz-se que grande numero de officiaes teem sido mandados prender, achando-se hoje nas diversas prisões do Estado mais de tres mil prisioneiros de todas as classes sociaes, e por diversos motivos conhecidos ou não, justos ou injustos!

Estamos em um tempo de terror, de perseguições e violencias verdadeiramente inauditas, e não seria para admirar que uma tal pressão por parte do governo desse logar a uma ex-

plosão da paciencia da população d'esta capital, que assim está sendo victima de tão inauditas prepotencias. Logo que as forças federalistas tenham avançado mais na sua marcha triumphal do Sul para o Norte, e chegarem a invadir o Estado de S. Paulo e a approximar-se d'esta capital, é quasi certo que o povo então se levantará, dando as mãos a essas forças revolucionarias e insurgindo-se contra o presidente.

O descontentamento que lavra no exercito, lavra igualmente entre os officiaes da armada que estão em terra, e a que o governo chama leaes. Esses officiaes, cuja maioria pelo menos, está em terra por não ter podido ir para o mar bandear-se com a revolta, andam visivelmente descontentes com o governo. Cinco capitães de mar e guerra, varios capitães de fragata e officiaes de menor graduação teem sido nomeados para commandos de divisões da nova esquadra, commandos de navios, etc. — e teem recusado, preferindo pedir a sua reforma, que a todos tem sido dada immediatamente. Continúa assim pois a obra de destruição e anniquilamento da marinha brazileira, a qual difficilmente poderá resurgir, depois de terminada esta ingente lucta, para assumir outra vez o seu grau de incontestavel prestigio, e o brilho em que aqui a vi em 1885, em que ella hombreava, pelo menos apparentemente, com as mais bem organisadas e disciplinadas marinhas.

E' muito triste assistir assim, no meio de um povo, por tantos titulos interessante e sympathico para nós portuguezes, a este esphacelamento rapido do mais poderoso elemento da força armada d'este grande paiz, a esta destruidora gangrena moral e politica que tem inimisado irreconciliavelmente entre si os mais distinctos e graduados servidores d'essa nobilissima classe! Custou pouco esta destruição á obcecada ambição e desvairamento de dois homens teimosos e orgulhosos. Custará muitissimo reedificar sobre ruinas sangrentas e fumegantes!

Fallou-se ha dias em uma mallograda tentativa de prisão do presidente da republica, marechal Floriano Peixoto, mas nem posso asseverar se tal boato é verdadeiro, nem quem teria tentado tão audaciosa empreza. Se tiver alguns pormenores sobre o assumpto communical-os-hei á ultima hora.

Nos periodicos de 8 appareceu o decreto presidencial da vespera mandando proceder ás eleições de presidente e vice-presidente da republica em 1 de março, e bem assim ás de deputados e senadores federaes. A convenção provisoria do partido republicano federal, que parece ter grande influencia na opinião publica, indica como candidatos aos dois mais altos cargos da magistratura do paiz, para presidente: o dr. Prudente José de Moraes Barros, senador pelo Estado de S. Paulo e advogado ali residente; para vice-presidente o dr. Manuel Victorino Pereira, senador pelo Estado da Bahia e medico alli residente.

Se o presidente Floriano Peixoto consegue chegar ao dia da eleição sem ter tido uma revolução n'esta capital, póde-se dizer que ganha a lucta contra os seus antagonistas, que só visam a desthronal-o, porque lhes tira o pretexto unico pelo qual elles o guerreiam. Depois andaria elle bem se entregasse o poder ao seu successor, muito embora a Constituição lhe prescreva fazel-o só a 15 de novembro futuro. Saindo elle sob pretexto de doença ou de qualquer outro impedimento, e retirando-se á vida privada, não haveria mais razão para discordias, chegavam todos os partidos a harmonia, e renasceria a paz interna com todas as suas vantagens.

Pensava eu que não seria já possivel haver eleições em 1 de março, terminando o estado de sitio a 25 do corrente, por serem necessarios vinte dias previos para organisação das mezas eleitoraes e outros trabalhos. Como, porém, o presidente, muito habilmente, aproveitou a circumstancia de estarem já as mezas organisadas antes de ter rebentado a revolta, bastarão talvez para a eleição os poucos dias que decorrem desde 25 de fevereiro até 1 de março.

Hontem a lancha a vapor «Celestina», que está ao nosso serviço com a bandeira portugueza, e que andava no trafego habitual do commercio maritimo do porto, foi de manhã aprisionada no caes da Harmonia pela tropa de terra, não obstante ter a seu bordo um marinheiro nosso. Os tripulantes, com excepção do marinheiro da armada, foram levados para a policia, bem como o dono da lancha, allegando-se como motivo para

este acto violento o ter a lancha «Celestina», em uma das suas viagens, atracado a um dos navios revoltosos.

Não tenho ainda a parte official do caso que me ha de ser mandada pelo commandante da corveta «Affonso d'Albuquerque», a quem pertence a praça; mas posso desde já affirmar *á priori*, que a captura da lancha é perfeitamente injusta, porque o governo brazileiro, — que nunca nos deu a minima satisfação pelos anteriores insultos gratuitos, e que nos sente fracos por não insistirmos n'essas exigencias, como foi recommendado d'ahi ao conde de Paço d'Arcos — entende dever descarregar sobre os portuguezes as iras que tem contra todos os estrangeiros! É uma situação degradante, e que de dia para dia tende a aggravar-se mais.

Em tendo a parte official, mandal-a-hei *pro forma* ao nosso encarregado de negocios, por descargo de consciencia, mas certissimo de que nada de util conseguirei.

Hontem dirigi um telegramma a essa secretaria, no qual dava succinta conta de mais este deploravel incidente.

N'esse telegramma (Doc. N) annunciava eu tambem o decreto mandando proceder ás eleições de presidente e vice-presidente da republica, senadores e deputados federaes, no dia 1 de março. Dizia eu tambem que dos dois navios havia já no hospital seis doentes com febre amarella, e hoje posso accrescentar que ha mais um. Além dos quinze doentes que o medico recommenda deverem ser mandados para Lisboa, e que eu vou fazer seguir no vapor francez d'aqui a tres dias, diz elle que mais alguns devem brevemente ter o mesmo destino. As duas guarnições vão-se assim desfalcando e enfraquecendo, e o serviço fica successivamente mais pesado para aquelles que ainda estão validos.

Na madrugada de hoje, foi retomada pelos revoltosos, auxiliados por lanchas e pelo «Aquidaban», a ponta da Armação. Houve fogo vivissimo, em que tomaram parte os navios e algumas fortalezas; alguns projecteis grandes passaram pelo nosso arvoredo, cortando alguns cabos, e rebentou um debaixo do pica-peixe.

Á ultima hora. — Remetto copia de participação official do

commandante da «Affonso» sobre o incidente da lancha «Celestina» (Doc. O). Falta-me o tempo para os commentarios que este caso requer, além dos já feitos, porque vou fechar a mala. Na seguinte direi mais alguma cousa.

O commandante, *Augusto de Castilho*,
Capitão de fragata.

Documento A

Artigo do "Tempo„ do Rio de Janeiro, de 30 de Janeiro de 1894 ácerca do conflicto entre os almirantes Benham e Saldanha

A's 10 horas da manhã, um facto importantissimo chamou a attenção das pessoas que observavam o mar.

Os possantes navios de guerra que compõem a esquadrilha norte-americana surta em nosso porto, todos de fogos accesos e preparados para uma acção, deixaram os seus ancoradouros e acercaram-se dos navios em poder dos revoltosos, arriando as torpedeiras dos turcos o couraçado "S. Francisco„, collocado ao pé do "Aquidaban„.

Pouco depois ouviu-se uma serie de tiros de grosso canhão disparados pelo couraçado "New-York„ contra o "Trajano„ e o rebocador "Gil Blas„.

A esses tiros respondeu o "Trajano„ com um de polvora secca, fazendo em seguida signaes o "Liberdade, e o mesmo "Trajano„.

Essa attitude hostil da esquadra norte-americana, era sem duvida provocada por um insulto feito á bandeira estrellada da grande republica pelos piratas, como taes julgados por um decreto do governo constituido.

Foi esta a reflexão que acudiu a todos os espiritos, e effectivamente era esta a verdade, como se vê do documento que adiante reproduzimos.

Acostumados a commetter impunemente toda sorte de tropelias e desacatos, todos os actos de depredação que lhes apraz, os revoltosos levaram a sua audacia aos ultimos limites, obrigando a uma justa represalia.

Eis o officio que sob as occorrencias dirigiu ao sr. Enéas Galvão o sr. almirante William Benham, commandante da esquadrilha norte-americana:

«Dirigi ante-hontem uma notificação ao chefe dos insurgentes, prevenindo-o de que os navios mercantes de minha nacionalidade estavam sob a protecção da esquadrilha sob o meu commando e de que a esquadra insurgente não podia absolutamente fazer fogo sobre elles, que podiam descarregar livremente nos logares indicados pelas auctoridades legaes.

Não tendo recebido resposta alguma até ás 10 horas da noite, dirigi então uma intimação, communicando que, se os insurgentes fizessem fogo sobre os navios mercantes, os navios de guerra americanos responderiam a esse fogo.

Hoje, ás 10 horas da manhã, sahiu do trapiche do Lloyd uma lancha com a bandeira americana conduzindo um 1.° tenente americano para bordo; esta lancha foi chamada á falla pelo "Trajano„, que, não sendo obedecido, fez fogo contra a mesma. N'essa occasião o cruzador "New York„ intimou o navio insurgente, que não obedeceu. Então o "New-York„ approximou-se do "Trajano„, para abordal-o, disparando n'essa occasião 11 tiros, 7 dos quaes attingiram o navio insurgente.

O rebocador "Gil Blas„, que perseguia a referida lancha, foi alcançado por uma bala que lhe inutilisou a pôpa.

Peço, que á vista da minha firme resolução de intervir directamente a fim de proteger o commercio de minha nacionalidade, acho conveniente que o governo avise os moradores das proximidades da ilha das Cobras, afim de não serem sacrificadas as suas vidas e destruidas as suas propriedades„.

Documento B

Protesto do almirante Saldanha da Gama contra o acto de força do almirante americano Benham

Commando em chefe das forças da revolução contra o governo do marechal Floriano Peixoto no porto do Rio de Janeiro.

Bordo do Cruzador "Liberdade„ 30 de Janeiro de 1894.

A S. Ex.ª o Sr. Commandante das Forças Navaes Portuguezas.

Todos os navios surtos n'este porto, assim de guerra como mercantes, foram testemunhas da opposição tão grave, quão apparatosa, que a esquadra sob o meu commando soffreu hontem de

manhã das forças navaes ao mando de S. Ex.ª o sr. contra-almirante Benham, da marinha dos Estados Unidos da America do Norte.

Partindo do principio de que o elemento revolucionario no Brazil, do qual a esquadra que opera n'este porto é apenas um factor, não foi ainda reconhecido belligerante, e baseando-se no dever de proteger *quand même* o commercio maritimo sob a bandeira do seu paiz, s. ex.ª acreditou licito empregar com ostentação a imponente força naval sob o seu commando para obrigar a esquadra revolucionaria a consentir que tres navios mercantes norte-americanos, em vez de executarem sua descarga sobre ancora, o fizessem amarrados ao longo dos trapiches da cidade.

As medidas adoptadas pelas forças sob o meu commando jámais foram de natureza a offender os interesses do commercio maritimo estrangeiro; ao contrario, chegámos até a constituir um *modus vivendi*, segundo o qual, em troca da não atracação dos navios mercantes aos trapiches da cidade, o que embaraçaria as nossas operações militares, concordámos em deixar circular nas aguas do porto, sob a protecção de bandeiras estrangeiras, rebocadores, lanchas e barcos de descarga, por sua natureza brazileiros e portanto sujeitos a serem por nós apprehendidos.

Estas medidas foram até agora aceitas e respeitadas pelos chefes das forças navaes estrangeiras surtas n'este porto, inclusivè os da marinha de guerra dos Estados Unidos da America do Norte, que aqui se acha representada desde os prodromos da actual situação. O nosso demorado reconhecimento como belligerantes pelas nações estrangeiras, que se interessam nos negocios do Brazil, se não nos tem dado certas faculdades de direito consuetudinario e escripto, comtudo não nos pode inhibir de exercer certa vigilancia em prol de nossa propria defeza e conservação.

Se não temos existencia legal, no rigoroso sentido d'esta expressão internacional, nem assim se nos pode negar a nossa existencia de facto como combatentes, por espaço de quasi meio anno no porto da capital do paiz, em face do centro do poder de nosso adversario. O caso é inteiramente novo.

Pela primeira vez assim se mantem uma força revolucionaria, por tão longo espaço de tempo dentro de um porto em posição de impedir todo o seu movimento.

A novidade do caso explica, se não justifica, a novidade das medidas adoptadas e acceitas até agora.

Não entende, porém, assim s. ex.ª o sr. contra-almirante Benham.

No empenho, segundo affirma, de proteger a todo o transe o commercio maritimo norte-americano, como, quando e do modo

que a este convier, s. ex.ª pela sua desabrida attitude de hontem nos collocou perante o dilemma de ou entrar em guerra com a nação que elle representa, o que não pode ser nossa intenção nem nosso desejo, quando estamos combatendo para libertar nossa patria de um governo dictatorial, ou então a desfazer por nossa parte, e unico interesse dos seus nacionaes, o *modus vivendi* acceito até esta data.

Pondo de parte a offensa moral resultante do acto, e contra o qual já hontem lavrei o meu protesto pela voz do canhão e pela penna, resta a saber agora se essa alteração do *modus vivendi* acceito não vem modifical-o completamente. Deante de um acto de força contra o qual não posso pretender reagir tambem pela força-n'este momento, tenho que consentir d'ora em diante na atracação ao longo dos trapiches da cidade, dos navios mercantes norte-ame, ricanos, o que importa pelo principio da imparcialidade, em reconhecer a mesma vantagem a todos os mais navios mercantes estrangeiros que frequentam este porto.

Portanto ficam assim annulladas e contra nós, as concessões que, em relação ás embarcações do trafego do porto acreditamos dever fazer em proveito do commercio maritimo estrangeiro, por intervenção dos mesmos chefes das respectivas forças navaes.

Deixando a v. ex.ª o julgar do que ha de injusto e desvantajoso em semelhante situação para nós, que acreditamos estar-nos batendo por uma causa nobre e nacional, pedimos a v. ex.ª que se digne aceitar a segurança da nossa maior consideração e respeito.

O contr'almirante
Luiz Philippe de Saldanha da Gama

Documento C

Nota do almirante americano Benham ao almirante Saldanha em resposta ao documento precedente

U. S. Flagship San Francisco, 2d Rate. Rio de Janeiro, Brazil, February 3, 1894.

Sir:

In your circular of the 30th ultimo, the statement is made that I had, by my action of the 29th, broken the *modus vivendi* under which neutral merchant ships were allowed to discharge cargo in

the stream and, under the protection of foreign flags, lighter it, without molestation, to the shore. Permit me to say that neither I nor the Senior Officer who preceded me, have had any knowledge of this *modus vivendi*, and the United States Squadron was certainly not a party to any such arrangement.

Your method of observing the *modus vivendi*, if it existed, has been most singular, as these tugs and lighters have been frequently fired upon by the forces under your command and in several instances lighters containing cargoes have been seized. I am not aware that you have, at any time, conceded the right to use foreign flags in the manner indicated in your circular.

Permit me to add further, that the statement of the situation as expressed in your circular would have been more complete if the fact had been set forth therein that American merchant vessels had been repeatedly fired upon while moving about the harbor on their lawful business and that you had declined to accede to my demand for the immediate cessation of these acts of violence. In one case since my arrival here an American vessel was fired upon from Cobras Island before you could have possibly known wheter it was her intention to go to a wharf or to anchor.

Very respectfully,

(Signed) *A. E. K. Benham.*

Rear Admiral, U. S. Navy.

Comd'g U. S. Naval Force on South Atlantic Station.

To Admiral Saldanha da Gama, Commander-in-Chief Insurgent Forces in the Harbor of Rio de Janeiro.

Documento D

Telegramma do commandante da «Mindello» ao conselho do almirantado sobre varios assumptos

Rio de janeiro, 1 Fevereiro 1894.

"Continúa a estar paiz em estado de sitio até 25, abranger Parahyba. Ministro da guerra dar a demissão. — Contra almirante americano resolver pela força das armas questão com Saldanha, que

queria impedir navios mercantes americanos atracar caes. Saldanha protestar, suspender immediatamente serviço lanchas vapor mercante bandeira estrangeira. Grande transtorno para o commercio. — Dois sargentos corveta "Mindello„ seguir no primeiro paquete doentes, é indispensavel substituir. — Quanto antes se precisa immediato official superior; é completamente impossivel eu ficar responsavel todo serviço. — Recrudescer a epidemia; medico corveta "Affonso d'Albuquerque„ febre amarella hospital em muito mau estado. Peço guardar o maior segredo.

Castilho.

Documento E

Decreto presidencial prorogando o estado de sitio até 25 de Fevereiro de 1894

O vice-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil:

Considerando que continuam a actuar os graves motivos de ordem publica que teem determinado a suspensão das garantias constitucionaes em algumas partes do territorio da Republica;

Considerando igualmente que esses graves motivos deixaram de subsistir em relação ao Estado de Pernambuco, exclusivè a sua capital; e manifestam-se actualmente quanto á do Estado do Parahyba:

Resolve, nos termos do art. 80 da constituição, prorogar até 25 de fevereiro vindouro o estado de sitio em que, pelo decreto n.º 1,617 de 25 de dezembro ultimo, foram declarados o districto federal e os Estados do Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul; ficando, outrosim, o dito estado de sitio limitado á capital do Estado de Pernambuco, extensivo á capital do da Parahyba.

Capital Federal, em 31 de Janeiro de 1894, 6.º da Republica — *Floriano Peixoto — Cassiano do Nascimento.„*

Documento F

Nota do almirante Saldanha ao commandante da «Mindello» pedindo mais uma vez para ser reconhecido belligerante

Commando em chefe das forças em revolução contra o governo do marechal Floriano Peixoto no porto do Rio de Janeiro.

Bordo do cruzador "Liberdade", 31 de Janeiro de 1894.

A S. Ex.ª o sr. commandante das forças navaes portuguezas.

Na minha qualidade de commandante em chefe das forças navaes da revolução contra o governo do marechal Floriano Peixoto, tenho a honra de pedir a attenção de V. Ex.ª sobre a circumstancia de que terminando hoje o praso do 7.º decreto do Estado de sitio ou lei marcial, ámanhã deverá sahir o 8.º decreto para continuação d'esse estado anormal e oppressivo do paiz inteiro.

Exprime e significa este facto que o governo do marechal Floriano Peixoto, illudiu-se ou procurou illudir o proprio Brazil e as nações estrangeiras, desde o inicio da presente revolução, sobre as forças e extensão desta. De outra forma não se explica que tendo declarado em documento publico no mez de setembro não carecer de mais de oito dias de praso para debellar a crise, já teve de adiar ampliando por mais sete vezes essa faculdade extraordinaria de suspensão de garantias, porém ainda assim sem resultado.

A esta demonstração evidente da impotencia do governo em domar a revolução mesmo n'este proprio porto augmenta-se a circumstancia de que as forças da revolução teem proseguido em suas vantagens. Ellas dominam hoje nas Campinas do Rio Grande do Sul, estão de posse dos Estados de Santa Catharina e Paraná onde encontraram fervorosa adhesão, e já pisam terras do Estado de S. Paulo; tudo parece indicar pois, estarem amadurecidas as condições que todas as potencias costumam considerar como indispensaveis nas luctas civis para reconhecer como belligerantes as forças revolucionarias de qualquer paiz.

Eis a razão pela qual de novo venho rogar a V. Ex.ª que se digne dar conhecimento do conteúdo d'esta nota a S. Ex.ª o sr. representante diplomatico de Sua Magestade o Rei de Portugal neste paiz.

Prevaleço-me da opportunidade para reiterar a V. Ex.ª a segurança de minha elevada estima e distincta consideração.

O contr'almirante, *Luiz Philippe de Saldanha da Gama*

Documento G

Officio do encarregado de negocios de Portugal ao commandante da «Mindello» accusando recepção de varias communicações.

Legação de Sua Magestade Fidelissima, Rio de Janeiro, 5 de Fevereiro de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Tenho a honra de accusar recepção d'um telegramma e dois officios com os n.os 23 e 24, todos com data do 1.º do mez corrente, que V. Ex.ª me fez a honra de dirigir-me.

No telegramma previne-me V. Ex.ª de me haver mandado pelo correio um officio, que depois recebi.

No primeiro d'esses officios teve V. Ex.ª a bondade de dar-me conhecimento de qual foi o seu telegramma para Lisboa, de que resultou sem duvida o telegramma que eu recebi, e de que dei conhecimento a V. Ex.ª no meu officio de 29 de Janeiro ultimo.

Quanto ao conteudo do officio n.º 24, cumpre-me assegurar a V. Ex.ª que o Governo brazileiro ainda não respondeu a uma só das minhas notas quanto ao que se tem dado com lanchas da corveta ao muito digno cargo e commando de V. Ex.ª.

Deus guarde a V. Ex.ª

Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Augusto de Castilho M. D. Commandante da Corveta "Mindello„.

Manuel Garcia da Rosa

Documento H

Officio do encarregado de negocios de Portugal ao commandante da «Mindello« accusando recepção de uma nota do almirante Saldanha.

Legação de Sua Magestade Fidelissima, Rio de Janeiro, 5 de Fevereiro de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Tenho a honra de accusar recepção de dois officios de V. Ex.ª, um com data do 1.º do corrente, que acompanha copia de uma nota

do contra-almirante Luiz Philippe de Saldanha da Gama, bem como de uma circular dirigida pelo mesmo a SS. Ex.as os Srs. Commandantes das Forças Navaes Estrangeiras surtas no porto do Rio de Janeiro; o segundo officio de V. Ex.a com data de 2 do mesmo mez, acompanha outra nota por copia do mesmo Sr. Saldanha da Gama, o que passo a levar ao conhecimento do Governo de Sua Magestade.

Deus guarde a V. Ex.a

Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Augusto de Castilho.

Manuel Garcia da Rosa

Documento I

Nota do almirante americano ao commandante da «Mindello» respondendo a outra anteriormente transcripta

U. S. Flagship San Francisco, 2d Rate. Rio de Janeiro, Brazil. February 2, 1894.

Sir:

I have the honor to acknowledge the receipt of your communication of January 28th, informing me that the Minister of Marine of the Portuguese Government has cabled you, in reply to your questions concerning foreign trade conducted in this Bay under the protection of your flag, and to the declaration made by Admiral Saldanha da Gama about the local trade, that you were to confer with me and abide by the decision that may be arrived at by myself and the other senior foreign commanders present in the Bay.

Please accept my apologies for not sending an earlier acknowledgement.

Very respectfully

A. E. K. Benham.

Rear Admiral, U. S. Navy.

Comd'g U. S. Naval Force on South Atlantic Station

To Captain Augusto de Castilho, c/o Portuguese Consulate General, Rio de Janeiro.

Documento J

Medidas hygienicas propostas pelo medico ao commandante da «Mindello» e adoptadas quanto possivel

Corveta «Mindello», 2 de Fevereiro de 1894.

Ao Commando da Corveta «Mindello». — Do medico da Corveta Mindello.

Em vista da endemia, que domina o estado sanitario d'esta terra e d'esta bahia, cumpre-me propôr a esse commando, nos termos do artigo 85.º do Regulamento do serviço de saude naval, o seguinte:

1.º Os porões devem ser beneficiados com desinfectantes habitualmente usados.

2.º Tratar de caiar urgentemente todos os alojamentos, principalmente os que mais se approximam da prôa.

3.º As retretes devem ser, duas vezes ao dia, pelo menos durante meia hora, irrigadas com agua commum sob maior pressão possivel, seguido de desinfecção pelo acido phenico ordinario ou cal.

4.º Prohibir rigorosamente a entrada das fructas de qualquer natureza e para quaesquer destinos, exceptuando as que forem expressamente prescriptas para os doentes.

5.º Reduzir quanto possivel as licenças e serviços em terra e nas lanchas ou quaesquer outras permanencias pelo littoral muito embora nas embarcações, pois que, segundo a opinião dos hygienistas da cidade do Rio de Janeiro, o maior perigo das infecções reside pelo littoral.

6.º Reduzir as baldeações da coberta a duas vezes por semana, não para deixar de fazer as devidas limpezas, mas para evitar uma atmosphera humida, visto que a ventilação é ahi deficiente. Em compensação uma desinfecção com acido phenico deverá ser lá feita todos os dias, ás horas habituaes da limpeza. Na coberta, como nos outros compartimentos do navio, os ventiladores devem ser postos sempre que o tempo chuvoso o não impossibilite.

7.º Caiar cuidadosamente os corredores.

8.º Cobrir o convez da 2.ª camara e suas dependencias com um oleado impermeavel, retirar quaesquer tapetes ou coxins do 2.º pavimento do navio, limitando o uso d'estes coxins sómente para o 1.º pavimento, isto mesmo devendo ser cuidadosamente desinfectados todos os dias.

9.º O uso da agua distillada deve ser preferido ao da agua vinda de terra.

10.º Sendo reconhecido que a mudança da temperatura e da situação constitue só por si um precioso meio de desinfecção e prophilaxia, seria de alta conveniencia que os dois navios fossem alternadamente refrescar para qualquer parte de temperatura mais baixa, e que melhor coadune com as exigencias do serviço.

11.º É necessario que uma embarcação a vapor esteja prompta a ser posta em serviço dentro d'uma meia hora, afim de que sendo reclamado o transporte d'um doente para o hospital não fique retardado ou impossibilitado de o fazer por falta de embarcação adequada.

12.º Tornando-se indispensavel não prejudicar a cubagem, acho inconveniente encher os paioes com lenha e outros objectos procedentes de barris e caixotes que estiverem pela alfandega e outros pontos suspeitos. Sendo impossivel dispensar-se da lenha para os usos do navio, poderá ser reduzida ao restrictamente indispensavel.

13.º Os numeros 3, 4, 5, 6, 7, 9 e 10 são applicaveis aos dois navios de guerra surtos n'esta bahia.

Benevolo Luiz da Fonseca
Medico naval de 2.ª classe.

Documento K

Nota do medico da «Mindello» ao seu commandante sobre providencias de prophilaxia e hygiene urgentes

Corveta "Mindello„, 5 de Fevereiro de 1894.
Ao Commando da Corveta "Mindello„ — Do medico da referida.

Hontem ás 8 horas da noite fui chamado para tratar da praça 4.ª 93 que se queixava de dores abdominaes e suppressão de urinas durante dois dias. Esta praça não figurava no numero dos doentes d'esta semana. Investigado o caso extranho de se deixar passar desapercebida durante tanto tempo a perturbação d'uma funcção tão importante, cheguei a conhecer o seguinte:

Que este fogueiro durante o dia, já desde a manhã estivera embriagado, que por isso tivera de ser substituido no serviço da lancha a vapor.

E attendendo que mesmo na occasião em que estava sendo tratado por mim dava signaes de embriaguez; — tudo isto me leva a crer que debaixo da anestesia alcoolica durante largo tempo tornou-se para elle indifferente tanto a falta da micção como tambem o consequente soffrimento de que só tão tarde se queixou.

Este incidente, que seria de consequencias de pouca monta em tempos de salubridade, e que dá a nota de como, atravez da vigilancia, surgem os abusos, quando as praças teem a facilidade de estar nas lanchas pelo littoral, muito embora em serviço; — este incidente, que felizmente está terminado bem, porque cedeu ao tratamento durante toda a noite, parece-me aconselhar-me para pedir providencias severas tendentes a evitar os abusos d'esta ordem, que evidentemente podem determinar consequencias funestas.

Tambem cumpre-me expor a esse Commando que no pavimento correspondente á segunda camara e suas dependencias, a lavagem e o enxugar a panno não perfaz as indicações hygienicas pelos motivos seguintes:

1.º Sendo reconhecido que a agua é o vehiculo dos microbios, fazendo as baldeações com agua reduzida ao indispensavel, parece á primeira vista dever satisfazer; mas assim fica attenuada somente uma cousa, ficam desattendidas as outras; pois que a agua não é o unico meio da transmissão das doenças. O proprio ar é outro. O calor e humidade, constituem elementos da proliferação dos germens morbidos.

Ora é indubitavel que a agua cahida na madeira custa tanto mais a seccar quanto maior é a humidade atmospherica. E a humidade atmospherica d'este clima é a caracteristica constante da sua meteorologia, e causa principal da sua pathologia alarmante.

Resulta d'aqui que o proprio emprego da agua distillada para as baldeações como o fazem alguns navios pelo excellente fundamento, scientificamente comprovado (*Annaes de Academia de Medicina do Rio de Janeiro*, T. 58, anno 92 a 93, pag. 331) de que entre as condições que favorecem o desenvolvimento do germen no meio exterior, está tambem a saturação do ar pelas *substancias salinas*, como succede nas terras baixas do littoral — resulta d'aqui que é deficiente essa medida, tornando-se por isso indispensavel que a superficie destinada á limpeza e lavagem se torne quanto possivel impermeavel, e accessivel á rapida seccagem.

2.º Quando porventura occorra um caso suspeito, a desinfecção se torna mais praticavel pela eliminação do oleado, recurso de vantagens indiscutiveis, porquanto um soalho impregnado de liquidos suspeitos, como o é o vomito, a urina e outros, *excreta*, resiste aos meios geraes da beneficiação; — circumstancia que importa

attender, tanto mais que o proprio sublimado corrosivo, reputado um antiseptico mais poderoso, e o acido phenico, teem fraca acção contra os germens da febre amarella. (*Revue de Cours. Scientif. do Instituto Pasteur*, de 6 de Maio de 1893.)

3.º Ao lado d'estes dois motivos apontados cumpre-me mencionar o terceiro. É reconhecida a influencia da humidade para produzir manifestações rheumaticas com febre. Ora estes symptomas prestam-se a ser confundidos com os da febre amarella no principio; de modo que algum infeliz incauto, pode, sendo accommettido da febre, despresar o seu padecimento, o que evidentemente tem consequencias desastradas.

Cumpre-me tambem expor a esse Commando que uma lancha a vapor é preciso estar prevenida para immediatamente conduzir os doentes para o hospital logo que a sua necessidade seja reconhecida; por motivos seguintes:

1.º Quanto maior é a demora tanto maior a difficuldade da sua conducção e a inutilidade talvez da sua remoção.

2.º As complicações do estado de sitio só permittem este serviço durante certas horas.

3.º Os soccorros medicos devem ser prescriptos quanto possivel por um só medico, e sem perda de tempo.

4.º É sempre alarmante a conducção espectaculosa dos doentes, o que é impossivel de se evitar quando retardada a sua remoção.

5.º Já n'uma epidemia aqui occorrida em navios hespanhoes, foi provado que a epidemia foi bem combatida, principalmente porque providencias rigorosas foram tomadas para desalojar dos navios, com toda a presteza, qualquer doente que apparecesse com a mais trivial febre ou o mais insignificante signal.

Foi-me communicado que o aspecto do cadaver do medico naval Moura Borges não apresentava os caracteristicos da febre amarella; sendo pois admissivel que além da febre amarella se tivesse n'elle dado a complicação de um typho, o que realmente parece explicar a rapidez fulminante da sua doença, e alguns pequenos detalhes que precederam esta fatalidade.

Refiro-me a esta circumstancia para expor a esse Commando a conveniencia de mandar caiar todos os alojamentos das duas corvetas, preparando a cal com sublimado corrosivo; visto que segundo as investigações feitas em França e Allemanha (*Revue des Medicam.* 1881 Crinon) parece estar reconhecida a acção combinada d'estes dois agentes contra estas doenças.

Abstenho-me de alongar muito a exposição das razões que me levam a propôr estas medidas, pela reserva que devo manter de certos detalhes e do segredo medico.

Em vista de ter apparecido a bordo da corveta "Affonso„ o

caso de doença suspeita, tornando-se necessario affastar dos navios todas as praças que por seus padecimentos anteriores constituam um perigo, quer pela facilidade de serem accommettidas, quer pela difficuldade de serem tratadas; sendo certo que, se em outras condições de salubridade d'este clima era toleravel a sua permanencia a bordo e aproveitavel o seu serviço para o estado, não o continuando a ser agora, constitue a sua presença não só um obstaculo absorvente da actividade dos mais, mas ainda uma ameaça grave como material de fomento e alimentação da terrivel endemia, sou de parecer que devem regressar ao Reino com urgencia afim de serem presentes á Ex.ma Junta de saude naval as seguintes praças: Da corveta "Affonso d'Albuquerque„: Francisco Simões Pires, conductor de machinas de 2.ª classe, com um ferimento de bala na região interscapular; 6.ª 82, marinheiro, com anemia cardiaca; 10.ª 267, grumete, com lupus; 15.ª 173, grumete, com anemia; 5.ª 288 e 11.ª 67, grumetes, com eudocardite; 4.ª 124, fogueiro, com ulcera na perna; 8.ª 42, fogueiro, com lupus. Da corveta "Mindello„: José Vaz dos Santos, encarregado da machina, com gastrite chronica; Antonio Epiphanio d'Almeida, contramestre, com hepatite alcoolica; 3.ª 93, marinheiro, icterico pelo impaludismo; 11.ª 28, marinheiro, com eucardite rheumatica; 12.ª 133, chegador, com anemia; 5.ª 40, marinheiro, com lupus; 14.ª 121, grumete, com limphangite.

Benevolo Luiz da Fonseca
Medico naval de 2.ª classe

Documento L

Telegramma do commandante da «Mindello» ao conselho do almirantado sobre varios assumptos

Rio de Janeiro, 6 de Fevereiro 1894.

Mandarei seguir no primeiro paquete sete doentes corveta "Mindello„, inclusivamente machinista Santos, contra-mestre; além d'isso 8 corveta "Affonso d'Albuquerque„. — Fogão corveta "Mindello„ quasi ser completamente inutil, poderá durar tres mezes. E' da maior urgencia deve regressar immediatamente. — Pedir instrucções com urgencia.—Mandarei fazer um contracto medico brazileiro corveta "Affonso d'Albuquerque„.— Já foi recebida remessa de mantimentos demorada alfandega; soffreu importantes avarias.

Castilho.

Documento M

Proclamação do commando das forças revoltosas aos brazileiros

A victoria da Revolução

Brazileiros! A revolução triumpha! As ultimas noticias do Sul affirmam-nos a toda a luz da verdade que desde 22 do p. p. achavam-se na capital do Paraná o glorioso almirante Custodio de Mello e o inclyto Gumersindo Saraiva, onde foram recebidos no meio do mais delirante enthusiasmo e das mais vivas acclamações populares.— Os dois immortaes guerreiros intimaram d'ahi ao marechal Floriano a render-se, evitando mais derramamento de sangue brazileiro, visto como a sua derrota será inevitavel e fatal, pois uma grande columna federalista, forte de dez mil homens, já occupa todo o valle do Itararé, de onde marcharia sobre S. Paulo e Santos que seriam tomados sem resistencia, após o que desceria a pôr cerco n'esta capital.— O marechal Floriano não respondeu; quando tentou fazer as communicações telegraphicas para aquelle estado, já se achavam cortadas.— A esquadra que opéra lá fóra no mar, depois da acquisição de tres couraçados de 1.ª classe, acha-se assim organisada: 1.ª divisão — navio-chefe, com o almirante Mello a bordo, couraçado "Libertador„ (ex-"almirante Cochrane„), couraçado "Brazil„ (ex-"almirante Brown„), cruzador "Republica„, de 1.ª classe, cruzador "Santa Catharina„, de 1.ª classe, duas torpedeiras de alto mar e tres paquetes do commercio armados em cruzadores. Esta divisão deverá sahir, até 31 do corrente, do porto de Paranaguá em direcção ás nossas aguas.— 2.ª divisão — navio-chefe, o couraçado "Seis de Setembro„, com o pavilhão do commandante Lorena guardando o littoral de Paraná e S. Paulo, mais dois vapores armados em guerra, um aviso de aço que tem 21 milhas de marcha, duas torpedeiras de rio, e dois rebocadores de aço.— 3.ª divisão — navio-chefe, cruzador de 1.ª classe, couraçado a lume d'agua "Rio Grande do Sul„, sob as ordens do capitão de mar e guerra Lara, quatro vapores armados em guerra, tres rebocadores de aço, torpedeira "Iguatemy„ e mais uma pequena torpedeira, muito poderosa, construcção russa, do systema Pappock.— A primeira d'estas divisões é a que terá de atacar e deixar anniquilada por completo a esquadra do governo, logo que esta appareça em demanda da barra, fazendo após isso a sua entrada em a nossa bella bahia de Guanabara. Espera-se que esta grande batalha se offereça até 10 de fevereiro proximo; por esse tempo já o

exercito federalista achar-se-ha ás portas d'esta capital. A tyrannia baqueará então para sempre em nossa cara patria.— Brazileiros! Preparemo-nos para o dia faustoso da reconquista da nossa liberdade!

Viva a Republica!
Viva a Esquadra Libertadora!
Viva o Exercito Federalista!
Viva o Povo Brazileiro!
Viva a Liberdade!

Ilha das Cobras, 27-1-94.

Documento N

Telegramma do commandante da "Mindello,' ao conselho do almirantado sobre varios assumptos

Rio de Janeiro, 8 de Fevereiro de 1894.

"Seis doentes ambos navios febre amarella hospital.—Decreto com data de hontem proceder á eleição para deputados, senado, presidente da republica, 1 março.—Governo fazer apprehensão outra lancha portugueza suspeita connivencia revoltosos, apesar de marinheiro meu; é infundada a supposição. Pedir instrucções com urgencia„.

Castilho.

Documento O

Notas do commandante da "Affonso„ ao da "Mindello„ dando conta do apresamento da lancha "Celestina„

Ao Commando da corveta "Mindello„.—Do Commando da corveta "Affonso de Albuquerque„.
Rio de Janeiro, 8 de Fevereirode 1894.

Communica-se a esse Commando o seguinte: Hoje pela 1 h. e 30 m. (p. m.) foi detido pela policia em terra o 2.º marinheiro 10.ª 104[640 Antonio Domingos que andava de serviço na lancha a va-

por "Celestina„ a qual como de costume se empregava na descarga de alguns navios mercantes. Pelas 5 h. e 30 m. (a. m.) sahiu a lancha "Celestina„ com o referido marinheiro para continuar o trabalho de que se achava encarregado, seguindo para isso para as docas chamadas do Maia, onde pegou de reboque n'uma catraia, que foi conduzida para bordo d'uma barca ingleza, onde a deixou indo buscar uma outra catraia carregada a bordo d'outra barca, que foi conduzida para as docas. Em seguida a lancha largou de novo para bordo da barca ingleza, onde pegou n'outra catraia, passando a bordo d'um patacho sueco, d'onde levou outra catraia. Ambas as catraias iam carregadas e foram conduzidas para as referidas docas.

Não havendo mais serviço determinado, foi a lancha ao caes da Harmonia receber ordens. N'essa occasião saltaram dentro d'ella 3 individuos á paisana que disséram ao 2.º marinheiro 10.ª 104 que tomasse conta da lancha, pois a guarnição estava presa. Ali ficou a praça até que appareceu um dos individuos á paisana que lhe disse que tambem estava preso, fazendo-o saltar em terra e entregando-o ao alferes commandante da força ali estacionada. Em seguida foi acompanhado pelo mesmo individuo á paisana para o quartel da policia, onde ficou até que foi reclamado pelo official que para esse fim tinha ido a terra.

Cumpre-me mais accrescentar que o 2.º marinheiro 10.ª[104 é praça bem comportada e cumpridora das ordens que recebe, sendo elle que desde o principio tem andado de serviço na lancha "Celestina„ não constando que hoje ou em qualquer outro dia, tenha a lancha atracado a qualquer navio que não seja mercante e em descarga.

Francisco de Paula Teves.
Capitão de fragata, commandante

Documento P

Nota do conselho do almirantado ao commandante da «Mindello» sobre a sua opportuna retirada

Da Secretaria do Conselho do Almirantado. Ao Commando da Corveta "Mindello„, Rio de Janeiro.

Lisboa 3 de Fevereiro de 1894.

De ordem do Conselho do Almirantado accuso a recepção da nota sob o n.º 5 de 10 do corrente.

Sobre a parte da mesma nota em que esse commando allude ao estado do navio e ao tempo de estação do seu pessoal encarrega-me o mesmo conselho de communicar que pela 2.ª repartição d'esta secretaria se vão expedir as necessarias ordens para serem satisfeitas de prompto todas as requisições das duas corvetas sob o seu commando e para serem para ahi enviados os toldos de que carece a corveta "Mindello»; *e que apesar de muito convir aos interesses do paiz que V. Ex.ª ahi pudesse permanecer até final resolução da lucta fratricida em que se acha empenhada a republica brazileira*, o conselho attendendo ao longo tempo de serviço de estação de quasi todo o pessoal e ao estado do navio, já tinha assentado que se tornava indispensavel mandar recolher a Lisboa a corveta «Mindello» antes do começo do verão substituindo-a se possivel fôr, por outro navio se as circumstancias ainda então o exigirem.

Accresce agora ás razões apontadas o estado de saude de V. Ex.ª não lhe permittir ter ahi muita mais demora.

N'este sentido, pois, serão opportunamente dadas ordens a V. Ex.ª

O conselho quer que eu diga, por esta occasião, a V. Ex.ª que tem na maior consideração os distinctos e importantes serviços prestados por V. Ex.ª durante a sua longa e difficil commissão, especialmente pelos prestados durante o bloqueio da costa do Dahomey como pelos prestados agora durante a permanencia d'esse navio na bahia do Rio de Janeiro em que o procedimento de V. Ex.ª se tem tornado digno do maior louvor.

Pelo secretario
Carlos Ernesto G. Teixeira.
Capitão-tenente

Documento Q

Nota do Conselho do Almirantado ao commandante da corveta «Mindello» approvando todo o seu procedimento e louvando-o calorosamente.

Lisboa, 4 de Fevereiro de 1894.

Da secretaria do conselho do Almirantado, ao commando da Corveta "Mindello„, Rio de Janeiro.

O Conselho do Almirantado ao qual foi presente a nota d'esse commando sob o n.º 2 de 1 do corrente mez, encarrega-mede com-

municar que approvou plenamente a deliberação tomada por V. Ex.ª de recolher a bordo d'esse navio os tres tripulantes portuguezes do vapor "Parahyba", como tem approvado todos os actos de V. Ex.ª durante toda a commissão da corveta "Mindello" desde a sua sahida do Tejo.

Por esta occasião, quer o mesmo conselho que eu diga a V. Ex.ª que muito conviria separar a narrativa dos acontecimentos que se estão dando n'essa capital dos assumptos de serviço que demandem uma prompta resolução.

As narrativas são pela sua natureza de caracter reservado, e tão importantes as tem considerado o conselho que de todas tem dado conhecimento immediato ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros, resultando talvez da pressa de enviar para ali os relatorios o não terem tido resposta alguns outros assumptos que nos mesmos relatorios são tratados e que certamente teriam sido respondidos se tivessem sido objecto de outras notas.

Por ultimo encarrega-me ainda o conselho de manifestar a V. Ex.ª que tem considerado e considera o seu procedimento na espinhosa commissão que ora está desempenhando como muito correcto e intelligente, patriotico e portanto digno de uma importante recompensa por parte do Governo de Sua Magestade.

Pelo secretario,
Carlos Ernesto G. Teixeira.
Capitão tenente.

Documento R

Carta do commandante da «Mindello» ao almirante americano sobre assumptos de serviço

Rio de Janeiro, 31st January 1894.

Dear admiral Benham.

You must certainly have received from admiral Saldanha da Gama his circular note to all the foreign Senior Naval Commanders about the contingencies of a possible bombardment of the city of Rio de Janeiro. Should you require a translation of said document, you have but to send one of your youngsters to me, and he shall write it under my dictation.

I expect that circular note shall cause a new meeting of our conference to be held, as it contains some few assertions which we ougth not to allow to pass unnoticed.

I read in some of yesterday 's papers the substance of a letter apparently written by you to the minister of War of the Federal Government. It is a very important document a copy of which I would like to forward to the admiralty in Lisbon. It apears to me however that the said letter is not complete, as itdoes not state that the american vessel has actually gone alongside the city whaves. I would therefore request that you be so kind as to let me have an english copy of your letter it you see no objection to it.

My leg is decidedly improving, and I hope to be all right again in a few days more.

With kind regards
Believe me, dear admiral Benham,
yours very sincerely

Augusto de Castilho.

Documento 8

Carta do almirante americano Benham ao commandante da «Mindello» sobre assumptos de serviço

Flagship «San Francisco„.—Rio de Janeiro, February 2d 1894.

Dear captain Castilho

Please accept my cordial thanks for your very kind offer to translate da Gama 's circular. I shall not trouble you just now as an officer has lately joined this ship who understands Portuguese well enough to give me a clear idea of the sense of the document. Later however, I shall be glad to avail myself of your offer in order to obtain an accurate translation for the Navy Department.

The circular was laid before the conference at its last meeting but not acted upon, most of the members being desiro s to consult their ministers before replying.

There appears to be very little for us to do in the matter, except, perhaps, to stand out for she forty eight hours clause, the guarantee of protection having been already withdrawn. It seems to me that da Gama should have been notified when this action was taken in order that he might attack the city batteries — if he so desired— before they became too strong for him.

You have probably seen that the letter which was published in the *Tempo*, purporting to have come from me, was disavowed yesterday. If you wish I will gladly give you a copy of the one I sent to the officer commanding the defences of Rio, but it is of such an innocent character that I believe you would not care for it.

I am very glad to hear of your steady improvement and hope to have the pleasure of seeing you with us again in a few days.

Believe me
yours very sincerely

A. E. K. Benham.

Nota n.º 42

Rio de Janeiro, 20 de Fevereiro de 1894.

Ao Conselho do Almirantado

1.ª Repartição

Do commando da corveta «Mindello.»

Summario: — Descripção do combate da Armação; as victimas; ferimentos do almirante Saldanha. — Soccorros medicos estrangeiros ao hospital de sangue; abstenção portugueza e seus motivos. — Pede-se um medico ao governo brazileiro para a corveta «Affonso d'Albuquerque», o qual é posto á nossa disposição. — Instrucções para o serviço medico dos dois navios. — Instrucções de Lisboa ácerca da lancha «Celestina»; explicações. — Considerações que vêem a proposito sobre o conflicto do almirante americano. — A policia pede a comparencia de uma praça da «Affonso» para averiguações, mas o commandante da «Mindello» não defere o pedido. — Annuncia-se de Lisboa a ida do novo encarregado de Negocios Conde de Paraty e dão-se ao commandante da «Mindello» instrucções restrictivas para as suas relações de dependencia com elle em todos os negocios. — Considerações largas sobre o caso. — O commandante da «Mindello» pede a exoneração, a qual lhe é negada. — Appella-se em vão para o caracter do ministro da marinha. — A febre amarella; sua horrorosa propagação. — Boatos. — Os especuladores. — Movimentos da es

quadra legal.—Estado decadente da esquadra revoltosa.—Reina o terror no Rio, mas as eleições vão realisar-se.—O estado de sitio —Indigita-se o dr. Prudente de Moraes como provavel futuro presidente.—Chegada do novo commandante da estação naval britannica. —Boletim official á esquadra revoltosa sobre o combate da Armação.—Vinda do novo cruzador legal «Nictheroy» á barra do Rio e volta para a Bahia.

Dizia eu no fim da minha ultima nota, que na madrugada de 9 havia sido pelos revoltosos retomada a ponta da Armação, onde existiram os grandes depositos de artilheria naval e material de guerra. Este deposito, que esteve logo desde o principio da revolta no poder dos revoltosos, e d'onde elles tiraram muita artilheria para armarem os navios mercantes, que converteram em cruzadores, foi mais tarde tomado pelas forças do governo, soffreu mais de um grande incendio parcial com vistosas explosões de fachos de signaes e outros artigos pyrotechnicos, foi alvo de muitos bombardeamentos, etc. Apesar de tantos desastres, e de estar reduzido quasi a um montão de ruinas, com poucos artigos cubiçaveis, tem ainda a importancia estrategica que lhe dá o morro que lhe está a cavalleiro, e que muito pode incommodar as ilhas de Mocangué, Vianna, Velha, etc.

O ataque á Armação foi dirigido pelo almirante Saldanha da Gama em pessoa, com uma porção de marinheiros em lanchas a vapor, protegidas de longe por alguns dos navios da esquadra. O desembarque realisou-se ainda de noite, furtivamente, e sem opposição da guarnição da gente do governo, que parece estava toda adormecida. Foi então que começou o combate, em grande parte corpo a corpo, e a arma branca, entrando mais tarde em acção a fuzilaria e a artilheria, logo que o general Argollo teve tempo de fazer reunir as suas tropas, para se oppor á invasão vinda do lado do mar.

Dizem uns que o almirante pretendia apenas destruir a bateria da Armação, que o estava todos os dias incommodando muito. Dizem outros porém, que elle queria tomar e occupar a cidade de Nictheroy, expulsando d'ella as tropas governamentaes. Referiu mesmo um periodico ter sido dito por um mari-

nheiro prisioneiro que o almirante Saldanha da Gama tencionava almoçar na Armação e jantar em Nictheroy! A verdade só mais tarde se saberá.

O que se sabe ao certo é que os marinheiros destroçaram a bateria, desmontaram algumas peças, tiraram as culatras de outras, e chegaram mesmo a levar uma ou duas metralhadoras, e munições. No dia seguinte porém, o governo tinha, em grande parte pelo menos, restabelecido a ordem, remontado a artilheria, recomeçando logo algumas das peças a troar contra a esquadra!

A mortandande foi muito grande de parte a parte, havendo quem mencione o numero de 50 para os mortos da esquadra e mais do dobro para os de terra. O numero de feridos é incomparavelmente maior. O proprio almirante recebeu tres ferimentos, dos quaes um em uma perna, outro no peito, e um no pescoço perto da columna vertebral, e que, com um desvio de 2 ou 3 millimetros, podia ter sido fatal. O seu estado não é porém considerado grave.

Varios commandantes superiores de outras nações, mandaram, depois d'este combate, os seus medicos á ilha das Enxadas para prestar os seus soccorros aos feridos da esquadra brazileira. Sei que o almirante Saldanha da Gama reparou que eu não tivesse mandado o meu medico, e preciso de explicar aqui os motivos que me impediram de o fazer, não para me justificar, porque não tenho em rigor obrigação d'isso, mas para que se me não attribuam intuitos menos humanitarios do que aquelles que animam o meu coração.

Logo que o almirante Saldanha da Gama transferiu para a ilha das Enxadas o hospital de sangue, pediu-me o meu medico licença para offerecer os seus serviços ao dito hospital. Não achei inconveniente n'isso, sobretudo por não se ter ainda o almirante declarado revoltoso, e por saber que outros medicos, da esquadra ingleza pelo menos, ali iam praticar. O meu medico fez o seu offerecimento em 2 de outubro; e no dia 4 respondia o almirante agradecendo e não acceitando, dizendo comtudo que, *se pelo accumulo de serviço, ou por outra qualquer circumstancia, fôr de mister esse auxilio, tão gracioso quão*

espontaneamente offerecido, acredite V. Ex.ª que será V. Ex.ª o primeiro a quem hei-de recorrer.

Mais tarde o almirante declarou-se revoltoso, e portanto entendi dever interromper com elle todas as relações minhas e dos officiaes, prohibindo-lhes que continuassem a visitar a ilha das Enxadas. Devo dizer n'este logar,—como informação subsidiaria e não como censura, porque as opiniões são livres —que os officiaes nossos e de outros navios estrangeiros não occultam as suas sympathias pela causa da revolta. E' isto em grande parte devido ao espirito de camaradagem, e talvez tambem á affeição pessoal que a todos inspirava o almirante Saldanha, que com todos os estrangeiros, e especialmente com os Portuguezes, convivia estreitamente.

Desde que o almirante se declarou revoltoso, e que ficámos assim separados, é claro que o meu medico nunca mais visitou o hospital de sangue, tanto mais que o almirante nunca sollicitou os seus serviços, como prometteu que o faria. Além d'isso, era notorio que ao serviço d'aquelle hospital havia varios medicos da Armada, incluindo o chefe da classe que é o distincto medico José Pereira Guimarães, com a patente de contra-almirante, e muitos medicos civis voluntarios. E como nós Portuguezes temos sempre sido considerados suspeitos para a malevola gente da terra, muito maiores cautellas preciso eu ter para não expôr a nossa reputação a justas criticas. Não basta que a mulher de Cesar seja honrada: é tambem necessario que o pareça. E finalmente como eu tenho estado, e continúo doente em terra em rigoroso tratamento, não soube, nem podia saber, o que a tal respeito havia sido decidido individual ou collectivamente pelos outros commandantes estrangeiros.

São estas as razões de relações externas que me impediram de mandar á ilha das Enxadas o medico da «Mindello». Ha porém inda as razões de serviço interno dos nossos navios, que difficultariam esse accrescimo de trabalho, não obstante voluntario. O meu medico tem que passar a visita aos dois navios, inspeccionar amiudadas vezes os seus diversos alojamentos, presidir ás beneficiações e desinfecções geraes e especiaes, passar as baixas para o hospital, visitar ali os doentes uns dias

por outros, examinal-os quando teem alta para lhes prescrever as convalescenças, etc., etc. Tem tido tambem que visitar o vapor «Cidade do Porto» que está sob minha protecção; e já teve mesmo que mandar lançar ao mar, mediante o respectivo termo de inutilisação, uma porção de carne secca avariada do seu carregamento. Com tal serviço pesadissimo não ficam muitos ocios para occupações estranhas, as quaes teriam mais a feição de mera ostentação do que a de imperiosa necessidade determinada por sentimentos humanitarios. Fica assim explicado o meu procedimento, o qual espero merecerá a approvação d'essa secretaria.

A falta de um medico na corveta «Affonso d'Albuquerque» estava sendo muito sensivel, não só por ficar o serviço todo dos dois navios pesando sobre um só medico, como tambem por ser a elle pouco conhecido o diagnostico e tratamento da febre amarella, o que aliás não é para admirar. Em consequencia d'isso, officiei em 7 ao encarregado de negocios, pedindo-lhe que obtivesse do governo brazileiro um medico da armada ou do exercito para servir interinamente na corveta. Pareceu-me preferivel este alvitre, a ter de contractar um medico civil, os quaes agora seriam difficeis de obter e exigiriam elevada retribuição. O encarregado de negocios respondeu como consta do Doc. A.

Em 16 apresentou-se o medico naval dr. Saturnino de Carvalho, com a graduação de 1.º Tenente (Doc. B), mandando-o eu no dia seguinte apresentar a bordo da corveta «Affonso d'Albuquerque» e lavrando uma ordem aos dois navios para reger o serviço medico a bordo. Pareceu-me necessario escrevel-a assim, para evitar possiveis conflictos por causa das differenças nos galões, e da impossibilidade de ficar o medico da «Mindello» subordinado ao brazileiro nem este áquelle. É cada um independente a seu bordo, mas as funcções da junta de saude só competem ao portuguez. Espero que essa secretaria concordará com o meu modo de proceder.

O incidente com a lancha a vapor «Celestina», a que me referi na passada nota n.º 35 de 9 do corrente, e no meu telegramma de 8, está ainda por liquidar. Essa secretaria res-

pondeu me com o seu telegramma de 9, (Doc. C), o qual não está bastante claro, mas mostra que o governo entende dever empregar eu a força para rehaver a lancha apprehendida. Concordo sempre em principio com esse modo de proceder, quando se trata de um desaggravo nacional, mas nas presentes circumstancias temos que ser excessivamente cautelosos. A lancha «Celestina» não está rigorosamente nas condições de uma embarcação do navio, posto esteja sob a nossa protecção e vigilancia. Pareceu-me portanto que não deveria ser demasiadamente precipitado pedindo a cooperação dos outros commandantes estrangeiros para uma acção de força, e achei preferivel tentar resolver a questão com o auxilio apenas do nosso encarregado de negocios e por meios diplomaticos.

Dirigi-me portanto áquelle diplomata com o meu officio n ° 36 de 10 (Doc. D), dei-lhe conhecimento das instrucções d'essa secretaria, e pedi-lhe que solicitasse do governo brazileiro a entrega da lancha «Celestina» com o que eu me julgaria satisfeito. O governo pode entretanto averiguar, se sim ou não a tripulação d'aquella embarcação é culpada de qualquer falta. O encarregado de negocios ainda me não respondeu sobre este ponto, e não é tarde para o fazer, se attendermos á distancia a que elle está da secretaria das relações Exteriores, e ao pesado serviço que esta deve ter na presente conjunctura.

Ainda sobre a conveniencia de sermos muito cautelosos antes de adoptarmos um procedimento violento, devo dizer que, não obstante o acto de força praticado pelo almirante Benham da esquadra americana ter sido dirigido contra a esquadra revoltada, nem por isso foi menos sentido pela população brazileira em geral, que no seu coração brazileiro sentiu o insulto feito a patricios seus, embora militando em adverso partido. E tanto assim é, que as subscripções que diariamente appareciam nos jornaes, para dar uma demonstração de sympathia á esquadra americana, em consequencia da demissão dada ao almirante Stanton pelo seu governo, motivada na salva por elle dada ao almirante Custodio de Mello, — essas subscripções foram repentinamente retiradas, e o motivo que as dictava cahiu no olvido! E note-se que a grande nação norte-

americana, é por muitos e ponderosos motivos o paiz estrangeiro que mais sympathias inspira ao Brazil, e de cujo auxilio material, ou alliança politica e commercial, mais elle pode carecer.

Ora se os Americanos foram assim, na sua justa desaffronta contra o almirante revoltado Saldanha da Gama, tão friamente apreciados pela população do Rio de Janeiro, calcule-se como nós seriamos stigmatisados por essa mesma população que tão mal nos quer, que desvirtua qualquer acto nosso, que nos calumnia diariamente, e que estimaria aproveitar qualquer substancial pretexto para nos atacar na sua imprensa, e mesmo para recorrer a represalias, se nós empregassemos a força armada para rehaver a lancha «Celestina».

Em vista do que fica exposto, e sem por forma alguma desattender as indicações que me são dadas no citado telegramma de 9 do corrente, acho que é mais prudente usarmos de toda a possivel longanimidade, esgotando todos os esforços diplomaticos de suasoria conciliação, antes de recorrermos a meios extremos. Aguardemos portanto a resposta do governo brazileiro sobre tão delicado assumpto para depois vermos o que nos cumpre fazer.

Em 12 do corrente recebi o officio do encarregado do Consulado Geral de Portugal (Doc. E), cobrindo copia de outro do coronel chefe da policia (Doc. F), pedindo-me que mandasse apresentar na repartição de policia o marinheiro da Armada Antonio Domingos que andava na lancha «Celestina» afim de que elle depuzesse em um inquerito sobre crime politico.

Tendo esse marinheiro sido já victima de um procedimento violento por parte das auctoridades policiaes, como foi narrado na minha anterior nota, entendi não dever expol o a novo vexame, e respondi ao Consul com o meu officio n.º 38 de 13 do corrente recusando-me a acquiescer ao pedido do chefe da policia, e dando as razões d'essa minha decisão (Doc. G). O Consul mandou copia da minha communicação ao chefe da policia, mas não obteve ainda d'elle, até hoje, qualquer resposta. Parece-me que procedi como devia, e essa secretaria se dignará dizer-me se andei bem ou mal.

O doc. H é um officio em que o encarregado de negocios me responde á participação que lhe fiz sobre o caso da lancha «Celestina», na qual eu lhe dava conta do telegramma d'essa secretaria, pedindo-lhe ao mesmo tempo que obtivesse do governo federal a entrega a mim da lancha injustamente apprehendida. Aguardo anciosamente a resposta que o governo dará ao nosso representante, e reservo para então a narração do que sobre tal assumpto fôr occorrendo.

Nos documentos I e J annuncia-me o governo a vinda proxima do nosso novo encarregado de negocios Conde de Paraty, accrescentando-me no 2.º d'elles, em data de 10 do corrente, que eu devo *proceder em tudo d'accordo com elle.* Esta recommendação chocou bastante o meu melindre, como passo a explicar.

Quando por telegramma de 14 de julho do anno passado, fui mandado seguir de Loanda para aqui ás ordens do nosso ministro, não hesitei um momento e desempenhei essa commissão com tão boa vontade e promptidão, que, em vez de seguir para Lisboa a 19 d'aquelle mez, como me estava determinado pelo commandante da divisão naval, parti a 16 para o Rio de Janeiro poucos minutos depois da meia noite. E isto, não obstante ter de trocar uma grande parte da guarnição, receber sobresalentes e outros aprovisionamentos em pouco mais de 24 horas.

O ministro de Portugal estava aqui havia tempos, conhecia perfeitamente a situação politica do paiz onde estava acreditado, ao passo que eu, que vinha de fóra, era a ella completamente estranho. Não me repugnava portanto por fórma alguma vir servir sob as ordens d'aquelle diplomata, que, além de tudo mais, era meu superior hierarchico na mesma arma em que tenho a honra de servir. Sei bem que esta ultima circumstancia nenhuma importancia tem para o caso presente; mas nem por isso deixa ella de ter actuado no meu espirito para dispôr favoravelmente toda a minha boa vontade e dedicação. Na vida militar temos sempre que obedecer passivamente e sem hesitações, mas ha sempre uma ligeira differença entre obedecer com gosto e obedecer apenas com respeitosa resignação.

Servi pois sob as ordens do Conde de Paço d'Arcos da melhor vontade, e creio que a contento de S. Ex.ª, como elle mesmo m'o significou verbalmente e por escripto, e como o pode ainda hoje ahi testemunhar. Entretanto, nas minhas funcções propriamente technicas, e especialmente nas minhas relações officiaes com os outros commandantes superiores de forças navaes, tinha necessariamente de usar como elles de uma certa autonomia, não só pela natureza especial d'essas mesmas funcções, como tambem pela distancia a que se achava o ministro, e pela difficuldade de o consultar, sobretudo em assumptos urgentes e importantissimos. São prova d'essa autonomia, as graves resoluções em que collaborei, e de que dei conta para essa secretaria, taes como: a de desembarcar forças para a terra no caso de ali se estabelecer a anarchia e perigarem as vidas e haveres dos nossos nacionaes; a de acceitar o commando superior das forças combinadas de todas as nações, commando com que fui honrado pelos meus collegas; a de declararmos ao almirante Mello que não consentiriamos que elle bombardeasse a cidade sob pena de bombardearmos nós os seus navios; a de exigirmos, por intermedio do corpo diplomatico, que o governo desartilhasse os outeiros da cidade; a de regularmos o modo pratico de se fazer o trafego de cargas e descargas dentro da bahia, sem admittirmos molestações da parte da esquadra revoltosa, etc , etc., etc.

Á sahida do Conde de Paço d'Arcos, ficou elle sendo substituido pelo 1.º secretario da Legação dr. Manuel Garcia da Rosa, encarregado de negocios, residente no paiz ha longos annos, tendo já durante muitas interinidades exercido identicas funcções com acerto, e que acabava de trabalhar com o Conde de Paço d'Arcos durante esta penosa crise politica; estava elle portanto perfeitamente conhecedor dos negocios do paiz, da politica do nosso governo, da minha maneira de proceder, etc., etc. Pois apesar de todas estas circumstancias que militam a favor do dr. Manuel Garcia da Rosa, que parecia ter toda a confiança do governo, e que com justiça a merece, não julgou o governo dever dizer-me cousa alguma sobre a maneira como eu me devia conduzir em relação a elle, dei-

xando-me continuar sob a inspiração das minhas antigas instrucções e do meu bom senso, da gerencia do ministro para a do encarregado de negocios, sem esperar solução de continuidade, e sem que realmente tivesse havido qualquer attrito ou choque entre as duas auctoridades portuguezas em terra e no mar.

Annunciando-me agora o governo a vinda do novo encarregado de negocios, julgou dever proceder diversamente, e prescreve-me que, *em tudo*, eu devo proceder d'accordo com o Conde de Paraty. Isto é, eu que estou aqui ha mais de 6 mezes, que conheço a fundo a historia d'esta sangrenta revolta, que a tenho seguido passo a passo, que tenho tomado parte desde o seu principio nas reuniões dos commandantes superiores de forças navaes, dos quaes sou hoje o mais antigo em estação no Rio, e o unico que tem permanecido aqui sem a mais pequena interrupção, eu que tenho procurado informar essa secretaria e o governo, o mais minuciosa e imparcialmente que sei e posso, sobre todas as peripecias d'esta complicada lucta, que por tantos motivos nos interessa, eu que tenho durante a minha longa carreira exercido cargos de não menor responsabilidade, e que já durante o exercicio da actual tenho recebido d'essa secretaria inequivocas provas de estar o governo satisfeito com o meu serviço e de que em mim deposita confiança, tenho agora, e só agora, que submetter as minhas decisões á apreciação de um funccionario que vae chegar, que não pode conhecer a fundo estas questões palpitantes, e que, por muito intelligente e sabio que seja não pode adivinhal-as repentinamente! Nas reuniões dos commandantes superiores não poderei tomar mais qualquer deliberação sem consultar o sr. Conde de Paraty, podendo de tal demora, em casos urgentes e graves, resultar ás vezes importantes transtornos!!!

Se o governo se limitasse a dizer-me que as minhas relações com o Conde de Paraty deveriam ser as mesmas que me haviam ligado aos seus dois predecessores, teria dito uma cousa que eu já sabia, mas não teria havido mais inconveniente do que o dispendio de algumas palavras superfluas no seu telegramma. As palavras *em tudo* porém, considero-as offensivas

do meu melindre, do meu decoro, porque mostram que o governo entende dever restringir as attribuições que eu julgava ter, que penso ter exercido legitimamente, mas em que agora vejo que exorbitei. Foi por tal motivo que respondi a esse telegramma com o meu de 12 (Doc. K).

Essa secretaria não parece ter comprehendido o motivo que me obrigou a pedir a exoneração do commando, e replicou-me com o seu telegramma de 12 (Doc. L), no qual refere a opinião do ex.mo Ministro da Marinha sobre o meu pedido. Eu então expliquei-me um pouco mais nitidamente no meu telegramma de 15 (Doc. M), e faço-o agora desenvolvidamente por esta fórma, como prometti e é meu dever.

Supponho ainda que estas novas instrucções provêem do novo ministro dos Estrangeiros, que me não conhece bastante, e que fez preponderar a sua opinião sobre a do sr. Ministro da Marinha. Appello portanto para este meu camarada e antigo amigo, para os seus sentimentos de dignidade, e espero que elle me subtrairá facilmente á continuação d'esta difficillima e ingrata commissão, concedendo me a exoneração do commando que estou exercendo. (*)

A epidemia da febre amarella tem-se desenvolvido com grande intensidade n'esta capital e seu porto; e não obstante muita gente ter-se ausentado d'aqui desde o começo da revolta pelos dois motivos, a mortalidade é mais do que normal em identica estação. Muitas praças dos nossos dois navios teem baixado ao hospital de Beneficencia Portugueza. Nem todas vão com febre amarella; mas como os medicos recommendam toda a cautella com os primeiros symptomas, e estes se podem confundir com os de outras molestias; e como além d'isso as distancias entre os navios e a terra e entre o logar do desembarque e o hospital são enormes, é necessario pôr desde o começo essas praças em logar seguro. Felizmente, com excepção do caso fatal que accommetteu o medico Moura Borges, todos os outros casos teem sido mais ou menos benignos, ou

(*) A unica resposta que veio ao Doc. M é a que se contém no Doc. P.

teem sido desde o seu principio tratados convenientemente. O que é certo é que os nossos doentes de febre amarella teem todos melhorado em poucos dias. A guarnição da corveta «Affonso d'Abuquerque» parece ter sido menos poupada do que a da «Mindello».

Nos outros navios de guerra estrangeiros teem apparecido tambem varios casos, posto que eu não possa mencionar o seu numero. O que sei é que morreu ha tres dias em um hospital estrangeiro em terra o capitão de fragata Holeczek, commandante da corveta austro-hungara «Zrinyi».

Vou mandar sair para o mar a corveta «Affonso d'Albuquerque» durante oito dias, e depois, se o serviço m'o permittir e as circumstancias o exigirem, irei eu tambem com a «Mindello». A «Affonso» leva instrucções para entrar na bahia do Cabo Frio, onde a temperatura faz uma consideravel differença da d'aqui. (Doc. N.)

Diz-se com insistencia que os revoltosos tencionam outra vez atacar Nictheroy, e por isso o governo acaba de reforçar a muito dizimada guarnição d'aquella cidade mandando para lá mais o 1.º Batalhão de Infanteria. O que se diz tambem é que este batalhão é todo affecto á revolta, e que apenas este ataque Nictheroy elle se bandeará promptamente com ella. Em taes condições, se o boato é verdadeiro, é licito conjecturar-se que a victoria não será difficil para o almirante.

Diz se mais que o presidente do Estado de S. Paulo chegou ha poucos dias a esta capital para conferenciar com o presidente da republica pedindo-lhe um reforço de 8:000 homens para se oppor á onda de invasão federalista que vem avançando do Sul para o Norte. Ora o Marechal não tem essa tropa para lhe dar, e por isso tem mandado alguns corpos de voluntarios mal organisados e peior disciplinados; e procede aqui e n'outras partes a um recrutamento vexatorio e violentissimo, não obstante as suas cathegoricas, officiaes e impressas, affirmações em contrario.

Apesar do estado de tensão agudissima em que todos aqui se acham ha muitos mezes, não se pode negar que ha uma larga secção da população a quem um tal estado de cousas

convem e convem muito. Os fornecedores do exercito, os agentes de policia secreta, que agora exercem desassombradamente as suas pequenas vinganças, os soldados e officiaes das guardas nacionaes e dos corpos improvisados de voluntarios, que ganham grossos estipendios, e ainda outros, vão folgando no meio d'estas grandes atribulações da patria brazileira. As casas de pasto estão constantemente frequentadas por garbosos officiaes encadernados em vistosissimos uniformes, os quaes se vão assim desforrando do tempo em que difficilmente poderiam manter-se. O governo está hoje dispendendo mais de mil contos de reis diarios com esta crise.

A esquadra do governo que se vae reunindo na Bahia, ainda se não decidiu a partir d'ali. De quatro torpedeiros que ha dias partiram de Pernambuco para a Bahia, chegaram dois, naufragou um, e o 4.º não appareceu ainda. O almirante Gonçalves que estava em Montevideo commandando uma divisão, como tenho dito em outras notas, foi mandado para a Bahia para commandar a esquadra, e ali se acha. Partiu tambem do Rio para lá o general Cunha Junior, que é dos mais intimos conselheiros do marechal, e que dizem ter ido levar instrucções ao almirante Gonçalves. Posteriormente partiu tambem d'aqui, dizem que com o mesmo destino, o proprio ministro da marinha vice-almirante Coelho Netto; mas apesar de tantos mandantes superiores, a esquadra ali permanece.

A esquadra revoltosa por seu lado não parece estar em muito brilhantes condições. Os navios que estão dentro d'esta bahia devem estar cançados e necessitados de reparações de toda a ordem, especialmente os mais antigos, como são o «Trajano», «Guanabara», «Aquidaban» e «Tamandaré». Dos que andam fora, e cujo paradeiro ninguem ao certo conhece, só o «Republica» é navio propriamente de guerra, porque os restantes, não fallando em alguns poucos torpedeiros, são vapores mercantes armados. O que é para mim um mysterio é a maneira como os navios revoltosos teem conseguido abastecer-se de munições; porque não é crivel que as que elles tinham a bordo, e que puderam obter dos paioes do Mattoso, de

Mocangué Pequeno e da Armação, antes das explosões d'esses paioes, tenham sido sufficientes para fazer face ao enorme consumo de 5 ½ mezes. Ha quem affirme que os navios da esquadra ingleza teem recebido munições de fora e as teem fornecido á revolta, mas este insidioso boato carece para mim de confirmação.

Esta difficuldade não existe para o governo, pelo menos em tão grande escala. O governo está fabricando polvora em todas as suas fabricas, e projecteis de artilheria nas fundições do seu arsenal de guerra, nas das officinas dos caminhos de ferro, etc., e póde receber munições do estrangeiro sem difficuldade pelo porto de Santos, que não fica longe d'esta capital. Ao mesmo tempo já o governo mandou construir 50 barracões espaçosos em diversos pontos dos arredores da cidade, para abrigar a população quando elle entenda dever começar o bombardeamento das ilhas e da esquadra com as baterias da cidade.

Entretanto, no meio de toda esta complexa e angustiosissima crise, produzida pela epidemia de febre amarella, — pelos horrores da revolta, — pelas idéas dynamitistas em que se começa ha dias a fallar com grande insistencia, inspiradas de cima e destinadas aos inimigos da chamada legalidade, abrangendo porventura a maioria dos estrangeiros, — no meio do regimen de grande terror em que estamos vivendo, e das perseguições acintosas de que todos os dias são victimas muitas dezenas de individuos, que por meras suspeitas ou por simples calumnias são subtrahidos a suas familias e aos seus interesses, — preparam-se as eleições para o dia 1.º de março!

O estado de sitio finda a 25. Ha quem diga que d'essa data até ao dia das eleições não será elle renovado, e reinará um simulacro de liberdade; mas o mais provavel é que o estado de sitio continue, e que seja apenas interrompido durante o dia em que se proceder ao acto eleitoral.

É evidente que, como a opposição não póde manifestar-se e preparar os seus trabalhos, só ás urnas concorrerão os eleitores governamentaes. Poderá isto ter influencia para as eleições de senadores e deputados; mas como sobre o candidato

á presidencia da republica não parece haver divergencias de opinião, é provavel que seja eleito para esse altissimo cargo o conselheiro Prudente de Moraes, que concilia todas as sympathias e as mais anciosas esperanças da nação.

Se o marechal Floriano Peixoto quizer terminar com um lance habil a sua difficillima missão, e sair do poder com gloria, ou pelo menos com o applauso de todos, espera esse dia, e logo depois passa o poder ao seu legitimo successor sob qualquer pretexto, e sem esperar a data de 15 de novembro fixada pela Constituição, e retira-se á vida privada. A entrada do novo presidente desarma a revolta, a qual só tinha em mira desthronar o marechal; e a attitude aggressiva dos federalistas e da esquadra não terá mais razão de ser, entrando-se assim subitamente em um inesperado periodo de paz durante a qual se reorganisará o paiz. Será talvez indispensavel decretar uma amnistia geral para todos os implicados n'este grande movimento, e lançar um espesso véu sobre o passado para começar uma vida nova auspiciosa de prosperidade.

O novo commandante do cruzador inglez «Sirius» já aqui chegou e tomou conta do commando da divisão naval: é o capitão de mar e guerra Pipon, que esteve commandando ha annos a corveta «Magician» na costa oriental d'Africa e que exerceu mesmo as funcções consulares no porto da Beira.

O documento O é um novo bolletim official do almirante Saldanha da Gama dando conta do combate da Armação. Contém este papel algumas inexactidões, e é escripto no mesmo tom emphatico dos precedentes.

Dizia-se hontem com muita insistencia que tinham chegado á barra d'esta bahia alguns dos navios da esquadra do governo, os quaes teriam ido depois para a ilha Grande. Diz-se mais que trouxeram tropas e munições, que foram desembarcadas na praia Vermelha, bem como o general Cunha Junior e o ministro da marinha Coelho Netto. Não ouso porém affirmar esta noticia, porque o consul na Bahia, a quem eu havia pedido me annunciasse qualquer movimento da esquadra do governo ali reunida, nada me telegraphou.

Á ultima hora. O «Nictheroy» seguiu outra vez para a Ba-

hia. Consta mais que uma força de federalistas desembarcou em Cananéa e que marchava sobre Santos. — Consta mais ainda que o exercito do general Salgado estava a 14 leguas de Porto Alegre.

O commandante, *Augusto de Castilho*
Capitão de fragata

Documento A

Officio da legação ao commandante da "Mindello,, informando que o governo brazileiro vae dar um medico naval

Legação de Sua Magestade Fidelissima.—Rio de Janeiro, 14 de Fevereiro de 1894.

*Ill.*mo *e Ex.*mo *Sr.*

Em resposta ao officio de V. Ex.ª com data de 7 do mez corrente, quanto á necessidade d'um medico que possa interinamente prestar os seus serviços a bordo da corveta "Affonso de Albuquerque,, apresso-me a ter a honra de informar a V. Ex.ª que o Conselheiro Visconde de Cabo Frio, em officio com data de hontem informa esta Legação de "estar o governo brazileiro providenciando "para que um medico do Exercito ou da Armada fique á disposi-"ção do sr. commandante da corveta portugueza "Mindello,.

Informarei do mais que houver.

Deus Guarde a V. Ex.ª—Ill.mo e Ex.mo sr. Conselheiro Augusto de Castilho.

Manuel Garcia da Rosa.

Documento B

Officio da legação ao commandante da «Mindello», designando o medico que vae para a "Affonso,,

Legação de Sua Magestade Fidelissima.—Rio de Janeiro, 20 de Fevereiro de 1894.

*Ill.*mo *e Ex.*mo *Sr.*

Apresso-me em communicar a V. Ex.ª que o governo brazileiro com data de hontem, respondendo ao meu pedido de 8 do cor-

rente, informa esta Legação de que fôra designado o dr. Saturnino de Carvalho para ficar ás ordens de V. Ex.ª Dignissimo commandante da corveta portugueza "Mindello„ para o que se servirá tomar as necessarias providencias.

Deus Guarde a V. Ex.ª— Ill.mo e Ex.mo sr. Conselheiro Augusto de Castilho. M. D. commandante da corveta "Mindello„.

Manuel Garcia da Rosa.

Documento C

Telegramma do conselho do almirantado ao commandante da "Mindello„ ácerca da lancha "Celestina„

Ao commando da corveta "Mindello„.— Lisboa 9 de fevereiro de 1894.

Sobre aprisionamento lancha poderá V. Ex.ª tentar reclamação collectiva apoiado força naval retomar lancha pela força estrangeira ou depois previo accordo commandante superior força caso esteja em sitio onde esta tentativa tenha resultado seguro de futuro proteger serviço lancha com lancha armada de forma evitar repetição tal facto alto criterio V. Ex.ª resolver melhor modo este assumpto para decoro interesse nacional. Immediato partiu.

Secretario.

Documento D

Officio do commandante da «Mindello» á legação pedindo reparação pelo caso da lancha «Celestina»

Urgentissimo.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Tendo eu communicado ao conselho do almirantado o aprisionamento da lancha "Celestina„, que, com a bandeira portugueza e um marinheiro meu a bordo, andava no trafego commercial d'esta bahia, recebi hoje d'aquella repartição o seguinte telegramma com data de hontem.

"Sobre aprisionamento lancha poderá V. Ex.ª tentar reclama-"ção collectiva apoiado força naval retomar lancha pela força es-"trangeira ou depois previo accordo commandante superior força, "caso esteja em sitio onde esta tentativa tenha resultado seguro "de futuro proteger serviço lancha com lancha armada, de forma "evitar repetição tal facto; alto criterio V. Ex.ª resolver melhor "modo este assumpto para decoro interesse nacional."

Antes de expor este incidente á apreciação dos meus collegas commandantes superiores de forças navaes estrangeiras, parece-me mais conveniente procurar resolvel-o amigavelmente com o governo brazileiro por intermedio de V. Ex.ª, por ser sempre desagradavel ter que recorrer a meios de força em uma pendencia entre duas potencias amigas, quando eu estou persuadido de que o acto foi mais devido a irreflexão de auctoridades subalternas sem responsabilidade, do que a ordens positivas superiores intencionalmente aggressivas para nós.

Tenho portanto a honra de propôr a V. Ex.ª que se digne expôr o assumpto ao governo brazileiro, pedindo-lhe que mande sem demora entregar-me a lancha "Celestina", que estava ao serviço dos navios de guerra portuguezes, que tinha a seu bordo um documento por mim assignado que o comprova, e pela qual eu sou moralmente responsavel para com os seus proprietarios, que na boa fé confiaram na efficacia da minha protecção nas aguas d'esta bahia.

Comprehende V. Ex.ª que a entrega da lancha que eu agora sollicito, antes de diligenciar exigil-a por outro modo, em nada pode invalidar as diligencias que V. Ex.ª terá certamente já encetado junto do governo brazileiro, para a satisfação que eu julgo ser-me devida pelo acto brutal da apprehensão.

Espero que V. Ex.ª se dignará de dar a este importante e urgentissimo assumpto toda a sua sollicita attenção, e me communicará sem perda de tempo qualquer resolução.

Deus guarde a V. Ex.ª Consulado Geral de Portugal no Rio de Janeiro, 10 de Fevereiro de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Dr. Manuel Garcia da Rosa, Encarregado de Negocios de Portugal.

O Commandante da Corveta "Mindello"

Augusto de Castilho

Capitão de Fragata.

Documento E

Officio do consulado geral, transmittindo um pedido da policia para apresentação de uma praça

Consulado Geral de Portugal no Rio de Janeiro, 12 de Fevereiro de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Para os fins convenientes passo ás mãos de V. Ex.ª por copia, o officio que hoje recebi, e no qual o chefe de Policia requisita a apresentação do marinheiro Antonio Domingos, da corveta "Affonso d'Albuquerque", para depôr em inquerito sobre crime politico.

Deus Guarde a V. Ex.ª

Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Augusto de Castilho, Dig.mo Chefe da Divisão Naval Portugueza.

Frederico Corrêa Lima

Chanceller encarregado do Consulado.

Documento F

Officio do chefe da policia ao consulado, pedindo a comparencia de uma praça

Secretaria de Policia da Capital Federal. Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1894. Numero mil quinhentos cincoenta e cinco. Segunda secção.—Ao senhor consul de Portugal.—Rogo ao senhor consul de Portugal digne-se mandar apresentar n'esta repartição, segunda feira 12 corrente, á uma hora da tarde, o marinheiro Antonio Domingos, numero cento e quatro da decima companhia da guarnição da corveta de guerra portugueza «Affonso de Albuquerque», visto ser necessario o seu depoimento em um inquerito sobre crime politico.

Reitero ao senhor consul os protestos de minha estima e consideração.

O chefe de policia *Manuel Prisciliano de Oliveira Valladão.*

Está conforme.

Consulado Geral de Portugal no Rio de Janeiro, 12 de Fevereiro de 1894.

Frederico Corrêa Lima

Chanceller encarregado do Consulado

Documento G

Officio do commandante da «Mindello» ao consulado, recusando-se a mandar apresentar a praça na policia

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Tenho a honra de accusar a recepção do officio de V. Ex.ª datado de hontem, o qual só chegou á minha mão ás 2 horas p. m.

Não me é possivel annuir aos desejos do sr. chefe de policia mandando-lhe apresentar o marinheiro Antonio Domingos da corveta "Affonso d'Albuquerque„ pelas considerações que passo a fazer.

Sabe V. Ex.ª que a lancha "D. Maria„, tambem ao serviço da corveta "Mindello„, foi violentamente atacada pela tropa de terra com fogo de fuzilaria, não obstante ter a seu bordo um marinheiro meu de minha confiança, que devia ser garantia sufficiente da seriedade de conducta da tripulação d'aquella embarcação. A lancha "D. Maria„, emquanto andou sob a minha protecção, nunca praticou qualquer acto suspeito, como reconhece o proprio sr. capitão do porto, que é a unica auctoridade que em taes assumptos pode ter opinião, e que pensa ter havido um equivoco com a lancha "Maria„. Esta ultima lancha porém, ainda não foi por qualquer forma molestada, certamente por ter a fortuna de não arvorar a bandeira portugueza!

A lancha "Celestina„, tambem affirmo a V. Ex.ª não ter praticado qualquer acto criminoso, ou que indique violação da nossa neutralidade. O marinheiro Antonio Domingos é de um comportamento exemplar, e um zeloso compridor das instrucções que lhe foram dadas, e tenho a certeza que as cumpriu conforme me foi officialmente communicado pelo commandante da corveta "Affonso d'Albuquerque„.

Em vista do exposto, dizendo o sr. chefe de policia que se trata de um crime, no qual certamente o meu marinheiro é considerado connivente, não quero arriscal-o a ser mandado á repartição de policia pelo receio de que elle ali fique encarcerado. Se o sr. chefe de policia deseja conhecer o depoimento do marinheiro, pode sollicital-o da legação de Portugal, pelos canaes competentes.

Devo dizer ainda a V. Ex.ª que, tendo eu ha mais de seis mezes procurado conduzir-me n'este paiz com a mais escrupulosa seriedade, e tendo especialmente, desde que rebentou a revolta da esquadra, timbrado em desempenhar um papel de absoluta impar-

cialidade entre os dois partidos, não posso deixar de estar justamente offendido com o procedimento provocador, aggressivo e intencionalmente pouco respeitoso de certas auctoridades brazileiras. Citarei como outro exemplo o fornecimento de agua para os nossos navios de guerra, o qual tem sido por tal forma embaraçado, que a não temos podido receber, não obstante não haver a menor opposição ao fornecimento de agua para a esquadra ingleza! E não admira isto, quando o proprio sr. ministro das relações exteriores declarou a um parente meu, que eu queria agua para a fornecer á esquadra revoltada!

Não me alargarei mais em superfluas considerações, parecendo-me sufficiente o que fica dito, para que eu seja de futuro muito cauteloso em não expor a minha auctoridade a novos vexames. O trafego maritimo das lanchas com a bandeira portugueza, que se estava fazendo sob minha vigilancia e protecção, acha-se completamente paralysado, para não expor as restantes lanchas a actos inqualificaveis como os que foram praticados contra as lanchas "D. Maria„ e "Celestina„. Esta cessação do trafego prejudica os proprietarios das lanchas, mas prejudica tambem o abastecimento da cidade.

Deus guarde a V. Ex.ª

Consulado geral de Portugal no Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Chanceller encarregado do consulado geral de Portugal.

O commandante da corveta "Mindello„

Augusto de Castilho

Capitão de fragata

Documento H

Officio da legação ao commandante da «Mindello» ácerca da lancha «Celestina»

Legação de Sua Magestade Fidelissima.— Rio de Janeiro, 12 de Fevereiro de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Tenho a honra de accusar a recepção do officio que V. Ex.ª foi servido dirigir-me com data de 10 do mez corrente, em que de novo

se occupa da occorrencia que se déra com a lancha "Celestina„ ao serviço da corveta "Affonso de Albuquerque„.

Tem V. Ex.ª a bondade de communicar-me o que a esse respeito diz o Governo de Sua Magestade em um telegramma, expondo V. Ex.ª o seu modo de pensar nas actuaes circumstancias.

Devo assegurar a V. Ex.ª que no dia 10 dirigi-me ao governo brazileiro, e eu mesmo deitei a nota no correio, queixando-me d'aquella nova occorrencia e pedindo providencias, e devo suppôr que elle não terá demora em responder-me e logo que o faça, sem perda de tempo informarei a V. Ex.ª, que resolverá então como entender.

No meu officio ao governo, de 3 de Janeiro, occupando-me de factos d'esta ordem com lanchas da corveta ao dignissimo commando de V. Ex.ª fiz no referido officio a seguinte observação: "Parecia-me que as Potencias que se acham aqui representadas com navios de guerra deviam reclamar collectivamente contra similhante procedimento que não tem classificação possivel; no entretanto como não é isto o que tem sido observado n'esta Legação eu vou reclamar e protestar isoladamente.„

Já depois em um officio a V. Ex.ª tomei a liberdade de lembrar a conveniencia de ver V. Ex.ª se seria possivel fazer-se alguma cousa n'este sentido.

Depois da resposta á minha reclamação quando V. Ex.ª venha a tomar qualquer resolução, nunca será tarde, me parece, mesmo considerando que um tal acto necessita de ser muito considerado.

Deus Guarde a V. Ex.ª.— Ill.mo e Ex.mo sr. conselheiro Augusto de Castilho, M. D. commandante da corveta portugueza "Mindello„.

Manuel Garcia da Rosa.

Documento I

Telegramma do conselho do almirantado ao commandante da «Mindello» annunciando a ida do conde de Paraty

Lisboa 9 fevereiro 1894.

"Hontem partiu conde Paraty novo encarregado de negocios.....„

Secretario.

Documento J

Instrucções restrictivas do almirantado sobre as relações entre o commandante da «Mindello» e o conde de Paraty

Lisboa, 10 ás 5 e 15 m.

Commando Corveta "Mindello„, Rio de Janeiro.

Conde Paraty seguiu paquete francez "Portugal„. V. Ex.ª proceder em tudo accordo com o mesmo devendo prestar sua cooperação quando circumstancia exigir.

Secretario.

Documento K

Telegramma do commandante da «Mindello» ao conselho do almirantado, pedindo a exoneração do commando

Rio de Janeiro, 12 Fevereiro 1894.

Foi recebido o telegramma 10; pedir a exoneração commando.

Castilho.

Documento L

Telegramma do almirantado ao commandante da «Mindello» dizendo ser inconveniente a exoneração pedida

Lisboa, 13 ás 5 e 30 m.

Commando corveta "Mindello„.

Ministro diz presente conjunctura inconveniente sua exoneração. Os acontecimentos deverão em breve permittir retirada navio.

Secretario.

Documento M

Telegramma do commandante da «Mindello» ao conselho do almirantado, instando pela exoneração

Rio de Janeiro, 15 de Fevereiro de 1894.

15 doentes seguir na direcção da junta de saude; 25 estão hospital; recrudescer a epidemia. Desejar saber-se mandarão substituir machinista, sargentos corveta «Mindello», medico corveta "Affonso d'Albuquerque„.—Toldos, barracões ser completamente inuteis; fogão está concertar.—Estou desconsiderado para todos os effeitos, telegramma 10; mandarei resposta quando partir o paquete.—Houve combate 9 ponta armação, soffrer muitas baixas ambos contendores; não houve alteração alguma situação.—Esquadra permanecer Bahia.

Castilho.

Documento N

Telegramma do commandante da corveta «Mindello» ao conselho do almirantado, sobre varios assumptos

Rio de Janeiro, 17 de Fevereiro de 1894.

"Governo brazileiro mandou apresentar facultativo de 1.ª classe marinha de guerra corveta "Affonso d'Albuquerque„.—Commandante corveta austriaca morto febre amarella.—Saldanha ferido combate 9.—Mandarei partir quanto antes corveta "Affonso d'Albuquerque„. Cabo Frio espairecer oito dias.

Castilho.

Documento O

Boletim official da Ilha das Cobras, á esquadra revoltada

Ilha das Cobras, 9 de Fevereiro de 1894.

Correspondencia official de bordo.

Jornada da Armação

A's 11 horas da noite de hontem começámos o cêrco sem que o inimigo se apercebesse, de sorte que ás duas horas da manhã estava completamente cercado e afim de que não fugissem em debandada como costumavam, evitando que lhe infligissemos nova licção, démos desembarque em terra por quatro pontos simultaneamente.

Ao signal dado travou-se renhido combate.

A justiça nos ordena que digamos que pela primeira vez o inimigo portou-se com denodo; provavelmente não havia o recurso de fuga, que nós tornámos muito difficil. O combate prolongou-se até pela manhã que o inimigo entregou-se á discripção.

Uma vez senhores da Armação, ponto que não nos convinha conservar, encravámos toda a artilheria e inutilisámos as munições que não podiam nos servir.

Esperámos entretanto o regresso dos nossos companheiros que se batiam na cidade.

Estes chegaram ás 9 horas da manhã acompanhados de 193 prisioneiros, além de grande contingente da valente força policial que pela justiça da nossa causa prestou-nos relevantes serviços.

Baixas—As forças do dictador soffreram tal revez que, temos necessidade com a nossa honra de marinheiros brazileiros assegurar a sua veracidade, sobe a muito mais de 400 entre mortos e feridos e 501 prisioneiros, os quaes foram levados para bordo dos nossos navios, em cujas cobertas formarão amanhã e depois das 7 ás 9 horas da manhã.

O general Argollo foi ferido gravemente no abdomen e entregue a uma força de sua gente que por isso obteve liberdade.

Tasso Fragoso morto e muitos outros officiaes cujos nomes diremos em correspondencia mais circumstanciada. As praças que operaram em terra encravaram a artilheria de diversos pontos fortificados como Toque-Toque, Ponta de Areia e inutilisaram o holophote e trouxeram as bandeiras.

Este é decerto um dos mais brilhantes feitos d'armas. Tenham confiança na acção da Esquadra libertadora e dentro em poucos dias estarão vingados os brios offendidos.

Saldanha da Gama.

Documento P

Telegramma de resposta do almirantado áquelle em que o commandante da «Mindello» se dizia desconsiderado

Lisboa, 16, 3 horas e 30 m.

Commando corveta "Mindello„, Rio.

Vão ser substituidos officiaes e praças que regressam. Estão quasi promptos toldos e barracões, e vão ser remettidos. Diga se é indispensavel novo fogão.

Secretario

Documento Q

Communicação circular do almirante americano propondo a cessação das visitas de ceremonial maritimo

U. S. Flagship "San Francisco„ ,2.d Rate, Rio de Janeiro, Brazil, February, 18, 1894.

Sir:

Owing to the constant and irregular movements of the men-of war now in Rio, in leaving and returning to port at short intervals, I have to suggest that the visits of ceremony usually made upon arrival and departure be dispensed with.

Very respectfully,

A. E.K. Benham.

Rear Admiral, U. S. Navy.

Comd'g U. S. Naval Force on South Atlantic Station.
To Capitan Augusto de Castilho, corvetta "Mindello„.

Documento R

Carta do dr. Carvalho ao commandante da «Mindello» pedindo para ir, sob protecção da bandeira portugueza, ver seu filho prisioneiro á ilha das Enxadas. Verdadeiro caso de protecção dada a uma auctoridade brazileira contra os revoltosos o qual não vem mencionado em qualquer nota.

Policia da Capital Federal, em 29 de Janeiro de 1894.

Ex.mo Sr. Conselheiro Augusto de Castilho

Não sendo um homem suspeito, pois sou funccionario publico de elevada cathegoria, tomo a honrosa liberdade de dirigir-me por esta a V. Ex.ª supplicando do distincto caracter de V. Ex.ª um favor tão assignalado que para mim tem a alta significação moral de relevante caridade.

Sou pae de um servidor da Patria, o sargento Edmundo de Carvalho, do 24 de linha, que, ferido no combate da ilha do Engenho, a 2 do cadente, foi transportado para o hospital da ilha das Enxadas, onde se tem conservado em tratamento habil e carinhosamente subministrado por dignos e generosos collegas meus.

Com taes adverbios me exprimo por ser esse o testemunho confesso, que me dá meu proprio filho em cartas, que d'elle hei recebido.

Desejando porém tranquillisar-me, a meus velhos paes e a minhas filhas egualmente sobre a sorte d'elle, pensei em concluir seu tratamento sob nosso lar, até porque de todo e absolutamente ficará elle arredado do theatro e dos riscos da lucta, d'essa lucta que todos lamentamos.

Assim, devidamente auctorisado pelo sr. chefe de policia, pelo Ministerio da Guerra, além do que vae de sagrado e indiscutivel no patrio poder e no paternal dever, venho rogar a V. Ex.ª a faculdade de, sob a valiosa protecção de V. Ex.ª e da bandeira portugueza, ir a bordo da "Mindello„ e de lá á ilha das Enxadas, tudo envidando para obter meu filho ad instar do que tão nobremente se fez com o filho de meu particular amigo e collega, o sr. dr. Barata.

N'estes termos, todo confiante nos fidalgos sentimentos de V. Ex.ª, agradeço o generoso obsequio e ponho-me absolutamente ás ordens de V. Ex.ª que poderá desde hoje em mim contar um

De V. Ex.ª grato servidor e leal amigo

Dr. Joaquim José de Carvalho

Medico legista da policia

Nota n.° 50

Rio de Janeiro, 28 de Fevereiro de 1894.

Ao conselho do Almirantado

1.ª Repartição

Do commando da corveta «Mindello».

Summario: Retomada de Magé pelas forças do governo. — Sahida do couraçado «Aquidaban» ao encontro do cruzador «Republica». — Conjecturas sobre o destino d'estes navios. — Noticias da esquadra legal surta na Bahia. — É mettido a pique perto da ilha do Engenho, por uma bala de artilheria do governo, um dos vapores da esquadra rebelde. — Chegada do novo encarregado de negocios, Conde de Paraty. — É restabelecido pelo governo federal o hospital da Jurujuba para doentes de febre amarella. — Recrudesce a epidemia; pessimas condições meteorologicas. — Falta de aceio na cidade. — Começam a debandar os navios de guerra. — O mau estado da guarnição da «Mindello». — Vae a «Affonso d'Albuquerque» para Cabo Frio. — Morte de uma praça. — Impossibilidade de sahir a «Mindello». — Conflicto entre marinheiros portuguezes e tropa de terra. — Relatorios medicos.

Ha tempo que os revoltosos se tinham apoderado da povoação de Magé na margem d'esta bahia, e que d'ali recebiam do interior gado e refrescos de toda a especie para a sua esquadra. As auctoridades judiciaes da localidade instauraram processo contra esses abusos, e por isso foram o juiz e dele-

gado aprisionados pelos revoltosos e levados para bordo dos seus navios, onde se acham.

Todos estes factos levaram o governo a tomar medidas de repressão energica, e n'esse sentido foi organisada uma expedição com forças de cavallaria e infanteria, a qual se assenhoreou de Magé expulsando os revoltosos, e apoderando-se de varias armas que elles ali possuiam.

Em 21 largou d'este porto com destino desconhecido o couraçado «Aquidaban», o qual se encontrou fóra da barra com o cruzador «Republica» que ali o esperava. (Doc. A.) O couraçado sahiu de noite com um bello luar, e foi alvo de vivissimo bombardeamento dirigido das fortalezas do governo. Ha quem diga que elle soffreu importantes avarias, mas ainda assim lá seguiu sem mais inconveniente apparente.

Affirma-se que os dois navios foram para a Bahia dar combate aos navios do governo, e chegou-se a espalhar hontem a noticia, de que elles haviam destruido varios d'esses navios, escapando comtudo o «Nictheroy» que dizem ter-se evadido pela sua marcha superior. O nosso consul na Bahia porém, que eu interroguei em telegramma (Doc. B), respondeu-me que a esquadra ali está ainda, como consta do seu telegramma. (Doc. C.).

Em 22 de manhã, achando-se tres dos vapores frigorificos armados em guerra pela revolta, o «Marte», o «Jupiter» e o «Pereira da Cunha», fundeados perto da ilha do Engenho e não longe do porto da Madama, rompeu das alturas que dominam este porto, fogo de artilheria contra os referidos navios. Uma bala de calibre 32 alcançou o vapor «Pereira da Cunha» e determinou uma explosão que em poucos minutos o destruiu completamente. N'esse desastre devem ter perecido perto de 40 pessoas. Disse por engano no meu telegramma de 23 que o vapor destruido era o «Jupiter».

Em 21 chegou a esta bahia o nosso novo encarregado de negocios, o Conde de Paraty, o qual veio immediatamente comprimentar-me ao meu quarto n'este consulado, por não ter eu podido ir a bordo vel-o, onde comtudo mandei o meu immediato. No dia seguinte annunciava-me S. Ex.ª a sua posse Doc. D.), respondendo-lhe eu com o meu officio (Doc. E.), em

que, não obstante o meu resentimento particular, mas de que elle não tem culpa alguma, lhe prometto, como é meu dever, a minha cooperação.

Como se verá pela nota do almirante americano (Doc. F.), o governo annuiu a restabelecer de novo o hospital da Jurujuba, visto acharem-se accumulados todos os outros.

A quadra está horrivel: a temperatura sobe a 34 e 35° centigrados; as chuvas faltam ha muito, a incuria municipal em assumptos hygienicos está abaixo das mais descuidadas aldeias do Mar Vermelho ou do Zanguebar, e a febre amarella, que se desenvolve todos os dias com assustadora intensidade, vae dizimando diariamente muitas dezenas de individuos, principalmente estrangeiros. As esquadras estrangeiras, espavoridas com esta medonha crise, teem gradualmente retirado d'esta bahia. De 19 navios que ha pouco tempo aqui se encontravam pertencentes a 9 nacionalidades diversas, estavam hontem no porto apenas um navio americano com o almirante, uma canhoneira ingleza, e a «Mindello». Alguns, como os italianos, os austriacos e allemães, retiraram de todo; outros como os inglezes, americanos e portuguezes, andam cruzando no mar. O cruzador francez «Magon» tem um destacamento de marinheiros pretos do Senegal aquartelados em um navio mercante da sua nação, e entra aqui de vez em quando, só durante poucas horas, para os render ou para lhes dar mantimentos e instrucções.

A corveta «Mindello» tem presentemente no hospital 21 praças, incluindo 2 officiaes e 1 aspirante, além de 34 dispensados a bordo. Desde o começo do mez teem baixado ao hospital 33 praças, tendo fallecido em 24 o 2.° marinheiro José, n.° 47 da 3.ª companhia, como consta do meu telegramma (Doc. G.).

Infelizmente não posso ainda ir com a «Mindello» estar alguns dias no mar, porque tenho o fogão com grande avaria nas suas caldeiras, a qual vae ser reparada logo que tenhamos conseguido obter por emprestimo fogões provisorios para substituir o nosso.

Em 25 houve um desagradavel conflicto entre tres mari-

nheiros meus que tinham vindo a terra em serviço, e soldados brazileiros. Os meus marinheiros procederam inconvenientemente por todos os motivos, mas a cordura e espirito conciliador do general commandante da 7.ª brigada de vigilancia do littoral, evitaram que as cousas tomassem lamentaveis proporções. Este incidente consta dos documentos H a L, e não chegou a ser communicado em telegramma para essa secretaria por consideral-o completamente findo e sem consequencias.

Chamo finalmente a attenção d'essa secretaria para o documento M, no qual o medico me dá conta do estado sanitario do navio no dia 26. As circumstancias são gravissimas, mas os alvitres propostos pelo medico são a meu ver inacceitaveis (Doc. N.).

Não tenho tempo para mais, nem serenidade de espirito para entrar em mais longas explicações.

O commandante, *Augusto de Castilho*
Capitão de fragata.

Documento A

Telegramma do commandante da «Mindello» ao conselho do almirantado sobre varios assumptos

Rio de Janeiro, 23 Fevereiro 1894.

Encarregado de negocios chegar sem novidade 21.—"Aquidaban„ partiu para o seu destino na mesma data, encontrar corveta "Republica„ á entrada da barra.— Navio revoltoso "Jupiter„ destruido explosão hoje aqui. Ignora-se o motivo.— Deverei continuar communicar em telegramma logo que houver noticias? — Corveta "Affonso d'Albuquerque„ Cabo Frio.

Castilho.

Documento B

Telegramma do commandante da «Mindello» ao consul portuguez na Bahia, perguntando noticias da esquadra

Rio de Janeiro, 26 Fevereiro 1894.

Peço informações exactas pelo telegrapho esquadra legal.

Castilho.

Documento C

Telegramma do consul portuguez na Bahia ao commandante da «Mindello»

Bahia, 27 Fevereiro 1894.

Esquadra prompta para partir logo que receba ordens para partir. Semana passada remetti pelo correio informações consulado geral.

Consul.

Documento D

Officio do encarregado de negocios conde de Paraty ao commandante da «Mindello», participando a sua posse

Legação de Sua Magestade Fidelissima.

Petropolis, 22 de Fevereiro de 1894.

*Ill.*mo *e Ex.*mo *Sr.*

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.ª para os devidos effeitos que acabo de tomar posse das funcções de encarregado de negocios de Portugal no Brazil.

No desempenho do meu dever, tratarei de cumprir as instrucções do Governo de Sua Magestade, as quaes V. Ex.ª conhece, relativas ás circumstancias extraordinarias, que o Brazil atravessa;

tenho muito gosto em declarar ao mesmo tempo que me animei a acceitar esta commissão extraordinaria, além d'outros motivos, por contar com a valiosa cooperação de V. Ex.ª.

A séde da Legação continúa provisoriamente n'esta cidade.

Deus guarde a V. Ex.ª

Conde de Paraty.

Ill.mo e Ex.mo Sr. conselheiro Augusto de Castilho, M. D. commandante da corveta "Mindello„.

Documento E

Officio do commandante da «Mindello» ao conde de Paraty ácerca da sua posse

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Tenho a honra de accusar a recepção do officio de V. Ex.ª de 22 do corrente, no qual V. Ex.ª se digna de me participar que tomou posse das funcções de encarregado de negocios de Portugal, n'este paiz.

Diz mais V. Ex.ª que um dos motivos que actuaram no seu espirito para acceitar esta commissão foi o contar com a minha cooperação.

Estando eu ancorado n'esta bahia desde 11 d'agosto do anno passado, e tendo assistido ao começo e gradual desenvolvimento d'esta desastrosa revolta, não posso deixar de estar minuciosamente informado de tudo que se tem passado, e de que tenho dado conta ao conselho do almirantado em successivos relatorios que provavelmente V. Ex.ª compulsou em Lisboa.

Em taes circumstancias não posso deixar de assegurar a V. Ex.ª que, emquanto eu tiver o mando superior nos dois navios que aqui temos, póde V. Ex.ª dispôr da minha coadjuvação como entender mais conveniente a bem do serviço que todos aqui estamos desempenhando.

Aproveito a occasião para chamar a attenção de V. Ex.ª sobre varias representações por mim dirigidas a essa Legação, ácerca de

desacatos feitos pelas auctoridades federaes á bandeira portugueza, e de que ainda nos não foi dada reparação alguma.

Deus guarde a V. Ex.ª

Bordo da corveta "Mindello", surta na bahia do Rio de Janeiro, 25 de Fevereiro de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr. conde de Paraty, encarregado dos negocios de Portugal.

O commandante

Augusto de Castilho.

Documento F

Communicação do almirante americano ao commandante da «Mindello» sobre o hospital da Jurujuba

U. S. Flagship "San Francisco", 2d Rate, Rio de Janeiro, Brazil, February 25, 1894.

Sir:

Owing to the crowded condition of the yellow fever hospitals in the City, I have requested the Government of Brazil, through the American Minister, to re open the Hospital of Jurujuba for the accomodation of the sick from all merchant vessels and men-of-war in the harbor.

A similar request was made at the same time by the Commanding Officer of the English Cruiser "Sirius" through the English Minister.

I have not yet heard from the American Minister, but I am informed by the Commanding Officer of the "Sirius" that the Brazilian Government has complied with this request. Boats conveying patients across the harbor to the hospital are to carry a yellow flag in addition to their national colors.

I have written to Admiral da Gama requesting him to direct the forces under his command to respect boats employed on this service, and await his reply.

Very respectfully

A. E. K. Benham.

Rear Admiral, U. S. Navy

Comd'g U. S. Naval Force on South Atlantic Station.

Commanding Officer, "Mindello".

Documento G

Telegramma do commandante da «Mindello» ao almirantado sobre varios assumptos

Rio de Janeiro, 26 Fevereiro 1894.

"Continua a estar paiz em estado de sitio até 28.— Morto marinheiro José 3.ª 47 corveta "Mindello„,— Governo recuperar Magé; foram batidos os revoltosos.

Castilho.

Documento H

Telegramma do commandante da «Mindello» ao encarregado de negocios àcerca do conflicto com marinheiros

Rio de Janeiro, 26 Fevereiro 1894.

"Peço urgencia V. Ex.ª presença aqui reclamar tres marinheiros meus presos auctoridades terra.

Castilho.

Documento I

Telegramma do encarregado de negocios ao commandante da «Mindello» sobre o conflicto com marinheiros

Petropolis, 27 Fevereiro 1894.

"Acabo telegraphar ministro dos negocios estrangeiros; vou hoje.

Paraty.

Documento J

Telegramma do encarregado de negocios ao commandante da «Mindello» sobre assumpto do precedente

Petropolis, 27 Fevereiro 1894.

"Chego ámanhã.„

Paraty.

Documento K

Officio do general Pimentel ao commandante da «Mindello» sobre o conflicto com marinheiros

Commando da 7.ª Brigada de Vigilancia no Littoral, Quartel General na Harmonia, 26 de Fevereiro de 1894.

Sr. Commandante da Corveta Portugueza "Mindello„ estacionada no porto do Rio de Janeiro.

Tendo tres marinheiros da corveta sob vosso digno commando feito grande desordem, hoje em terra, e tendo um official d'este Quartel General sido grosseiramente injuriado pelos desordeiros na occasião em que intervinha para accomodal-os, acham-se por isso detidos n'este Quartel General.

Se dispuzessemos de embarcações já vol-os teria mandado apresentar a bordo, e na impossibilidade de assim proceder rogo-vos expedir vossas ordens afim de serem recolhidos a vossa corveta os alludidos marinheiros.

Saúde e fraternidade.

General *Antonio Gomes Pimentel.*

Documento L

Officio do commandante da «Mindello» ao encarregado de negocios sobre a terminação do conflicto com marinheiros

*Ill.*mo *e Ex.*mo *Sr.*

Tenho a honra de confirmar o telegramma que a V. Ex.ª dirigi em 26 do corrente, ácerca da prisão de tres marinheiros meus, que, tendo vindo em serviço a terra, praticaram desatinos no caes da Harmonia e foram presos pelas forças federaes.

N'esse dia foi impossivel descobrir onde as ditas praças estavam retidas, não obstante as repetidas diligencias que n'esse sentido foram empregadas pelo Encarregado do Consulado Geral, a meu pedido, junto do chefe da policia.

Hontem de manhã, comtudo, tendo eu chegado ao caes da Har-

monia para ir a bordo, recebi um officio do general commandante da 7.ª Brigada de Vigilancia do Littoral, mandando pôr á minha disposição as minhas praças. Fui immediatamente ao Quartel General agradecer ao general a sua prova de conciliação e boa disposição a nosso respeito, mandei embarcar os marinheiros, e considerei este incidente definitivamente findo sem maior inconveniente.

Agradeço a V. Ex.ª toda a sua boa vontade, estimando que não tivesse sido necessario vir V. Ex.ª a esta capital para tratar d'este assumpto.

Deus guarde a V. Ex.ª.— Bordo da corveta "Mindello„ surta na bahia do Rio de Janeiro, 28 de Fevereiro de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr. conde de Paraty — Encarregado de Negocios de Portugal.

O commandante, *Augusto de Castilho*

Capitão de fragata

Documento M

Do medico da "Mindello„ ao commando da mesma corveta, sobre o pessimo estado sanitario da guarnição

Ao commando da corveta "Mindello„. — Do medico da mesma.

Corveta "Mindello„, 26 de Fevereiro de 1894.

Cumpre-me participar a esse commando o seguinte:

Fui hoje chamado muito cedo para vêr o official Vizetto, que se queixava da febre. Examinei-o immediatamente, encontrei n'elle uma temperatura um pouco elevada.

Tornei a examinal-o, e achei que a temperatura ia subindo. Em vista d'isto aconselhei para baixar ao hospital. E como tinha que o acompanhar pedi para passar a visita clinica mais cêdo.

Estava o corneta tocando ao içar da bandeira. Cahe o mesmo subitamente sem poder tocar mais. Soccorri-o procurando reanimal-o; e effectivamente levantou-se depois de algum tempo. Em seguida fui passar a visita, quando sou urgentemente chamado para soccorrer o immediato.

Sahi da visita immediatamente, e fui lá vêl-o. Estava com suores frios, pulso deprimido, todo pallido, mas o espirito exaltado, não admittindo dizer-lhe que está com susto. Dei-lhe ether; mas elle queria por força ser considerado como accommettido por febre amarella, pedindo, por isso, um purgante energico.

Como n'este estado não podia medical-o, precisava de o deixar socegar, demorei-me um pouco; entretanto, fui concluir rapidamente o serviço indispensavel para outros doentes da coberta. Voltando d'ahi fiz medicar o official immediato com oleo de ricinos, mesmo porque era inconveniente contrarial-o mais.

Em seguida embarquei com o official Vizetto para a lancha, acompanhado do corneta e uma outra praça que tambem baixaram para o hospital.

Chegando ao caes da Harmonia sou surprehendido de vêr o dispenseiro da 2.ª camara accommettido da febre tambem, a chorar muito afflicto. Fil-o immediatamente baixar ao hospital sem mais formalidades, levando-o commigo para o hospital, d'onde escrevo esta.

É-me impossivel descrever a impressão profunda e alarmante em que está a guarnição, cujo estado sanitario é visivelmente mau.

Em vista d'isto, perante a anarchia possivel pelo panico tomo a liberdade de propôr como medida extraordinaria e urgente o seguinte:

Um desembarque de todo o pessoal do navio, exceptuando o indispensavel para o guardar; mandando seguir os desembarcados para Petropolis, quer sejam officiaes quer praças inferiores, para serem lá tratados da sua convalescença, ou beneficiados do contagio; regressar outros para o Reino, sendo possivel. Eu ficarei onde o serviço clinico o exigir.

Proponho esta medida porque tendo eu indicado, ha mais tempo, como conveniente a sahida do navio, julgo que isso foi irrealisavel até hoje; considero por isso aquella medida — o desembarque, como unica racionalmente indicada. Cumpre-me declarar que a sahida urgente do navio é a melhor, sobretudo sendo para a Ilha Grande, onde, segundo me informam os medicos d'esta cidade, ha todas as condições para tanto.

O enfermeiro do navio está doente.

Taes são resumidamente as circumstancias que exponho rapidamente, porque o tempo e o serviço não me permittem fazel-o melhor.

Benevolo Luiz da Fonseca,
Medico naval de 2.ª classe.

Documento N

Telegramma do almirantado ao commandante da «Mindello» sobre varios assumptos

Lisboa, 24.

Commando da corveta "Mindello".

Continuar noticias seguirão paquete "Equateur" medico machinista, quatro inferiores, quinze marinheiros.

Secretario.

Nota n.º 54

Rio de Janeiro, 6 de Março, de 1894.

Ao conselho do Almirantado

1.ª Repartição

Do commando da corveta «Mindello».

Summario:—Instrucções ao commandante da «Affonso de Albuquerque».—Conta do dito commandante ácerca de uma commissão na costa do Brazil.—Novas instrucções ao mesmo.—Estado sanitario da «Mindello».—Fallecimento do segundo tenente Vizetto.—Continua a epidemia da febre amarella. — Doença do immediato Santos Pereira.—Segnem varios officiaes para o reino.

Juntas serão encontradas as instrucções que por mim foram dadas ao commandante da corveta «Affonso de Albuquerque» para a commissão que elle foi desempenhar na costa proxima d'esta bahia.

O documento A é a copia da nota do mesmo commandante dando conta da maneira como desempenhou essa commissão, e o documento B é o relatorio do medico provisorio d'aquelle navio sobre as condições d'elle e da guarnição durante os oito dias decorridos.

Junto mais o documento n.º 2 que contém as novas instrucções que dei ao commandante da corveta «Affonso de Albu-

querque» para ir outra vez para o mar, com o fim de subtrahir aquelle navio á perniciosa influencia climaterica d'aqui na crise calamitosa que atravessamos, visto não poder n'este momento fazer sahir a corveta «Mindello», por ter o seu fogão em mau estado, e por não ter machinista.

O documento C é a informação sanitaria ácerca das guarnições dos dois navios, dada pelo meu medico e relativa á segunda quinzena de fevereiro.

Os documentos n.ºs 6 e 7 são telegrammas meus para essa secretaria ácerca dos movimentos da corveta «Affonso d'Albuquerque», e ácerca da doença e morte do segundo tenente da armada João Pedro da Cruz Vizetto, que pertencia á guarnição d'esta corveta. Este official, que era um dos melhores que eu tinha a bordo, faz muitissima falta ao serviço, e carece de ser com toda a urgencia substituido.

Ha dias seguiram para o reino em um vapor allemão, uma praça de marinhagem e outra das machinas da corveta «Affonso d'Albuquerque». Ficaram no hospital seis praças de marinhagem e tres avulsas d'aquelle navio. Estão mais no hospital, pertencentes á «Mindello», um official (machinista Lavrador), uma praça avulsa, cinco praças de marinhagem, e duas da machina. Falleceu em 24 do passado o segundo marinheiro José n.º 47 da 3.ª companhia. Teem tido baixa ao hospital, desde 1 de fevereiro, cincoenta e uma praças, e estão trinta convalescentes e dispensadas a bordo!

O clima continúa pessimo; a endemia da febre amarella vae todos os dias devastando horrorosamente a população; a temperatura conserva-se muito elevada, e as chuvas desappareceram quasi de todo, com excepção das poucas gottas d'agua que, de muitos em muitos dias, cahem em resultado de alguma preguiçosa trovoada, que faz mais mal do que bem ás condições climatericas.

O lixo das ruas, que antigamente era levado em embarcações para a ilha Sapucaia, a sotavento de toda a cidade, onde era destruido pelo fogo, é hoje queimado dentro da propria cidade, no centro de dois dos bairros, mais populosos, Botafogo e S. Christovão, causando um fumo fetido insupportavel e

emanações deleterias. A causa d'isto, foi ter-se o almirante Saldanha da Gama opposto a que transitassem as lanchas do lixo na bahia, com o pretexto de que queria mesmo prejudicar a população, e leval-a a insurgir-se contra o governo de terra, que elle considerava causador indirecto d'esse grande prejuizo! Mas essa população não se insurgiu nem se insurge, e vae soffrendo resignada a immundicie, a miseria, a arbitrariedade, e a morte, durante este longo e chronico estado de sitio e de guerra que dura ha seis mezes.

O capitão-tenente Santos Pereira, que d'ahi me foi mandado para meu immediato, creio ter vindo contrariado para esta commissão, como viria qualquer outro em tão tristes condições, e pouco serviço tem feito desde que tomou posse do seu cargo. Em 26, no dia em que adoeceu o tenente Vizetto, teve elle uma syncope em cima da tolda, produzida, pelo menos em grande parte, por presenciar outra em uma praça de marinhagem. Ficou de tal modo aterrado, que foi necessario sujeital o a um cuidadoso tratamento, como ficou narrado em uma nota do medico, que por copia mandei na mala passada. Tendo melhorado d'esse padecimento, imaginario ou real, sobreveiu-lhe um ataque de rheumatismo gottoso, e depois, tendo entalado a perna direita entre dois xadrezes do tombadilho, teve que se recolher ao leito, onde está ha cinco dias. Em 4 fez-me ver a impossibilidade em que estava de desempenhar as funcções do seu cargo, enviando-me ao mesmo tempo o medico a nota cuja copia envio (Doc. n.º 8). Dei em 5 ordem para que elle fosse substituido pelo segundo tenente mais antigo, Gago Coutinho; dispensei-o das suas funcções, que elle não podia desempenhar, e auctorisei-o a ir para terra tratar-se, tencionando elle, segundo creio, ir para Petropolis. Como é facil de ver, um official sem saude como este, e com o terror que parece dominal-o, é prejudicialissimo a bordo; e portanto, se elle se não restabelecer em poucos dias, e se não puder reassumir as ingratas funcções do seu cargo com toda a assiduidade que ellas reclamam, ver-me-hei na dura necessidade de o mandar para Lisboa, o que será no entanto — não posso occultal-o — um mau exemplo para os

outros officiaes que cá ficam, e que teem supportado sem o minimo murmurio um serviço pesadissimo, inglorio, e cheio de riscos de toda a especie!

Sem o capitão tenente Santos Pereira, e sem o tenente Vizetto, fica todo o serviço interno do navio desempenhado por tres tenentes, dos quaes um é o immediato! Eu tenho bastantes preoccupações de outra ordem, para ter ainda que descer a superintender nos assumptos de disciplina interna, aceio, hygiene, administração e detalhe.

No paquete que esta conduz, seguem viagem para o reino. para serem presentes á junta de saude, por opinião do medico e ordem minha, os dois aspirantes de machina Fernandes e Daries, um cabo fogueiro, um corneteiro e mais quatro praças de marinhagem. E' indispensavel que todas estas praças sejam com urgencia substituidas, porque a guarnição fica successivamente mais desfalcada. Saindo os aspirantes de machina, fica esta entregue a um conductor, emquanto não chegar o machinista, o qual só é esperado a 10.

O commandante, *Augusto de Castilho*
Capitão de Fragata

Documento A

Relatorio da viagem hygienica da Corveta «Affonso de Albuquerque» ao Cabo Frio

Rio de Janeiro, 28 de Fevereiro de 1894.

Ao Commando da Corveta "Mindello„.— Do commando da Corveta "Affonso de Albuquerque„.

Em consequencia da nota n.º 41, com instrucções d'esse commando, largou esta corveta do porto do Rio de Janeiro no dia 20 do corrente pelas 3 h. e 45 m. (p. m.) com destino á bahia do Cabo Frio, onde fundeou no dia 21 pelas 7 h. (a. m.)

Em Cabo Frio fez-se a entrega ao respectivo pharoleiro do material para serviço do pharol, material que este navio recebeu

no porto do Rio de Janeiro em virtude do artigo 2.º das referidas instrucções e cujo recibo vae junto a esta.

Em Cabo Frio empregou-se a guarnição em exercicio de carabina ao alvo, bordejar nos escaleres, e pescar na praia com a rede do navio, pesca que deu em resultado o fornecimento de peixe fresco para dois dias, a toda a guarnição.

Ao mesmo tempo que este navio entrava na bahia de Cabo Frio, entrou tambem a corveta allemã "Alexandrine„ a qual apenas ali se demorou 36 horas.

Pela copia do relatorio do medico provisorio do navio, que junto a esta se remette, poderá bem avaliar-se tudo quanto diz respeito a assumptos de hygiene e das vantagens d'esta pequena viagem.

No dia 27 pelas 6 h. (a. m.) largou o navio da bahia de Cabo Frio, e pelas 3 h. (p. m.) foi fundear na bahia da Taipa, junto dos navios de guerra americanos, "S. Francisco„ e "Detroit„, e inglez "Sirius„, e na manhã seguinte, pelas 6 h. suspendeu-se e seguiu-se para o porto do Rio de Janeiro, onde se fundeou hoje pelas 7 h. 45 m. (a. m.)

Nenhuma occorrencia extraordinaria se deu durante os oito dias que o navio se conservou fóra d'este porto.

Francisco de Paula Teves

Commandante

Documento B

Relatorio
do medico brazileiro da «Affonso» na sua viagem ao Cabo Frio

Bordo da Corveta "Affonso de Albuquerque„ em commissão ao Cabo Frio, 28 de Fevereiro de 1894.

Ex.mo Sr. Commandante

No desempenho da honrosa commissão que me foi ordenada pelo Governo Brazileiro a bordo d'esta corveta, é meu dever de honra primeiramente manifestar a V. Ex.ª, ao muito digno Immediato, á illustre officialidade e á briosa guarnição da mesma corveta, os sentimentos da minha sincera gratidão pelos obsequios e innumeras finezas a mim dispensadas, desde que aqui me apresen-

tei, favores estes que perdurarão indelevelmente gravados em minha alma, emquanto viver.

Ditas estas palavras em homenagem ás vossas eminentes qualidades e passando a tratar do assumpto referente á minha profissão a bordo, apraz-me scientificar a V. Ex.ª, que não obstante a má constituição medica na calamitosa quadra que ora atravessa o Rio de Janeiro, com a sua população atrozmente sacrificada pela *febre amarella* e outras endemias peculiares ao climataes como, o beri-beri, a variola e as febres de mau caracter — o estado sanitario da corveta é o melhor possivel, não havendo a registrar-se até agora senão um unico caso da epidemia reinante, e este mesmo contrahido em terra, sem que lograsse similhante flagello propagar-se a bordo, graças ás medidas preventivas e hygienicas sabiamente empregadas pelo distincto facultativo da corveta "Mindello„ e principalmente ao estado de perfeito aceio mantido a bordo da corveta, modelo de ordem e disciplina; o que muito honra a V. Ex.ª e a sua digna officialidade.

Terminando estas ligeiras considerações, cumpre-me reiterar a V. Ex.ª, que, nenhum só caso de molestia infecto-contagiosa se manifestou até agora a bordo do navio, e que as enfermidades tratadas aqui e em terra nenhuma gravidade apresentaram, predominando entre ellas as affecções das vias gastro-intestinaes, respiratorias e febres ephemeras.

Deus Guarde a V. Ex.ª

O medico provisorio do navio

Saturnino de Carvalho.

Documento C

SERVIÇO DE SAUDE NAVAL

Informação sanitaria relativa á 2.ª quinzena de fevereiro de 1894

CORVETA "MINDELLO" E CORVETA "AFFONSO D'ALBUQUERQUE"

Doentes em tratamento:

	OFFICIAES DAS DIFFERENTES CLASSES DA ARMADA	CORPO DE ENGENHEIROS MACHINISTAS E SEUS AUXILIARES	PRAÇAS DO CORPO DE MARINHEIROS	PRAÇAS AVULSAS	PASSAGEIROS	SOMMAS
Da corveta "Affonso d'Albuquerque":						
A bordo	6	0	6	1	0	7
No hospital	0	1	6	3	0	10
Da corveta "Mindello":						
A bordo	0	4	20	0	0	24
No hospital	1	5	13	2	0	21
Somma	1	10	45	6	0	62

Doenças predominantes: embaraço gastrico, rheumatismo, febre amarella.

Observações:

Depois da ultima informação occorreu o fallecimento d'um 2.º marinheiro, victima da febre amarella. Todavia o estado sanitario, póde-se dizer, está estacionario, em relação ao da primeira quinzena, á parte as pequenas oscillações, com que a epidemia parece proseguir. Entretanto, se, ao embate da commoção, muitos consideram-se accommettidos, e todo o accesso febril é suspeito, os verdadeiros accommettidos são poucos: um tenente, um terceiro

machinista, quatro grumetes, constituem este ultimo numero. Hoje não ha novo accommettido. Não succedeu, porém, outro tanto antes de hontem (26 de fevereiro), a syncope do corneta, e a do official immediato, que o vira cahir e ser soccorrido, a baixa para o hospital do segundo tenente Vizetto e das outras praças, que, successivamente foram adoecendo, occorreu em taes condições e tão espectaculosamente, que suggeriu-me a indicação formulada na minha ultima nota ao commando d'esta corveta n'esse dia.

Confrontando o movimento dos doentes, isto é, comparando o numero total dos doentes dos dois navios nos mesmos dias, 28 e 14 de fevereiro, vê-se que as duas corvetas apresentavam no dia 14 o mesmo numero de doentes (28 pessoas); ao passo que no dia 28 de fevereiro, isto é, depois da corveta "Affonso d'Albuquerque„ ter-se recolhido do Cabo Frio, apresenta esta sómente 17 doentes contra 45. Pondo de parte o rigor da significação abstracta, que os numeros exprimem, é evidente que a indiscutivel beneficiação da corveta "Affonso d'Albuquerque„ representa a consagração da minha indicação para sanear os dois navios, pela mudança do meio, sahindo d'esta bahia para fóra. Está no mesmo caso a outra medida extrema, que me pareceu dever propôr (na referida nota de 26 de fevereiro) na impossibilidade de realisar essa sahida, —refiro-me ao desembarque de todo o pessoal, fazendo-o seguir para Petropolis e deixando no navio sómente o indispensavel para a sua guarda.

A climatologia de Petropolis e a observação clinica, desde longos annos teem demonstrado aos brazileiros, e os europeus teem-no consignado nos seus livros doutrinarios, a acção benefica d'aquelle clima, que se traduz não só na impossibilidade de propagar ahi aquella enfermidade, mas até em activar a convalescença dos doentes para ahi transportados, chegando mesmo em attenuar o ataque.

Este favor, que a natureza depositou na altitude d'aquella região, permitte realisar sem duvida um effeito preciosamente util. Porquanto, sendo sabido que a febre amarella não recidiva, transformando á custa d'aquelle clima, um ataque maligno em um benigno, ter-se-ha obtido o effeito d'uma vaccina, para os que forem atacados, e um beneficio indiscutivel para os que ainda não forem attingidos pelo contagio, embora sejam os seus melhores candidatos.

Bordo da corveta "Mindello„, 28 de fevereiro de 1894.

Benevolo Luiz da Fonseca,
Medico naval de 2.ª classe.

Nota n.º 61

Rio de Janeiro, 8 de Março de 1894.

Ao conselho do Almirantado

1.ª Repartição

Do commando da corveta «Mindello».

Summario. — Creação de novos regimentos e batalhões pelo governo federal. — Prorogação do estado de sitio até 30 de abril. — Lei marcial para crimes politicos. — Realisam-se as eleições presidenciaes; probabilidades em favor do dr. Prudente de Moraes para presidente da republica, e do dr. Manuel Victorino para vice-presidente. — Boatos ácerca do marechal Floriano Peixoto, aqui dados com toda a reserva. — Outros boatos ácerca do tribuno paulista Francisco Glycerio. — O commandante da «Mindello» tenta informar-se dos graves successos politicos da Bahia. — O senador Ruy Barbosa muito votado na Bahia. — Communica-se um escripto violento contra o governo federal. — Á ultima hora não se confirmam as exageradas noticias ácerca do estado da Bahia.

Cumprindo as determinações d'essa secretaria, separei n'esta mala os assumptos relativos ao navio, de que tratei na minha nota n.º 54, e trato agora muito resumidamente e a correr dos negocios exclusivamente politicos d'este malfadado paiz.

O documento A é a copia do decreto, que cria mais um regimento de artilheria de campanha, dois de cavallaria e qua-

tro batalhões de infanteria, de que dei noticia no meu telegramma de 2.

O documento n.º 5 é a copia do decreto de 2 do corrente, em que o estado de sitio nos termos dos decretos anteriores, é prorogado até 30 de abril. No já citado telegramma da mesma data (Doc. n.º 3) vae tambem mencionada esta prorogação.

O documento B e C é a copia do decreto de 28 do passado promulgando a lei marcial para os crimes politicos, como referi no telegramma de 2. É uma medida violenta, antipathica e que ainda mais opprime e desgosta a opinião publica.

As eleições tiveram com effeito logar a 1 do corrente, conforme estava decretado, e correram com serenidade e sem alteração da ordem publica em toda a parte de que ha noticias positivas. Segundo todas as probabilidades, deverá ficar eleito presidente da Republica o dr. Prudente de Moraes, que já conta mais de 94:000 votos, e vice-presidente o dr. Manuel Victorino, que poucos menos tem já.

Parece que no ultimo momento, pouco antes do dia 1, houve quem pensasse fazer eleger presidente o major Lauro Sodré, governador do Estado do Pará, e vice-presidente o marechal Floriano Peixoto. Diz-se que n'esse intuito foram dirigidos de Itamaraty para alguns governadores de Estados e outras auctoridades superiores, telegrammas em nome do ministro do Interior, Cassiano do Nascimento, nos quaes se recommendavam estas novas candidaturas. Este trama era urdido pelo proprio marechal Floriano e pelo seu mais intimo confidente coronel Valladão, chefe da policia d'esta capital. Segundo se diz, o major Lauro Sodré é creatura completamente dedicada á pessoa do marechal, e seguiria a sua actual politica e as suas futuras indicações.

As auctoridades, porém, que receberam esta nova indicação, responderam ao ministro do Interior, de quem a suppunham emanada, que era tarde para desfazer o que estava feito, mas que iam fazer todas as diligencias, com poucas esperanças de exito. O ministro, que não estava no segredo da combinação, aliás feita em seu nome, não tratou de indagar

d'onde ella poderia ter partido, e replicou immediatamente que os telegrammas dirigidos em seu nome eram apocriphos, e ordenando-lhes que cumprissem as instrucções anteriores.

Não ouso affirmar que isto fosse exactamente assim, mas acho que é muito possivel, attenta a desordem que se nota na administração superior do Estado, a desorientação dos homens publicos, e o vento de loucura que parece dilatar todas as ambições.

Disse-se mais que o dr. Prudente de Moraes, caso venha a ficar eleito presidente, como é quasi certo, tem em volta de si um grupo de amigos que desejam que elle assumisse sem demora as redeas do poder, antes de esperar a distanciadissima data de 15 de novembro fixada pela Constituição. Não se entrando desde já em um novo regimen de governo sério, ordeiro, tolerante, conciliador e economico, ir-se-hão de dia para dia acirrando os grandes odios que hoje dividem a familia brazileira, e ir-se-ha arruinando irremediavelmente o paiz.

Ha quem diga mesmo que se pensava em uma conjuração, que seria presidida pelo tribuno paulista (mulato) Francisco Glycerio, secundado pelos commandantes dos principaes corpos da guarnição.

Não é ainda conhecido aqui o resultado das eleições na Bahia, porque ha dias que d'ali não é recebida noticia alguma, por estarem os telegrammas interceptados. Corre o boato de que os navios revoltosos foram á Bahia atacar a esquadra do governo, dizendo uns que ella foi destruida e outros que foi tomada para a causa da revolta sem grande resistencia. O que eu sei é que, tendo o nosso consul ali annunciado pelo telegrapho que a esquadra sahira a 1 do corrente á noite, ella ainda aqui não chegou. Telegraphei-lhe hontem perguntando-lhe noticias dos navios e das eleições, e se obtiver resposta a tempo communical-a hei.

Dizem alguns que o senador Ruy Barbosa teria obtido na Bahia uma grande votação para presidente da Republica; e não admira isso, porque em outros Estados obtiveram muitas dezenas e centenas de votos os almirantes Custodio de Mello e Saldanha da Gama, Gaspar Silveira Martins, etc., etc. E ao

passo que aconteceu isto, sabe-se que o celebre José Marianno, por causa de quem foi decretado o estado de sitio na cidade de Pernambuco, e que estava preso ali, foi eleito deputado, constando que foi arrancado da prisão e collocado no logar de governador do Estado. Sabe-se que o coronel Valladão, intimo do marechal e candidato a senador, foi derrotado em Sergipe, etc., etc.

Ácerca das eleições, foi aqui disseminado no dia seguinte um escripto virulentissimo contra o governo, o qual junto por copia (Doc. D), mas que não commentarei por falta absoluta de tempo.

Tem-se dito ha dias que está lavrado um decreto declarando a cidade do Rio de Janeiro praça de guerra, e fixando as zonas onde todo o transito ficaria interceptado ou sujeito á mais rigorosa fiscalisação. A apparição d'este decreto faz-se, porém, depender da chegada da esquadra do governo a esta bahia, e essa chegada é cada vez mais incerta.

Espalhou se ha dois dias o boato de que o marechal Floriano Peixoto recebera telegrammas de intimação do general federalista Gumersindo Saraiva e do almirante Custodio de Mello para que largasse o poder, e que ficara muito impacientado com tal ousadia.

A esquadra revoltosa que aqui se acha dentro da bahia permanece ha muitos dias inactiva. Ha quem diga que ella atacou e tomou a ilha do Governador, mas eu não posso confirmar nem negar esse boato.

O commandante, *Augusto de Castilho*
Capitão de fragata.

Á ultima hora. — Pelo documento E se verá que eram pelo menos exageradas as noticias que circularam ácerca da Bahia.

Castilho.

Documento A

Decreto presidencial creando varios novos corpos de tropas de linha

"O vice-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil:

Considerando que o espirito da revolta tem-se levantado em diversos pontos da União;

que, para combater esse mal, o governo tem sido forçado a movimentar tropas, retirando as guarnições regulares de diversos Estados, deixando-os assim expostos a possiveis perturbações da ordem publica;

que, embora se deva sempre contar com as expansões do patriotismo, é todavia indispensavel que o poder publico disponha de elementos promptos para agir;

que, finalmente, taes elementos só podem ser obtidos pela organisação de forças sobre as quaes se possa com toda efficacia exercer a acção da disciplina militar;

Resolve:

Artigo unico. Ficam provisoriamente creados um regimento de artilheria de campanha, dois regimentos de cavallaria e quatro batalhões de infanteria, os quaes terão a organisação do plano que baixou com o decreto n.º 56 de 14 de dezembro de 1889.

O general de brigada Bibiano Sergio Macedo da Fontoura Costallat faça executar a presente resolução, providenciando para que seja opportunamente submettida á approvação do congresso nacional.

Palacio do governo, 28 de fevereiro de 1894. — Floriano Peixoto—Bibiano Sergio Macedo da Fontaura Costallat.

Documento B

Decreto n.º 1681 — de 28 de Fevereiro de 1894 declarando sujeitos á jurisdicção do fôro militar os crimes que se relacionarem com a rebellião que ora conflagra o Districto Federal e outros pontos do territorio da União.

O Vice-Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil:

Considerando que nas circumstancias em que actualmente se acha o paiz não é licito ao Poder Publico deixar de punir immediatamente, e com o maximo rigor, os graves crimes que attentam contra a consolidação da Republica, o restabelecimento da paz e a sustentação do principio da auctoridade;

Considerando que muitos crimes d'essa natureza teem sido conjunctamente commettidos por militares e civis, mórmente depois que uma parte da esquadra alliou-se aos rebeldes;

Considerando que a nossa legislação tem assimilado, para a punição de certos crimes, o estado de rebellião ao de guerra externa, conforme se vê do decreto n.º 61 de 24 de outubro de 1892;

Considerando que, ainda de conformidade com os fundamentos do citado decreto, o regulamento n.º 23 d'aquella data estabeleceu que as leis que regulam em tempo de guerra são applicaveis nos logares que se acharem em estado de rebellião;

Considerando, finalmente, que o art. 1.º § 6.º da lei n.º 631 de 18 de setembro de 1851 manda considerar militares todos os crimes mencionados no principio do citado artigo, em todos os seus numeros, ainda quando militares não sejam os seus autores;

Resolve:

Artigo unico. Ficam desde já sujeitos á jurisdicção de fôro militar os crimes que tenham sido ou vierem a ser commettidos por militares ou civis em qualquer ponto do territorio da União occupado por forças legaes ou rebeldes, uma vez que taes crimes estejam enumerados no art. 1.º da lei n.º 631 de 18 de setembro de 1851 e se relacionem com a rebellião que ora conflagra o Districto Federal e outros pontos do territorio da Republica.

O general de brigada Bibiano Sergio Macedo da Fontoura Costallat, encarregado do Expediente do Ministerio da Guerra, faça executar a presente resolução, expedindo os despachos necessarios.

Capital Federal, 28 de fevereiro de 1894, 6.º da Republica.

FLORIANO PEIXOTO.—*Bibiano Sergio Macedo da Fontoura Costallat.*

Documento C

Documentos antigos a que se refere o decreto da lei marcial

Lei marcial

D'*O Paiz*, de sabbado:

"Podemos hoje explicar aos nossos leitores o que se contém no decreto do poder executivo n.º 1681 de 28 de Fevereiro, hontem publicado pela imprensa d'esta capital.

O decreto, primeiro citado, n.º 61, de 24 de Outubro de 1838, é firmado em resolução da assembléa geral legislativa e d'elle só é aproveitado para o caso o art. 2.º que diz:

"No caso de rebellião, poderá o governo ordenar que se observem no exercito as leis militares em tempo de guerra„.

O regulamento n.º 23, tambem citado, é, para actualidade, do teor seguinte:

"Artigo unico. As leis militares que regulam em tempo de guerra são applicaveis:

1.º, áquella parte do exercito que se achar nos estados em que houver rebellião;

2.º, áquella parte do exercito que se achar nos estados invadidos por forças rebeldes;

3.º, áquella parte do exercito que tiver ordem de marchar para algum dos pontos acima designados„.

O art. 1.º da lei n.º 631 de 18 de Setembro de 1851, adaptado ás actuaes circumstancias, deve ser assim comprehendido:

"Art. 1.º No caso de guerra externa serão punidos com a pena de morte no estado em que tiverem logar as operações do exercito federal, e bem assim em territorio alliado ou inimigo, occupado pelo mesmo exercito:

1.º, os espiões;

2.º, os que nas guardas, quarteis, arsenaes, fortalezas e acampamentos, postos militares e hospitaes, tentarem seduzir as praças de 1.ª linha, policia e guarda nacional, ou quaesquer outras que façam parte das forças do governo, tanto de mar como de terra, afim de que desertem para o inimigo;

3.º, os que, nos mesmos logares acima mencionados, tentarem seduzir as mesmas praças, afim de que se levantem contra o governo ou os seus superiores;

4.º, os que atacarem sentinellas;

5.º, os que entrarem nas fortalezas sem ser pelas portas e logares ordinarios.

§ 1.º Os crimes dos n.os 2 e 3, sendo commettidos no dito caso de guerra externa, no estado em que tiverem logar as operações do exercito e nas guardas, quarteis, fortalezas e acampamentos, postos militares e hospitaes, não sendo porém a deserção para o inimigo ou sendo os referidos crimes commettidos no dito estado, fóra dos mencionados logares, ou em qualquer outro da Republica no mesmo caso de guerra externa, serão punidos com a pena de galés perpetuas no grau maximo, 20 annos no médio e 12 no minimo.

§ 2.º Se os ditos crimes forem commettidos em tempo de paz, em qualquer Estado e logares, a pena será de 2 a 6 annos de prisão com trabalho; mas se a deserção fôr para paiz estrangeiro, a pena será de 4 a 12 annos de prisão com trabalho.

§ 3.º O crime de dar asylo ou transporte a desertores, conhecendo-os como taes, será punido em tempo de guerra com a pena de 6 a 12 annos de prisão com trabalho, e em tempo de paz com a prisão simples por 6 a 18 mezes.

§ 4.º Com a mesma pena de 6 a 18 mezes de prisão simples e com a de multa do decuplo do valor dos objectos comprados, será punido o crime de comprar ás praças do exercito, policia e guarda nacional, e quaesquer outras que façam parte das forças do governo, peças de armamento, fardamento, equipamento ou munições de guerra, se taes objectos tiverem sido fornecidos pelo governo.

§ 5.º Os crimes de que tratam os §§ 1.º, 2.º, 3.º e 4.º da presente lei, bem como os de que tratam os art.os 70, 71, 72, 73 e 76 do codigo criminal, serão, quando commettidos por paizanos, processados e julgados na forma da lei n.º 562 de 2 de julho de 1850 (tribunaes civis). Sendo porém commettidos por militares, serão estes julgados pelos conselhos de guerra e punidos com as penas estabelecidas por esta lei e pelo codigo criminal, se as não houver especiaes nos regulamentos e leis militares.

§ 6.º Os crimes de que trata o principio d'este artigo, em todos

os seus numeros, ficam considerados militares, e aquelles que os commetterem ficam sujeitos ao julgamento dos conselhos de guerra, ainda quando militares não sejam.

§ 7.º Serão tambem considerados militares todos os crimes commettidos por militares nos Estados em que o governo mandar observar as leis para o estado de guerra, e bem assim os commettidos por militares em territorio inimigo ou de alliados, occupado pelo exercito federal, sendo porém applicadas as penas do codigo criminal nos crimes meramente civis.

§ 8.º No caso de guerra externa o governo fica auctorisado:

1.º, a crear provisoriamente no estado em que tiverem logar as operações de guerra uma junta de justiça militar para o julgamento em 2.ª instancia dos crimes militares de sua competencia;

2.º, a prohibir no dito estado as publicações e reuniões que julgar capazes de favorecer o inimigo, excitar ou manter a desordem, sendo os transgressores punidos com a pena de tres a nove mezes de prisão simples, processados e julgados na fórma da citada lei n.º 562 de 2 de Julho de 1850;

3.º, a fazer sahir dos logares em que a sua presença fôr perigosa, todos aquelles que ahi não tiverem domicilio, e mesmo os que o tiverem, se necessidade das operações militares o exigir, e só emquanto durar essa necessidade.

Art. 2.º Ficam revogadas quaesquer disposições em contrario. — *Manoel Felizardo de Souza e Mello.*„

Documento D

Pasquim anonymo ácerca da eleição presidencial

Rio de Janeiro, 2 de Março de 1894.

Após muitas hesitações, prevaleceu a politica dos *interesses paulistas* glycerinados nos mil e um negocios da gente experta e sabida em domar governos e presidentes. Façamos justiça ao tino do Marechal Floriano; no estado actual das cousas, o dilemma dos "republicanos puros„ e até dos *impuros*, era este — *ou se soumettre ou se démettre.*—O Marechal preferiu submetter-se ,o que era um arranjo, a demittir-se, o que seria um desastre.

Debellare bellum é a sua divisa repetida do Marquez de Olinda de honrada memoria, e para debellar a guerra todos os meios são bons: amordaçamento da imprensa, falsificação da opinião, corru

pção em vasta escala, emissão clandestina de papel-moeda, prisões arbitrarias ao ensejo das antipathias e da avidez de qualquer secreta, senador ou réo de policia, ou ambas as cousas; fuzilamentos sem processo nem forma de legalidade; alliciamento de estrangeiros, cuja intervenção é legitima do lado florianisto e perversa do lado contrario; pedidos de protectorado aos Estados Unidos com aviltamento da soberania nacional; elevação de gatunos celebres ás alturas de honrados republicanos... tudo serve.

Até serve uma eleição de presidente em estado de sitio, quando o eleitor tem de escolher entre a chapa do r. Glycerio e cas-a deia sem nota de culpa.

Digam agora que as desgraças dos outros não servem a ninguem.

O Chico Glycerio não é rabula á tôa. Aproveita-se habilmente da revolução para fazer passar os seus candidatos que de outro modo corriam risco de sossobrar nas velleidades de apresentação de outras candidaturas pelo grande eleitor — o serenissimo Marechal. Agora o sr. Floriano resmungou, hesitou, resistiu, mas cedeu.

Os federalistas entraram em S. Paulo victoriosos de meia duzia de generaes governistas, porque estes são quasi tão numerosos como as derrotas do Governo, e era preciso que S. Paulo ajudasse o Marechal a defender-se e a manter-se no poder. O Marechal cedeu e os candidatos paulistas serão acclamados triumphadores do pleito (caçoada!) eleitoral. Demos graças aos deuses da rabulice campineira nas oblações dos bons lucros que nos promette o *negocio das estradas de ferro paulistas.*

Este negocio vale um programma presidencial.

O Chico Glycerio, feito *lord protector* do novo Presidente, saberá guiar o carrinho *do negocio.* Se não chegar para todos, chegará para muitos.

E... o povo, isto é, os burrinhos que pucham esta typoia de Republica militar-financeirista? Que vá lamber sabão, como diz com espirito espumoso *O Paiz* quando o aborrecem com perguntas indiscretas.

Les absents ont toujours tort, e desde que o povo não apparece, elle que aguente depois com a canga.

Será respeitavel a auctoridade do futuro Presidente do estado... de sitio?

Nas dobras do diploma escripto pelos secretas da policia e enlameado com as gorgetas e as gratificações da corrupção, achará elle o prestigio de governar com titulo legitimo?

Tivemos o congresso de nullidades e de sargentos diplomados pelo regulamento Alvim; vamos ter um Presidente da Republica sahido dos *interesses paulistas* e dos negocios de estradas de ferro e

da coacção a mais violenta, a mais sangrenta, um Presidente gerado no despotismo mais atroz que se viu n'esta America do Sul, tão enlutada pelos prostituidores da democracia..

O diploma do futuro Presidente do estado... de sitio será o transumpto das atrocidades que flagellam a nossa patria: a tyrannia do Marechal Dictador e as negociatas dos advogados administrativos.

Poderão vencer pelo dinheiro e pela força superior dos estrangeiros, a revolução que nos flagella, mas o que o dinheiro das suas emissões clandestinas, o cacete e a navalha dos seus secretas, as balas dos seus Tiradentes, os torpedos dos seus mercenarios estrangeiros não matarão nunca, é a justiça, a honra e a moral, dons divinos do nosso divino Redemptor.

Não ha justiça em uma eleição em que *ninguem* póde apresentar-se candidato da opposição;

Não ha honra em ser eleito á bocca dos canhões e sob as bayonetas de pretorianos e de estrangeiros assalariados para matar brazileiros;

Não ha moral no dizer: povo, escolhei os vossos primeiros magistrados, quando este povo não tem garantias individuaes, nem liberdade de reunião, nem liberdade de imprensa, nem segurança de vida.

Isto é uma tramoia de prestidigitadores politicos que procuram fazer o *seu negocio.*

Eleição em estado de sitio!...

Que escarneo!... Que impudencia!. . Que cynismo!...

Documento E

Noticias telegraphicas da Bahia sobre as eleições e movimento das esquadras

Bahia, 7—3—94, 4 e 50 m.

Commandante "Mindello„. Rio.

Eleição, presidente da Republica Prudente, vice-presidente da Republica Victorino, tranquillidade publica não foi alterada. Ignora-se o destino esquadra.

Consul portuguez

Documento F

Officio da Legação ao commandante da «Mindello» dando sentimentos pela morte do tenente Vizetto

Legação de Sua Magestade Fidelissima — Rio de Janeiro, 5 de Março de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Por telegramma, recebido hontem, do Encarregado do Consulado portuguez no Rio soube o fallecimento do official da corveta "Mindello„ Sr. Vizetto. Expedi immediatamente a V. Ex.ª o seguinte telegramma:

"Sinto morte official corveta. Pergunto quando funeral desejando assistir.„

Pouco depois o telegramma, por não estar cifrado, foi-me devolvido, e já eu então vira no *Jornal do Commercio* que chegaria tarde ao Rio para prestar a derradeira homenagem d'esta Legação ao official portuguez, que tão prematura e ingloriamente perdera a vida em serviço.

Tomando sincera parte no desgosto de V. Ex.ª e de todos os seus camaradas, sinto ter-me visto na impossibilidade de cumprir o meu dever acompanhando o corpo do finado ao cemiterio.

Deus Guarde a V. Ex.ª

Conde de Paraty

Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Augusto de Castilho M. D. Commandante da corveta "Mindello„

Documento G

Officio do consulado geral ao commandante da «Mindello» acerca do abastecimento de agua

Consulado Geral de Portugal no Rio de Janeiro, 9 de Março de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Tendo-me V. Ex.ª communicado hontem verbalmente que não consentiam as auctoridades que a lancha "D. Carlos„ tomasse agua,

fui immediatamente procurar o Sr. Capitão do porto, capitão de mar e guerra José Pinto da Luz, e com elle me entendi ácerca da aguada para a referida lancha, para as corvetas "Mindello„ e "Affonso de Albuquerque„ e tambem para os navios mercantes portuguezes.

Do resultado, que é satisfactorio, terá V. Ex.ª conhecimento pelas inclusas copias que tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex.ª bem como a licença para tomar agua na Estação de Bombeiros tanto para a lancha "D. Carlos„ como para as duas corvetas.

Deus guarde a V. Ex.ª

Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Augusto de Castilho, Dignissimo chefe da Divisão Naval Portugueza, no Rio de Janeiro.

Frederico Corrêa Lima

Chanceller Encarregado do Consulado

Documento H

Officio do consulado geral ao capitão do porto ácerca de fornecimento de agua para os navios de guerra e mercantes portuguezes.

Consulado Geral de Portugal no Rio de Janeiro, 8 de Março de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Ha muito que aos dois navios de guerra portuguezes não é permittido tomar agua em ponto algum do littoral, pelo que teem elles estado a distillar agua, o que além de trazer grande despesa, é prejudicial á hygiene de bordo n'esta epocha, pois que augmentando a temperatura de bordo prejudica as respectivas tripulações.

Agora tambem foi negada licença á lancha "D. Carlos„, hoje unica ao serviço d'aquelles navios, para tomar agua no Moinho Fluminense, onde até agora o fazia sem impedimento algum.

Como V. Ex.ª sabe, o serviço das lanchas com bandeira portugueza ao serviço do commercio parou, e agora a tornar-se effectiva a nova ordem, deve parar tambem toda a communicação entre os navios de guerra portuguezes e a terra, attenta a grande distancia a que estão.

Em vista pois do que levo dito e antes mesmo de communicar o facto ao Sr. Encarregado de Negocios de Portugal, tenho a honra de appellar para V. Ex.ª, em quem folgo de reconhecer boa vontade em attender ás reclamações d'este Consulado, para que se digne providenciar de forma que a referida lancha possa continuar a receber agua, e bem assim para que aos navios de guerra portuguezes seja marcado logar em que possam fazer aguada.

Tambem direi a V. Ex.ª que os navios mercantes luctam egualmente com grande difficuldade para obterem a agua precisa.

Em vista da gravidade dos factos que aponto e da urgencia de uma solução, espero que V. Ex.ª mais uma vez saberá achar meio de attender á justa reclamação que ora faço.

Quanto á lancha "D. Carlos„, sobre tudo, devo dizer a V. Ex.ª que faz ella o serviço de transporte de marinheiros doentes de febre amarella para terra, e bem assim dos doentes de febre amarella dos navios mercantes portuguezes para a Jurujuba, serviço este que se tornará impossivel por falta de agua.

Aproveito a opportunidade para mais uma vez renovar a V. Ex.ª os meus protestos de estima e subida consideração.

Deus guarde a V. Ex.ª

Ill.mo e Ex.mo Sr. José Pinto da Luz, Dignissimo Capitão de Mar e Guerra e Capitão do porto, n'esta Capital. Assignado Frederico Corrêa Lima, encarregado do Consulado.

Está conforme. Consulado Geral de Portugal no Rio de Janeiro, 9 de Março de 1894.

Frederico Corrêa Lima

Chanceller Encarregado do Consulado

Documento I

Nota do capitão do porto do Rio ao consulado geral enviando uma licença para a lancha "D. Carlos„ fazer aguada

Capitania do porto da Capital Federal, em 8 de Março de 1894.

Ex.mo Sr. Consul.

Peço a V. Ex.ª o favor de mandar apresentar, pelo patrão da lancha "D. Carlos„ ao sr. official de serviço na estação do corpo de Bombeiros, estação maritima, quando haja necessidade de fa-

zer aguada, a licença junta. Vou mandar copia do officio que V. Ex.ª dirigiu-me, ao sr. ministro da guerra, para que o governo tenha conhecimento do que tem-se passado com a divisão portugueza em relação ao assumpto «*agua*».

Sou com toda a consideração de V. Ex.ª servidor obrigado

José Pinto da Luz.

Está conforme.—Consulado geral de Portugal no Rio de Janeiro, 9 de Março de 1894.

Frederico Corrêa Lima,

Chanceller encarregado do Consulado.

Documento J

Nota da capitania do porto ao consulado geral indicando o logar onde podem fazer aguada os navios de guerra e de commercio

Secretaria da Capitania do Porto, Rio de Janeiro, 9 de Março de 1894. Numero 35.

A s. ex.ª o sr. consul de S. M. Fidelissima.

Tenho a honra decommunicar-vos que foi restabelecido o encanamento d'agua que existia no trapiche do "Lloyd Nacional„.

O "Lloyd„ fornecerá agua aos navios de véla do commercio, sendo o recebimento feito em quartolas e barris, á vista de pedido dos respectivos capitães. A estação maritima do corpo de Bombeiros fornecerá agua aos navios de guerra, aos vapores do commercio e aos rebocadores e lanchas, tambem á vista de pedido, em barcas apropriadas ou em outras embarcações.

Renovo os potestos de estima e alta consideração.—O capitão do porto,

(a) *José Pinto da Luz.*

Está conforme.—Consulado geral de Portugal no Rio de Janeiro, 9 de Março de 1894.

Frederico Corrêa Lima

Chanceller encarregado do Consulado

Documento K

Officio da legação de Portugal ao commandante da «Mindello» remettendo copia da resposta do governo legal sobre a reclamação ácerca da lancha «Celestina».

Petropolis, 10 de Março de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Em virtude do officio de V. Ex.ª de 9 de fevereiro dirigiu esta legação uma nota ao governo brazileiro, que em data de hontem respondeu nos termos constantes da copia junta, as quaes vou levar ao superior conhecimento do Governo de Sua Magestade.

Antes de recebida essa resposta passára eu tambem uma nota hontem sobre o mesmo assumpto reclamando a entrega da lancha "Celestina„ e communicando estar suspenso o serviço das embarcações do commercio organisado sob a vigilancia da marinha de guerra portugueza de accordo com o capitão do porto, até que as auctoridades brazileiras tomassem medidas efficazes para obstar a novos incidentes.

Incluso remetto um salvo-conducto a favor do sr. Antonio Maria de Azevedo Machado Santos.

Deus Guarde a V. Ex.ª. Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Augusto de Castilho, commandante da corveta "Mindello„.

Conde de Paraty.

Documento L

Nota do ministro das relações exteriores ao encarregado de negocios de Portugal ácerca da lancha «Celestina»

2.ª Secção.—N.º 11.—Rio de Janeiro. Ministerio das Relações Exteriores, 9 de Março de 1894.

Em devido tempo recebi a nota n.º 14 que essa legação dirigiu-me a 10 do mez proximo passado, transmittindo-me copia de um officio do commandante da corveta "Mindello„ e do documento a

que elle se refere, sobre a captura da lancha "Celestina„ e a prisão de um marinheiro d'aquelle vaso de guerra, que a tripulava. Das informações que solicitei do Ministerio da Guerra e que tenho presentes, consta que aquelle marinheiro não fôra preso, mas levado á Repartição de Policia, onde permaneceu na sala de espera, afim de ser tomado o seu depoimento relativamente a uma denuncia de entreter a referida lancha relações com os revoltosos.

A lancha, ainda que arvóre bandeira portugueza, é embarcação particular e portanto está sujeita á vigilancia das auctoridades militares incumbidas da defeza do littoral. No caso referente ao marinheiro Antonio Domingos não houve, nem podia haver, intenção de offender a uma nação, como Portugal, ligada ao Brazil por tão estreitos laços de amizade.

Certo de que o Sr. Conde de Paraty, encarregado dos Negocios de Portugal, se satisfará com estas explicações, tenho a honra de renovar-lhe as seguranças da minha mui distincta consideração.

(a) *Cassiano do Nascimento.*

Ao Sr. Conde de Paraty.

Está conforme.

Legação de Portugal no Brazil, em 10 de Março de 1894.

Armelim

Chanceller da Legação.

Nota extra

Paquete francez «Brésil», Oceano Atlantico do Norte, 24 de Maio de 1894.

Ao Conselho do Almirantado

1.ª Repartição

Do capitão de fragata Augusto de Castilho.

Summario: — É recebida pelo commandante da «Mindello» ordem para retirar para Lisboa. — Explica-se a prolongada falta de noticias d'elle recebidas pelo Almirantado. — Bosquejo retrospectivo de acontecimentos da revolta.— Os dois manifestos do almirante Saldanha. — Accentuam-se os preparativos bellicos por parte do Governo. — Effeito de paralysação de uma grande parte do exercito de terra pela simples presença da esquadra revoltosa. — Conflicto entre os almirantes americano Benham, e Saldanha da Gama. — Mallogrado ataque das forças revoltosas contra a Armação.—Frustrada tentativa de Saldanha para destruir na Bahia a esquadra legal.— Sae da Bahia para o Rio a esquadra do almirante Gonçalves. — Com a ida do Conde de Paraty para o Rio, são mandadas novas instrucções officiaes ao commandante da «Mindello»; motivo porque ellas o melindraram. — Pedido de asylo pelo almirante Saldanha. — É concedido, e em que circumstancias.—Reclamações diplomaticas do Brazil.—Apromptam-se os navios para seguir para o Rio da Prata. — Boatos tetricos. — Difficuldades da viagem para Buenos-Ayres.— Chegada em 26 de Março. — Pessimo estado sanitario da guarnição, e difficuldades internas. - Reclama o commandante da «Mindello» ao governo portuguez um transporte de guerra

Nota extra

Paquete francez «Brésil», Oceano Atlantico do Norte, 24 de Maio de 1894.

Ao Conselho do Almirantado

1.ª Repartição

Do capitão de fragata Augusto de Castilho.

Summario: — É recebida pelo commandante da «Mindello» ordem para retirar para Lisboa. — Explica-se a prolongada falta de noticias d'elle recebidas pelo Almirantado. — Bosquejo retrospectivo de acontecimentos da revolta.— Os dois manifestos do almirante Saldanha. — Accentuam-se os preparativos bellicos por parte do Governo. — Effeito de paralysação de uma grande parte do exercito de terra pela simples presença da esquadra revoltosa. — Conflicto entre os almirantes americano Benham, e Saldanha da Gama. — Mallogrado ataque das forças revoltosas contra a Armação.—Frustrada tentativa de Saldanha para destruir na Bahia a esquadra legal.— Sae da Bahia para o Rio a esquadra do almirante Gonçalves. — Com a ida do Conde de Paraty para o Rio, são mandadas novas instrucções officiaes ao commandante da «Mindello»; motivo porque ellas o melindraram. — Pedido de asylo pelo almirante Saldanha. — É concedido, e em que circumstancias.—Reclamações diplomaticas do Brazil.—Apromptam-se os navios para seguir para o Rio da Prata. — Boatos tetricos. — Difficuldades da viagem para Buenos-Ayres.— Chegada em 26 de Março. — Pessimo estado sanitario da guarnição, e difficuldades internas. - Reclama o commandante da «Mindello» ao governo portuguez um transporte de guerra

para tomar conta dos asylados. — Recusa do governo. — Propõe o almirante Saldanha a sua abstenção de hostilidades, e com que condições. — Continuam os fallecimentos de officiaes a bordo da «Mindello» e da «Affonso». = Reclamações dos medicos da «Mindello». — Negociações do encarregado de negocios portuguez em Buenos Ayres para o fretamento de um vapor. — Novo alvitre do governo sobre o assumpto. — Mais outra lembrança: sahirem as corvetas portuguezas com os asylados. — Representação do commandante contra essa idéa.—Sae de Lisboa o transporte «Angola» para S. Vicente. — A idéa dos rebocadores é reputada inexequivel.—N'ella insiste o governo portuguez.—Alvitre do fretamento do vapor «Pedro III» para ir á Ascenção.—Novos alvitres inexequiveis.—Impaciencia recrescente nas phalanges dos asylados.—Protesto do almirante Saldanha.—Primeira tentativa de fuga em 8 de Abril.—Connivencia mais que provavel do almirante. - Partem as corvetas e vão fundear na ponta Indio em aguas neutraes.— Conflicto do governo argentino com o portuguez. — Recepção da gente da esquadra revoltada pelo publicos das republicas platinas.—Ordena o governo portuguez o comboio do «Pedro III» pela corveta «Affonso». — Inexequibilidade e inutilidade de tal plano, mandado comtudo pôr por obra pelo commandante da esquadrilha portugueza.—Embaraços para a promptificação do vapor «Pedro III». — Só em 20 toma posse do seu commando o 1.º tenente Oliver. — Analyse do contracto de fretamento do vapor.—Nova ordem do governo. — Procura-se dar-lhe execução. — Novo protesto de Saldanha. — Preparativos para a sahida do «Pedro III» para a ilha da Ascenção comboiado pela «Affonso».—Outra ordem do governo, destruindo resoluções anteriores.—Discussão dos meios de a executar. — Dá-se a inesperada fuga dos asylados de bordo do «Pedro III». — Consequencias disciplinares. — Em 28 largam de Montevideu o «Pedro III» e a «Affonso». — Telegramma do almirante Saldanha.—Outro apocrypho em nome do consul portuguez. — É chamado com urgencia a Lisboa o commandante da «Mindello». — Considerações.—Destino ulterior da corveta «Affonso».— — Conclusão d'esta Nota.

Em 30 de Abril, chegando da ilha das Flores, onde fui com a corveta «Mindello» proceder ás desinfecções regulamentares determinadas pelas auctoridades sanitarias orientaes, larguei ancora na bahia interior de Montivideu. Veio immediatamente a bordo o consul de Portugal, e transmittiu me a ordem telegraphica (Doc. A), chegada do Ex.mo ministro da marinha, por intermedio do encarregado de negocios em Buenos Ayres,

para que eu entregasse o commando da corveta ao immediato e seguisse na primeira opportunidade para Lisboa,

Como era natural, fiquei muito surprehendido com esta ordem, que implicitamente importava a exoneração do commando. Tres vezes eu a pedira no Rio de Janeiro, em circumstancias bem difficeis, e tres vezes me foi ella negada. E agora que eu a não pedia, que tinham passado todos os maiores trabalhos da commissão, e que tinha todas as probabilidades de estar pelo menos um mez ou quarenta dias socegado, em um clima bom, entretido nos arranjos indispensaveis do navio, chegava-me essa exoneração inesperada, secca e não merecida.

E' preciso que eu diga que, desde que fui para bordo da corveta «Mindello» no Rio de Janeiro, a 13 de Março de manhã cedo, até que deixei aquelle navio em Montevideu a 8 de Maio, nunca tive occasião de escrever qualquer nota ao Conselho do Almirantado, limitando as minhas relações com essa repartição a alguns poucos telegrammas, laconicos como sempre são taes communicações. A minha ultima nota fôra de 8 de Março, isto é antes da crise aguda de que derivaram todos os posteriores acontecimentos.

Careço de explicar esse meu silencio. Desde que os revoltosos entraram a meu bordo, o navio achou-se completamente invadido por officiaes e gente de todas as condições. Havendo entre os officiaes dois contra-almirantes, um capitão de mar e guerra, varios capitães de fragata, etc.; e sendo tão acanhados os alojamentos do navio, é claro que puz a minha camara quasi toda á disposição d'aquelles mais graduados officiaes, os quaes occupavam dia e noite todos os logares, e me não deixavam liberdade, nem socego, nem mesmo espaço, para qualquer escripta que exigisse cuidado.

Alem d'isso, desde 13 de Março até 30 de Abril, estive impedido de ir a terra: os primeiros cinco dias e meio fundeado no Rio de Janeiro durante a mais perigosa efervescencia das paixões politicas em terra; de 18 a 26 em viagem para Buenos Ayres; de 26 de Março a 9 de Abril surto n'aquella rada exterior a 13 milhas da terra mais proxima; de 9 a 18 surto quatro milhas ao mar do pontão pharol da

ponta Indio, e a quarenta milhas da terra oriental mais proxima, que era Montevideu; de 18 a 29 no ancoradouro exterior de Montevideu a 6 milhas da terra; note-se mais que, desde 26 de Março até que me foi dada livre pratica, em 30 de Abril, estive sempre de quarentena rigorosa.

Em qualquer d'estes ancoradouros platinos, Buenos Ayres, Ponta Indio, e Montevideu (fóra da bahia), as communicações nem eram diarias nem a horas certas, por isso que dependiam do estado do tempo e do mar, e de que o encarregado de negocios em Buenos Ayres, ou o Consul em Montevideu, tivessem alguma cousa que me communicar; não tinha eu portanto, como se vê, liberdade de opção para transmissão de noticias ou expedição de correspondencias, as quaes ficavam sempre dependentes das conveniencias de outros, ou de circumstancias extranhas á vontade humana.

Quando chegava qualquer vapor, com alguma das mencionadas auctoridades nossas, á falla da corveta, ou eu havia de gritar o que tinha a dizer, e que era então ouvido por todos os asylados, ou se estabelecia um cabinho delgado de vae-vem para a transmissão de alguma carta a que eu tinha de responder em pouco tempo; ou finalmente, nas mais favoraveis condições, se mandava uma embarcação ao costado do vapor buscar a correspondencia e os viveres frescos. Em nenhum dos casos, porém, o vapor se demorava mais do que alguns minutos, não tendo por isso eu tido qualquer meio de escrever nem de expedir regularmente a minha correspondencia official.

Note-se ainda que, tendo eu apenas um 2.º tenente da armada para todo o serviço de bordo, tinha eu de desempenhar ou vigiar de perto muitos serviços internos, que, em circumstancias normaes, teriam sido desempenhados por outrem. Por todos estes motivos não me foi possivel, nem o teria sido a qualquer outra pessoa, affirmo-o sem receio de ser desmentido, achar occasião para escrever qualquer relatorio importante.

Ora não tendo eu podido enviar esses relatorios, e sendo natural que tanto o encarregado de negocios em Buenos Ay-

res, como o consul em Montevideu, não pudessem expôr convenientemente, e em toda a sua crua verdade, o que a bordo se passava, senão do seu ponto de vista, que não era o meu, supponho com justa razão, que esse conselho e o governo apenas conhecem uma pequenissima parte da verdade, e não podem por forma alguma recompôr em todas as suas minuciosidades os acontecimentos d'estes dois mezes, e muito menos a parte que eu n'elles me vi obrigado a tomar.

E' pois para esclarecer completamente esse conselho, que vou escrever esta narração, historiando a largos traços o que precedeu o pedido e concessão do asylo, para que bem se comprehendam os factos que se deram depois, e se faça completa a justiça a que tenho direito.

*

Na madrugada de 1 de Dezembro sahiu do Rio de Janeiro o couraçado «Aquidaban» com o almirante Custodio de Mello, o qual assim se subtrahia á continuação de uma lucta sem solução visivel, e ia no mar e na costa do Sul, em novas aventuras, procurar o bom exito, em expedientes de occasião totalmente imprevistos. Comprovou-se assim que elle não tinha formulado desde o principio um bem concertado plano, ou que não tinha sabido prever as diversas hypotheses que pela frente se lhe apresentaram temerosas e inevitaveis.

O capitão de mar e guerra Eliezer Coutinho Tavares, official que se seguia em graduação ao almirante Mello, assumiu depois da sahida d'este o mando da esquadra em operações na bahia do Rio de Janeiro; mas nem elle possuia a serenidade de um chefe de revolta, nem o prestigio para ser commandante de taes forças, já então em grande parte desmoralisadas, e costumadas a pequenas e equivocas expedições de diversa natureza, nas margens da bahia e nas suas ilhas, expedições quasi nunca coroadas de exito brilhante.

Em 8 de Dezembro lançava o almirante Saldanha da Gama o seu primeiro manifesto com muito sabor monarchico, e em 12 assumia definitivamente o commando superior da esquadra

revoltada dentro da bahia, sem ligações faceis de dependencia com o outro almirante, e trabalhando portanto cada um d'elles em plena liberdade, sem concerto mutuo, um dentro e outro quasi sempre em Santa Catharina, mais occupado em tricas politicas de terra do que em operações arrojadas e decisivas de guerra no mar. A revolta estava desde então com duas cabeças, que não podiam entender-se, que não poderiam prestar-se mutuo apoio, e que até procurariam quiçá prejudicar-se uma á outra, para que cada uma abatesse o prestigio da outra. A revolta ia portanto perdendo successivamente terreno de dia para dia, e robustecendo com isso a causa do governo, que ia a pouco e pouco reunindo os seus meios de acção para operações decisivas finaes.

Não tenho a pretenção de escrever uma historia da revolta da esquadra brazileira. Estou apenas narrando os factos que mais interessam á minha situação especial, e que hão de a meu ver explicar e justificar a attitude que me vi forçado a tomar a 13 de Março e depois d'isso.

Mas se eu quizesse escrever a historia desassombrada d'esta guerra civil, talvez tivesse mais e melhores elementos do que outra qualquer pessoa. Desde que ella rebentou conservei-me sempre dentro da bahia do Rio de Janeiro até ao momento em que, a 18 de Março, parti para o Sul com os asylados politicos. Muitos dos outros commandantes superiores de forças estrangeiras se retiraram ou foram substituidos, e quasi todos tiveram a fortuna de poderem sahir para o mar por diversas vezes, para descançar e beneficiar com ares puros e o socego, de lidas de alta importancia. A corveta «Mindello» permaneceu ali ancorada desde 11 de Agosto até 18 de Março, atravessando a sua guarnição grandes difficuldades e privações de toda a ordem, grandes perigos provenientes das balas de ambos os partidos, grandes riscos de vida durante a crise horrorosa da febre amarella, e vendo cahir doentes varios officiaes e muitas praças, e mortos um tenente, um aspirante, e varias praças! Eu proprio estive doente e quasi impossibilitado de andar durante perto de quatro mezes, com um teimoso eczema humido na perna esquerda, e nunca consegui que o go-

verno me desse a exoneração que mais de uma vez pedi, e de que eu em rigor poderia ter prescindido se me resolvesse a retirar com licença da junta de saude apenas.

Não divaguemos porém, e prosigamos na narração sobria dos acontecimentos.

*

Esperava o almirante Saldanha da Gama que o seu manifesto tivesse um echo estrondoso em terra, e que a elle accudiriam, insurgindo-se contra o governo, muitos individuos que lhe haviam promettido adhesão franca e efficaz. Os commandantes dos diversos corpos do exercito, com quem o almirante pessoalmente contava, e a quem elle se dirigiu, responderam-lhe regeitando as suas propostas e reiterando sentimentos de lealdade para com o governo do marechal. O manifesto do almirante foi criticado, vilipendiado e enlameado pela imprensa governamental, unica que tinha licença para fallar; e o prestigio do seu auctor começou a declinar a olhos visto.

Dias depois, publicava o almirante um novo manifesto, repudiando o primeiro como apocripho, e apresentando um mal traçado programma de republica civil (sic) que elle esperava produzisse melhor resultado, e mais agradavel impressão do que o outro infeliz papel. O mal porém estava feito; ninguem podia admittir a idéa da falsidade do primeiro documento, e muito menos ainda uma tão rapida e tão imprevista mudança de crenças: o resultado foi a successiva e rapida declinação do prestigio do almirante e da sua consequente força moral, como novo chefe de uma lucta tão infeliz e tão mal dirigida. Tenho hoje razões para suppor que ambos os papeis eram authenticos.

O almirante Saldanha encontrava-se isolado na bahia do Rio de Janeiro, a bordo de alguns desmantelados navios, e nas tres ilhas que lhe obedeciam, sem esperar nem poder receber recursos de fóra, e vendo diminuirem-lhe rapidamente as provisões de mantimentos e as munições de guerra. As suas guarnições, exhaustas por um serviço perigoso quasi perma-

nente, com um numero sempre crescente de feridos, devastadas pelo beriberi e outras molestias, apresentavam já um aspecto de resignação sombria e de quasi desespero, que contrastava notavelmente com a impetuosidade e arrogancia dos primeiros dias da lucta.

Entretanto o governo ia-se preparando. Comprava por preços exorbitantes maus navios mercantes nos Estados Unidos, na Allemanha e em outros pontos, armava-os com artilheria de diversos systemas, e torpedos, e guarnecia-os com gente de todas as nacionalidades e categorias, formando um conjuncto incongruente dos mais extravagantes. Estes navios chegaram a Pernambuco e á Bahia muito desorganisados, cada um por sua vez, e foi só n'aquelles portos (póde-se assim dizer), que a esquadra legal se organisou e promptificou como mais tarde a vimos entrar no Rio de Janeiro.

Em terra o governo armava poderosas baterias nos morros de S. Bento, Castello, Santa Thereza, Saude, Viuva, etc., guarnecia-as de soldados, guardas nacionaes e artilheiros feitos á pressa, e mais ou menos agarrados a cordel; reforçava as trincheiras das linhas dos caes da cidade toda, e preparava-se fortemente para uma acção conjunta decisiva e final.

Em 12 de Janeiro entrou no Rio de Janeiro o couraçado «Aquidaban», sem que trouxesse mantimentos nem munições para a esquadra, e sem que trouxesse gente de desembarque, ou a esperança de que ella viria muito breve.

N'essa altura da lucta, ainda teria sido possivel com gente de desembarque por fóra, na praia de Itaipu, e com um vigoroso ataque da esquadra por dentro contra Nictheroy, tomar esta ultima cidade, e depois a fortaleza de Santa Cruz. Não tendo vindo porém essa gente de desembarque, nada se podia tentar, e a esquadra do almirante Saldanha continuava a enfraquecer os seus meios de acção, o que era mau, e a sua força moral, o que era muito peior.

O mais valioso serviço que a esquadra revoltada estava desempenhando dentro da bahia do Rio de Janeiro, — e esse era com effeito muito grande para a causa da revolta — era conservar o dominio effectivo nas aguas da bahia, e obrigar o go-

verno a conservar em volta das suas margens e em algumas das ilhas principaes, isto é, na cidade do Rio, em Nictheroy, nas fortalezas da barra, em Magé, na ilha do Governador, etc., um numeroso corpo de exercito, não menos talvez de oito ou dez mil homens, os quaes por isso não podiam ir reforçar o exercito legal, que ao Sul, no valle do Itararé, tinha que oppôr um dique á marcha das forças federalistas ao mando do caudilho Gumersindo Saraiva e outros chefes revolucionarios. Esse serviço, que era muito importante, mas que o almirante Mello em Santa Catharina não soube, não quiz, ou não poude comprehender e auxiliar, ficaria sem effeito no momento em que a esquadra de Saldanha se entregasse ou fosse destruida, porque desde logo o exercito do governo das immediações do Rio seria sem perda de mais tempo mandado para o Sul.

A entrada do «Aquidaban», pois, sem reforços de especie alguma, foi uma grande desillusão para o almirante Saldanha. Entretanto, como a esse tempo ainda a esquadra do governo se achava em Pernambuco e na Bahia, muito atrazada nos seus preparativos de promptificação, pensou o almirante Saldanha que teria sido possivel, pela acção conjuncta dos dois navios de guerra bem armados «Aquidaban» e «Republica», ir destruil-a ali, sem que essa esquadra, ainda mal apetrexada, pudesse ter opposto aos dois poderosos navios uma seria resistencia, e sem que as fortificações pouco importantes d'aquelles portos do Norte a pudessem ter defendido efficazmente. Adiante veremos como elle tentou pôr em pratica esta idéa.

*

Em 31 de Janeiro teve logar um incidente gravissimo entre o almirante americano Benham e Saldanha. Suppondo este, com ou sem razão, que um de tres navios mercantes de véla americanos que pretendiam atracar a um caes, tinha a bordo munições de guerra para o governo, tentou impedir pela força esses navios de atracar ao caes, dispondo-se a verificar a carga d'elles nas embarcações que para terra a conduzissem. O almirante americano mobilisou logo a sua magnifica esquadra

de cinco grandes navios, «São Francisco», «New-York», «Newark», «Charleston» e «Detroit»; tomou as posições convenientes junto dos navios brazileiros «Tamandaré» e «Aquidaban», fez escoltar os navios mercantes para terra, e fez vingar a sua vontade. Se os navios mercantes continham com effeito munições para o governo, foi isto uma intervenção directa do governo americano; se não as continham, foi simplesmente um acto arrogante de força perfeitamente justificado.

Seja porém como fôr, o almirante Saldanha soffreu uma grave affronta ao seu brio de militar, e ficou desauctorisado e amesquinhado aos olhos de todas as esquadras estrangeiras e de toda a população do paiz. O que é curioso, mas honroso para o caracter brazileiro, é que aquelles mesmos que mais encarniçados governamentaes costumavam manifestar-se, e que deveriam por isso estimar este cheque soffrido pelo almirante revoltoso, mostraram sentil-o mais como brazileiros só, ou em primeiro logar, e doerem-se por isso com o ultraje vindo da parte de estrangeiros contra patricios seus, embora n'aquelle momento inimigos.

Affirma-se que n'essa occasião quiz já o almirante Saldanha abandonar a luta, entregando a sua espada ao almirante Benham, mas que a isso se oppuzeram os seus officiaes. Teria, talvez, feito bem, e teria com certeza poupado grandes desgostos a muita gente. Entretanto o almirante Saldanha ficou d'ahi em diante visivelmente nervoso, sem grande esperança de exito, e quasi desmoralisado e anniquilado de todo.

Em 9 de Fevereiro tentou o almirante Saldanha um supremo esforço para se apoderar de Nictheroy, atacando a Ponta da Armação com uma expedição de uns 500 homens quando muito, levados em lanchas a vapor, e protegidos por alguns dos navios da esquadra. Essa expedição conseguiu desmontar algumas das peças de artilheria do governo, internou-se alguns centos de metros na cidade, mas encontrou o general Argollo com grandes forças de tropa, infanteria e cavallaria, e teve que retirar com sensiveis perdas, não conseguindo occupar ponto algum, e trazendo muitos feridos, entre os quaes o proprio almirante, que recebeu um ferimento no pescoço muito perto da

columna vertebral, outro no braço direito, de que ainda está padecendo, e outro em uma perna, sem gravidade.

Em 21 tentou ainda o almirante Saldanha uma ultima diligencia para salvar a sua causa e fazer triumphar a revolta. Sabendo que estava fóra da barra do Rio de Janeiro o cruzador «Republica», quiz approveital-o para o plano que tinha formado, e mandou sair ao seu encontro o couraçado «Aquidaban», com ordem de irem os dois poderosos barcos atacar e destruir a esquadra nova do governo, que ainda estava em demorados preparativos na Bahia como já ficou dito. Era o ultimo valioso trunfo que elle jogava n'esta medonha partida, mas era um que, quando tivesse tido bom resultado, salvaria ainda a situação. O «Aquibadan» e o «Republica» porém, obedecendo a instrucções que este ultimo certamente trazia do almirante Mello, seguiram para o Sul em vez de irem para o Norte, e mallograram assim cruelmente a derradeira esperança do almirante Saldanha. Foi um choque de auctoridades, que mostrou mais uma vez que, em qualquer grande emprehendimento deve haver só um a mandar superiormente, devendo os outros obedecer sem hesitações nem discussão.

Desde que essa nova desillusão feriu o animo do almirante Saldanha, considerou este inteiramente perdida a causa da revolta. Não tinha munições nem quasi mantimentos, não podia esperar recursos nem adhesões de terra, não tinha ligações com a secção da esquadra revoltada que esperava fóra, nas aguas do Sul, e adquirira a convicção de que não podia esperar apoio do seu collega Mello, que assim, intencionalmente ou não, o deixava compromettido e abandonado, circumscripto em um circulo de ferro e de fogo, que mais apertado e perigoso se tornaria quando dos morros da cidade rompesse fogo de artilheria, e sobretudo quando chegasse a nova esquadra do governo legal. O almirante Saldanha chegou mais tarde a declarar que o almirante Mello o tinha atraiçoado. É esse um ponto que não vale a pena nem seria possivel esclarecer aqui, mas que a seu tempo a Historia imparcial liquidará como elle o merecer.

Em 2 de Março largou da Bahia para o Sul a esquadra do

governo, sob o commando do velho almirante Gonçalves, um dos heroes do Paraguay, e podia-se desde esse momento considerar inteiramente vencida a revolta da esquadra, pelo menos a da sua secção do Rio de Janeiro.

*

Voltemos um pouco atraz para estabelecer bem a minha posição pessoal. Em 10 de Fevereiro annunciava-me o almirantado, em telegramma, ter saido na vespera para o Rio de Janeiro o novo encarregado de negocios Conde de Paraty, e dizia-me que *eu deveria proceder em tudo d'accordo com elle.* Não me tendo sido dadas semelhantes instrucções quando o dr. Manuel Garcia da Rosa substituiu o ministro Conde de Paço d'Arcos, — não obstante estar aquelle ha muitos annos no Brazil, e ter por varias vezes exercido as funcções de encarregado de negocios, não obstante ter elle perfeito conhecimento dos negocios todos tratados no tempo do Conde de Paço d'Arcos, e ter portanto mais auctoridade do que o seu successor, e não obstante finalmente ter eu adquirido uma larga experiencia da situação, e ter tido por vezes necessidade de tomar, no conselho de commandantes superiores estrangeiros, deliberações extraordinarias, que não podiam esperar por consulta do nosso representante, e que nunca superiormente me foram desapprovadas, — não podia deixar de considerar estas novas instrucções como uma restricção das minhas attribuições e faculdades, e portanto como uma falta de confiança e uma desconsideração que eu não tinha provocado e não julgava merecer.

Em consequencia do exposto, pedi em 12 a minha exoneração, instei por ella em 15, mas o almirantado não entendeu dever annuir ao meu desejo; parecendo pelo seu telegramma de 12 não comprehender mesmo o meu melindre, e nem sequer dignando-se responder a uma longa nota em que eu lh'o explicava e justificava.

Em 11 de Março, estando promptas para acção as formidaveis baterias montadas pelo governo nos morros da cidade, e achando-se surta fóra da barra a esquadra do governo, foi de-

clarado por este que dentro do praso de 48 horas, que terminaria em 13 ao meio dia, deveria a população evacuar a cidade do Rio de Janeiro, porque n'esse momento começariam contra os revoltosos hostilidades em larga escala, rompendo-se vivo fogo das baterias de terra contra as ilhas de Villegaignon, Cobras, e Enxadas, e contra os navios, e entrando ao mesmo tempo a esquadra legal, da mesma fórma em attitude hostil.

N'esse mesmo dia 11 era eu procurado a bordo da corveta «Affonso d'Albuquerque» por um 1.º tenente da armada brazileira, enviado pelo almirante Saldanha da Gama, declarando-me que elle estava exhausto de recursos de toda a especie (Doc. B), que não poderia acceitar o combate offerecido pelo governo, porque isso importaria um verdadeiro suicidio, e o morticinio desnecessario de toda a sua gente; que havia sido abandonado e atraiçoado pelo almirante Custodio de Mello; e que portanto resolvera vir, n'esta ultima extremidade, pedir asylo á bandeira portugueza para si, para os seus officiaes, e para dois medicos civis, ao todo umas 70 pessoas.

Tendo começado já a correr o praso fatal das 48 horas, não havendo tempo para consultar o governo, não podendo consultar o encarregado de negocios que mora em Petropolis, a uma distancia de mais de quatro horas de viagem, e que não tinha julgado necessario estabelecer cifra telegraphica comigo, como o fizera o Conde de Paço d'Arcos, não podendo sequer consultar o almirante americano por não receber elle a bordo dos seus navios visita de qualquer pessoa extranha a elles, para se isolar e defender contra o contagio da febre amarella, que, n'essa occasião principalmente, estava devastando horrorosamente a população da cidade e dos navios, achei que era dever impreterivel dar o asylo que se me pedia.

Os commandantes de quaesquer outros navios de guerra de outras nações teriam procedido da mesma fórma; e mais tarde isso mesmo me foi confirmado, visto que o perigo de vidas para os revoltosos se apresentava inexoravel e tremendo dentro de poucas horas. A hesitação de um unico instante poderia ser irremediavel. Concedi, pois, o asylo sem hesitação alguma. Pouco depois voltava da parte do almirante o mesmo

official offerecendo as bases de uma capitulação, e pedindo-me que a fizesse eu chegar ao conhecimento do governo (Doc C). N'essa proposta de capitulação estipulava elle a sua retirada e da sua officialidade para o estrangeiro sob a protecção da bandeira portugueza; — a garantia de vida para os officiaes inferiores, praças de pret e voluntarios; — a entrega das fortalezas, navios de guerra e material respectivo, no estado em que se achavam; e — a restituição dos prisioneiros (Doc. D).

Pelo mesmo já citado motivo da distancia do encarregado de negocios, e da grande urgencia do tempo, entendi dever eu proprio diligenciar transmittir officiosamente essa proposta; e tendo-me avistado com o almirante Julio Cesar de Noronha, chefe do estado maior general da armada, interinamente encarregado da pasta da marinha, concertei por indicação e intermedio d'elle uma entrevista com o vice-presidente da republica em exercicio, marechal Floriano Peixoto, a qual teve com effeito logar ás 11 horas d'essa noite no palacio de Itamaraty.

O marechal recebeu-me com toda a sua calma cortezia, ouviu-me muito serenamente, recebeu uma copia da proposta de capitulação, — porque o original reservava-o eu para o entregar, como com effeito o entreguei no dia seguinte, ao Conde de Paraty; — assentiu significativamente com a cabeça quando lhe declarei firmemente que o asylo estava, em principio, e desde logo, garantido por mim aos officiaes revoltosos; mas fez me vêr que, sendo aquella uma proposta importantissima sobre um assumpto da mais transcendente gravidade, não podia emittir opinião sem consultar os ministros, principalmente os militares, isto é os da marinha e da guerra. Prometteu comtudo, que no dia seguinte enviaria qualquer resposta ao consulado geral de Portugal, onde eu lhe disse que certamente estaria então o encarregado de negocios de Portugal.

Em 12 de manhã chegou ao consulado, onde eu já estava, o encarregado de negocios de Portugal e desapprovou o meu acto de concessão de asylo. Telegraphei immediatamente ao almirantado pedindo mais uma vez a minha exoneração do commando (Doc. E).

Logo em seguida annunciei ao conde de Paraty o passo

que havia dado, dizendo-me elle que eu fôra precipitado, mas declarando que visto estar empenhada a minha palavra na promessa de asylo, elle compartilharia comigo essa responsabilidade. Parece portanto que depois de alguma reflexão elle approvava o meu acto.

O meu pedido foi respondido em telegramma da mesma data, e a exoneração era-me redondamente negada *por estar eu exercendo um posto importante de confiança!* (Doc. F). Era realmente uma confiança bem cheia de restricções!!

Quanto á proposta de capitulação, o conde de Paraty recebeu-a e guardou-a comsigo, aprasando nova conferencia comigo n'esse mesmo dia á 1 h. p. m. para a apresentarmos ao ministro das relações exteriores na respectiva secretaria.

N'esse dia fazia o corpo diplomatico, sem exito algum, junto do governo brazileiro, as possiveis diligencias para que o praso annunciado fosse prorogado por mais 24 horas pelo menos (*).

Achando-me eu pois n'essa occasião no ministerio das relações exteriores com o respectivo ministro Cassiano do Nascimento, e com os representantes de Portugal, de Inglaterra, de França, de Italia, todos concordaram em que a proposta de capitulação do almirante Saldanha da Gama era acceitavel, declarando-me o ministro Cassiano do Nascimento, que ia immediatamente a Itamaraty empregar a sua influencia para que ella fosse acceita pelo marechal. Declarou-me mais este ministro que, quanto ao asylo promettido por mim aos revoltosos, era esse um direito sacratissimo que eu estava exercendo, e que ninguem poderia questionar-me!

O ministro de Inglaterra declarou-me n'essa entrevista que, visto dever ser dado asylo aos revoltosos no dia immediato, ia mandar ordem para que o cruzador «Sirius», que estava em Itaipú fóra da barra, entrasse para receber tambem refu-

(*) Soube depois, mas já em Lisboa, pela leitura da nota de 13 de Maio do governo brazileiro, que esse praso fôra prorogado por máis 3 horás.

giados se fosse necessario. Pareceu-me mesmo notar-lhe uma ligeira sombra de ciume por ser só aos navios portuguezes que o asylo havia sido pedido.

A declaração cathegorica do dr. Cassiano do Nascimento sobre o asylo, e o não menos cathegorico assentimento do proprio marechal sobre o mesmo assumpto, merecem ser aqui registados, para que a critica imparcial e desapaixonada os compare com a linguagem desbragada e insultuosa, com que o meu acto foi depois vilmente apreciado pela imprensa brazileira, mas só depois que houve a certeza de que os revoltosos se haviam asylado unicamente em navios portuguezes!

A influencia do ministro das relações exteriores Cassiano do Nascimento não teve grande effeito sobre o animo duro, voluntarioso e inflexivel do marechal Floriano Peixoto, e a proposta do almirante Saldanha foi rejeitada, fundando-se o governo em que não queria por fórma alguma tratar com revoltosos. O resultado foi destruirem estes toda a sua artilheria, lançando no mar as suas culatras moveis e munições, bem como o armamento de mão, e deixando os navios em um estado miseravel e quasi inuteis! Acharam isto preferivel a uma capitulação que a nada obrigava o governo, e em que só elle ganhava.

Em 13 de manhã começaram os revoltosos a chegar a bordo da corveta «Mindello» em numerosas lanchas a vapor e escaleres dos seus navios. No estado de desalinho em que traziam os seus vestuarios, não era possivel distinguir-se a posição hierarchica de cada um d'elles; e como eu os não conhecia pessoalmente a todos, e o almirante Saldanha da Gama foi um dos ultimos que vieram para bordo, não me foi possivel até então fazer a competente escolha para só guardar os officiaes a quem promettera asylo e que d'elle podiam em rigor carecer, rejeitando e fazendo sahir a gente miuda, pessoal mercante de navios aprisionados, machinistas de lanchas, patrões, marinheiros, todos absolutamente irresponsaveis. Este pessoal miudo nada com certeza teria tido a receiar da parte do governo, e podia bem ter-se poupado aos incommodos de uma expatriação, poupando-nos a nós portuguezes aos gran-

des transtornos da accumulação medonha e perigosissima em que estivemos durante tantos dias.

O aspecto de todos era porém tão apavorado, a sua attitude era tão supplicante e humilde, e todos pareciam tão receiosos pelas suas vidas, caso nós os não acolhessemos, que não pude impedir que entrassem todos. Quando chegou o almirante, e que lhe fiz vêr a grande quantidade de individuos não comprehendidos na minha promessa, a elle proprio faltou a coragem e a frieza para me ajudar a expulsar aquelles que não careciam de asylo, posto reconhecesse como eu a gravidade da situação.

No dia immediato, comtudo, foram desembarcadas algumas dezenas de individuos dos de mais baixa classe, mediante promessa feita em nome do governo, de que não seriam molestados, promessa que por elles foi acceita sem constrangimento e á minha vista. A maior parte d'estes individuos achavam-se n'essa occasião a bordo do vapor portuguez «Cidade do Porto», surto perto de nós, para onde uma porção d'elles foi temporariamente removida por causa de arrumações. A promessa do governo e a garantia de nada soffrerem, foi feita por empregados da alfandega, por officiaes do exercito, e pelo proprio commandante de um dos navios de guerra do governo brazileiro, 1.º tenente Americano, o qual se houve com a maior cordura, e animado de um largo espirito de conciliação.

Inda assim, o numero de asylados ficou muito superior a 500, permanecendo na corveta «Mindello» 276 ao todo!! (Doc. F). Quem conhecer bem as dimensões d'este nosso pequeno navio, poderá bem avaliar o grandissimo incommodo que tanta gente nos deveria causar. Em um navio onde a guarnição tinha sido tão duramente atacada pela febre amarella, e onde parecia existir o germen d'esta infecciosa molestia, tornava-se perigosissimo este grande accrescimo de população, em que além d'isso havia muitos doentes de beri-beri, alguns tuberculosos, e outros com pernas e braços partidos e mais ferimentos que reclamavam espaço para estarem, descanço, abrigo cuidado, e que nós lhes não podiamos dar!

Note-se mais, que o fogão da corveta «Mindello» estava estragado, tendo ido para concerto em terra as suas caldeiras. Para o substituir tinha sido mandado construir um pequeno fogareiro de ferro para n'elle se adaptar uma caldeira de cobre do vapor nacional «Moçambique», onde se cosinhava o rancho da guarnição. Haviam-se alugado tambem dois pequenos fogões para cosinhar para os officiaes e commandante, os quaes eram tão deficientes e imperfeitos, que não tinham a tiragem conveniente, e não podiam funccionar com carvão só, apresentando diversas condições conforme havia ou não vento. O trabalho dos cosinheiros era portanto sempre difficil e muito irregular, havendo occasiões em que tinhamos o almoço prompto ás 10 horas a. m. e outras só á 1 hora da tarde! Não havia padeiro nem cosinheiro dos officiaes!

Além d'isto, como não era possivel cosinhar rancho egual ao da nossa guarnição para tanta gente a mais, e como a gente brazileira prefere uma alimentação especial em que predomina a carne secca, teve o rancho dos officiaes que mandar comprar uma grande porção d'este genero, bem como bacalhau, batatas, cebolas, alhos, além de café e assucar em grande quantidade, que em parte não foram comprados porque os revoltosos trouxeram comsigo estes generos em um grande batelão de ferro d'onde tirámos o que precisavamos.

É evidente que estes generos todos não podiam caber nos nossos paióes; e que portanto uma grande parte d'elles teve que ser arrumada no convez, exposta ao tempo que pudessemos encontrar, e misturada com bagagens de toda a especie, e com os proprios asylados que á noite se deitavam por onde podiam, ou ficavam sentados, e mesmo em pé por falta de espaço, em uma promiscuidade que causava horror e sem commodidades de especie alguma.

Como é facil de vêr, estes generos estavam ao alcance de toda a gente, sendo impossivel qualquer fiscalisação, e havendo por isso desfalques, os quaes todavia nada eram em comparação dos estragos produzidos depois pela agua do mar e das chuvas, pela exposição ao sol, etc., etc. Foi por isso que uma grande porção de carne secca, de assucar, e de café, foi no

Rio da Prata lançada ao mar em estado de putrefacção e com grande prejuizo do rancho dos officiaes.

Os toldos e os barracões do navio achavam-se desde muito em um lastimoso estado de ruina, rotos, pôdres e insusceptiveis de qualquer concerto; offereciam portanto um ironico abrigo negativo á grandissima maioria da gente que tinha que dormir em cima, na tolda, nos xadrezes do tombadilho, no convez, no castello, por cima das antenas. Outros ainda, e não eram dos mais infelizes, dormiam dentro das embarcações miudas, dentro das trincheiras, e dentro dos escudos da artilheria. Os mais felizes dormiam nos beliches vagos do alojamento dos aspirantes, no chão de alguns camarotes, no chão e em macas na praça d'armas e na camara dos officiaes, sobre a mesa, e nas almofadas dos sofás, e no chão da camara do commandante. As baldeações, lavagens e outras limpezas eram sempre um trabalho difficilimo, imperfeito, que só podia ser feito por partes, e que nunca podia dar um resultado satisfactorio. O navio estava em um estado que mettia medo!

A distribuição das refeições era uma tarefa que deu grandes preoccupações aos diversos rancheiros. Além de duas mesas na camara dos officiaes, a cada uma das quaes cabiam por um milagre de esforço 22 pessoas, era servida a comida a outros officiaes, aspirantes e individuos de similar cathegoria, em pratos de folha de sobresallentes do rancho da marinhagem, em uma desordem inevitavel, e que nunca podia satisfazer os menos exigentes. Ao principio, porém, os asylados que só pensavam na salvação das suas pessoas, que lhes tinha sido garantida pelo meu acto, sujeitavam-se, não só resignados mas de animo alegre, a todas as horriveis contrariedades e desconfortos que tiveram que padecer. Durante a sua permanencia no Rio de Janeiro, a qual se prolongou mais do que seria para desejar, esta resignação e conformidade attingia as raias de verdadeiro estoicismo.

Mais tarde, como se verá adeante, foram começando as exigencias, em seguida as mostras de descontentamento, e finalmente as invectivas injustas e brutaes em artigos na imprensa parcialissima de Buenos Ayres, o insulto, e a calumnia.

Na corveta «Affonso d'Albuquerque» as cousas passaram se menos difficilmente: em primeiro logar a «Affonso» é maior que a «Mindello» e tem mais espaço disponivel e mais abrigos; em segundo logar tinha toldos e fogão em perfeito estado; em terceiro logar, por um engano filho da confusão á ultima hora, recebeu ella menor numero de asylados do que lhe estava marcado e do que ficaram na «Mindello»; em quarto logar, finalmente, tinha a «Affonso» a sua lotação completa de officiaes, e o serviço de bordo era feito com mais rigor e precisão, como era indispensavel, especialmente em circumstancias tão extraordinariamente anormaes.

*

Apenas os revoltosos se refugiaram nos navios portuguezes, houve logo da parte do governo brazileiro reclamação diplomatica dirigida ao nosso, para a sua entrega; telegraphando logo o Exmo conselheiro Hintze Ribeiro ao encarregado de negocios conde de Paraty, que não deviamos praticar qualquer acto que pudesse ser desagradavel ao governo do Brazil. (Doc. G e H).

N'essa data já estava por mim resolvida, — bem ou mal, mas irrevogavelmente — a concessão de asylo, o qual de facto havia já sido dado. O conde de Paraty sabia esta minha resolução desde 12 de manhã, e portanto deveu com certeza communical-a n'esses termos ao nosso ministerio dos Estrangeiros, assim como devia ter communicado que em 13 ao meio dia começaria o governo as suas operações de guerra em grande escala.

Não comprehendo, portanto, como em 13 o ministerio dos Estrangeiros lhe telegraphava novamente, dizendo que *quanto a asylo convinha participar-se o pedido aos representantes das potencias afim de asylo,* **a ter de realisar-se,** *ser por accordo todos, entendendo-me para isso eu com os commandantes de navios estrangeiros.* (Doc. I).

Está pois evidenciado que, não podendo eu avistar-me com o almirante americano, como atraz ficou dito, e havendo im-

periosissima urgencia de tempo, teriam os refugiados sido com certeza e fatalmente sacrificados ás iras do marechal Floriano Peixoto, se eu lhes não tivesse sem hesitações concedido asylo.

Durante o dia 13 de Março desde as 8 horas a. m. até ás 2 ou 3 horas p. m. pouco mais ou menos, foi pois a corveta «Mindello» invadida pelos refugiados, como já ficou dito, o que foi perfeitamente presenciado de bordo de todos os navios surtos no porto, e de todas as alturas da cidade. Sabia, portanto o Governo brazileiro com certeza que, as ilhas rebeldes e os navios que haviam obedecido ao almirante Saldanha da Gama não podiam oppôr-lhe qualquer resistencia. Não obstante essa certeza, porém, como era necessario dar-se uma publica, bem notoria, e bem arrogante demonstração de força, rompeu pouco depois das 3 horas p. m. um vivissimo canhoneio de todas as alturas da cidade, e das fortalezas da barra e baterias de Nictheroy contra aquellas abandonadas ilhas e contra os navios, que nada responderam nem podiam responder! Um homem, armado com todas as armas que pudesse manejar, batendo em um cadaver não faria mais brilhante figura!!

Só depois d'esse estrondoso bombardeamento que durou pouco mais de meia hora, e de haver a plena certeza, indirecta e directa, de que nada mais havia a receiar dos navios e das ilhas dos revoltosos, é que se fez signal para que entrasse a famosa esquadra do governo, a qual não teve já que fazer violencias e foi fundear no Poço, perto da fortaleza de Villegaignon. Estava assim concluida a victoria do governo, a qual foi logo celebrada ao pôr do sol n'esse mesmo dia, e nos dois seguintes ao nascer e no occaso do sol, por salvas de artilheria dadas em todos os pontos fortificados da cidade do Rio de Janeiro, de Nictheroy, das fortalezas da barra, da ilha do Governador, etc. etc. etc.

Entendia eu que era inconveniente, depois da attitude que eu tinha assumido, permanecer mais tempo na bahia do Rio de Janeiro; e (Doc. J e K) como o Exmo ministro da Marinha impediu que eu expedisse os asylados no vapor «Cidade do Porto» como lh'o propuz, fiz os preparativos para seguir para

o Rio da Prata a esperar instrucções do governo, d'accordo com o encarregado de negocios. (Doc. L.) Recebi carvão, os mantimentos especiaes de que atraz fallei, etc., mandei encerrar as contas do navio, o que tudo era inevitavelmente moroso, em consequencia da distancia a que da terra se achavam os nossos navios, e das nossas circumstancias especialissimas. Tencionava partir em 16 á tarde, mas não tendo sido isso possivel pelos motivos apontados, resolvi sahir em 17 de manhã. N'essa noite, porém, recebi telegramma do encarregado de negocios, dizendo-me que não sahisse sem conferenciar com elle (Doc. M), e por isso tive que ficar mais tempo.

Em 17 veio novo telegramma do ministerio dos Estrangeiros para o encarregado de negocios (Doc. N). Dizia-me o mesmo encarregado de negocios n'essa mesma data, e por escripto, saber particularmente pelo governo brazileiro que no dia seguinte era esperada de Lisboa resposta á reclamação diplomatica, e accrescentava que, se até ás 4 horas p. m. d'esse dia 18 eu não tivesse recebido contra-ordem, podia então seguir viagem para o meu destino, *ficando eu sempre responsavel pela entrega dos refugiados nos termos em que fosse decidida a questão diplomatica*. (Doc. O).

N'esses dias de anciedade e espera na bahia do Rio de Janeiro, correram varios boatos mais ou menos aterradores, os quaes me eram communicados em cartas particulares de amigos meus e de anonymos. Diziam que o governo brazileiro ia mandar arrancar á força os asylados brazileiros de bordo dos navios portuguezes; que estes iam sêr atacados por torpedeiros, e que finalmente as fortalezas da barra se opporiam pela força da sua artilheria á nossa sahida do porto. Não dei credito a esses boatos tetricos; vi que os dois primeiros se não tinham realisado, e esperava que o governo brazileiro pensaria melhor, e que o ultimo se não verificaria tambem.

Em 18 ás 4 h. p. m., não tendo recebido qualquer nova communicação do encarregado de negocios, levei ancora e segui para a barra, com as portinholas todas abertas, as peças em bateria, e andando vagarosamente acompanhado a curta distancia pela corveta «Affonso d'Albuquerque». As fortalezas

da barra ficaram mudas como era natural, vendo-se comtudo varias pessoas sobre as muralhas de Santa Cruz, olhando curiosas.

*

Em 26 ás 7 h. p. m. largámos ancora na rada exterior de Buenos Ayres (Doc. O'). tendo nós andado 53 horas unicamente á vella, para poupar carvão. A «Affonso» chegou na vespera ás 2 h. p. m. (Doc. P Q R S T T'). Sempre direi entretanto que o serviço a bordo da «Mindello» era feito mal. O immediato do navio, capitão-tenente Thomaz Diniz dos Santos Pereira, que tinha chegado de Lisboa a 21 de Fevereiro, e que já estivera dispensado do serviço, e de cama com um ataque de rheumatismo gottoso agudo durante alguns dias, deu novamente parte de doente em 20 de Março para nunca mais fazer serviço, até que eu larguei o navio a 8 de Maio. O segundo tenente Vizetto tinha morrido a 3 de Março de febre amarella no Rio de Janeiro; os segundos tenentes Gago Coutinho e Metzener tinham ficado no hospital portuguez de Beneficencia com febre amarella, d'onde mais tarde seguiram para Lisboa; restava portanto para todo o serviço de bordo, incluindo o de immediato em circumstancias tão difficeis e excepcionaes, encarregado de pilotagem, etc,, unicamente o segundo tenente Vieira da Fonseca! O commissario prestou-se de boa vontade a fazer um quarto. Praças do estado menor, machina e marinhagem, faltava tambem uma grande porção, das quaes umas tinham morrido, outras tinham ido pela junta de saude para Lisboa, não fallando em 25, dispensadas de todo o serviço no dia em que largámos do Rio de Janeiro, e 5 doentes no hospital.

Accrescente-se a isto a aglomeração de passageiros por toda a parte empachando e atravancando as manobras, e far-se-ha uma ligeira idéa das grandissimas difficuldades que complicaram esta nossa viagem, a mais penosa que em minha vida tenho feito. Se tivesse havido mau tempo, como era possivel e provavel que acontecesse, visto estarmos no equinoxio, nos principios do inverno do hemispherio austral, e na região dos vio-

lentissimos pampeiros que por ali desabam frequentemente, não sei realmente o que nos poderia ter succedido.

Á minha sahida do Rio de Janeiro fôra-me dito por um amigo meu, de bom conselho e experiente, que, desde o momento em que os navios portuguezes tinham recebido os refugiados a seu bordo, era opinião sua que o governo portuguez não consentiria o seu desembarque senão em territorio portuguez. E posto que, a meu ver, tanto se possa defender esta doutrina como a de os poder desembarcar em qualquer paiz estrangeiro, acreditei que seria aquella a maneira de pensar do nosso governo. As corvetas «Mindello» e «Affonso d'Albuquerque» é que nunca, na melhor das hypotheses, poderiam transportar a seu bordo para porto portuguez tão grande quantidade de gente. Os portos portuguezes mais proximos eram: S. Vicente, se se pudesse fazer a viagem a vapor, Loanda ou S. Thomé, se ella pudesse ser feita á vella. Qualquer das soluções era porém technicamente absurda.

A' minha sahida pois, deixei indicação escripta ao encarregado de negocios no Brazil para que pedisse com a maxima insistencia, e com toda a urgencia, que um transporte nosso fosse mandado de Lisboa a Buenos Ayres, para ali serem para elle trasladados os refugiados e levados a S. Vicente. Se tivesse sido seguida esta minha indicação, e se de Lisboa tivesse partido um transporte a 19 ou 20 de Março, como me parecia possivel, teria elle chegado a Buenos-Ayres a 10 de Abril, o mais tardar, inda que não andasse senão 11 milhas por hora. E com effeito, sendo o caminho mais curto entre os dois pontos extremos 5328 milhas, das quaes 1558 de Lisboa a S. Vicente, 2514 de S. Vicente a 20 milhas a Leste do cabo S. Thomé, e 1256 milhas d'esse ponto a Buenos-Ayres, e dando mais 24 horas para receber carvão em S. Vicente, teria essa viagem sido possivel para qualquer dos nossos dois transportes de guerra «Africa» ou «India», ou para o «Angola», que ao depois foi fretado para ir só á ilha da Ascenção.

O governo porém, não quiz seguir essa indicação, porque em telegramma do sr. ministro da Marinha de 25 de Março, que recebi de Buenos-Ayres á minha chegada, dizia-me que *a*

vinda do transporte era morosa, e que deviam as corvetas **tentar** *aportar a Loanda, ou pelo menos a Santa Helena ou á Ascenção onde encontrariam a corveta «Bartholomeu Dias»*. (Doc. U, V, W).

Tentar a viagem é uma expressão vaga, e cuja execução envolveria grandes riscos e responsabilidades; e por isso em 28 dizia eu ao sr. ministro da Marinha, que *dois tenentes tinham ficado no hospital no Rio, que o official immediato estava completamente inutil por incapacidade physica, que o pessoal de machina e de marinhagem era insufficiente, que o helice carecia de reparações, que não havia barracões nem toldos, que as caldeiras do fogão estavam em concerto no Rio de Janeiro, e que era completamente impossivel emprehender em taes condições uma viagem larga.* Que além d'isso os *refugiados dormiam no convez e estorvavam a manobra.* Instava eu para que se *auctorisasse* o *desembarque* dos *refugiados* para o *lazareto,* porque *alids* era *impossivel evitar doenças em ambos os navios;* accrescentava que era *perigoso, deshumano expôr todos a correr grande perigo,* e que um *aspirante asylado já tinha morrido na «Affonso»*.

N'esse mesmo telegramma dizia eu mais ao Sr. ministro da Marinha, depois de ter ouvido o almirante Saldanha da Gama, *que este estava prompto para não promover hostilidades dentro de um prazo razoavel,* até 15 de Novembro por exemplo; que *os officiaes inferiores e praças de pret não* apresentavam *o menor perigo,* logo que não tivessem chefes; e que se S. Ex.ª (o Sr. ministro da Marinha) *me auctorisasse a contractar* com o almirante, *offereceria assim ao governo do Brazil sufficientes garantias.* Finalmente ainda n'esse mesmo telegramma, pedia eu auctorisação para que me fosse permittido consentir que *alguns officiaes asylados seguissem* como desejavam á sua custa, *para a Europa em paquetes directos* (Doc. X.) Este telegramma nunca teve resposta alguma, mostrando-se mesmo, como ao diante se verá, que nenhum caso fôra feito das minhas ponderações sobre o estado do navio, e circumstancias de uma viagem transatlantica com tal agglomeração de gente desabrigada.

Em 30 de Março morreu outro asylado a bordo da corveta «Affonso d'Albuquerque» victima de uma congestão pulmonar. As condições climatericas, pelo que diz respeito a temperatura tinham peiorado muito, porque os ventos do Sudoeste que por vezes sopravam, fizeram-n'a baixar muito consideravelmente, produzindo muitas doenças novas das vias respiratorias, e o aggravamento das antigas. Não quero affirmar que estas mortes fossem unicamente devidas ás condições em que se achavam os asylados a bordo dos navios portuguezes; mas o que é verdade, é que ellas contribuiram em grande escala para exacerbar a sua impaciencia, para os excitar a toda a especie de loucura, para se esquecerem rapidamente do beneficio immenso que haviam recebido, e para diligenciarem, embora nos pudessem comprometter, obter a sua libertação.

N'essa occasião dirigiu o medico da corveta «Affonso d'Albuquerque» ao seu commandante uma nota (Doc. Y) expondo as más circumstancias em que se achava o navio com a accumulação de asylados doentes de beriberi, e as possiveis pessimas consequencias que d'ahi poderiam originar-se se elles não fossem desembarcados. Na mesma data, os medicos brazileiros asylados na mesma corveta, dirigiram ao almirante Saldanha da Gama, uma nota no mesmo sentido (Doc. Z.) Em 31, o medico da corveta «Mindello», dirigiu-me outra nota (Doc A a) sobre as condições da corveta, e demonstrando os graves perigos que proviriam do prolongamento d'aquella accumulação. Citava elle o artigo 95.º do nosso Regimento de Sanidade Maritima, que prescreve terminantemente que em paiz onde haja lazareto sejam impreterivelmente desembarcados para elle todos os passageiros. Chamava tambem a minha attenção para tres casos de praças nossas, que haviam baixado ao hospital fluctuante com febres, que, tanto elle como o inspector sanitario argentino e os medicos brazileiros, haviam capitulado de febre amarella.

N'essa mesma data os medicos brazileiros asylados na «Mindello» dirigiram ao seu almirante outra nota (Doc. A b) no mesmo sentido que as precedentes. Todos esses documentos foram por mim mandados por copia ao encarregado de

negocios de Portugal, Visconde de Faria. O inspector sanitario (Doc. A c) tambem officiou á repartição de saude sobre o mesmo assumpto (Doc. A d, A d').

Em 1 de abril dizia-me o encarregado de negocios (Doc. A e) estar em negociações com uma companhia italiana para o fretamento do vapor «Norte America» pelo preço de 200:000 francos, para levar os asylados a qualquer porto portuguez; dizia porém que essa operação de fretamento levaria uns 20 dias por causa da mudança da bandeira; mas que o mesmo vapor poderia ser comprado, e ficaria prompto em 3 dias pelo preço de 200:000 libras.

Em 31 de Março o Sr. Ministro da Marinha ordenava-me (Doc. A f, A g, A h) que, com o auxilio do encarregado de negocios, tratasse eu do fretamento de um vapor, tendo eu que lembrar a S. Ex.ª que estava em quarentena de rigor, sem poder sair de bordo, e que portanto não podia de modo algum metter-me em tal negocio (Doc. A i). Lembrei porém ao governo em telegramma de 2 de Abril, e com idéa de resolver de prompto tão afflictiva situação, que era urgente comprar o «Norte-America» quanto antes, para seguir com os asylados, levando um official meu e a bandeira portugueza (Doc. A j).

Em 3 o encarregado de negocios telegraphava ao ex.mo ministro Hintze Ribeiro (Doc. A k), dizendo que o governo argentino pedia com urgencia o desembarque dos asylados para o lazareto de Martim Garcia ou a a saida dos navios portuguezes para fóra das aguas argentinas, pelo perigo de se desenvolver a epidemia de febre amarella. A esse tempo a imprensa de Buenos-Ayres, mais ou menos influenciada por diversas maneiras a favor dos asylados, e contra o governo e representantes de Portugal, vociferava em côro contra o prolongamento d'aquelle estado de cousas tão prejudicial para todos (Doc. A l, A m).

De 2 a 4 o Sr. Ministro da Marinha insistia nas anteriores ordens (Doc. A n) e dizia-me ser impossivel comprar-se o vapor italiano, devendo em ultimo caso sair as corvetas, dizendo o ponto para onde iam (Doc. A p). É claro que depois da minuciosa enumeração feita já por mim, em 28, dos motivos da im-

possibilidade em que estavamos de emprehender tal viagem, tive que repetir novamente esta affirmativa, não por teima ou capricho mas por dever do meu cargo (Doc. A q) E com effeito, se eu tivesse saido de Buenos-Ayres com destino a Loanda, a S. Thomé ou Santa Helena, levando tanta gente desabrigada, e tendo de encontrar em parte d'essa longa travessia mares tempestuosos, ventos duros e aguaceiros, muitos d'esses desgraçados teriam de ser successivamente lançados ao mar, por não poderem resistir a tão rigorosas intemperies. O navio teria chegado ao seu destino, mas teria deixado a sua esteira marcada por algumas dezenas de cadaveres! Teria sido uma viagem horrorosa. Foi só depois d'essa minha positiva e peremptoria recusa, que de Lisboa foi mandado sair para S. Vicente o transporte «Angola» (Doc. A r). Quantos desgostos se teriam poupado a todos nós, portuguezes e brazileiros, quanto dinheiro se teria economisado, se o mesmo ou outro transporte tivesse sido mandado sair, não em 5 de Abril para S. Vicente, onde esteve ainda muitos dias á espera de ordens, mas a 19 ou 20 de Março para Buenos Ayres directamente!

Em 6 annunciava-me o encarregado de negocios (Doc. A s) ter recebido instrucções para que as corvetas saissem de aguas argentinas, para se não acharem expostas a serem expulsas, e lembrava-me que fossem para Maldonado, ancoradouro Oriental. Dizia-me mais que dentro talvez de 48 horas, esperava conseguir pôr a bandeira portugueza em um vapor que ia fretar; *mas que surgiam duvidas por parte do governo argentino se ao poder judicial caberia o direito de acção para fazer desembarcar os refugiados por não ser o barco propriedade do governo portuguez, mas apenas por elle fretado.*

E vista essa duvida, dizia mais o encarregado de negocios Visconde de Faria *que havia proposto ao governo o fretamento de dois rebocadores que conduzissem as corvetas a aguas portuguezas* (sic) *levando a seu bordo os mantimentos para a viagem e as bagagens dos passageiros. Seria talvez mesmo possivel* (dizia ainda o sr. Visconde) *se o tempo o permittisse, transferir para bordo d'esses rebocadores no alto mar parte dos refugiados; em todo o caso os rebocadores levariam bandeira portugueza.*

É desnecessario discutir aqui esta extravagante idéa dos rebocadores, a qual não resiste á critica mais elementar, mesmo de quem não seja muito versado em assumptos de navegação oceanica. Limitei-me a dizer ao encarregado de negocios que o alvitre era absurdo, e que quanto a ir para Maldonado, receiava que ali surgissem por parte do governo Oriental os mesmos receios que faziam assustar, sinceramente ou não, o argentino. Dizia-lhe que ia receber carvão e alguns mantimentos, e que seguiria para aguas neutraes, tencionando fundear com os dois navios algumas milhas a Leste do pontão pharol da ponta Indio, onde me parecia que nenhuma das duas republicas marginaes podia ter fundada base para nos molestar.

Em 6 dizia-me o Sr. Ministro da Marinha, a quem parece ter toado o alvitre do encarregado de negocios ácerca dos rebocadores, «*que saisse eu pois com ou sem rebocador, como e para onde parecesse menos difficil, para porto portuguez ou inglez, dizendo destino*» (Doc. A t). Como se vê, ainda n'essa data era incerta a maneira de levar os asylados de Buenos-Ayres para um ponto ainda desconhecido, onde seria mandado o transporte «Angola» encontrar o navio que os tivesse levado! Quantas hesitações, quantas vacillações e demoras, que redundaram em enormissimos desgostos e em collossaes dispendios de dinheiros publicos! Se eu tive a responsabilidade inicial da causa d'estes acontecimentos, não a tenho absolutamente da maneira como foi resolvida a difficuldade, restando-me a consciencia de que apontei, por tres vezes, caminhos que eram com certeza mais acceitaveis. (*)

Em 7 dizia-me o encarregado de negocios (Doc. A w) ter recebido ordem do ex.mo Ministro Hintze Ribeiro para fretar um vapor para ir á Ascenção com os asylados, e ter fretado o vapor argentino «Pedro III» por 8:000 libras para desempenhar esse serviço. Inda assim o contracto de fretamento só foi firmado a 12, o vapor só foi encontrar as corvetas, já en-

(*) Vejam-se os doc. A u e A v, que, posto não virem citados no texto, entram chronologicamente n'esta altura.

tão em Montevideu, a 19, sem ter recebido carvão nem mantimentos, só estava prompto a 24, e só poude a final sair para o seu destino a 28!

Realmente, para isto, melhor fôra ter-se desde o principio seguido a minha indicação, ou fretado o tal vapor italiano «Norte America», pelo mesmo dinheiro, e certamente muito melhor barco e em mais rasoaveis condições do que o «Pedro III».

N'esse officio de 7 dizia-me mais o encarregado de negocios, que, para evitar reclamações do governo Oriental em Maldonado, era melhor que as corvetas se conservassem pairando fóra até chegar o «Pedro III», para então se operar a baldeação dos asylados. Ora como o transporte só ficou prompto a 24, teriam as corvetas tido que pairar 17 dias em aguas agitadas, e teriam tido que aguentar sobre véla ou a vapor em paragens cheias de baixios, os valentissimos temporaes de Sueste, que tivemos que aguentar por diversas vezes nos ancoradouros da ponta Indio e de Montevideu, onde mais de uma vez as corvetas foram á garra, não obstante terem dois ferros no fundo com grandes quantidades de amarra.

N'esse mesmo dia 7 respondendo a um telegramma meu (Doc. A x), dava-me o Sr. Ministro da Marinha ordem para que a corveta «Affonso d'Albuquerque» comboiasse o transporte até á Ascenção (Doc. A y), o que eu lhe fiz ver ser impossivel por não ter a corveta carvão para fazer tão longa viagem, e por ser inconvenientissimo que o transporte tivesse que moderar a sua marcha para se deixar acompanhar por um navio com as caldeiras em mau estado, e com o fundo cheio de incrustações, que não podia andar mais do que 7,5 milhas com um consumo de 17 toneladas de carvão! Indicava eu que o transporte com a nossa bandeira e flammula, com um official e um destacamento de 20 praças armadas e municiadas, e com uma metralhadora, podia perfeitamente seguir só, sem perigo algum, logo que fosse pela «Affonso» deixado no mar largo (Doc. A z) (*)

(*) Veja os doc. B a e B b, que, posto não virem citados no texto, entram chronologicamente n'esta altura.

*

Durante os dias que estivemos fundeados no ancoradouro exterior de Buenos-Ayres, os asylados brazileiros estiveram sempre irrequietos. Cançados pela longa permanencia a bordo de navios que não eram seus, sem alojamento conveniente, com uma alimentação inevitavelmente irregular, ouvindo o echo dos clamores que a imprensa argentina, movida por amigos d'elles, levantava em seu favor, sendo alvo de donativos generosos de damas da sociedade da Cruz Vermelha, que os consideravam como victimas da tyrannia portugueza, e finalmente tendo já indignamente esquecido o grandissimo serviço que lhes haviamos prestado salvando-lhes as vidas no Rio de Janeiro, não cessavam de procurar por todos os meios libertar-se d'aquella situação angustiosa.

Além d'isso, como o governo portuguez ainda não tinha dito qual seria o destino dos asylados depois que tivessem chegado á Ascenção, e como convinha aos intuitos dos nossos inimigos attribuir-nos um papel odioso de connivencia com o governo do Brazil, para infligir aos asylados o castigo do degredo em Africa á falta da evitada pena de morte, especulando-se com a ignorancia geographica da maior parte do publico, e com o nome do transporte que devia ir á Ascenção encontrar-se com o «Pedro III», affirmava-se abertamente que elles iam para Angola degradados e ali seriam victimados pelas febres!

Varios amigos dos asylados, taes como Samuel Benchimol, Machado, ambos portuguezes, uns officiaes de marinha brazileiros, Brito e Graça, o dr. Dermeval da Fonseca, etc., viajavam constantemente da cidade de Buenos Ayres para o ancoradouro das corvetas, nos vapores fretados pelo encarregado de negocios de Portugal para virem conferenciar comigo, e vinham conversar com os asylados, trocar correspondencias, ministrar-lhes indicações, e (sem que aliás o pudessemos suspeitar) excital-os a conspirar por todos os modos e feitios contra nós e contra o governo portuguez. Se o nosso encar-

regado de negocios não tivesse sido tão condescendente n'esta faculdade que a estes sujeitos dava de viajarem de graça, para nos intrigarem sem rebuço nem pêjo, é possivel que elles tivessem encontrado outros meios de intelligencia com os altanados asylados brazileiros, mas certamente taes meios teriam sido mais arriscados e mais dispendiosos. Não censuro o honrado Visconde de Faria pela sua condescendencia, mas não posso deixar de consignar aqui o meu protesto contra a má fé e abuso de confiança dos seus desleaes e pouco serios passageiros.

Em 8 dirigiu-me o almirante Saldanha da Gama uma nota de agradecimento (Doc. B c.) pela maneira como elle e os companheiros tinham sempre sido tratados a bordo das corvetas, e enviando-me um protesto contra o governo de Sua Magestade dirigido ao encarregado de negocios Visconde de Faria, pela maneira como, no seu entender, o asylo tinha sido convertido em prisão. Terminava dizendo que *sendo elle responsavel pela solicitação do asylo,* **se conservaria á mercê do governo de Sua Magestade Fidelissima emquanto este assim o entendesse conveniente,** *mas que entretanto, a partir d'aquelle momento, declarava não mais poder responder por quaesquer actos que os seus companheiros de exilio intentassem dever praticar no interesse da sua propria existencia e situação.* Vimos todos mais tarde como o almirante cumpriu a primeira parte da sua promessa!

N'esse mesmo dia 8 atracou um lanchão grande armado a hyate com 40 toneladas de carvão que eu tinha requisitado, e começou-se a ingrata faina de as metter dentro. Pelas 5 horas p. m., ou pouco mais, quando umas 25 toneladas apenas haviam sido recebidas, e quando eu estava na camara jantando, um numeroso grupo de Brazileiros saltou inesperadamente dentro do batellão pelas portas da bateria, pelo portaló, e pelas mesas de enxarcia, cortou-lhe a boça, e como estava vento fresco da prôa, o lanchão abriu rapidamente para fóra, e afastou-se já com uma vella de prôa e o traquete largos. A sanefa do carvão estava collocada de bombordo a estibordo junto ao mastro grande; o contramestre de serviço estava a

ré vigiando um pequeno vapor que se approximava com mantimentos, e não poude presenciar esta scena escandalosa senão quando a não poude já evitar. Veio porém immediatamente avisar-me, ao brado da sentinella da ponte, e acto continuo o capitão tenente Santos Pereira, que estava no camarote sem fazer serviço, sahiu e começou a distribuir armamento á guarnição, subindo eu immediatamente á tolda com o tenente Vieira e o commissario, e indo á ponte no meio de uma grande confusão e aos gritos de *viva a marinha portugueza e viva a republica argentina*! proferidos pelos fugitivos.

Poderia eu talvez intimidal-os com alguns tiros, ou mandar uma embarcação em sua perseguição; mas pareceu-me que fóra das amuradas do meu navio nenhum direito me assistia para proceder assim. Mandei portanto serenar a celeuma, repôr as armas nos seus logares, fazer a chamada da guarnição, verificando que ninguem faltava. No momento de largar o batelão, um fugitivo brazileiro, certamente em agradecimento de lhe termos salvado a vida, arremeçou uma pedra de carvão para bordo, a qual feriu na cabeça um marinheiro nosso!

Quasi na mesma occasião, quatro asylados da «Affonso» lançavam-se ao mar e nadavam para um pequeno vapor argentino que pairava proximo (Doc. B d); dois alcançaram-n'o e não foram restituidos quando reclamados, e o terceiro morreu afogado. Um quarto ainda, que pouco sabia nadar, quando viu que não podia alcançar o vapor virou-se outra vez para a corveta pedindo soccorro; foi-lhe mandada uma embarcação, e quando elle entrou a bordo escorrendo agua e tranzido de frio, declarou que estava assim lavrado o seu protesto!

Dos mantimentos que haviamos requisitado, e que vinham em um vapor, só foi recebida uma porção de bolacha e 2 bois vivos, porque receiando o vapor que mais alguns asylados brazileiros quizessem saltar tambem para elle e o obrigassem a ficar de quarentena, afastou-se para o largo. Já depois de ser escuro approximou-se da alheta de estibordo um vapor, que se suppoz ser o dos mantimentos; quando porém se re-

conheceu que não era, foi no momento em que outro grupo de Brazileiros saltava para elle da grinalda da pôpa, das portinholas, e das mesas da enxarcia da mezena, e no nosso botesinho, largando elle immediatamente para fóra a toda a força.

É para mim evidente que o almirante Saldanha da Gama estava no segredo d'esta muito escandalosa aventura. A coincidencia da sua declaração escripta a mim feita no mesmo dia, de não se responsabilisar por qualquer acto desesperado dos seus companheiros, e o facto notorio de ter elle n'esse dia distribuido a muitos dos fugitivos quantias de dinheiro, provam-n'o para mim sufficientemente.

Devo dizer mais, em abono d'esta persuasão, que a maior preoccupação do almirante na grande viagem que elle tinha de emprehender para Africa ou para Portugal, era a sustentação de tão grande numero de individuos no logar do seu destino; e por isso, como elle não via probabilidades de poder augmentar o peculio que tinha trazido do Rio de Janeiro, quanto mais rapidamente diminuisse o numero dos asylados mais diminuiam tambem as suas responsabilidades. Disse-me o almirante mais de uma vez, que, desembarcando aquella gente em Buenos-Ayres, paiz novo, avido de emigrantes estrangeiros, e cheio de occupações para elles, acharia essa gente facil emprego, e allivial-o-hia muito das suas preoccupações. Vê-se portanto que o sr. Saldanha da Gama pensava mais na sua bolsa e nas suas libras sterlinas do que no transtorno que me pudesse occasionar com as machinações que promoveu em que foi connivente, ou que não quiz evitar, e nos grandes desgostos moraes que sobre mim accumulava por actos admissiveis talvez no seu pessoal subalterno, mas improprios de um homem na sua alta posição, e que devia zelar a seriedade do seu nome, o seu antigo prestigio, e o seu futuro.

Entre os fugitivos da corveta «Mindello» que foram ao todo 122, nenhum havia com grandes disposições de entrar novamente na lucta contra o governo do Brazil; havia, é certo, alguns officiaes de nomes bem conhecidos, e de tendencias pacificas, havia alguns aspirantes que nenhum mal poderão jámais fazer; mas o grosso dos fugitivos era gente sem res-

ponsabilidade, alheios a politica, muitos mesmo de origem portugueza, arrastados todos para a revolta por suggestões a que não souberam ser superiores, e por promessas fallazes de um futuro extraordinario. Esses teriam estimado que o movimento triumphasse; mas desde que isso não aconteceu, e desde que acharam ensejo de se safarem do asylo, approveitaram-n'o sofregamente e com o mais natural egoismo, sem sequer olharem para traz. A elles não quero eu mal por isso.

A natureza humana é assim. A demora em que ali os conservavamos, tão faltos de commodidades, exasperou-os.

No dia seguinte 9 d'Abril, ás 8 h. e 30 m. a. m., tendo começado a dissipar-se um denso nevoeiro que obscurecia os horizontes, levámos ancora para seguir rio abaixo (Doc. B e) Quando já começavamos a navegar, approximou-se o vapor com os nossos mantimentos; mas receiando eu nova fuga, mandei que se affastasse, e segui unicamente dependente dos recursos que tinha a bordo, que eram bem poucos. É bom dizer-se aqui que as 14,5 toneladas de carvão que os senhores asylados brazileiros levavam na lancha em que fugiram, nunca mais vieram para bordo, e nem mesmo foram depois para terra, como mais tarde m'o affirmou o fornecedor.

A corveta «Affonso de Albuquerque», que na manhã de 9 não tinha acabado de receber o seu carvão, só poude largar mais tarde para o ancoradouro da bocca do Estuario. Antes porém de largar, houve a seu bordo uma outra tentativa de evasão (Doc. B f e B g), servindo-se os asylados tambem do barco do carvão. O commandante da «Affonso» porém,—pensando de modo diverso, e tendo aprendido com a alheia experiencia, — entendeu, e acho hoje que entendeu muito bem, que, devendo cingir-se á letra do telegramma do Sr. ministro da Marinha que dizia *não haver hypothese alguma em que fosse permittido o desembarque dos asylados*, tinha que empregar a força para os mandar voltar para bordo, e conseguiu reembarcal-os.

N'esse mesmo dia 9 a diversas horas fundeavam as duas corvetas umas 3,5 milhas a Leste do pharol fluctuante da ponta Indio, em aguas que reputo neutraes, e não sujeitas á

jurisdicção de qualquer das duas republicas. Era um logar de poucos fundos, ás vezes só 19 pés d'agua, inteiramente desabrigado para os peiores ventos, e onde o Sueste, que por vezes cahiu durissimo, levantava grossas vagas que muito incommodavam os navios.

N'esse ancoradouro estavamos mais perto de Montevideu do que de Buenos Ayres; e por isso era o consul portuguez n'aquella cidade, que recebia pelo correio, pelo telegrapho ou pelo telephone, as instrucções do encarregado de negocios, e que nol-as vinha transmittir em um vapor de Montevideu, que n'essa viagem gastava seis horas, visto estarmos a 45 milhas de distancia d'esta ultima cidade. Era por este meio tambem que recebiamos pão e generos frescos.

Foi pelo consul que soubemos (Doc. B g') ter o governo argentino levantado conflicto com o governo portuguez, por julgar ter sido aggravado no seu brio pelo supposto attentado praticado pelo commandante da «Affonso» para arrancar os asylados fugitivos do barco do carvão. Dizia o governo que o barco era argentino, mas a verdade é que elle não tinha bandeira alguma, e parecia pelo seu nome ser italiano.

Os fugitivos eram realmente apenas 8, mas o governo argentino começou por nos reclamar 30, e finalmente eu cheguei a receber uma lista de nomes, que alargava esse numero até 49! (Doc. B h). E comprehende-se que todos os asylados da «Affonso» quizessem mesmo fazer-se incluir em tal relação, visto como viam com isso a esperança de serem mandados desembarcar, para terem a mesma liberdade que obtiveram os que fugiram da «Mindello». A questão foi muito disputada, chegou-se a dizer que seriam quebradas as relações entre os dois paizes, mas vi com prazer, á minha chegada ao Rio de Janeiro, que tudo havia terminado em bem, dando o ministro dos Estrangeiros Argentino Dr. Costa um banquete ao Sr. Visconde de Faria, nosso encarregado de negocios. Antes assim!

Pouco depois de estarmos no ancoradouro da ponta Indio, houve noticia de terem desembarcado da esquadra revoltada do almirante Custodio de Mello, na ponta de Castillos á en-

trada do Rio da Prata, em territorio oriental, mil e tantos homens de tropas revolucionarias com o general Salgado. Essas tropas e essa esquadra acabavam de ser batidas no ataque que haviam feito á cidade do Rio Grande do Sul, e abandonavam a lucta, como Saldanha da Gama o havia feito na bahia do Rio de Janeiro. As tropas foram depois conduzidas pelo governo de Montevideu de Castillos para a ilha das Flôres para fazerem quarentena, e depois d'isso desembarcavam em Montevideu, onde eram optimamente recebidas pelos seus amigos e por uma parte da população.

A esquadra, que passou perto de nós na noite de 15 para 16, seguiu para Buenos-Ayres em força de cinco navios, «Republica», «Urano», «Iris», «Esperança» e «Meteoro», onde o almirante Mello a entregou ao governo argentino. Elle e os tripulantes da esquadra, ao todo uns 950 homens, foram mandados para o lazareto de Martin Garcia, e d'alli, depois de fazerem a competente quarentena, desembarcaram na cidade de Buenos-Ayres, onde tiveram recepção amigavel.

A situação assim creada inesperadamente a estes 2:000 Brazileiros — tão revoltosos como os nossos asylados, mas recebidos de braços abertos pelas duas republicas, ao passo que Portugal conservava os seus em rigorosa reclusão — ainda mais exacerbou o espirito d'estes, que quasi ficaram em um estado de verdadeiro desespero, aggravado com os intermittentes rigores das intemperies atmosphericas que por vezes eram bem agudas. Os já mencionados conspiradores amigos d'elles, que de Buenos-Ayres se haviam transportado a Montevideu, e que quasi diariamente, por condescendencia do consul de Portugal, viajavam d'alli para a ponta Indio, continuavam no seu incessante trabalho de intriga e excitação, levando-lhes os jornaes cheios de calorosas descripções das recepções feitas aos seus companheiros de lucta, onde bem se accentuava o confronto com o procedimento dos Portuguezes.

Depois de ter eu ponderado ao Sr. ministro da Marinha a impossibilidade de ser o transporte «Pedro III» acompanhado em toda a sua viagem até á Ascenção pela corveta «Affonso de Albuquerque», insistiu em 10 o Sr. ministro dos Negocios

Estrangeiros Hintze Ribeiro (Doc. B i B j), para que *impreterivelmente fosse a dita corveta comboiar o transporte durante pelo menos cinco dias, regulando este navio a sua marcha pela d'aquelle, navegando depois ambos á vontade, mas indo em todo o caso a «Affonso de Albuquerque» á Ascenção, informando-se de como se houvessem passado as cousas, e indo depois a S. Thomé, dar para Lisboa essas noticias pelo telegrapho.*

Salvo o devido respeito ás opiniões e ordens do Ex.mo presidente do Conselho, acho que, mesmo que houvesse sido possivel fazer-se com felicidade a viagem dos dois navios até á Ascenção, o que me parece provavel é que, quando lá tivesse chegado a «Affonso», já ha muito teria partido o transporte «Angola»; e quando a corveta chegasse a S. Thomé, seria com certeza muito mais tarde do que o «Angola» poderia tocar em S. Vicente, para dar as noticias que em Lisboa se desejavam. Além de que, devendo a corveta «Affonso d'Albuquerque» comboiar o transporte durante cinco dias, com um andamento forçado e grande consumo de carvão, ter-se-hia achado em posição de não poder alcançar a Ascenção com o carvão que lhe restava, tendo talvez mesmo difficuldades para alcançar o Rio de Janeiro ou outro porto da costa brazileira. Não se deve esquecer que a «Affonso» não pode forçar muito as suas caldeiras, que o navio tem o fundo muito sujo, e que portanto não é propriamente um vapor, e está muito mais longe ainda de ser um navio de vella. Os factos comprovaram mais tarde estas previsões, com a aggravante da circumstancia fortuita de um desarranjo na machina.

Em todo o caso, em data de 13 de Abril dava eu ao commandante da corveta «Affonso d'Albuquerque» as instrucções para a viagem á Ascenção, em harmonia com as ordens terminantes do Governo! (Doc. B k).

No ancoradouro da ponta Indio falleceram mais dois asylados, um em cada navio. Os seus cadaveres foram lançados de bordo de escaleres ás aguas do Prata, a cerca de um kilometro de distancia dos navios.

*

Em Buenos Ayres a promptificação do transporte «Pedro III» era embaraçada por grandes difficuldades. Em primeiro logar o navio estava de rigorosa quarentena quando foi fretado, por ter chegado de portos do Brazil, e ter tido a bordo a epidemia da febre amarella que victimou varios tripulantes. Por esta ponderosa circumstancia, não poude elle ser examinado pelo Sr. encarregado de negocios Visconde de Faria, ou por pessoa competente de sua confiança, que verificasse se elle estava, ou não, nas condições de desempenhar o serviço que d'elle se reclamava. Em segundo logar, na occasião de ser a bordo do transporte em Buenos Ayres içada a bandeira portugueza — ceremonia que eu imaginava só se verificaria com a presença de um official meu, e de um destacamento da armada, para moralisar o facto—revoltou-se a tripulação contra essa mudança de bandeiras, e recusou-se a servir em tal barco. Em terceiro logar finalmente, foi necessario substituir todos os tripulantes do «Pedro III», o que occasionou uma inesperada demora, tendo os tripulantes que retiravam feito no navio grandes depredações e estragos, principalmente os homens da machina, que inutilisaram varias peças com intenção de impedirem a partida.

A nova tripulação contratada, da qual faziam parte uns dez dos asylados fugidos da «Mindello», o que se tornou desde logo altamente suspeito, entrou a bordo sem conhecer absolutamente o navio, e tendo elles que andar ás apalpadellas a estudal-o, para se orientarem nos serviços diversos que tinham a fazer. Foi um grande transtorno, que originou grande desordem interna no barco, e que inevitavelmente tendia a demorar a sua partida.

Querendo, porém, o encarregado de negocios evitar novos conflictos em Buenos-Ayres, mandou sair o transporte ao encontro das corvetas (Doc. Bl e Bm), antes mesmo de estar elle prompto, ordenando ao dono que concluisse a sua promptificação em Montevideu, na presença e sob a vigilancia dos nossos

navios de guerra, e quando já tivesse recebido o nosso official e o destacamento armado, o que tudo dava com certeza melhores garantias de bom serviço.

Em harmonia com essas novas ideias, recebia eu na noite de 17 para 18, no ancoradouro da ponta Indio, instrucções do encarregado de negocios, por intermedio do consul em Montevideu, partindo ambos os navios para este ultimo porto n'essa madrugada e fundeando no ancoradouro exterior da bahia pelo meio do dia 18 sem novidade. (*)

Só em 19, no fim da tarde, fundeou perto de nós em Montevideu o transporte «Pedro III» já com bandeira portugueza; mas tendo a visita de saude chegado a elle tarde, só no dia 20 me foi possivel mandar communicar com elle. É claro que o transporte vinha de quarentena, situação em que continuavam as duas corvetas, o que comtudo não impedia as communicações mutuas entre os tres navios. Perto dos nossos navios, veio por ordem do governo oriental fundear a pequena canhonheira «General Artigas».

Em 20 tomou posse do «Pedro III» como seu commandante o primeiro tenente da armada Francisco Annibal Oliver, com as instrucções que entendi dever dar-lhe (Doc. Bp.), e a que ao diante me referirei. N'esse mesmo dia officiava-me o dito official (Doc. Bq) dizendo ter o navio a bordo apenas 68 toneladas de carvão, e poucos ou nenhuns mantimentos. Accrescentava que o machinista não conhecia bem a machina, e não tinha n'ella confiança. No dia 21 dizia-me o mesmo official (Doc. Br), depois de ter minuciosamente examinado o navio, que havia apenas quatro embarcações, das quaes um bote menos mau, e tres baleeiras em lastimoso estado. Dizia-me mais que não havia medicamentos, almanack nautico, nem cartas; que havia um só chronometro não regulado, e que as condições hygienicas do navio eram as peores que era possivel imaginar-se! Tudo isto foi por mim communicado ao consul (Doc. Bs).

O contracto de fretamento do vapor argentino «Pedro III»

(*) Veja os doc. Bn e Bo que entram n'esta altura da narração.

merece uma ligeira analyse para se ver como o seu proprietario burlou indignamente o representante de Portugal. Pelo artigo 1.º obriga-se elle a transportar para a Ascenção até 600 asylados, quando á chegada a Buenos-Ayres estes não eram mais do que 528, os quaes pelas mortes e deserções ficaram reduzidos a 399. Entre esse numero, comprehendia elle 80 como de 1.ª classe. Pelo artigo 2.º obriga-se o navio a dar aos 80 passageiros de 1.ª classe accommodação, serviço, e manutenção esmerada, como é costume nos vapores de passageiros que frequentam o porto de Buenos Ayres, dando egualmente a mesma ração de 1.ª classe até ao numero de 200 pessoas, ou 120 a mais do que aquellas para que tinha obrigacão de dar tambem alojamento. O artigo 3.º descreve a ração que tem de ser dada aos passageiros de 3.ª classe, a qual parece rasoavel. O artigo 4.º diz que os passageiros serão baldeados no praso de tres dias uteis, salvo caso de força maior, devendo começar o embarque logo depois de ter sido dado aviso de estar prompto o vapor. O artigo 5.º diz que o navio será armado como navio de guerra portuguez, sob o ommando de um official portuguez, ficando o capitão do transporte como encarregado da navegação. No artigo 6.º declara-se que, á chegada do transporte ao seu destino, serão os passageiros baldeados para um transporte de guerra portuguez dentro de 48 horas. Se esse praso, porém, for excedido, obriga-se o nosso governo a pagar 7 schillings por dia, por passageiro, com alimentação de 1.ª classe; 4 shillings diarios por cada um dos de 3.ª classe, além da quantia de £ 40 por cada dia pelo aluguer do vapor. O governo responsabilisa se no artigo 7.º pelas avarias que, pelo estado de armamento do vapor, poderem occorrer n'elle, com excepção das de mar. Diz o artigo 8.º que, no caso de querer o governo rescindir o contracto por qualquer motivo, perderá metade do frete. O artigo 9.º diz que o governo pagará a quantia de £ 8:000 no acto da assignatura do contracto, ficando como caução d'ella nas mãos do governo o citado vapor.

Não obstante estas clausulas, todas favoraveis ao dono do vapor, como este chegou a Montevideo sem ter podido receber

carvão e mantimentos em Buenos Ayres, apresentou o dito dono ao consul de Portugal a extravagante exigencia de mais £ 1:000 por uma supposta differença de preços de carvão nas duas localidades; esta exigência foi sem mais discussão repudiada como era natural.

Além d'isso, não obstante ter-se o dono do navio obrigado a fornecer os passageiros de 1.ª classe com accomodação e sustento *esmerados*, foi pelo commandante do navio enviada ao consul uma longa lista de roupas de camarotes, colchões, etc., bem como de artigos indispensaveis de comida, que a bordo não existiam. Essa lista foi impugnada pelo dono do vapor, que a achou excessivamente luxuosa, e afinal teve o consul que comprar esses objectos á custa do governo, para não demorar a promptificação do navio com chicanas promovidas por um homem sem probidade, e que já tinha em sua mão o preço do contracto leonino que fizera.

*

Em 19 communicava me confidencialmente o consul de Portugal, por ordem do encarregado de negocios, um telegramma (Doc. Bt) em que o sr. ministro da Marinha me ordenava *que recolhesse eu a bordo da «Mindello», e guardasse até nova ordem sob minha responsabilidade, os refugiados que haviam procurado evadir-se da corveta «Affonso d'Albuquerque» e foram apprehendidos no «Pepito Donato»*. Ordenava mais o mesmo sr. ministro que *todos os outros refugiados seguissem para a ilha no vapor «Pedro III» conforme as instrucções já dadas.*

Esta noticia circulou logo entre os asylados dos dois navios, e na imprensa, o que aliás não admira n'estes paizes americanos, onde a correspondencia diplomatica, mesmo a que tenha o caracter mais reservado, é posta á luz da publicidade quando isso possa interessar o governo do paiz. E como n'este caso esta resolução do governo portuguez não podia deixar de ser considerada como uma derrota moral que soffriamos, todos os jornaes argentinos a mencionaram como uma victoria sua!

Na idéa de obedecer a estas ordens, como me cumpria, sem

embargo de ver quanto ellas eram odiosas para os demais asylados, combinei confidencialmente com o commandante da «Affonso» o modo de as executar, sem comtudo exacerbar os animos naturalmente irasciveis dos outros asylados.

Esses fugitivos que eram realmente 8, foram pelo governo argentino elevados a 30 nas suas reclamações, e chegaram mesmo ao numero de 49, em uma relação incorrecta e augmentada que os proprios asylados da «Affonso» improvisaram para me mandar com a mira no desembarque em Buenos-Ayres.

Pouco tempo depois, dizia-me o consul de Portugal em carta, pela difficuldade que tinhamos em nos correspondermos officialmente, que os fugitivos seguiriam tambem com os outros asylados para a Ascenção. Attribui esta noticia a uma phase mais côr de rosa apresentada pelas negociações com o governo argentino, a qual me fazia crer que elle não teimava, e antes cedia ás nossas boas razões Veremos mais tarde como eu me enganava!

*

Em 21 de Abril dirigiu-me o almirante Saldanha da Gama uma nota (Doc. B u), protestando contra as scenas occorridas a bordo da corveta «Affonso d'Albuquerque» na manhã de 9, e acompanhando-a de uma narração feita pelo capitão tenente Joaquim Franco (Doc. B v), o official brazileiro de maior graduação que n'aquelle navio estava. Vinha tambem a copia do exame directo feito pelo medico da «Affonso» em alguns dos feridos d'aquelle dia (Doc. B w). A estes violentos e de certo exaggerados papeis, limitei-me a responder verbalmente ao almirante, que ficava sciente, e que tinha em meu poder o texto de um inquerito official feito a bordo d'aquelle navio, que contava as cousas de uma fórma inteiramente diversa. É claro que nunca tal documento lhe foi mostrado. (*)

Em 24 annunciava-me o commandante do transporte «Pe-

(*) veja-se n'esta altura o telegramma do Visconde de Faria ao consul em Montevideu (Doc. B y).

dro III» (Doc. B x), que tinha a seu bordo alguns homens suspeitos que queriam amotinar a guarnição, e entre elles um irmão do fornecedor, que estava especialmente encarregado d'isso pelo dono do navio, e um italiano que tinha sido asylado nosso. Ambos esses homens foram immediatamente desembarcados.

Dizia mais o commandante, que não havia a bordo barquinha ordinaria nem de patente, nem ampulhetas, e que continuava a não haver a bordo os mantimentos sufficientes para o numero de passageiros que eram esperados, e para a viagem que se ia fazer. As ampulhetas e barquinha ordinaria foram mandadas por mim, e os artigos de mantimentos, e roupas de camas de camarotes, foram mandados pelo consul, para pôr termo a esta interminavel questão. Dei tambem de bordo da «Mindello» um plano da ilha da Ascenção que o transporte não possuia!

No fim d'essa tarde finalmente ficou prompto o «Pedro III» (Doc. B z), indo logo em seguida para seu bordo uma porção dos asylados da «Affonso». No dia 25 houve vento fresco e muito mar, e não foi possivel fazerem-se communicações. Recebi porém n'esse dia um longo officio do almirante Saldanha da Gama (Doc. C a), frisando bem a differença de tratamento que era dado, nas duas republicas platinas, aos asylados brazileiros da esquadra do almirante Mello e do general Salgado, e sob os auspicios do governo de Portugal, em navios seus, aos asylados que os haviam procurado na bahia do Rio de Janeiro. Dizia mais o almirante que era triste ir elle e seus companheiros emprehender uma larga viagem para destino ignorado, o qual todavia a imprensa brazileira e do Rio da Prata insistiam em dizer dever ser um ponto das nossas possessões africanas occidentaes. Perguntava ainda se o governo argentino havia desistido da sua reclamação da entrega dos fugitivos do «Pepito Donato»; e terminava finalmente declarando-me que *a minha resposta seria uma garantia para elle e para os seus, ou então serviria para justificar qualquer resolução que acreditassem dever adoptar em face da situação tão singular quão vexatoria em que elles se achavam collocados.*

N'esse mesmo dia dizia-me o consul por escripto que, por noticias recebidas do encarregado de negocios, sabia que o destino dos asylados seria Lisboa, podendo eu portanto assegurar isso categoricamente ao almirante para o tranquillisar sobre esse ponto. Quanto ao destino dos asylados que haviam tentado evadir-se da corveta «Affonso de Albuquerque» no barco de carvão «Pepito Donato», — os quaes se assegurava desembarcariam em Buenos-Ayres como satisfação dada pelo nosso governo ao argentino, o que constituiria para esses uma vantajosa excepção, dobradamente odiosa para os que permaneceram nos navios, — fundando-me ainda nas informações escriptas do consul, affirmei em toda a boa fé que iriam tambem para Portugal, e que até já se achavam a bordo do «Pedro III», o que era rigorosamente verdade.

Durante a tarde e principio da noite de 26 foram passados nos escaleres da «Mindello» para o transporte «Pedro III» os nossos asylados, havendo no principio d'essa operação ainda bastante mar. A «Affonso» passou as bagagens dos seus, e começou n'esse dia a receber carvão e mantimentos com bastante difficuldade.

Depois da meia noite d'esse dia veio á falla o consul de Portugal e entregou-me o seu officio n.º 5 datado d'esse momento, isto é, já no dia 27 (Doc. C b). Continha um telegramma do sr. ministro da marinha, ordenando-me que os *refugiados* em *litigio ficassem* na «*Mindello*», *seguindo restantes* no «*Pedro III*», *comboiados por corveta* «*Affonso d'Albuquerque*» *até fóra risco, regressando a Montevideu essa corveta passando para ella os refugiados da* «*Mindello*». Dizia mais o encarregado de negocios, ao transmittir-me este telegramma por intermedio do consul, que, *na sua opinião, o risco a que se referia o sr. ministro da marinha existiria até que na ilha da Ascenção fossem entregues os refugiados ao transporte de guerra portuguez.*

Esta inesperada resolução, quando pouco antes o consul me havia assegurado, em mais de uma carta, que todos os asylados, sem excepção, iriam para Ascenção; esta inesperada resolução que vinha desmentir a segurança formal que eu en-

tendera poder dar ao almirante Saldanha para o socegar, e que me collocava em pouco boa posição aos meus proprios olhos, causou-me, como é natural suppôr-se, um profundissimo desgosto! É certo que a ordem não dizia que os oito asylados desembarcavam para Buenos-Ayres; mas dizia em todo o caso que elles não iam para Ascenção, que passavam do «Pedro III» para a «Mindello», e mais tarde (não sei quando isso seria) da «Mindello» para a «Affonso». E por pouco que o governo argentino insistisse nas suas exigencias, é evidentissimo que o nosso governo viria a ceder, e que os oito asylados seriam inevitavelmente entregues!

Ponderei ao Consul que a execução de uma tal ordem, no meio da noite, em um agrupamento de gente descontente e desesperada, ia produzir um alvoroço extraordinario, e talvez uma revolta horrorosa, e scenas de sangue e de violencias lamentaveis. Que eu bem sabia que nenhum militar podia discutir ordens de superiores seus, mas que, no caso presente, eu ignorava de todo como havia de cumprir á risca, e sem graves consequencias, a que elle me dava em nome do sr. Ministro da Marinha. Discutimos o assumpto durante muito tempo, elle do seu ponto de vista e eu do meu, e, depois de mais de duas horas de exposição a um frio intenso, elle na prôa do vaporzito «Uruguay» e eu na grinalda da «Mindello», resolvi pôr á disposição do consul o meu aspirante de fazenda com um escaler. O aspirante iria a reboque do vapor do consul, receberia d'este as ordens que entendesse dever dar-lhe, e transmittil-as-hia ao commandante do transporte, ficando eu assim isento e desligado da responsabilidade do que pudesse vir a acontecer.

Quando tudo estava assim combinado e em começo de execução, ouvimos tres tiros de canhão de tiro rapido dados pela canhoneira oriental «Artigas», a qual immediatamente suspendeu e seguiu em perseguição de um pequeno vapor que levava um lanchão a reboque para os lados do Cerro Essas embarcações haviam pouco antes sido vistas por nós de bordo da «Mindello» pensando se que fosse uma lancha de carvão que ia, depois de já descarregada, da corveta «Affonso d'Albuquer-

que» para a terra levada por um rebocador N'esse momento, tendo o vapor do consul e o meu escaler largado a toda a pressa para o transporte, verificaram ali que uma grande porção de asylados brazileiros se havia evadido d'elle no lanchão a vapor em circumstancias verdadeiramente extraordinarias, mysteriosas e incomprehensiveis!!!

Nas instrucções que ao commandante do transporte haviam por mim sido dadas, dizia-lhe eu claramente que, depois de ter a seu bordo os asylados, não poderia elle, por motivo algum e sob qualquer pretexto, consentir que ao mesmo transporte atracasse outra embarcação que não fossem as propriamente das duas corvetas portuguezas. Para isso tinha elle a bordo praças de marinhagem nossas para fazerem sentinella em cima do tombadilho ou na ponte de commando, logares d'onde perfeitamente se dominava o horizonte em todas as direcções. Não obstante essas recommendações, a evasão de mais de 200 pessoas tinha sido realisada, sem que das corvetas pudesse ter sido observada, o que é muito para lamentar, e sem que do proprio transporte pudesse ter sido evitada, o que mais lamentavel é ainda. O proprio almirante Saldanha da Gama, apesar das solemnes declarações que havia feito por escripto e na imprensa, de que por sua parte se sujeitaria ás determinações do governo de Sua Magestade, estava no numero dos fugitivos! Os oito fugitivos da reclamação do «Pepito Donato», tinham desapparecido tambem.

Se eu não tivesse estado na grinalda da corveta «Mindello» com o segundo tenente Vieira da Fonseca conversando com o consul de Portugal para o seu vapor, no momento mesmo em que se passavam estes escandalosos acontecimentos, poderia talvez suspeitar de que de bordo da mesma corveta alguem houvesse sido connivente n'esta fuga. Assim porém, affirmo que nem o consul, nem o tenente Vieira, nem eu, nem as sentinellas ou gente de quarto, perceberam cousa alguma do que se estava fazendo!!

Logo que foi dia, e emquanto o consul ia pelo telephone communicar o occorrido ao encarregado de negocios, suspendi eu do commando do transporte o primeiro tenente Oliver

(Doc. Cc); substituindo-o pelo segundo tenente Jayme Monteiro, mandava instaurar uma investigação presidida pelo capitão tenente Brion, e adiava a sahida dos dois navios até nova ordem.

No decurso do dia voltou o consul com ordem para que os navios partissem sem mais demora com os asylados que restavam no «Pedro III». Preparou-se tudo para as 4 horas p. m. d'esse mesmo dia 27, mas n'essa occasião sobreveio uma avaria na machina do transporte, a qual exigia longas horas para ser reparada. Parecia de proposito! e parecia que algum mal intencionado houvesse propositadamente causado tal avaria! Seja como fôr, tratou-se da reparação, que correu sem outra novidade; e de madrugada estariam os dois navios promptos para partir se não tivesse surgido novo contratempo.

Pela 1 hora da madrugada recebi aviso do novo commandante do transporte, informando-me de que varias das nossas praças de marinhagem, embriagando se por suborno dos proprios asylados, haviam insultado o capitão mercante do navio, o qual muito naturalmente se recusava a seguir viagem com ellas e pedia o desembarque. Achei que o homem tinha razão, tive que transigir para evitar um novo e mais perigoso conflicto em logar onde não tivesse sido possivel remedial-o, e mandei recolher aquellas praças á «Mindello» substituindo-as por outras. Estas mudanças levaram algumas horas, por causa do pagamento, guias, folhas de registo e outras formalidades, de modo que só ás 3 horas da tarde finalmente estava tudo concluido.

Ás 3 h. p. m. de 28, pois, largava do ancoradouro exterior da bahia de Montevideu em direcção á Ascenção, o transporte portuguez «Pedro III» com 170 asylados brazileiros, comboiado pela corveta «Affonso d'Albuquerque». Os asylados fugidos com o almirante Saldanha da Gama, tinham sido pelo governo oriental mandados para o lazareto da ilha das Flôres na canhoneira «Artigas», n'um pequeno vapor e n'um lanchão.

Tendo as negociações diplomaticas entre os governos argentino e portuguez tomado por vezes aspectos bastante desagradaveis para nós, chegou-se mesmo a dizer que alguns na-

vios de guerra argentinos iriam embargar o passo aos navios portuguezes, para evitar que elles partissem com os asylados que faziam assumpto da reclamação, antes que a questão tivesse sido terminada. A corveta argentina «Argentina», navio de madeira parecido com a «Mindello» mas um pouco maior que ella, tinha dias antes vindo de Buenos-Ayres, passou entre os navios surtos em Montevideu e seguiu para Leste sem ter fundeado. Dizia-se mais, que outros navios de guerra mais poderosos estavam de prevenção. Em vista do exposto não admira que eu andasse um pouco apprehensivo, e que exigisse que o consul obtivesse do encarregado de negocios ordem positiva para a sahida, a despeito de tão graves boatos cujas possiveis consequencias lhe fiz vêr. Felizmente, nada de desagradavel occorreu, e os navios seguiram sem mais novidade digna de menção.

*

Supponho eu hoje (e creio que me não engano) que o almirante Saldanha da Gama planeou tambem ou teve sciencia dos preparativos d'esta nova evasão. Fundo-me para isso na ultima phrase que transcrevi do seu officio de 25 de Abril dirigido a mim. O que é verdade é que, tendo o almirante na sua gente incontestavel influencia, não obstante o estado de insubordinação, relaxação e desmoralisação em que todos elles se achavam, poderia, se quizesse, ter evitado este grande escandalo que nos compromettia a nós, mas que o compromettia a elle muitissimo mais!

Em 28 dirigia-me o almirante, ainda na ilha das Flôres, um longo telegramma (Doc. C d), em que me dizia, para attenuar a má impressão que previa devia ter em mim produzido a sua fuga, *que o movimento de antes de hontem fôra irresistivel*, e que elle *tivera que sahir de bordo para não desamparar sem recursos os alumnos navaes. Rogava-me o desembarque dos poucos alumnos que haviam ficado a bordo e de todas as bagagens. Se eu o não pudesse ordenar, ou se o passado não bastasse ainda para resolver o caso da sua viagem a Portugal, ficara empenhada a sua palavra junto do governo portuguez,*

e volveria elle a apresentar-se a mim, logo que tivesse aplanado as difficuldades dos seus deveres de chefe e de companheiro alli, disposto a seguir para Lisboa de qualquer modo, caso o «Pedro III» tivesse partido antes. Accrescentava que *devia elle desembarcar em Montevideu ás 2 horas da tarde d'esse dia;* e que logo *em seguida se faria conduzir á rada exterior para receber as minhas ordens;* e terminava por *lamentar profundamente ter sido a causa para mim de tantos desgostos e contrariedades.*

Este telegramma chegou a Montevideu, e foi entregue ao consul de Portugal quando este voltava de bordo da «Mindello» sem ter ainda almoçado, de modo que só chegou á minha mão no fim da tarde, já depois de terem partido a «Affonso d'Albuquerque» e o «Pedro III», e quando eu já nada poderia ter providenciado, caso mesmo o tivesse querido, o que não é certo.

Vendo isto o almirante, e o seu sequito de conspiradores intrigantes sem escrupulos, sem consciencia, e sem consideração de especie alguma, foi resolvido por algum d'elles — não ouso dizer que fosse pelo proprio almirante — mandar-se demorar o «Pedro III» na ilha das Flôres. Para esse fim foi forjado um apocripho telegramma com a assignatura do consul de Portugal (Doc. Ce), dirigido para a ilha das Flôres, dizendo: *«Peço-lhe faça signal ao «Pedro III» e «Albuquerque» para que se demorem e esperem ordens minhas».* Felizmente, o empregado da ilha das Flôres José S. Olivencia, teve a necessaria prudencia para não resolver o assumpto, ou teve talvez inspiração da traição que se tramava. Seja como fôr, esse digno empregado respondeu ao consul (Doc. Cf), que devia dirigir-se ao coronel Muró, capitão do porto, unico que podia dar taes ordens. Foi quando o consul recebeu este telegramma, que teve a chave da tranquibernia tramada por aquelles cavalheiros, a qual elle no dia seguinte desmascarava em todos os jornaes. O que parece realmente incrivel, é que o empregado do telegrapho de Montevideu tivesse tido a leviandade de expedir um telegramma que se dizia ser do consul de Portugal, sem vêr n'elle o carimbo que authenticasse esse papel.

Em 29 seguia a corveta «Mindello» de Montevideu para a ilha das Flôres, onde as bagagens e macas da guarnição foram convenientemente desinfectadas em estufas apropriadas. Em 30 recolhiamos a Montevideu, e fomos amarrar em uma boia dentro do porto interior em frente da capitania do porto.

N'esse mesmo dia recebia eu uma carta do almirante Saldanha da Gama (Docum. C g), renovando as suas desculpas pelos desgostos que me tinha causado, attribuindo a fuga da gente do «Pedro III», pelo menos em parte, á má impressão que em todos elles causou a entrada em um tal navio, e a perspectiva de uma longa viagem em tão más condições. Mandava-me a copia de um telegramma que enviara na vespera ao Ex.mo presidente do conselho de ministros Hintze Ribeiro, e annunciava me que ia partir para Lisboa em meiados de maio. (Docum. C h.)

N'esse mesmo dia 30 d'Abril entregava-me o consul de Portugal o telegramma do encarregado de negocios, transcrevendo outro do sr. ministro da marinha, em que me ordenava que entregasse o commando da corveta «Mindello» ao immediato, seguindo na primeira mala para Lisboa. Não se diz o motivo d'esta chamada a Lisboa, nem se vou ou não exonerado.

Em 30 á noite resolvi ir no paquete a Buenos-Ayres conferenciar com o encarregado de negocios de Portugal conselheiro Visconde de Faria, mostrar lhe varios papeis que não tivera tempo de lhe mandar por copia, receber outros que lhe confiara, e procurar os fornecedores de carvão e mantimentos para dispôr as cousas, que estavam embrulhadissimas, para uma conciliação, certamente muito difficil em qualquer das hypotheses.

*

Em 2 de Maio de manhã estava eu de regresso em Montevideu, e comecei a fazer os meus preparativos para a partida. O capitão-tenente Santos Pereira, estava ainda, desde 20 de Março, dispensado de todo o serviço, por molestia bem evidente; não seguira no transporte «Pedro III» por me ter pedido para ir á sua custa em qualquer paquete, por não que-

rer acompanhar os emigrados brazileiros. Entretanto, como além d'elle, só havia a bordo um official combatente, e esse era um segundo tenente, entendi dever convidar o capitão-tenente a reflectir se lhe convinha substituir-me no commando, ficando elle de me dar a resposta muito a tempo, antes da minha partida, que eu fixei para o dia 8 pelo paquete francez «Brésil» da companhia Messageries Maritimes.

Em 3 chegaram a Montevideu, e a bordo da corveta «Mindello» o capitão tenente Antonio Talone da Costa e Silva e o segundo tenente Ferreira de Freitas. Ficou portanto sem effeito a combinação, ou antes a proposta feita ao outro official superior, e estava naturalmente resolvido que o commando pertenceria ao capitão-tenente recem-chegado.

Em 6 telegraphava eu ao sr. ministro da marinha *agradecendo-lhe reconhecido* ter-me *concedido a exoneração pedida* tantas vezes; dizendo-lhe que *entregaria* ao capitão tenente Talone em *8 sahindo logo em seguida e pedindo um conselho de guerra.* Aproveitava a occasião, visto que ainda estava exercendo as funcções de commando, para dizer que o *helyce* tinha uma *folga media total* de *25 millimetros, sendo metade* no *T* e *metade* no *qucijo*; mas que a *segunda* era *impossivel reparal a fluctuando; pedia* portanto *instrucções com urgencia no dia seguinte, aliás o dique ficaria impedido quinze dias.*

A este telegramma respondeu o sr. ministro dirigindo se ao capitão tenente Talone, a quem chamava *commandante* em data de 7, quando sabia que eu só lhe entregaria o commando em 8. Ordenava-lhe o sr. ministro que assumisse immediatamente o commando, porque eu ia para Lisboa responder pela evasão dos brazileiros. Salvo o respeito que tenho obrigação de tributar ao alto cargo que occupa o sr. conselheiro Neves Ferreira, não posso deixar de dizer aqui, em nome da minha dignidade pessoal e de official de marinha, que S. Ex ª, que sempre foi um homem sereno e recto, podia perfeitamente ter-se abstido de dizer a um official meu inferior em graduação uma cousa desagradavel a meu respeito, e especialmente antes de me ter ouvido! O serviço nada com isso ganhava, e a disciplina pode ter perdido.

Tres mezes antes, dizia-me o conselho do almirantado sob a presidencia do mesmo sr. Ministro, em 3 de Fevereiro, sob cunho de reservado, isto é, para que só eu o soubesse, *que tinha na maior consideração os distinctos e importantes serviços prestados por mim durante a minha longa e difficil commissão, especialmente os prestados durante o bloqueio da costa do Dahomey e os prestados depois durante a permanencia da «Mindello» na bahia do Rio de Janeiro, em que o meu procedimento se havia tornado digno do maior louvor.*

No dia seguinte a 4 de Fevereiro, o mesmo conselho do almirantado sob a presidencia do mesmo sr. ministro, dizia-me, sempre com o mesmo tom de reserva, *que tinha sempre approvado todos os meus actos desde a minha sahida do Tejo.* Dizia mais *que considerava o meu procedimento na espinhosa commissão que eu estava desempenhando, como muito correcto, intelligente, patriotico, e portanto digno de uma* **importante recompensa** *por parte do governo de Sua Magestade.*

Para me louvar, o conselho do almirantado escreve-me confidencialmente; para me desconsiderar, fal-o ostensivamente, em telegramma não cifrado, dirigindo-se a um official meu inferior! E eis ahi está a *importante recompensa* que eu obtive do governo de Sua Magestade! A minha rocha Tarpeia estava mais perto do Capitolio do que eu suppunha! sempre esperei um resultado parecido, mas não tão cedo.

*

Concluamos: A 6 de maio entrava a corveta «Affonso de Albuquerque» na bahia do Rio de Janeiro, telegraphando-me o seu commandante que *tinha alli ido receber carvão; que o transporte seguira sem novidade;* e que a corveta carecia de *trabalhos urgentes* na *machina* que *só* estariam *concluidos* em *oito dias.* (Doc. C j).

A corveta acompanhou o transporte durante quatro dias, e perdeu o de vista. Em 3, achando-se em 29.º 14′ de Latitude Sul e 45.º 18′ de Longitude Weste de Greenwich, resolveu o commandante, em conselho de officiaes, arribar ao Rio de Ja-

neiro. A corveta sahira de Montevideu com 153 toneladas de carvão, isto é, com os paioes attestados e mais 20 toneladas no convez, todo de má qualidade por ser uma mistura de Cardiff, Newcastle, e carvão de fôrma; de modo que, no momento de resolver arribar não tinha mais do que 93 toneladas de carvão. Desde esse ponto até ao Rio de Janeiro gastou a corveta mais 33 toneladas de carvão, chegando alli com 60 toneladas apenas.

No Rio participou o machinista ao commandante precisar de desmontar as cruzetas afim de se limarem os munhões para se ajustarem os bronzes e evitar uma pancada que se notava. Precisava mais de desarmar as plainas por desconfiar de que necessitassem da substituição do metal branco, por terem muita folga. Nas caldeiras era necessario limpeza de tubos e extracção da agua lodosa. Nenhum d'estes trabalhos tinha podido fazer-se em Buenos-Ayres ou Montevideu, pela necessidade de estar sempre o navio prompto a mover-se.

Fica pois exuberantemente demonstrado *á priori e á posteriori,* que a corveta «Affonso d'Albuquerque» nunca poderia ter comboiado o transporte «Pedro III» de Montevideu á Ascenção, e só com grande difficuldade, e uma rara felicidade poderia ter feito tal viagem mesmo desacompanhada. Tenho porém ainda a convicção, como desde o principio o disse ao sr. ministro, que o transporte nenhum perigo poderia correr seguindo só para a Ascenção, pelo menos no resto da viagem.

*

Procurei narrar n'esta minha exposição, feita ao correr da penna e muito sobre o joelho, os principaes incidentes que se ligavam com a revolta da esquadra brazileira, e que tendiam a explicar e justificar as resoluções que tomei em circumstancias por vezes muito difficeis. Diligenciei inspirar-me sempre nos principios de austera imparcialidade, de patriotismo, de perfeita harmonia com os outros commandantes de forças navaes, e de respeito pela soberania do paiz onde se dava aquella anormal agitação politica.

O nosso governo nem sempre me apreciou com justiça; e o governo brazileiro, com a sua calumniosa imprensa, sempre me foi hostil. Resta-me porém a grande consolação de que cumpri o meu dever até ao fim, e de que a colonia portugueza toda residente no Rio de Janeiro, e a parte sensata e desapaixonada do povo brazileiro, fazem justiça aos meus sentimentos.

Quando um dia, que Deus faça raiar breve, tenha cessado o regimen de espantoso terror que hoje opprime ainda odiosamente a opinião publica no Rio de Janeiro, e quando alguem se resolva a fazer a historia imparcial e severa d'esta lucta fraticida, que tem ensanguentado aquelle grande paiz e retardado o seu progresso, haverá certamente quem faça justiça aos meus creditos de official de marinha e de Portuguez.

Em Portugal porém, onde a opinião é livre e a manifesação do pensamento se faz sem restricções, sobretudo quando alguem pretende desaggravar-se de accusações injustas, aguardo serenamente o veredictum ácerca dos meus actos.

Augusto de Castilho
Capitão de Fragata.

Documento A

Telegramma do Visconde de Faria ao consul de Portugal em Montevideu, transmittindo a exoneração do commandante da «Mindello»

Buenos Aires, 9—4—1894. 5 e 10 m.

Consul Portugal

Urgente

Quiera trasmittir inmediatamente Comandante Castilho siguiente telegrama que recibo en este momento pedindole de acusar su recepcion: Queira dizer comandante Castilho entregue commando

inmediato e siga primeira mala Lisboa urgente saber hoje mesmo si "Affonso„ levou ordem regressar ahi ou que instrucções levou—Ministro da Marinha—Contesteme en seguida diciendome haber trasmitido este y dandome la contestacion sobre destino "Affonso„ para informar tambien hoy mismo al Ministro como lo exige.

Visconde De Faria

Documento B

Declaração do almirante Saldanha sobre a cessação das hostilidades

Em circumstancias difficeis, apoz seis mezes de lucta, desejosos além d'isso de evitar mais derramamento de sangue de irmãos e maiores males materiaes, assim como no intuito de poupar a nossa patria maiores vexames de ordem d'este que acaba de soffrer, qual a exigencia apresentada pelo corpo diplomatico do deposito previo por parte do governo do marechal Floriano Péixoto de valiosa quantia ou hypotheca do territorio nacional como garantia dos interesses estrangeiros n'esta capital para ser-lhe permittido mandar romper o fogo das baterias que guarnecem as colinas da frente maritima da cidade—Os officiaes da fracção da Esquadra Libertadora surta neste porto resolvem pôr termo á lucta, fazendo depor as armas aos seus bravos e dedicados commandantes e confiando-se á generosa hospitalidade da nação portugueza na pessoa do commandante superior da sua divisão naval aqui presente, o sr. capitão de fragata conselheiro Augusto de Castilho, commandante da corveta "Mindello„

Luiz Philippe de Saldanha da Gama

Documento C

Condições de capitulação propostas pelo almirante Saldanha da Gama

Os officiaes da fracção da Esquadra Libertadora, surta n'este porto, desejosos de pôr termo á lucta que ha mais de seis mezes ensanguenta o paiz, estão resolvidos a depor as armas sob as seguintes condições:

1.ª Retirada para o estrangeiro dos officiaes, assim como dos que com elles privam, sob a garantia e guarda da nação portugueza.

2.ª Garantia de vida para os inferiores e praças e bem assim para os voluntarios que lhes estão assimilados.

3.ª Entrega das fortalezas, navios e mais material no pé em que se acham.

4.ª Restituição dos prisioneiros, excepto aquelles officiaes prisioneiros que queiram ou prefiram partilhar a sorte dos officiaes da Esquadra.

Luiz Philippe de Saldanha da Gama

Documento D

Telegramma do commandante da «Mindello» ao conselho do almirantado sobre pedido de asylo

Rio de Janeiro, 11 de Março de 1894.

Almirante Saldanha mandou hoje official snbalterno perguntar se eu lhe dou asylo em situação muito grave desesperada. Enviar resposta affirmativa. Esquadra governo á entrada da barra estar prompta para entrar. Rio de Janeiro preparado artilheria de posição com toda a força para bater ilhas esquadra revoltosa. Almirante preparado oppor a maior resistencia contra navios de guerra Governo, mas impotente contra artilheria de guarnição. Consta por informação officiosa, publica, corpo diplomatico opporse por todos os meios Governo empregar baterias de artilheria contra esquadra, causa bombardeamento cidade. Carece de confirmação a noticia. Saldanha queixar-se dissenção com Custodio.

Castilho.

Documento E

Telegramma do commandante da «Mindello» ao almirantado sobre a capitulação dos revoltosos

Rio de Janeiro, 12 de Março de 1894.

Saldanha pediu com a maior instancia eu está encarregado de entabolar negociações capitulação em condições muito favoraveis:

retirada officialidade para estrangeiro sob a protecção de Portugal; garantia vida officiaes inferiores, praças de pret e voluntarios; entrega fortalezas, navios de guerra, material em qualquer estado; restituição prisioneiros. A contar de hontem Governo fixar praso 48 horas começar combater com toda a força. Em vista da grande urgencia, em consequencia da distancia encarregado negocios, decidir com a maior brevidade possivel procurar presidente da Republica 11 horas noite; presidente da Republica declarar immediatamente a importancia assumpto exigia estudo com ministro da guerra, ministro da marinha, prometter enviar a resposta hoje mesmo se for possivel. Encarregado negocios chegar sem novidade, desapprovar procedimento meu, pedir a exoneração commando.

Castilho.

Documento F

Telegramma do ministro da marinha ao commandante da «Mindello» recusando-lhe a exoneração pedida

Lisboa, 12 de Março de 1894. 7 e 50 m.

Commandante corveta portugueza "Mindello„. Rio.

V. ex.ª deve proceder ahi harmonia com encarregado negocios Portugal que recebe instrucções Governo; encarregado negocios telegraphou já Governo sobre asylo e mediação pedida por Gama; encarregado negocios procederá conforme instrucções Governo que communicará V. Ex.ª para devidos effeitos; no estado actual coisas ahi essencial é cada um cumprir seu dever pondo parte qualquer resentimento pessoal; não é n'este momento que posso conceder exoneração a quem como V. Ex.ª exerce um posto importante de confiança.

Ministro Marinha

Documento F'

Relação dos refugiados embarcados na corveta «Mindello»

Contra almirante, Luiz Philippe de Saldanha da Gama.
Capitão de mar e guerra, Eliezer Coutinho Tavares.
Capitães tenentes:

Emilio Carvalhaes Gomes.
João Velloso d'Oliveira.
1.os tenentes:
Thomaz de Medeiros Pontes.
João Prudencio da Costa Lima.
João da Silva Retumba.
José Liduino Castello Branco.
Alberto Carlos da Cunha.
João Huit Bacellar Pinto Guedes.
2.º tenente, Carlos Alberto Witte.
Guardas marinha:
Raphael Brusque.
Augusto Carlos de Sousa Silva.
Alberto Durão Coelho.
Antonio Dias de Pinna Junior.
Armando Cezar Burlamaqui.
Mario Cezar Bormammo de Borges.
Arthur Torres.
Ignacio Ribeiro.
Joaquim Ribeiro Sobrinho.
Antonio Candido de Carvalho.
Heraclito Belfort G. de Souza.
José Joaquim Brandão dos Santos Junior.
Capitão de fragata, engenheiro naval, Benjamim Ribeiro de Mello.
Contra-almirante, medico, dr. José Pereira Guimarães.
Capitão de fragata, medico, dr. Galdino Cicero de Magalhães.
1.º tenente, medico, dr. Augusto Gr.ª da Silva Lima.
Guarda marinha, pharmaceutico, Guilherme Hoffman Filho.
1.º tenente honorario, Luiz Lemelle.
2.º tenente honorario, Narciso José Vieira.
Machinista capitão tenente, Targino José dos Anjos.
Machinista 2.º tenente, Clemente Lopes d'Almeida.
Machinistas guardas marinha:
Seraphim José Soares.
Antonio Gonçalves Cruz.
Ismael Dias Braga.
Antonio José Lopes.
Miguel Moreira.
Commissario 2.º tenente, Marcionilio Olegario Rodrigues Vaz.
Commissarios guardas marinha:
José Luiz de Lima Junior.
Juvenal Jardim.
Manuel Marques de Faria.
Jorge Marques Dubouchez.

Aspirante de 1.ª classe:

Herman Carlos Palmeira.
Octavio Perry.
Ernesto Filippe da Cunha Sobrinho.
Theophilo Osvaldo Pereira e Souza.
Alexandre Coelho Messeder Junior.
João Antonio da Silva Ribeiro.
Mario Cezar de Castro Menezes.
Othon de Noronha Torrezão.
Augusto Cezar Burlamaqui.
Alvaro Nunes de Carvalho.
Luiz Augusto Diniz Junqueira.
Roque Dias Ribeiro.
Emanuel Dias Braga.
Manuel C. de G. Coutinho.
Damaso Pereira de Novaes.
Oscar Gomes Braga.
Theodureto H. de Faria Souto.
Priamo Diniz Telles.
Luiz Ferdigão.
Francisco José P. das Neves.
Arthur de Brito Pereira.
Braulio d'Araujo Braga.
Joaquim Buarque de Lima.
Angenor Monteiro de Sousa.
Hormisdas M. de Albuquerque.
Luiz Cyrillo Fernandes Pinheiro.
Damião Pinto da Silva.
Theodoro Jardim.
José de Lima Campello.
Torquato Diniz Junqueira.
Augusto D. Costa Guimarães.
Oscar de Assis Pacheco.
Octavio de Lima e Silva.
Henrique de Santa Rita.
Roberto de Barros.
Manuel Nogueira da Gama.

Medicos civis:

Dr. Daniel d'Almeida.
Dr. Sebastião José de Saldanha da Gama.
Dr. Climaco Barbosa.

Pharmaceuticos:

Arthur de Sousa Martins.
Julio Martins.

Manuel da Silva Castro.
José Maria Paes Leme.
Alberto Neves.

Officiaes marinheiros mercantes :

José Augusto Ribeiro.
Chrispim José Marques.
Manuel José da Silva.
Thadeu da S. Castro.
José do Carmo Madeira.
Francisco da Silva.
Carlos Antão Duarte.
Frederico Raulino.
Domingos de Sousa Cardia.
Porfirio Primo da Costa.
Domingos A. A. Ribeiro Filho.
Pedro Pereira da Silva.

Alferes do batalhão naval, João Barbosa da Silva.

Officiaes da Guarda Nacional:

Antenor Pompeu da Silveira.
Camillo de Sousa Guimarães.
João de Castro Noval.

Official honorario, Francisco José de Araujo Gomes.

Machinistas mercantes :

Manuel de Azevedo Martins.
Joaquim da Costa Freitas.
Arthur Smoll.
Alberto Dias.
Victor Leandro Rodrigues.
Pedro Olympio dos Santos.
Americo Mariz da Silva.
Alfredo Carneiro Burges.
Joaquim de Gaia.
Manuel de Oliveira.
Dias Correia.
José Joaquim de Abreu.
Maximiano Rubens.
Luiz Antonio da Silva.
Pedro José.
Francisco José Alves.
Antonio Madeira.

Aspirantes voluntarios:

Antonio Francisco.
Leonardo Ferreira da Costa e Sousa.
Virgilio Nogueira.

José Marianno da Silva.
Alvaro Colás.
Carlos de Saldanha da Gama.
Mario de Saldanha da Gama.
Alvaro de Carvalho Lima.
Luiz Victor Vargea.
Carlos Pereira da Fonseca.
Pedro da Fonseca.
Eliezer Jansem Tavano.
Ildefonso Lopes.
Frederico de Gouveia Coutinho.
Antonio Esteves d'Oliveira.
Guilherme Lopes Angelo.
Manuel Magalhães.
Alvaro d'Oliveira.
Carlos Clement.
Joaquim F. de O. Maggioli.
Francisco Rodrigues Cordeiro.
Delphim Moreira.
João da Silva Cardoso.
Manuel A. de Miranda Carvalho.
Luiz Vaury.
Dr. Aquilino do Amaral, Filho.
Manuel Pereira de Carvalho.
Henrique Luder.
Antonio da Costa Borlido.
Bandeira de Mello.
Candido Lacerda Corry.
Antonio Ferreira Lopes.
Joaquim José da Rocha.
Manuel Pereira Duarte.
Joaquim Francisco da Silveira.
Vicente Horacio Pinheiro Domingues.
Arthur Ferreira de Alvarenga.
José Soares.
Dr. Henrique Schutel.

Contra-mestres:

Casimiro Hermenegildo.
Eusebio da Silva.
Francisco Mendes Lopes.
Francisco Pimenta dos Santos.

Patrões:

Antonio Pereira dos Santos.
Paulino Lopes.

Bernardino de Senna Lopes.
Antonio da Silva Valente.
Domingos Vieira da Rosa.
Mestre, José Francisco dos Santos Paes.
Escreventes:
Octaviano d'Alcantara.
Jeomilicio Eduardo d'Oliveira.
Fieis:
Ulysses d'Oliveira Cesar.
José dos Santos Carneiro.
Eduardo Emygdio Gomes.
Enfermeiros:
Irineu do Amaral.
Francisco Maquieira.
Calafate, Luiz Paulino de Carvalho.
Serralheiros:
Manuel Pereira de Sá.
João Furno.
Carpinteiro: José d'Oliveira Ornellas.
Sargento-ajudante, Belmiro Ferreira dos Santos.
1.os sargentos:
Salustio de Mello.
Nelson E. de Alfavaca.
Guarda do arsenal, Sebastião Ferreira do Nascimento.
Operarios:
Antonio José Lopes.
Firmino D. Nascimento.
Candido Senna Martins.
José Pereira.
Marinheiros:
Vicente Rodrigues da Silva.
José Pereira de Sousa.
Antonio da Silva.
Baptista d'Oliveira.
José Nobre.
Joaquim Medeiros.
João Paulo.
Luiz Francisco.
Marinheiros-mercantes:
Augusto Nolasco da F. Pereira da Cunha.
João Sabino de Mello.
Felizardo Guerra.
Pedro Alves.
Carvalho de Andrade.

Casimiro de Abreu.
Eduardo Ferreira.
Joaquim de S. Paulo.
João Soares.
Domingos Alves de Jesus.
Adriano Gomes.
Antonio Gomes.
Antonio José da Silva.
Francisco Rozendo.
José da Silva.
Francisco Rodrigues.
Joaquim dos Santos.
Luiz Soares.
José Maria.
Leonardo Ferreira da Silva.
Antonio dos Santos.
Manuel Felix.
Thadeu Joaquim Ribeiro.
Claudio José da Silva.
Marinheiro nac. (invalido), João Capistrano.

Foguistas:

José Theodoro dos Santos.
Frederico Teixeira.
Americo Vieira.
Luiz Filippe.
José Machado de Sousa.
João Valerio de Lima.
Roberto Leite Ferraz.
Francisco Luiz de Queiroz.
Francisco Rodrigues.
Ramon Vidal.
Miguel Hypolito de Araujo.
Egydio José Marques.
Manuel Pereira.
Pedro Miguel.
José Gomes da Silva C. d'Araujo.
Armando Candido Ferreira.
José Maria Tavola.
Fernando Pulcherio da Silva.
Alberto Pinheiro.

Carvoeiros:

Ayres Teixeira Sarmento.
Manuel Hypolito.
Antonio Paulo das Neves.

Francisco Pereira da Cunha.
Felicio Roldini.
João Isaias.
Mariano Cardoso Moura.

Cosinheiros :

Jacintho Nunes dos Santos.
Epiphanio Francisco de Assis.
João Pedro Hegonet.

Serventes e creados :

José Santo.
Luiz de Araujo.
Antonio Ferreira de Albuquerque.
Cezario Pinto.
José Alipio Goulart.
José Gondel.
Antonio Ribeiro dos Santos.
José Rodrigues da Silva.
Severo da Silva Gomes.
Santiago Fernandes.
Augusto José Mendes.
Bento Solha.
Manuel Joaquim de Barros.
Manuel Ramires.
Valentim Gomes.
Innocencio Gomes.

RESUMO

Officiaes da armada	11
Guardas marinhas	12
Eugenheiro naval	1
Corpo de saude d'armada	4
Honorarios da armada	2
Machinistas d'armada	7
Commissarios d'armada	5
Aspirantes d'armada	36
Medicos e pharmaceuticos civis	8
Officiaes da marinha mercante	12
Guarda Nacional, exercito, etc.	5
Machinistas mercantes	17
Aspirantes voluntarios	39
Inferiores	25
Operarios	4
Marinheiros nacionaes	8
Ditos mercantes	24

Dito invalido	1
Foguistas	19
Carvoeiros	7
Cosinheiros	3
Serventes e creados	16
Total	266

No dia 16 de março veiu ainda para bordo o aspirante Candido de Andrade Dantas; todos os mais vieram no dia 13 do mesmo mez, ficando assim o total de 267 pessoas que seguiram na corveta "Mindello„.

Entrou mais a bordo em 13 de marco o seguinte pessoal:

Commissario guarda-marinha: Francisco Roberto Barreto.

Officiaes da guarda nacional:

Rozendo Machado Zacharias.

Julio Cezar Carvalho Lobo.

Aspirantes voluntarios:

José Ferreira Marques.

Alvaro d'Oliveira.

osé Vicehte Martins.

Aspirantes de 1.ª classe:

Trajano Augusto de Carvalho.

Arthur da Costa Pinto.

Machinista da armada: André Correia Codilho.

Total 276 pessoas.

Documento G

Communicação do conde de Paraty ao commandante da «Mindello» ácerca do documento seguinte

Rio de Janeiro, 13 de Março de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Acabo de receber o telegramma acima copiado. Não se póde retirar a concessão do asylo; haverá porventura meio de resalvar a dignidade do paiz, que está acima de tudo, com estas ultimas instrucções do governo entendendo-se com os commandantes estrangeiros.

Fica isto muito bem nas mãos de V. Ex.ª;. eu ficarei no consulado aguardando os acontecimentos e disposto a conferenciar com V. Ex.ª se houver meios para isso.

Sou com toda a consideração de V. Ex.ª Att. Ven.

Conde de Paraty.

Documento H

Telegramma do ministro dos estrangeiros ao encarregado de negocios, dando instrucções

Lisboa, 12 de Março de 1894.

Governo portuguez não deseja que por parte dos seus agentes ahi seja praticado qualquer acto que possa ser menos agradavel ao governo constituido. Por isso precisa-se saber como governo brazileiro auctorisa intervenção commandante Castilho para tratar capitulação. Queira pois V. Ex.ª saber informando logo para se lhe dar instrucções convenientes para que asylo a Gama e officiaes se realise. E' indispensavel Castilho entender-se com commandantes dos navios estrangeiros.

Hintze Ribeiro.

Documento I

Telegramma do ministro dos estrangeiros ao conde de Paraty com instrucções

Do ministro dos Estrangeiros ao Encarregado dos Negocios de Portugal — Rio.

Lisboa, 13 Março 94.

Vista resposta governo brazileiro não deveremos intervir directamente capitulação. Podemos apenas cooperar com representantes outras potencias em qualquer acção officiosa. Quanto asylo convem participar-se pedido representantes potencias a fim de asylo, a ter de realisar-se, ser por accordo todos entendendo-se para isso Castilho commandantes outros navios estrangeiros, como hontem disse.

Hintze Ribeiro.

Documento J

Telegramma do commandante da «Mindello» ao almirantado communicando ir ser armado o «Cidade do Porto» para levar os asylados

Rio de Janeiro, 13 de Março de 1894.

Almirante Saldanha asylado aqui hoje com 500 pessoas. Meio dia artilheria de guarnição outeiros cidade, fortalezas, bombardear ilhas, navios de guerra revoltosos desertos. De tarde entrar barra esquadra legal. Empregar todas as diligencias possiveis armar paquete Benchimol com official subalterno, flamula, partir quanto antes Buenos Ayres; será o melhor meio de conducção revoltosos.

Castilho.

Documento K

Telegramma do ministro da marinha ao commandante da «Mindello» pondo restricções ao projecto de armamento do transporte

Lisboa, 14 de Março, ás 4 e 45. p. m.

Commando da Corveta "Mindello„.

Devo crer resolução armar paquete "Benchimol„ é de accordo governo legal e força naval; de outro modo poderia originar grave complicação.

Ministro.

Documento L

Officio do Conde de Paraty ao commandante da «Mindello» approvando o asylo e annunciando a reclamação diplomatica

Legação de Portugal no Brazil. Rio de Janeiro, 16 de Março de 1894.

*Ill.*mo *e Ex.*mo *Sr.*

Acaba V. Ex.ª de me confirmar ter concedido asylo a varios insurgentes brazileiros em momento de perigo. Estão sob a protec-

ção da bandeira portugueza, cuja honra se acha perfeitamente nas mãos de V. Ex.ª.

Cumpre-me entretanto prevenir a V. Ex.ª de que ha uma reclamação diplomatica pendente entre Portugal e Brazil sobre a sorte d'estes individuos, que por isso devemos estar habilitados a apresental-os se houver resolução favoravel ao pedido do governo brazileiro.

Deus guarde a V. Ex.ª

Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Augusto de Castilho, Commandante da corveta Mindello.

Conde de Paraty.

Documento M

Telegramma do encarregado de negocios ao commandante da «Mindello» retardando a partida dos navios

Petropolis, 16, ás 10 h. e 40 m.

Commandante Mindello, bahia, no Rio de Janeiro.

Queira retardar partida até conferenciar commigo.

Paraty.

Documento N

Telegramma do ministro Hintze Ribeiro ao Conde de Paraty sobre a entrega dos asylados

Recebido a 17 de março.

Surprehende-me seu telegramma depois das instrucções dadas por governo portuguez sobre asylo pedido por insurgentes.

Consulte immediatamente representantes nações que teem ahi navios de guerra e que portanto devem ter instrucções para o caso asylo: se esses entenderem serem applicaveis preceitos internacionaes asylo no caso presente, e se prestar portanto apoio asylo nosso navio de guerra mantenha asylo combinando Castilho com commandantes navios de guerra estrangeiros.

No caso contrario não devemos recusar-nos a entregar refugiados ao governo brazileiro para serem julgados nos tribunaes respectivos como de direito.

Hintze Ribeiro.

Está conforme. Legação de Portugal, Rio de Janeiro, 17 de Março de 1894.

Conde de Paraty.

Documento O

Officio do conde de Paraty ao commandante da «Mindello» enviando o documento precedente

Legação de Portugal.

Rio de Janeiro, 17 de março de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex.ª a copia do telegramma que acabo de receber de Lisboa.

Communicando-me particularmente o governo brazileiro esperar ámanhã resolução da questão diplomatica pendente sobre a sorte dos refugiados, parece-me conveniente que V. Ex.ª hoje se limite a mudar de ancoradouro, para o saco da Jurujuba por exemplo, podendo ámanhã—se até ás 4 da tarde não receber aviso meu em contrario—largar para fóra da barra, sempre responsavel pela entrega dos refugiados nos termos em que fôr decidida a questão diplomatica.

Deus guarde a V. Ex.ª. Ex.mo Sr. Conselheiro Augusto de Castilho, commandante da corveta "Mindello„.

Conde de Paraty.

Documento O'

Telegramma do commandante da «Mindello» ao almirantado, participando a chegada a Buenos Ayres

Buenos Ayres, 27 de Março de 1894.

Chegar sem novidade hontem. É completamente impossivel seguir com destino para porto portuguez 267 passageiros.

Castilho.

Documento P

Relatorio da viagem da «Affonso d'Albuquerque» do Brazil para o Rio da Prata

Buenos Ayres, 27 de Março de 1894.

Ao commando da Corveta «Mindello». — Do commando da Corveta «Affonso de Albuquerque».

No dia 25 do corrente pelas 2 h. (p. m.) fundeei n'este porto sem que tivesse havido novidade alguma durante a viagem. Pelas 4 h. (p. m) recebi a visita de saude, a qual mandou ficar o navio de quarentena rigorosa; por essa mesma embarcação mandei para o nosso encarregado de negocios um telegramma para ser dirigido ao Secretario do Almirantado, e cuja copia vae junto a esta. Hontem recebi a nota junta enviada pela repartição de hygiene e em vista d'ella acceitei o offerecimento feito, e recebi a bordo o inspector de saude e o guarda argentinos, os quaes teem dirigido todas as desinfecções no navio. Hontem pelas 2 h. (p. m.) approximou-se d'esta corveta um vapor, conduzindo o encarregado de negocios de Portugal, o qual me entregou as notas juntas, pedindo-me para tomar conhecimento d'ellas e responder logo alguma cousa, afim d'elle poder telegraphar ao nosso governo; respondi-lhe que era impossivel os navios seguirem d'aqui para porto portuguez com o numero de refugiados que conduzem.

Communico mais, que falleceu hoje a bordo, de affecção pulmonar, o aspirante refugiado Jonathas Fraga, fallecimento e doença que foi confirmada pelo inspector de saude argentino.

Francisco de Paula Teves

Commandante.

Documento Q

Officio do Visconde de Faria ao commandante da «Affonso» transmittindo instrucções do Governo

Buenos Ayres, 24 de Março de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Acabando de saber n'este momento (4 horas da tarde), que V. Ex.ª chegou ao porto de Montevideu com a corveta do seu commando, e que terá de ir fazer quarentena na Ilha das Flôres, apresso-me em ter a honra de participar a V. Ex.ª, que em virtude das ordens que recebi telegraphicamente de Sua Ex.ª o Senhor Presidente do Conselho de Ministros, deverá V. Ex.ª aguardar as ordens do Governo de Sua Magestade, sem desembarcar quaesquer refugiados que porventura tenha a seu bordo.

Deus Guarde a V. Ex.ª. Ill.mo e Ex.mo Sr. Commandante da Corveta «Affonso de Albuquerque», surta no porto de Montevideu.

O Conselheiro encarregado de Negocios

Visconde de Faria.

Está conforme.

Consulado Geral de Portugal em Buenos Ayres, aos 26 dias do mez de Março de 1894.

O Conselheiro Encarregado de Negocios e Consul Geral

Visconde de Faria.

Documento R

Officio do Visconde de Faria ao commandanteda «Affonso» transmitindo instrucções do governo

Buenos-Ayres, 26 de Março de 1894.

*Ill.*mo *e Ex.*mo *Sr.*

Chegando n'este momento ao meu conhecimento que V. Ex.ª se encontra no porto de Buenos-Ayres com a corveta do seu commando "Affonso de Albuquerque„, tenho a honra de lhe remetter junta uma copia do officio que, com data de ante-hontem, dirigi a V. Ex.ª para a ilha das Flores; e bem assim de participar a V. Ex.ª para os fins convenientes, que em virtude das terminantes ordens que recebi de S. Ex.ª o Sr. Presidente do Conselho de Ministros, é absolutamente necessario que V. Ex.ª não desembarque nenhum refugiado, e que se não demore aqui, devendo partir, logo que possa, para porto Portuguez, onde irá então transporte de guerra conforme as indicações do Ex.mo Sr. Ministro da Marinha.

E rogo a V. Ex.ª se digne accusar-me recepção d'este officio.

Deus guarde a V. Ex.ª

Ill.mo e Ex.mo Sr. Commandante da corveta "Affonso de Albuquerque„ surta no porto de Buenos-Ayres.

O Conselheiro Encarregado de Negocios

Visconde de Faria

Documento S

Officio do commandante da «Affonso» ao Visconde de Faria em resposta ao documento precedente

*Ill.*mo *e Ex.*mo *Sr.*

Accusando a recepção do officio de V. Ex.ª datado de hoje, cumpre-me dizer que fiquei sciente do contheudo do mesmo officio, devendo accrescentar, para que V. Ex.ª se digne com toda a urgencia informar o nosso governo, que não desembarcarei n'este porto re-

fugiado algum, mas que é absolutamente impossivel partir d'este porto para porto portuguez com 251 individuos além da guarnição, isto pela grande distancia a que fica Buenos-Ayres de qualquer porto portuguez.

Deus guarde a V. Ex.ª. — Bordo da corveta "Affonso de Albuquerque„ surta em Buenos-Ayres, 26 de Março de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr. conselheiro encarregado de negocios de Portugal.

Francisco de Paula Teves
Capitão de fragata commandante

Documento T

Telegramma do commandante da «Affonso» ao almirantado participando a sua chegada

Buenos-Ayres, 25-3-94.

Do commando da corveta "Affonso de Albuquerque„. — Ao Secretario Almirantado, Lisboa.

Corveta chegou hoje sem novidade dez dias quarentena aguardo ordens nosso Governo para desembarcar 251 passageiros.

Teves.

Documento T'

Officio da repartição de saude ao commandante da «Affonso» sobre medidas de profilaxia e desinfecção a seguir

Buenos Ayres, Março 25 1894.

Sr. Comandante de la corbeta "Affonso de Albuquerque„, capitan de fragata, Francisco de Paula Teves.

El Departamento Nacional de Higiene que me honro en presidir, de acuerdo con el Reglamento Sanitario Maritimo vigente, ha dispuesto someter el navio de su digno mando á un tratamiento sanitario, por lo que tengo el honor de dirijir-me al sr. comandante para comunicarle las medidas de profilaxia que se pondrán en practica.

El portador de la presente, inspector de sanidad Dr. Enrique A. Zarate y el Guarda Sanitario D. N. Orellana han sido comisionados para que trasladandose a la corbeta se pongan á las ordenes del sr. comandante, y si él lo crée necesario procedan á ayudar al medico de á bordo á verificar la rigorosa desinfeccion á que debe someterse el buque. Si el sr. comandante no estima indispensable los servicios de los mencionados empleados, ellos tienen orden de retirarse.

Dada la procedencia del barco, el deberá quedar sometido á una cuarentena de rigor de diez dias.

Esperando que el sr. comandante quiera aceptar la cooperacion de los enviados de este Departamento, aprovecho la oportunidad de oferecerle las seguridades de mi consideracion distinguida.

J. M. Ramon Mejia.

Nicolas Lazano

Documento U

Officio do Visconde de Faria ao commandante da «Mindello» enviando dois telegrammas do ministro da marinha

Buenos-Ayres, 26 de Março de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Acabando de saber que V. Ex.a está com a corveta do seu commando na rada exterior d'este porto, apresso-me em ter a honra de remetter inclusos a V. Ex.a, por copia authentica, os dois telegrammas que para esse fim recebi de S. Ex.a o sr. ministro da marinha, o 1.o hontem á noite e o 2.o esta manhã mesmo; e bem assim de participar a V. Ex.a para seu devido conhecimento, que, em virtude das terminantes ordens que recebi de S. Ex.a o sr. presidente do conselho de ministros, é absolutamente necesssario que V. Ex.a não desembarque nenhum refugiado, e que se não demore aqui, devendo partir logo que possa para porto portuguez, onde irá então transporte de guerra conforme as indicações do ex.mo sr. ministro da marinha.

E rogo a V. Ex.a se digne accusar-me recepção d'este officio.

Deus guarde a V. Ex.a

Ill.mo e Ex.mo Sr. commandante da corveta "Mindello„ surta no porto de Buenos-Ayres.

O conselheiro encarregado de negocios

Visconde de Faria

Documento V

Telegramma do Ministro da Marinha ao Visconde de Faria

Encarregado de Negocios de Portugal Buenos Ayres.

Lisboa, 25, 8 h. p. m.

Queira fazer chegar seguinte telegramma commandante "Mindello„ o mais breve possivel.

Ida transporte morosa; convem tentar aportar Loanda ou pelo menos Santa Helena, onde estará "Bartholomeu Dias„ dia provavel chegada em caso algum desembarque refugiados sem ter recebido ordens.

Ministro Marinha.

Está conforme. Consulado geral de Portugal em Buenos-Ayres, aos 26 dias do mez de Março de 1894.

O conselheiro encarregado de negocios e consul geral,

Visconde de Faria.

Documento W

Telegramma do Ministro da Marinha ao Visconde de Faria

Encarregado Negocios Portugal Buenos Ayres.

Lisboa, 26, 3 h. 30 m. a. m.

Queira mandar commandante "Mindello„ seguinte aditamento: Santa Helena ou Ascenção.

Ministro Marinha.

Está conforme. Consulado geral de Portugal em Buenos-Ayres, aos 26 dias do mez de Março de 1894.

O conselheiro encarregado de negocios e consul geral,

Visconde de Faria.

Documento X

Telegramma do commandante da «Mindello» ao almirantado sobre a impossibilidade de seguir para porto portuguez

Buenos Ayres, 28 de Março de 1894.

Foi recebido o telegramma 25,26; corveta "Mindello„ deixar dois tenentes hospital Rio de Janeiro; immediato ser completamente inutil por incapacidade physica, é indispensavel seguir junta de saude; pessoal machina, marinhagem insufficiente; helice precisar concerto; faltar barracões, toldos; caldeiras fogão concerto Rio de Janeiro. E' completamente impossivel emprehender viagem larga. Além d'isso refugiados dormir convez, estorvar manobra. — A quarentena que foi imposta será dez dias; é da maior urgencia auctorisar o desembarque lazareto, aliás ser impossivel evitar doenças ambos navios de guerra.—E' perigoso, deshumano expor todos correr grande perigo; um aspirante asylado sabe-se officialmente que morreu corveta "Affonso d'Albuquerque„. - Ha razão para suppor Saldanha, officialidade estar promto para não promover hostilidades dentro de praso de tempo rozoavel; officiaes inferiores praças de pret não ha o menor perigo.—Se V. Ex.ª auctorizar a contractar offerecer garantias sufficientes governo Brazil. Alguns officiaes querem seguir para o seu destino Europa quando partir o paquete directo.—Pedir resposta com a maxima urgencia, dar as necessarias instrucções.

Castilho.

Documento Y

Nota do medico da «Affonso», ao seu commandante sobre as más condições do navio

Porto exterior de Buenos Ayres, 30 de Março de 1894.

Ao commando da corveta "Affonso de Albuquerque„. — Do medico naval a bordo da mesma corveta.

Tendo fallecido hoje ás 12 horas e 10 minutos do dia o tenente brazileiro José da Rocha, de congestão pulmonar, origem provavel de lesão cardiaca, e notando que os symptomas e periodo desde

seu inicio á morte, eram identicos aos do aspirante Fraga, suspeito que a causa especifica tenha sido originada em *infecção* beriberica, adquirida no Rio de Janeiro, e tendo como principaes predisponentes os grandes abalos experimentados durante mezes na convulsão politica e as privações das circumstancias anormaes n'aquelle tempo.

Conhecendo o perigo que parte dos exilados, incluindo alguns medicos, correm n'este navio, devido á impressão moral que os domina, justificada em parte pela carencia de commodidades e vestimenta de estação, pela grande agglomeração e principalmente pelo receio de se acharem *infeccionados* de beri-beri, conhecendo além d'isso que a propria guarnição enfraquecida, vivendo em communidade com tuberculosos, de que se não pode obter absoluto isolamento, seja em parte victimada; levo ao conhecimento do commando a verdade da situação afflictiva, manifestando-lhe a convicção de que este estado critico ha de produzir maiores fatalidades apezar dos esforços empregados, com todas as medidas de hygiene, o mais rigorosamente que é possivel pôr em execução presentemente. E' por isso de toda a urgencia, como fim humanitario, e em cumprimento de um dever de civilisação, que seja feito transporte dos exilados para local apropriado e em prazo muito breve: aliás não posso responsabilisar-me pela sanidade da guarnição e navio, na parte que compete ás minhas funcções.

Alberto Goulart de Medeiros.

Medico naval.

Documento Z

Nota dos medicos brazileiros da «Affonso» ao almirante Saldanha sobre as más condições do navio

Ex.mo Sr. contra-almirante Luiz Filippe de Saldanha da Gama. —Nós, medicos brazileiros abaixo assignados, no cumprimento do nosso dever profissional, temos a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.a que, á vista das razões abaixo apontadas, o permanecimento dos brazileiros asylados a bordo d'este navio torna-se dia para dia mais precario, podendo vir a ser fatal a grande numero d'elles:—(A) a agglomeração de gente enfraquecida, excedendo de quasi duzentas a lotação marcada ao navio pela Policia Sanitario de Lisboa; (B) o estado de saude de bastantes companheiros incapazes de resistir a uma estadia mais demorada n'este navio, al-

guns dos quaes perecerão provavelmente em praso muito curto se não forem immediatamente d'aqui retirados; (C) a falta de acommodações para esse numero tão exagerado de individuos, dormindo sobre o convez humedecido por baldeações e expostos á intemperie da estação, bem assim a pouca hygiene que podem gosar em vista d'essas circumstancias; (D) a falta de vestuarios de que se resentem; (E) o enfraquecimento physico em que se acham após seis mezes de luctas, com todas as provações. Á vista do exposto nós medicos brazileiros abaixo-assignados, esperamos que V. Ex.ª tome a deliberação que achar mais conveniente. Bordo da corveta portugueza "Affonso d'Albuquerque„ no porto de Buenos-Ayres, 30 de Março de 1894. Dr. Affonso Henriques, Dr. Thomaz A. Gaspar F.º, Dr. Antonio F. Santos Abreu, Dr. Joaquim A. de Oliveira Botelho, Dr. Francisco Ferreira Velloso, e eu secretario da esquadra a copiei e assignei.

Benjamim de Mello

Capitão de fragata, secretario

Documento A a

Nota do medico da «Mindello» ao seu commandante sobre as más condições do navio

Corveta "Mindello„, 31 de Março de 1894.

Ao commando da corveta Mindello.—Do medico da mesma.

Hontem eu levei ao conhecimento d'esse commando que as condições proprias d'este navio aggravadas pelas circumstancias da actualidade tornam necessario que os passageiros d'este navio sejam urgentemente removidos para o Lazareto, nos termos do art. 95.º do Regulamento Geral de Sanidade Maritima, approvado por decreto de 4 de outubro de 1889.

Hoje, um facto, que estava longe de esperar tão rapidamente, força-me a insistir sobre a urgencia d'aquella medida, pois que pelas 3 horas da tarde fui informado, que duas praças d'esta guarnição accusavam uma febre: o grumete 15.ª/195 e o marinheiro 1.ª/145.

Tomada a temperatura, viu-se que effectivamente um tinha 40º e outro 38º. Pelas 4 horas tornando a examinar um e outro, o primeiro marcava 41º e o segundo os mesmos 38º. Abstenho-me de

entrar em detalhes, pois que limito-me a significar que o primeiro caso é mais que suspeito; e que seria para mim uma responsabilidade indeclinavel passar este incidente sem ponderar respeitosamente a esse commando, que deixar permanecer esta agglomeração é permittir a perda de todo o pessoal d'este navio talvez, sem honra nem conveniencia para os interesses do Estado, tanto mais quanto é evidente que a propria lei, por um sentimento de previdencia, pelo citado artigo, impõe terminantemente o referido desembarque como um facto tão simples, quanto natural.

Uma circumstancia particularmente significativa cumpre-me mencionar aqui:

A referida praça 1.ª/145 já foi atacada da febre amarella de que se curou no Hospital de Beneficencia Portugueza; os livros e a experiencia da pathologia tropical consignam o facto de que a febre amarella não recidiva, e que a molestia e a epidemia melhoram com a baixa da temperatura e mudança da altitude ou longitude.

Não se tendo observado n'este navio caso algum de febre qualquer desde 8 de março, o estado sanitario tendo-se melhorado tão brilhantemente como rarissimas vezes se tem alcançado, tendo além d'isto atravessado depois um clima suave, d'uma temperatura amena, só agora, bruscamente, reapparece um caso, zombando de todas as previsões! Isto importa dizer que a excessiva agglomeração, fatigando a guarnição com o trabalho que a hospitalidade suggere, diminuindo as commodidades, reduzindo a ração alimentar, o conforto, o aceio e a tranquilidade compromettem gravemente a habitabilidade d'este navio, tornando verdadeiramente impraticavel a antisepcia, e forçando violentamente a irrupção do germen! Facto raro na historia das epidemias e que, pela sua singularidade, representa um aviso sinistro, que se impõe á ponderação de todos a quem o Estado e a Humanidade confiaram os seus interesses e a sua causa. É pelo menos este o motivo singelo por que atrevo a insistir na medida do desembarque urgente.

Benevolo Luiz da Fonseca

Medico naval

Documento A b

Nota dos medicos brazileiros da «Mindello» ao almirante Saldanha sobre as más condições do navio

A S. Ex.ª o sr. contra-almirante L. P. de Saldanha da Gama.

De V. Ex.ª já são conhecidos os esforços empregados pelo primeiro dos signatarios da reclamação que temos o dever de dirigir-vos.

Tudo quanto era possivel fazer, no intuito de levar a convicção do digno commandante da corveta "Mindello„. para decidil-o a ordenar o desembarque dos nossos compatriotas asylados nos navios da sua nação, esbarrou de encontro á declaração d'esse mesmo commandante de nada poder decidir, attentas as ordens terminantes do seu governo de não consentir o desembarque dos passageiros, a não ser em um porto portuguez.

Inuteis teem sido tambem as reclamações no mesmo sentido dos medicos da "Affonso„ e da "Mindello„ e dos cinco collegas que se acham no primeiro d'esses navios.

E sabeis em que consistem estas reclamações?

Em propôr como medida a executar com a maxima urgencia o desembarque, por considerarem-n'o o meio unico de impedir a manifestação de epidemias, que explodirão infallivelmente se continuar a agglomeração de tanta gente.

Na "Affonso„, além dos soffrimentos por que estão passando nossos compatriotas, já dois teem pago com a vida a falta de execução, por impossibilidade, do cumprimento das leis mais simples de hygiene e direi mesmo de humanidade.

A "Mindello„ por sua vez já vae apresentando casos de febre suspeita na propria guarnição e affecções do tubo gastro-intestinal, estomatites e bronchites, nos infelizes passageiros.

Os soffrimentos experimentados pelos nossos, devidos em parte ás luctas e privações por que passaram durante mais de seis mezes de luctas, augmentaram de modo consideravel e promettem seguir em escala ascendente, pela agglomeração em que vivem nos navios.

Com effeito, em numero superior a quinhentos e distribuidos por dois navios, cujo pessoal attinge a cifra de trezentos e vinte, sem abrigo, pois dormem sobre o convés, que mal cobrem toldos velhos e esburacados, sem roupas e portanto incapazes de resistir ao abaixamento da temperatura, e com uma alimentação insuffi-

ciente e nociva, consistindo principalmente em arroz, bacalhau e carne sécca, bem triste deve ser o destino que os aguarda, e d'esse mesmo destino, não se o póde occultar, participarão egual e inevitavelmente as guarnições portuguezas.

Não somos Cassandras, annunciadoras de males imaginarios.

Fallamos simplesmente em nome do bom senso, da humanidade e do que a experiencia de todos os tempos ha exuberantemente demonstrado.

Não desembarquem quanto antes os passageiros da "Mindello„ e da "Affonso„ e nada impedirá a manifestação de numerosas molestias, a perda de vidas e a transformação dos dois navios em focos de infecção, que só se conseguirá desinfectar depois da retirada dos que os habitam. Em nome, pois, do que de mais caro temos, da nossa honra profissional, declaramos a V. Ex.ª que perigando diariamente a sorte de nossos infelizes companheiros, pelas miseraveis condições a que se vêem condemnados, torna-se indispensavel e inadiavel o seu desembarque para o lazareto de Martim Garcia.

Bordo da corveta "Mindello„ surta em Buenos-Ayres, 31 de Março de 1894.

Dr. José Pereira Guimarães, contra-almirante chefe do corpo de saude.
Dr. Gualdino Cicero de Magalhães.
Dr. Augusto P. da Silva Sena.
Dr. Daniel d'Almeida.
Dr. Sebastião J. de Saldanha da Gama.

Está conforme.

O secretario, *Benjamin de Mello*

Capitão de fragata.

Documento A c

Officio da repartição de saude ao commandante da «Mindello» mandando-lhe um inspector sanitario e guarda de saude

Buenos Ayres, Marzo, 28, 1894.

Senor comandante de la corbeta de guerra "Mindello„.

Rada

El sr. presidente del Departamento Nacional de Higiene, me encarga comunicar al sr. comandante que de acuerdo con el reglamento sanitario maritimo vigente, ha dispuesto someter el navio de su digno mando á un tratamiento sanitario y las medidas de profilaxia que se pondrán en práctica

El portador de la presente, inspector de sanidad Dr. Emilio Cardalda y el Guarda Sanitario D. Alberto Robert, han sido comisionados para que trasladándose á ese buque se pongan á las órdenes del sr. comandante, y si este lo cree necesario procederán á ayudar al médico de á bordo á verificar la rigurosa desinfeccion á que debe someterse el navio.

Si el sr. comandante no estima indispensables los servicios de los mencionados empleados, ellos tienen orden de retirarse.

Dado el estado sanitario actual de Rio de Janeiro, puerto del que procede esa corbeta, deberá quedar en cuarentena de rigor por *diez* dias.

Esperándo que el sr. comandante quiera acceptar la cooperacion delos enviados de este Departamento, aprovecho la oportunidad, de ofrecerle las seguridades de mi consideracion distinguida.

Ezequiel Castillo

Secretario

Documento A d

Communicação do inspector sanitario da «Mindello» á repartição de saude sobre o estado do navio

Rada de Buenos Ayres, a bordo de la corbeta "Mindello", Marzo, 29 1894.

Señor presidente del Departamento Nacional de Higiene: Dr. José M. Ramos Mejia.

Tengo el honor de comunicar a v d, que en virtud de la nota y las ordenes recibidas de ese Departamento me trasbordé en el dia de ayer del vaporcito "Cardiff" a la corbeta de guerra portuguesa "Mindello".

Este buque procede de Rio de Janeiro, entró á esta rada el dia 26 del corriente á las 7 p. m. teniendo á bordo 150 hombres de tripulacion inclusive el capitan del buque y 267 pasageros tomados en el puerto de Rio de Janeiro.

Este navio entró al puerto de Rio de Janeiro el 18 de agosto, proximo pasado, con procedencia de la costa de Africa (Angola) habiendo permanecido en dicho puerto hasta el 18 de marzo; fecha en que zarpó para el Rio de la Plata.

Durante su estadia en aquel puerto ha tenido 13 enfermos de fiebre amarilla; que á medida que se presentaban los casos, eran enviados á tierra inmediatamente y alojados en los hospitales de Rio de Janeiro

Por investigaciones minuciosas que he hecho al medico del buque, declaro que: desde el dia 8 de Marzo del corriente no se han presentado mas enfermos de fiebre amarilla, ni de fiebre alguna a bordo de este buque y que los enfermos que ha tenido han sido de simples indisposiciones pasageras.

De la inspeccion minuciosa que he hecho a este navio, en compañia del médico de a bordo y del guarda Robert, resulta que su estado higienico deja mucha que desear, indudablemente tiene disculpa hasta cierto punto en vista del número excesivo de pasageros inesperados y por otra parte no siendo este buque destinado para tal caso se explica la gran dificuldad de tenerlo en las condiciones higienicas en que estuvo antes de tener estos pasageros á bordo al extremo de hacerse casi imposible la limpiesa acostumbrada en estos buques de guerra que siempre son tenidos con gran higiene.

Sr. presidente, creo no exagerar, á no ser la inmunidad de que indudablemente gozan los pasageros de este buque, me refiero á

la inmunidad que han adquirido en su propio pais (Brasil) para no haber sido atacados de la fiebre amarilla, la estadia a bordo de este buque de tan gran número de pasageros, en relacion á la capacidad de este navio (pues su tonelage es de 1:100) es á penas suficiente para contener, ó mejor dicho para alojar el número de su tripulacion. Los pasageros están en tan malisimas condiciones de higiene debido á la falta de ropas, no hablemos de camas, porque no las hay, apenas tienen las ropas con que se embarcaron y ya se puede imaginar el senor presidente el estado anti-higienico en que se encuentra cada individuo, con excepcion de algunos gefes superiores que habran podido traer ropa de repuesto para tenerse higienicamente.

La mayor parte durme sobre cubierta, abrigando-los tan solo los toldos del buque, que de paso diré se encuentran en malisimo estado y que si llega á llover poco ó nada les resguardaria, si á esto se agrega todos los datos antihigienicos ya citados, se hará casi impossible la estabilidad á bordo de estos senores, á mas de los peligros que pueden sobrevenir para el estado higienico del buque.

En cuanto á la desinfeccion propriamente dicha, es casi menos que imposible hacerla de una manera completa; asi es que, opino que estos senores pasageros sean transladados á otro punto a fin de llevar á cabo la mision que me ha sido encommendada por ese Departamento.

Es increible que en este asinamiento de personas no haya estallado alguma epidemia, ni siquiera desordenes gastro-intestinales, pero no seria dificil que se presentase el dia menos pensado si continuasen este número de personas á bordo.

Como verá el señor presidente por lo dicho en esta nota, la cantidad de desinfectantes que existe á bordo es insuficiente para hacer la desinfeccion, como lo ordena el reglamento sanitario.

Desde luego, desearia se me mandase un pulverisador mas cien kilos de asufre y 10 kilos bicloruro de mercurio.

Reasumiendo, el estado sanitario del buque es bueno, puesto que, no hay mas enfermos que cinco heridos de los pasageros que tiene á bordo.

La operacion de la desinfeccion se comensó á practicar á las 9 a. m.

Saludo al señor presidente atentamente.

Es copia

Emilio Cardalda

Inspector Sanitario

Documento A d'

Officio do visconde de Faria ao commandante da «Mindello» accusando recepção das informações dos medicos

Buenos-Ayres, 2 de abril de 1894.

*Ill.*mo *e Ex.*mo *Sr.*

Acabo de receber o officio de V. Ex.ª datado de hontem, sob n.º 72, a que tenho a honra de responder.

Tomei conhecimento dos cinco documentos que V. Ex.ª se dignou de enviar-me, dos quaes darei conhecimento ao governo de Sua Magestade.

Em virtude das ordens claras e terminantes que recebi do Governo, e que já levei ao conhecimento de V. Ex.ª, não me é possivel a meu pezar, dar outra direcção a este negocio;— como V. Ex.ª sabe, eu obro em harmonia com as instrucções que recebo.

Conforme os desejos manifestados no officio de V. Ex.ª a que venho de responder, tenho a honra de devolver-lhe os tres documentos a que V. Ex.ª se refere, e de que fiz extrahir copias authenticas.

Deus guarde a V. Ex.ª.— Ill.mo e Exmo Sr. conselheiro Augusto de Castilho, capitão de fragata commandante da corveta "Mindello„ surta no porto de Buenos-Ayres.

O Conselheiro Encarregado de Negocios

Visconde de Faria

Documento A e

Officio do visconde de Faria ao commandante da «Mindello» sobre fretamento de transporte

Buenos-Ayres, 1 de abril de 1894.

*Ill.*mo *e Ex.*mo *Sr.*

Tenho a honra de levar ás mãos de V. Ex.ª uma copia authen-

tica de um telegramma que, com data de hontem pelas 10 horas da noite, recebi de Sua Ex.ª o Senhor Ministro da Marinha para transmittir a V. Ex.ª, e de que V. Ex.ª se dignará de accusar-me recepção.

Em virtude das instrucções do governo communico a V. Ex.ª que me tenho occupado com a maior actividade de conseguir o fretamento de um navio que possa conduzir a porto Portuguez os refugiados brazileiros. Consegui que o "Norte America„ da Companhia dos paquetes italianos, vapor de grande marcha, se preste a transportar os refugiados pela quantia de 200:000 francos;— mas o processo para embandeirar com a bandeira portugueza levará, pelo menos, vinte dias;— tambem consegui que a companhia venda este mesmo barco ao governo portuguez por 200:000 libras esterlinas, e n'este caso poderia em tres dias seguir viagem armado em navio de guerra portuguez.

De tudo o referido dei conhecimento ao governo de Sua Magestade de quem aguardo as competentes ordens.

Aproveito esta occasião para repetir a V. Ex.ª o que verbalmente já tive o gosto de communicar-lhe, que pode requisitar-me tudo quanto julgue necessario para a commodidade e manutenção não só dos officiaes e tripulação das corvetas do seu digno commando, mas tambem para todos os passageiros a seu bordo.

Deus guarde a V. Ex.ª.— Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Augusto de Castilho, capitão de mar e guerra commandante da corveta "Mindello„ surta no porto de Buenos-Ayres.

O Conselheiro Encarregado de Negocios

Visconde de Faria

Documento A f

Telegramma do ministro da marinha ao commandante da «Mindello» sobre transporte

Lisboa, 30 de Março de 1894. 7 e 21 m.

Commandante corveta "Mindello„ Buenos-Ayres.

Diga se poderá fretar ahi vapor transportar refugiados sob bandeira portugueza.

Neves Ferreira.

Documento A g

Telegramma do ministro da marinha ao commandante da «Mindello» dando varias instrucções

Lisboa, 31-3-1894. 7 e 30 m.

Encarregado Negocios.—Buenos-Ayres.

Queira transmittir commandante Castilho seguinte ordem: não desembarque refugiados em caso algum Governo assegurou refugiados desembarcariam territorio portuguez. Assume grave responsabilidade deixando de cumprir esta ordem. Com auxilio encarregado negocios veja se pode fretar ahi navio que sob bandeira portugueza conduza refugiados porto portuguez. Caso contrario irá d'aqui transporte.

Neves Ferreira.

Está conforme. Legação e Consulado Geral de Portugal em Buenos-Ayres, em 1 de Abril de 1894.

O Conselheiro Encarregado de Negocios e Consul Geral

Visconde de Faria

Documento A h

Telegramma do ministro da marinha ao commandante da «Mindello» com novas severissimas instrucções

Lisboa, 30 de Março de 1894, 11,50 m. p. m.

Commandante da Corveta «Mindello». Buenos Ayres.

Agencia Havas noticia desembarque refugiados; insisto instrucções dadas tal respeito; tomaria V. Ex.ª grave responsabilidade permittindo desembarque contra ordens governo; urgente resposta possibilidade fretar navio.

Neves Ferreira.

Documento Ai

Telegramma do commandante da «Mindello» sobre varios assumptos

Buenos Ayres, 4 de Abril de 1894.

Nas circumstancias actuaes quarentena de rigor, é completamente impossivel em consequencia da distancia eu fretar navio. Faria está encarregado de proceder sem perda de tempo. Doentes mencionados 2, ambos febre amarella; hoje outra praça de pret baixa ao hospital suspeita.

Castilho.

Documento Aj

Telegramma do commandante da «Mindello» ao almirantado sobre varios assumptos

Buenos Ayres, 2 de Abril de 1894.

Havas mentir conforme costume. É da maior conveniencia comprar prompto pagamento vapor italiano seguir para o seu destino S. Vicente sem a menor demora com tripulação italiana e officialmeu. Sabe-se officialmente que morreu tenente asylado corveta «Affonso d'Albuquerque». — Baixa ao hospital fluctuante duas praças de pret corveta «Mindello» febre. Situação muito grave quando chover.

Castilho.

Documento Ak

Telegramma do Visconde de Faria ao ministro Hintze Ribeiro sobre a situação desesperada dos asylados a bordo

Buenos Ayres, 3 de Abril de 1894.

Presidente Ministros. Lisboa.

Epidemia febre amarella corveta «Mindello». Governo Argentino em nota diplomatica de hoje pede-me sollicite com a maior

urgencia instrucções do Governo ou para desembarque passageiros para Lazareto ou sahida das corvetas sem a menor demora das aguas argentinas. — Levanta-se na imprensa e no publico indignação geral contra retenção refugiados a bordo em taes condições. — Peço V. Ex.ª ordens para responder á nota. A situação a bordo não póde ser mais desesperada tornando-se impossivel esperar aqui transporte de guerra.

Faria.

Documento A 1

Officio de remessa da correspondencia das senhoras da Cruz Vermelha, mandada pela repartição de saude ao almirante Saldanha.

Buenos-Ayres, Abril, 3 de 1894.

Al señor comandante de la corbeta portuguesa "Mindello„.

Tengo el honor de dirigir-me al señor comandante, rogándole quiera dignarse poner em manos del señor almirante Saldanha da Gama, la comunicacion adjunta del Sub-comité de Señoras de la Sociedad Argentina de la Cruz Roja, como asi mismo las ropas y viveres que esa H. Corporacion envia á los señores emigrados brasileros que se encuentran á bordo del buque á su digno mando

Al agradecer desde luego, la atencion que solicito del señor comandante, complázcome en espresarle los sentimientos de mi mas alta consideracion.

J. M. Ramon Mejia.
Nicolás Lozano.

Documento A 1'

Nota do almirante Saldanha ao commandante da «Mindello» ácerca de soccorros aos asylados

Bordo da corveta "Mindello„, 3 de Abril de 1894.

Ex.mo Sr. Conselheiro Augusto de Castilho, capitão de fragata, commandante da corveta "Mindello„ e official superior dos vasos de guerra portuguezes surtos na rada exterior de Buenos-Ayres.

Segundo a carta que acabo de receber, as senhoras da Sociedade Argentina da Cruz Vermelha, sub-comité de Buenos-Ayres,

resolveram enviar-me e aos meus companheiros de exilio, por intermedio das suas distinctissimas presidenta e secretaria, não sómente varios viveres frescos especiaes, como tambem artigos diversos, entre os quaes algumas camas portateis, travesseiros, cobertores e camisas de vestir. Acredito dever acceitar em nome dos meus companheiros essa prova de fina galanteria e dos sentimentos altruistas das nobres damas argentinas, mas espero que V. Ex.ª não veja n'esta minha resolução, signal ou indicio de não apreciarmos todos devidamente o solicito desvelo de que temos sido alvo a bordo d'este navio e da "Affonso d'Albuquerque„ por parte de todos os officiaes maiores até os ultimos marinheiros.

Ainda hontem, offereceu-me V. Ex.ª, em nome do sr. Ministro de Portugal n'este paiz, as roupas e outros artigos de abrigo, que fossem necessarios ao agasalho dos meus companheiros, e eu tive a honra de pedir a V. Ex.ª que suspendesse qualquer supprimento n'este sentido, até a definitiva solução sobre o nosso desembarque n'este porto ou nosso ulterior destino.

Na certeza pois de que V. Ex.ª não enxergará nenhum inconveniente n'este meu acto, aproveito a opportunidade para reiterar a V. Ex.ª os protestos de minha pessoal estima e subida consideração.

Luiz Philippe de Saldanha da Gama.

Documento A m

Officio do Visconde de Faria, mostrando-se offendido pe'o procedimento da Cruz Vermelha

Buenos-Ayres, 3 de Abril de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Tenho a honra de communicar a V. Ex.ª que recebi o seu officio, com data de hontem, sob o n.º 73.

Estou aguardando a communicação official ácerca dos casos de supposta febre amarella dados no navio do digno commando de V. Ex.ª para dar d'elles conta immediata ao governo de Sua Magestade.

Com verdadeiro pesar vejo nos jornaes d'hoje a noticia de que a Cruz Roja mandára para bordo d'esses navios diversos soccorros para os refugiados brazileiros, que eu já aqui havia recusado, por não desejar que alguem tivesse o direito de julgar que neces-

sitava dos soccorros da caridade publica quem estivesse debaixo da protecção da bandeira portugueza, e certo de que a V. Ex.ª não podiam faltar os necessarios recursos para prover a todas as necessidades dos barcos do seu digno commando.

É de crer que a noticia seja de todo o ponto infundada, e quando a Cruz Roja quizesse proseguir no seu louvavel intento, estimaria do coração que V. Ex.ª se dignasse de acceitar de preferencia os reiterados offerecimentos que tenho tido a honra de fazer-lhe.

Deus guarde a V. Ex.ª

Ill.mo e Ex.mo Sr. conselheiro Augusto de Castilho, capitão de fragata, commandante da corveta "Mindello", surta no porto de Buenos-Ayres.

O Conselheiro, encarregado de negocios

Visconde de Faria.

Documento A n

Telegramma do ministro da marinha ao commandante da «Mindello» reiterando ordens anteriores

Lisboa, 2 de Abril de 1894.

Commando da corveta "Mindello", Buenos-Ayres.

Diga immediatamente com clareza se poderá fretar ahi navio caso contrario vae d'aqui transporte. Por nenhuma forma desembarcar refugiados.

Ministro.

Documento A o

Telegramma do almirantado ao commandante da «Mindello» annunciando a ida de um transporte de Lisboa

Lisboa, 3 1894. 3 e 15 m. (p. m.)

Commando corveta "Mindello", Buenos-Ayres.

Visto telegramma encarregado negocios parte de Lisboa ámanhã transporte. Leva officiaes, praças para "Mindello".

Secretario.

Documento A p

Telegramma do ministro da marinha ao commandante da «Mindello» insistindo em anteriores instrucções

Lisboa, 4 Abril 1894. 10 e 10 m. (p. m.)

Commando corveta "Mindello", Buenos-Ayres.

Não ha hypothese alguma em que Governo permittir desembarque refugiados. Tambem não se pode comprar navio 200:000 libras. Em ultimo caso sahir dizendo para onde seguir, onde vae transporte que receberá para isso ordens telegraphicas em S. Vicente.

Ministro da Marinha.

Documento A q

Telegramma do commandante da «Mindello» ao almirantado insistindo na impossibilidade de seguir viagem

Buenos-Ayres, 5 de Abril de 1894.

É completamente impossivel seguir viagem larga. São conhecidos os motivos. Pedir instrucções com urgencia.

Castilho.

Documento A r

Telegramma do almirantado ao commandante da "Mindello", anunciando a saida de um transporte sem indicar destino

Lisboa, 5-4-94. 3 e 55 m.

Commando corveta "Mindello" America do Sul, Buenos-Ayres.

Largou transporte receber refugiados.

Secretario.

Documento As

Officio do Visconde de Faria ao Commandante da Mindello alvitrando a idéa de rebocadores para levarem as corvetas ao seu destino

Buenos-Ayres, 6 de Abril de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Tendo recebido do Governo de Sua Magestade instrucções para que as corvetas debaixo das ordens de V. Ex.ª saiam das aguas argentinas por alguns dias, afim de evitar difficuldades que pódem surgir entre os dois governos, venho transmittir a V. Ex.ª essa ordem rogando-lhe se digne de dar-lhe execução com toda a urgencia.

Para esse fim, queira V. Ex.ª informar-me se necessita de um ou mais rebocadores, que levem a seu bordo os mantimentos necessarios para 5 ou 6 dias, e se será conveniente que lhe envie alguma barcaça para onde se trasladem os volumes que occupam o espaço das corvetas e impedem o serviço.

O ponto para onde me parece mais conveniente transportar as corvetas é o das aguas de Maldonado, onde V. Ex.ª poderia aguardar a solução d'este negocio. Mas se V. Ex.ª julgar melhor qualquer outro ancorador, fica isso á sua escolha, devendo avisar-me, antes de partir, da sua resolução para que eu possa saber onde dirigir-lhe as instrucções do Governo.

Consegui que se possa effectuar em breve prazo, talvez em 48 horas, o embandeiramento de um barco fretado, com a nossa bandeira; mas surgem duvidas por parte do governo argentino se ao poder judicial caberá o direito de acção para fazer desembarcar os refugiados por não ser o barco propriedade do governo portuguez, mas apenas por elle fretado.

Vista essa duvida que nos poderia trazer graves consequencias, propuz ao Governo o fretamento de dois rebocadores que **conduzissem as corvetas a aguas portuguezas** levando a seu bordo os mantimentos para a viagem e as bagagens dos passageiros. Seria talvez mesmo possivel, se o tempo o permittisse, **transferir para bordo d'estes rebocadores no alto mar parte dos refugiados.** Em todo o caso os rebocadores levariam bandeira portugueza.

Permitta-me V. Ex.ª, que eu lhe pondere que qualquer demora na sahida das corvetas, nos colloca na situação desagrada-

vel de recebermos uma intimação com praso curto, do governo argentino para o desembarque dos refugiados ou para a sahida das aguas argentinas das corvetas portuguezas; o desembarque não o permitte o governo portuguez em caso algum.

Espero que V. Ex.ª se dignará de responder-me pelo portador, dada a importancia e urgencia do assumpto.

Deus Guarde a V. Ex.ª. Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Augusto de Castilho, Capitão de fragata, Commandante da corveta "Mindello", surta no porto de Buenos Ayres.

O Encarregado de Negocios

Visconde de Faria.

Documento At

Telegramma terminante do ministro da marinha ao commandante da «Mindello», mandando-a sair fosse para onde fosse.

Lisboa, 6 de abril de 1894, 3 h. e 50 m. (p. m.)

Commando Corveta "Mindello", Buenos Ayres.

Mantenho doutrina ultimo telegramma saia pois com ou sem rebocador como e para onde parecer menos difficil porto portuguez ou inglez dizendo destino. Faria tem instrucções auxilio precisar.

Ministro.

Documento Au

Officio do Visconde de Faria ao commandante da «Mindello» ácerca de um artigo do medico do navio

Buenos-Ayres, 6 de Abril de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Tive a honra de receber o officio de V. Ex.ª com data de hontem, acompanhando um telegramma para o Sr. Ministro da Marinha que immediatamente fiz seguir ao seu destino.

Recebi hontem uma nota do Sr. Ministro de Relações Exteriores, incluindo um recórte do jornal *A Prensa* onde vem publicada uma carta do medico d'essa corveta, para a qual chama a minha attenção, fundando-se n'esse documento, para insistir na urgencia de uma solução relativamente aos refugiados brazileiros.

Sinto profundamente que tão inconveniente documento fosse á luz da publicidade sem o conhecimento de V. Ex.ª alludindo a factos inexactos, pelo que toca a suppostas declarações por mim feitas, e collocando o Governo em situação difficil para solucionar pela fórma que tem em vista, o negocio dos refugiados brazileiros.

Nas minhas notas ao Governo Argentino, tenho-me sempre soccorrido das informações de V. Ex.ª, e nenhuma affirmação foi por mim feita, nem o podia ser, senão baseando-me em documentos officiaes.

Faço apello ao cavalheirismo de V. Ex.ª para que se digne de declarar-me se, desde o primeiro dia em que tive a honra de o visitar n'este porto puz ou não á sua disposição todos os auxilios de que pudesse carecer a bordo dos seus barcos, e se esses auxilios deixaram de ser prestados, por minha falta, ou por não haverem sido reclamados.

Para que eu possa levantar junto do Governo Argentino as accusações que se referem a faltas de que na alludida carta se faz ostentação, rogo a V. Ex.ª se digne de informar-me sobre os factos n'elle incriminados.

Deus Guarde a V. Ex.ª. — Ill.mo e Ex.mo Sr. conselheiro Augusto de Castilho, capitão de fragata commandante da corveta "Mindello„ surta no Porto de Buenos-Ayres.

O Encarregado de Negocios

Visconde de Faria.

Documento A v

Artigo do medico da «Mindello» na *Prensa* de Buenos Ayres sobre a situação a bordo perigosissima

Insertamos á continuacion una carta que nos ha dirigido el médico de la corbeta "Mindello„, Dr. Benevolo Luis da Fonseca. La rectificacion que contiene no se refiere á noticias propias de este diario, puesto que nos hemos limitado en el curso del conflicto sanitario á reproducir las opiniones que se han emitido en uno y otro sentido.

No es culpa nuestra que mientras los emigrados y el Departamento de Higiene decian que era deplorable la situacion de los asilados y el estado higiénico de los buques, el señor Ministro de Portugal creyesse y manifiestara lo contrario. No podíamos dejar de consignar esos pareceres, como hoy tenemos sumo gusto en publicar la carta que se nos envia:

"Señor Director de *La Prensa:* En medio de la general simpatia que en este pais hospitalario ha despertado la suerte de los brasileños asilados en los buques portugueses, me sorprende la noticia publicada en *La Prensa* de ayer anunciando que, segun la afirmacion del señor Ministro portugués y contra lo que declaran los médicos de los respectivos buques y los delegados sanitarios argentinos, el estado sanitario de los dos barcos es excelente y que se han tomado las medidas necessarias para que la provision de alimentos sea lo mas abundante y lo mejor posible.

Cabiéndome una situacion especial en este incidente, como médico de la corbeta "Mindello", pido á V. permiso para significar desde mi humilde puesto, que en la supuesta afirmacion del señor vizconde de Faria hay una lamentable equivocacion, que me es preciso rectificar por lo menos en la parte que me compete.

El estado sanitario de los dos buques portugueses está tan gravemente comprometido, que su saneamiento reclamaria los doce trabajos de Hércules, si algun higienista visionario tuviesse la loca pretension de realizar esa obra milagrosa en medio de esta compacta aglomeracion.

Para darse cuenta de la dureza de este cuadro verdaderamente dantesco, basta notar que de noche es imposible encontrar um metro de superficie en este buque, que no esté escrupulosamente aprovechado para el reposo indispensable de alguien y que ese estraño espectáculo de una promiscuidad dolorosa que sólo dejará de conmover á quien tenga una piedra en lugar de corazon, excede á todos los vuelos de la imaginacion, por mas fanteasadora que sea.

Mal abrigados, mal lavados, mal alimentados, en una excitacion destructora á fuerza de ser constante y siempre incierta, juzgo que debo omitir ciertas notas que caen en los dominios del sigilo médico, asi como la descripcion de algunos pormenores que lastimarian la sensibilidad á sus delicados lectores. Mencionaré solamente:

1.° Que en la corbeta "Affonso d'Albuquerque", fallecieron dos oficiales.

2.° Que existen alli muchos enfermos graves (con pneumonia, beri-beri y otras dolencias mal conocidas), además de los heridos.

3.° Que en la corbeta "Mindello" se dieron dos casos de fiebre

amarilla *confirmada*, que por no tener absolutamente la menor comodidad fueron enviados al Hospital lotante.

4.° Que en estas dos corbetas, además de los heridos hay otros muchos enfermos cuyo estado es incompatible con la falta de recursos médicos.

5.° Que estos hechos, notificados por los peritos á las autoridades competentes, se han hecho del dominio público.

6.° Que el dia 29 del mes pasado, estando esta corbeta fondeada en el puerto, toda la tripulacion, los pasajeros y hasta el proprio commandante de ella quedaron sin pan ni carne fresca (á pesar de haberlo solicitado), y se vieron obligados á alimentar-se, como muchas veses durante el viaje, solo de carne seca y racion de galleta.

7.° Que una correspondencia general del buque con la nota de *urgentisimo* puesta en el sobre y dirigida el dia 28 del pasado al señor Ministro portugués, segun consta no llegó á su destino hasta el dia 31.

8.° Que los aparatos de desinfeccion y las demás cosas pedidas por el doctor delegado del Gobierno argentino con urgencia, cuando tomó posesion de este servicio sanitario, no han llegado desgraciadamente hasta hoy.

En vista de esto, creo que ni el señor Director ni el señhor Ministro de Portugal podrian alterar los hechos, usando de una cruel ironia. Alguien losha engañado. Por este motivo me apresuro á rectificar la noticia, lamentando este incidente, que es tal vez una nota discordante en el movimiento de augusta simpatia que surge de las nobilisimas damas argentinas y de la prensa del país.

Para terminar; yo bien sé que varios higienistas han combatido las cuarentenas para sustituirlas por la desinfeccion.

En este caso no se beneficia debidamente a los buques, puesto que el delegado argentino declara que las desinfecciones serian casi impraticables en este estado de aglomeracion; y efectivamente, la observacion demuestra que son insufficientes, porque aparecen casos de fiebre amarilla *confirmada* á pesar de las desinfecciones, las cuales por otra parte se hacen com todo el cuidado, en este clima de indiscutibles ventajas y en esta latitud!

Como V. sabe muy bien, esa omision no es debida á mi silencio ni al de mi colega de la corbeta "Affonso de Albuquerque„ y mucho menos al de los dignos delegados del Gobierno argentino, tan celosos de las garantias sanitarias de su país. Los pareceres de todos los medicos han sido uniformes y graves, y son bien conocidos del público. Yo me lavo las manos. A bordo de la corbeta "Mindello„ surta en Buenos Aires, 4 d'Abril de 1894.—*Benevolo Luis da Fonseca.*„

Documento A w

Officio do Viscoude de Faria ao commandante da «Mindello» sobre fretamento de um transporte

Buenos-Ayres, 7 de Abril de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Tenho a honra de accusar a recepção do officio de V. Ex.ª com data de hoje, sob n.º 77, ficando inteirado do seu contheudo.

N'este momento recebo do senhor Presidente do Conselho de Ministros um telegramma auctorisando-me a fretar um vapor para transportar os refugiados brazileiros até á llha da Ascenção, onde irá um transporte de guerra portuguez encontrar-se com o que d'aqui partir. Em harmonia com essas ordens, acabo de fretar por 8:000 libras sterlinas o vapor "Pedro Terceiro„ d'esta Praça, o unico disponivel n'este momento, barco de 3:000 toneladas e de optimas accommodações, que pelo contracto de que mandarei uma copia a V. Ex.ª está obrigado a desembarcar os refugiados em qualquer dos pontos seguintes: Cabo-Verde, Ilha da Ascenção, Loanda e Lisboa, segundo as indicações que recebi do governo de Sua Magestade.

Este vapor irá a Maldonado collocar-se ás ordens de V. Ex.ª para que se digne de determinar-lhe o itinerario a seguir.

Determina o Governo que a Corveta "Affonso de Albuquerque„ acompanhe o vapor fretado que levar os refugiados até á ilha da Ascenção, e que a Corveta "Mindello„ do digno commando de V. Ex.ª regresse a este porto para os concertos necessarios, isto com urgencia.

Se, porventura, por parte do Governo Oriental se levantarem difficuldades para a permanencia das corvetas nas aguas de Maldonado, ou mesmo antes que essas difficuldades surjam, talvez seja conveniente que V. Ex.ª dê as suas ordens para que os barcos do seu digno commando pairem nas proximidades do ancoradouro até que chegue o transporte que parte d'aqui.

Digne-se V. Ex.ª de indicar-me o ponto preciso onde quer que o transporte a que venho de referir-me vá aguardar as suas ordens.

N'esta data remetto a V. Ex.ª e ao senhor Commandante da Corveta "Affonso de Albuquerque„ as competentes cartas de saude,

assim como expedi ao Consul Portuguez em Montevideu as convenientes ordens para satisfazer todas as requisições de V. Ex.ª.

Deus guarde a V. Ex.ª Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Augusto de Castilho, capitão de fragata, commandante da Corveta "Mindello", surta no porto de Buenos-Ayres.

O Conselheiro Encarregado de negocios,

Visconde de Faria.

Documento A x

Telegramma do commandante da «Mindello» ao ministro da marinha sobre doentes de gravidade a bordo

Buenos Ayres, 6 de Abril de 1894.

Dois doentes brazileiros gravidade. Deverei deixar morrer sem commodidades, desabrigados?

Castilho.

Documento A y

Telegramma do ministro da marinha ao commandante da «Mindello» dando instrucções sobre a viagem da «Affonso» á Ascenção

Lisboa, 7 de Abril de 1894.

Commando da corveta "Mindello".—Buenos Ayres.

Desembarque doentes impossivel, dispense possivel conforto fretando transporte será este comboiado "Affonso d'Albuquerque", ilha Ascenção, onde encontrará transporte procedente Lisboa. "Mindello" regressar Buenos Ayres. "Affonso" seguir S. Thomé esperando ordens.

Ministro.

Documento A z

Telegramma do commandante da «Mindello» ao ministro da marinha mostrando a impossibidade e desnecessidade do comboio

Buenos Ayres, 8 de Abril de 1894.

É completamenat impossivel corveta "Affonso d'Albuquerque„ comboiar vapor mercante, insufficiente carvão differença andamento. Este partir para o seu destino com tenente Oliver destacamento 20 praças de pret, armamento, metralhadora. Não ha o menor perigo.

Castilho.

Documento B a

Telegramma do commandante da «Mindello» ao conselho do almirantado, perguntando se vae ser substituido

Buenos Ayres, 7 de Abril de 1894.

Desejo saber vapor "Angola„ traz commandante corveta "Mindello„.

Castilho.

Documento B b

Telegramma do almirantado ao commandante da «Mindello» respondendo ao precedente

Lisboa, 8 de Abril de 1894.

Do conselho do almirantado ao commando da corveta "Mindello„. Buenos Ayres.

Não leva commandante sim outro immediato e um tenente diga se transporte fretado volta de Ascenção para Buenos Ayres para poderem ir os officiaes idos Angola caso affirmativo mande para aquella ilha immediato antigo informe quando corveta "Mindello„ pode estar concertada e prompta regressar Lisboa.

O secretario

Documento B c

Nota do almirante Saldanha ao commandante da «Mindello» mandando um protesto contra o governo portuguez

Bordo da corveta "Mindello„ surta no ancoradouro exterior de Buenos Ayres, 8 de Abril de 1894.

Ex.mo Sr. Capitão de fragata Conselheiro Augusto de Castilho, commandante da corveta "Mindello„, e superior das forças navaes portuguezas na costa oriental da America do Sul.

Si mau grado meu tenho que cumprir o penosissimo dever de lavrar um protesto contra a maneira vexatoria, deshumana e sem precedentes, pela qual o governo de Sua Magestade Fidelissima entende fazer observar o asylo que tão cavalheirosamente nos foi concedido sob o generoso auspicio de V. Ex.ª a bordo d'esta corveta e da "Affonso de Albuquerque„, não menos rigorosa é para mim a obrigação de declarar ao mesmo tempo a V. Ex.ª, que ao contrario não temos senão motivos de gratidão pelo solicito desvelo com que todos á porfia, officiaes-maiores, inferiores e praças, se teem esmerado a bordo dos dois navios por fazer minorar as agruras de nossa situação.

Dirijo o protesto ao Sr. Ministro de Portugal nas republicas da Prata, por isso que a elle tem dirigido o governo de Sua Magestade todas as instrucções relativas a nossa sorte, desde a chegada das duas corvetas a este porto.

De V. Ex.ª esperamos a fineza da entrega d'esse documento ao Sr. Ministro, ou, no caso negativo, que consinta servirmo-nos de outro conducto para fazel-o chegar as mãos do destinatario.

Prevaleço-me do ensejo para reiterar a V Ex.ª os protestos de minha melhor estima e distincta consideração.

Luiz Philippe de Saldanha da Gama.

Documento B d

Parte official dada pelo official de serviço da «Affonso» sobre a fuga de tres asylados

Buenos Ayres, 8 de Abril de 1894.

Ao commando da corveta "Affonso d'Albuquerque„.

Do segundo tenente Jayme da Fonseca Monteiro.

Cumpre-me levar ao conhecimento d'esse commando, que achando-me de quarto a bordo d'esta corveta e quando estava atracado um palhabote com bois e carvão para o navio, ao approximar-se uma pequena lancha a vapor, argentina, lançaram-se ao mar os asylados brazileiros, primeiros tenentes Barros Cobra e Tranquillino d'Alcantara e o alumno da Escola Militar Mario d'Alcantara: com o fim de os salvar armou-se uma embarcação, mas foram primeiramente recolhidos pela lancha argentina que immediatamente se poz ao largo a todo o vapor; estes factos deram-se cerca das 7 h. e 30 m.

Bordo da corveta "Affonso de Albuquerque„ surta no porto exterior de Buenos Ayres, 8 de Abril de 1894.

Jayme da Fonseca Monteiro
Segundo tenente

Documento B e

Officio do commandante da «Mindello» oa Visconde de Faria participando que vae sahir para a boca do Estuario

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Tenho a honra de accusar recepção do officio de V. Ex.a datado de hontem, e recebi um telegramma do Ex.mo Ministro da Marinha, cuja copia V. Ex.a encontrará junta, bem como a resposta que espero V. Ex.a se dignará de mandar expedir sem demora.

Fico sciente do fretamento do vapor argentino "Pedro Terceiro„ destinado a transportar d'este porto para o da ilha da Ascenção os refugiados brazileiros que a meu bordo e a bordo da corveta "Affonso d'Albuquerqne„ existem. Não diz V. Ex.a se elle deverá arvorar a bandeira portugueza, mas como hontem m'o disse de viva voz, fico entendendo que assim succederá.

E' completamente impossivel ser o dito transporte comboiado pela "Affonso d'Albuquerque", não só porque aquelle navio não poderia comportar o necessario carvão para tão larga travessia, mas tambem porque ao transporte não poderia convir moderar a sua marcha ao ponto de ser acompanhado por um navio como a "Affonso" com as caldeiras em muito mau estado, e com o fundo extremamente sujo.

Entendo portanto, como o digo ao Sr. Ministro, que não ha o minimo inconveniente em deixar seguir o transporte desacompanhado, visto como tem de levar um 1.º tenente da armada como capitão de bandeira, 20 praças de marinhagem devidamente armadas e municiadas, e uma metralhadora. A presença d'este pessoal, que justificará o uso da bandeira portugueza e de flamula de guerra, é, sobretudo em viagem larga através do Oceano, sufficiente garantia de que o transporte dos nossos asylados se fará sem o minimo transtorno quer para elles, quer para nós.

Supponho que virão hoje os mantimentos e outros artigos que requisitei, e n'essa hypothese partirão as duas corvetas d'este ancoradouro ámanhã de manhã, para operarem lá fóra a baldeação dos passageiros para o transporte "Pedro Terceiro".

Quanto ao logar onde elle nos deverá encontrar, acho que pode haver inconvenientes se fixarmos o ancoradouro de Maldonado, onde o governo Oriental pode pôr objecções do genero d'aquellas que aqui o Departamento de sanidade esteve para oppor-nos. Tenciono portanto ir ancorar umas 6 milhas a Leste do pontão pharol da ponta Indio, em cujas aguas absolutamente neutras, nenhuma das duas republicas marginaes d'este magestoso estuario poderia ter pretensões a molestar-nos.

N'esta ordem de idéas deverá o vapor "Pedro Terceiro" sair d'aqui ainda com a bandeira argentina, ficando eu de arvorar-lhe a nossa, e de armal-o com a nossa guarnição e armamento quando elle for surgir junto de nós na bocca do Estuario.

Parece-me ficarem assim resolvidas todas as difficuldades d'esta questão, e de maneira perfeitamente satisfactoria e efficaz. Parto pelo menos n'essa persuasão e desejando que o Ex.mo Ministro da Marinha não julgue dever fazer modificação a este arranjo.

Deus guarde a V. Ex.ª. Bordo da corveta "Mindello" surta no ancoradouro exterior de Buenos Ayres, 8 de Abril de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Visconde de Faria, Encarregado de Negocios de Portugal.

O commandante, *Augusto de Castilho*

Capitão de fragata

Documento B f

Parte official do official de serviço da «Affonso» sobre uma mallograda tentativa de fuga de asylados

Bordo em frente á ponta do Indio, 10 de Abril de 1894.

Ao commando da corveta "Affonso de Albuquerque„. Do official de quarto das 20 ás 24 h. do mesmo navio em 9 de Abril de 1894.

Cumpre-me participar que hontem, 9 do corrente mez de Abril de 1894, pelas 9 h. e 40 m. (a. m.) se achava atracado ao costado d'este navio e a bombordo, um palhabote d'onde se estava descarregando carvão, serviço feito por praças da guarnição d'este navio e que não poude ultimar-se pelos factos que passo a descrever. A' hora referida, parte dos militares e paisanos que se acham asylados a bordo, precipitaram-se d'assalto, para dentro do mesmo palhabote e para as suas enxarcias, recusando-se a voltarem para bordo, ás intimações que lhe foram feitas. Sendo este facto uma contravenção ás ordens estabelecidas e ás instrucções da guarda, algumas das praças que a compunham, saltaram tambem, para obstar a que proseguisse o assalto, e porque se tinha travado desordem entre as praças que estavam no serviço da descarga e os assaltantes, que impediam o mesmo serviço, tratando de restabelecer a ordem e evitar a confusão que n'aquelle primeiro momento, e achando-se todos desprevenidos, nem mesmo podiam saber o que lhe tinha dado começo e qual o seu fim. Alguns dos individuos que tinham saltado, estavam armados de navalhas e facas, e contra estes foi preciso usar da intimidação pela força, para que largassem as armas offensivas que possuiam e com as quaes ameaçavam as praças e tentavam cortar as espias; outros porém, renderam-se á intimação do official immediato d'este navio que tinha saltado para o palhabote e se achava desarmado. Tenho mais a mencionar que o palhabote não tinha bandeira alguma que lhe designasse a nacionalidade, e que os seus tripulantes e o nome "Donato„ que tinha na prôa, me parecem italianos.

(a) *Bernardo de Mello e Castro Moreira.*

Documento B 5

Auto de corpo de delicto sobre os acontecimentos da «Affonso»

Corpo de marinheiros da armada.

Corveta "Affonso de Albuquerque„.

Auto de corpo de delicto

Aos dez dias do mez de Abril de mil e oitocentos e noventa e quatro a bordo da corveta "Affonso d'Albuquerque„, constando ao commandante da mesma corveta a participação dada por Bernardo de Mello Castro Moreira, segundo tenente da armada, e official do quarto na occasião em que parte dos militares e paizanos brazileiros asylados n'este navio se precipitaram de assalto n'um palhabote que estava atracado ao navio a bombordo, o qual não tinha bandeira de qualquer nacionalidade e d'onde as praças d'esta guarnição se achavam fazendo o serviço da descarga de carvão, serviço que não poude ultimar-se porque os referidos assaltantes o obstaram, estando alguns d'elles armados de navalhas e facas com que ameaçavam as praças e tentavam cortar as espias; em vista d'isto saltaram ao palhabote as praças da guarda para restabelecerem a ordem recolhendo a bordo os individuos que tinham tentado evadir-se, ordenando o commandante da mesma corveta, que procedesse a auto de corpo de delicto, fiz comparecer perante mim, Hypacio Frederico de Brion, capitão-tenente da armada, e do primeiro sargento Francisco Rodrigues Tavares, do corpo de marinheiros da armada, por mim nomeado para servir de escrivão, as praças seguintes: Pedro Tavares, 1.º marinheiro n.º 599 de matricula e 120 da 2.ª companhia, Antonio, 1.º grumete n.º 2547 de matricula e 162 da 9.ª companhia, José Luiz, carpinteiro de 2.ª classe n.º 248 e 11 da 16.ª companhia, João d'Oliveira Camillo, 1.º grumete n.º 3733 de matricula e 269 da 2.ª companhia, Antonio da Silva Lourinho, 1.º grumete n.º 3538 de matricula e 89 da 13.ª companhia, todos pertencentes ao corpo de marinheiros da armada, e os cidadãos brazileiros João Vianna, empregado do commercio, José Ferreira Marques, empregado do commercio, Annibal de Paula Marques, commissario de marinha, e Placido de Meyrelles, empregado do commercio, aos quaes deferi juramento aos Santos Evangelhos, sob o cargo do qual os intimei a declarar-me tudo quanto sabiam dos factos mencionados. E sendo perguntado Pedro Tavares, 1.º marinheiro n.º 599 de matricula e 120 da 2.ª companhia do corpo de marinheiros da armada, disse que

no dia 9 de abril do corrente, exercia a bordo o cargo de cabo da guarda, tendo recebido as seguintes instrucções: ter a maxima vigilancia em não deixar sahir de bordo nenhuma das pessoos asyladas n'este navio senão com ordem superior, não deixar que pessoa alguma fóra do serviço saltasse para qualquer embarcação que estivesse atracada á borda, não permittir que qualquer individuo se aproximasse, quer na ponte, quer no convez, das varandas ou da borda do lado de bombordo, e isto em consequencia de se achar atracado a esse bordo, um palhabote d'onde se estava descarregando carvão. Em vista d'estas ordens, e para prevenir qualquer eventualidade, tinha não só mandado collocar uma sentinella dentro da lancha do carvão, como tambem avisado a sentinella da ponte e as praças da guarda de folga n'essa occasião. Pelas nove e meia da manhã viu precipitarem-se de assalto para dentro do referido palhabote, alguns officiaes brazileiros asylados n'este navio, saltando immediatamente, elle testemunha, e as praças da guarda, não só as que se achavam de folga, como tambem todas as que compunham a guarda que entrava de serviço n'esse dia, isto para obstar a que saltassem mais individuos para o palhabote, gritando: "aqui não salta mais ninguem„. Viu que um dos individuos que tinha saltado, cujo nome não sabe, mas que reconheee ser o mesmo que n'este momento foi apresentado, e que se chama João Vianna, se tinha apossado d'uma faca que pertencia á cosinha do mesmo palhabote, e que com ella ameaçava de morte quem se approximasse; elle e outras praças que não póde precisar quem fossem, o rodearam afim de o desarmar para que elle não pudesse ferir alguma das praças que commandava e evitar assim o ter de lançar mão de meios mais violentos, para que fossem cumpridas as ordens que tinha recebido. Como disse, rodearam esse individuo, desembainhando os sabres-bayonetas, para o intimidarem, mas não para com elles se servirem como arma offensiva, o que effectivamente não fizeram nem fariam, salvo caso de força maior. N'essa occasião uma das praças em serviço na descarga na lancha, approximou-se pelo lado esquerdo, dando-lhe com um pau uma pancada que fez com que o referido individuo largasse a faca e esta cahisse ao mar, sendo em seguida agarrado e obrigado a saltar para bordo. Affirma mais, que todos os individuos que saltaram para o palhabote iam armados com instrumentos cortantes, vendo alguns com navalhas de barba e um com uma machada semelhante ás que se usam a bordo dos nossos navios com a qual tentava cortar as espias da embarcação, o que não conseguiu por lhe ter sido obstado á força. Mais diz, que dentro da lancha não havia, além da sentinella, praça alguma armada, como em boato se disse e correu entre os individuos asylados. Que só em ultima extremidade ou em defeza pro-

pria é que lançaria mão de meios mais violentos, pois tinha ouvido o commandante do navio e official immediato gritarem para que não se batesse em pessoa alguma. Mais disse que ouviu uma voz dizer por entre avante do rodizio: *matem esses canalhas e viva a bandeira portugueza!* este grito era soltado por um dos individuos asylados, praça de prôa, contra os officiaes asylados que tentavam fugir. Consta-lhe, por ouvir dizer, que tambem tinha sido levada uma faca de cosinha d'este navio. Não póde affirmar o numero dos asylados que saltaram para o palhabote, mas sabe que alguns saltaram para bordo emquanto o palhabote esteve atracado, ficando dentro d'elle ao largar d'esta embarcação, cinco que mais tarde vieram para bordo. João Vianna, cidadão brazileiro empregado do commercio, de vinte e quatro annos de edade. Disse que pelas nove horas do dia 9 do corrente, achava-se em cima da ponte d'este navio, onde se acha asylado desde 13 do mez proximo passado, e que, aproveitando a occasião em que a sentinella da ponte estava do lado de estibordo, dirigiu-se para a varanda de bombordo, e saltando por cima d'ella agarrou-se á enxarcia do palhabote que alli se achava atracado, e descendo por ella, saltou para o convez; n'essa occasião atiraram-lhe com uma pá das que estavam em serviço do carvão, e mais ou menos ameaçado rodeou o palhabote pela pôpa passando para o lado de bombordo até meio do navio, aonde estava um seu camarada tambem official brazileiro asylado, não podendo passar mais para vante, retrocedeu e como encontrasse duas praças que lhe obstassem a passagem, voltou novamente para vante, mas tendo dado alguns passos e não podendo passar, voltou novamente para ré recuando e passando pela cosinha do palhabote, ali se apossou d'uma faca pequena de cosinha, dizendo aos marinheiros que o ameaçavam que não o ferissem porque não o podiam fazer, mas se acaso o fizessem elle lhes retribuiria da mesma fórma, indo sentar-se na grinalda da pôpa sendo rodeado pelas praças da guarda; n'essa occasião a praça que estava de cabo da guarda lhe atirou um pequeno banco que batendo-lhe na mão lhe quebrou a faca, recebendo n'essa mesma occasião uma pancada com um pau de metro e tanto de comprido e grosso que o contundiu no hombro e omoplata esquerda, cahindo e pensando que lhe tinham partido um braço, o que felizmente não succedeu, mas ficando bastante magoado d'esse lado. Passado isto o agarraram obrigando-o a saltar para dentro do navio. E mais não disse. Antonio, 1.º grumete 2547 de matricula e 162 da. 9.ª companhia do corpo de marinheiros da armada. Disse que no dia 10 de Abril do corrente, estando em serviço na descarga de carvão dentro do porão do palhabote que estava atracado ao costado de bombordo, sentiu um grande barulho e vozes dizendo: *sobe a cima, sobe a*

cima, saltando acima do convez do referido palhabote, já ahi encontrou um dos officiaes asylados por nome Paulino, e em seguida a esse saltaram mais, não podendo precisar nem o numero nem saber quem eram; foi em persiguição do referido official para o agarrar, mas quando chegou junto d'elle, já o encontrou deitado no convez e rodeiado de outras praças, não sabendo se algum lhe tinha batido. Vendo á ré o individuo que lhe foi apresentado, por nome João Vianna, armado de uma faca de cosinha, a elle se dirigiu, e com um pau lhe deu uma pancada no hombro esquerdo, no intuito de o desarmar, o que effectivamente conseguiu, saltando a faca para o mar. Disse mais, que este individuo, no momento em que a elle se chegou, fazia circulo com a faca, dizendo que *matava um que a elle se chegasse*. Tudo isto fez na intenção de auxiliar as praças da guarda e seus camaradas, que se achavam ameaçados. Disse mais que viu á prôa do palhabote um individuo que reconhece como um dos asylados a bordo e por nome Ferreira, que armado de qualquer instrumento cortante tratava de cortar uma das espias que atracava a embarcação e que em seguida alguns dos individuos que tinham saltado para o palhabote, tinham recolhido para bordo. José Ferreira Marques, cidadão brazileiro, empregado do commercio, edade vinte um annos. disse que no dia 9 de Abril do corrente, pelas nove horas da manhã, achando-se em cima da ponte d'este navio, onde se acha asylado, vendo que alguns dos seus camaradas saltavam precipitadamente para bordo de um palhabote que estava atracado ao navio pelo lado de bombordo, do qual se estava descarregando carvão, saltou tambem por cima das varandas para a enxarcia do mesmo palhabote, d'onde desceu á intimação do official immediato d'este navio, que se encontrava tambem dentro do palhabote. Diz mais que ninguem o maltratou nem o ameaçou, recolhendo a bordo no escaler do navio. Junto com elles estavam o tenente Vinhaes e o tenente da guarda nacional Antonio Francisco Valentim, que tambem desceram á mesma intimação, os quaes, tambem como elle, recolheram para bordo, sem que fossem maltratados ou ameaçados de qualquer maneira. Isto que acabou de dizer o fez na intenção de fugir de bordo, fazendo-o d'esta fórma porque de qualquer outra maneira não o podia nem o devia fazer. José Luiz, carpinteiro de 2.ª classe, n.º 248 de matricula e 11 da 16.ª companhia do corpo de marinheiros da armada, que no dia 9 de Abril pelas nove horas da manhã, se achava á prôa dividindo uma carne do seu rancho, quando sentiu um grande barulho e muita gente saltar á borda; n'esse momento, um dos individuos asylados a bordo, que não poude conhecer nem reconhecer quem seja, lançou mão da faca que junto d'elle se achava, fugindo para ré, ao ver isto correu sobre o referido individuo e tirou-lhe a

faca. Em seguida, vendo muita gente na lancha e o official immediato d'este navio, saltou para prestar auxilio no caso que fosse necessario; ouvindo tanto este official como o commandante do navio que tinha chegado ao reducto, gritarem por mais de uma vez que não se batia em ninguem, saltou para bordo; passando junto d'alguns dos individuos asylados, foi por elles ameaçado. Disse mais que viu dentro da lancha á pôpa, um dos asylados que sabe chamar se João Vianna, que com uma faca de cosinha na mão ameaçava as praças que o rodeavam gritando que *com a faca era para doze*, phrase que repetia quando já se achava dentro do navio. Annibal de Paula Barros, cidadão brazileiro, commissario de marinha, idade vinte e quatro annos. Disse que no dia 9 de Abril pelas nove horas da manhã, se achava em cima da ponte d'este navio, onde está asylado, no momento em que viu alguns dos seus companheiros saltarem para bordo de um palhabote que estava atracado a bombordo, d'onde se descarregava carvão, saltou tambem; precipitando-se para o convez do palhabote, dirigindo-se logo para a prôa com intenção de cortar a espia que do navio atracava á embarcação com uma velha e enferrujada navalha de barba, o que effectivamente conseguiu, não fazendo caso da aggressão que n'esse momento soffria da praça ou praças que se achavam por detraz d'elle. Diz mais que continuou a ser aggredido, não podendo saber nem reconhecer quem o fazia, saltando em seguida para bordo do navio onde se acha. Mais diz que tudo isto se fez sem previa combinação, embora existisse no espirito de alguns asylados o desejo ou idéa de o fazerem. João d'Oliveira Camillo, 1.º grumete n.º 3733 de matricula e 269 da 2.ª companhia do corpo de marinheiros d'armada. Disse que no dia 9 de Abril pelas nove e meia horas da manhã, achando-se em serviço na descarga do carvão que se fazia n'um palhabote que estava atracado ao navio, sentiu uma grande algazarra e viu algumas das pessoas que se acham asyladas a bordo, saltar para dentro do palhabote, alguns armados com facas e um com uma navalha de barba com que cortava a espia que atracava a embarcação o qual, não fazendo caso das intimações que lhe faziam, continuou cortando a espia e tentando aggredir as praças; em vista do que elle, testemunha, lhe deu uma pancada com um pau, com intenção de o desarmar, parecendo-lhe que effectivamente o referido individuo, que soube chamar-se Paula Barros, lançou a navalha ao mar; e nada mais lhe consta senão que esse individuo saltou para bordo do navio. Já depois de succedidos estes factos é que elle testemunha ouviu que o commandante e immediato do navio avisavam para que não se batesse em pessoa alguma, e nada mais disse. Antonio da Silva Lourinho, 1.º grumete n.º 3538 de matricula e 89 da 13.ª companhia do corpo de marinheiros

d'armada. Disse que no dia 9 de Abril pelas nove e meia horas da manhã, fazia parte da guarda e achava-se de vigia debaixo do reducto, com ordem de não deixar saltar ninguem para dentro do palhabote do carvão, que estava atracado ao costado de bombordo, quando de repente, vendo começarem a saltar alguns individuos asylados a bordo, saltou tambem para o palhabote. N'esse momento viu que um d'esses individuos se dirigia da prôa para a pôpa do palhabote com uma navalha aberta, que lhe pareceu ser de barba, e deu-lhe a voz de prisão, á qual elle não obedeceu, continuando a fugir para a popa e jogando-lhe um golpe á barriga, que lhe cortou a camizolla a qual apresentou n'este momento. Vendo isto metteu-lhe um pé e fel-o o cahir. Affirma que o individuo a que se refere é o mesmo que n'este momento lhe foi mostrado e que se chama Meyrelles; mais diz que o referido individuo, antes mesmo de qualquer intimação ameaçava as praças com a navalha, dizendo que *era para mais de sete marinheiros*. Mais não disse. Placido de Meyrellos, cidadão brazileiro, empregado do commercio, edade vinte e tres annos. Disse que no dia 9 do corrente, pelas nove horas da manhã, se encontrava em cima da ponte d'este navio onde se acha asylado, e tendo combinado com os seus companheiros João Vianna e Francisco Valentim que no momento dado tentaram evadir-se de bordo na primeira opportunidade e achando-se na occasião um palhabote atracado a bombordo, d'onde se descarregava carvão, resolveram fazel-o n'essa occasião e effectivamente o fizeram saltando por cima das varandas da ponte para dentro do referido palhabote, na intenção de se evadirem; quando chegou á prôa do palhabote, viu que algumas das praças aggrediam o seu companheiro, o qual cortava uma das espias que atracava o palhabote ao navio; pegando n'um pau, tentou defender-se a si e a elle. Em seguida cahiu e pouco depois recolheu a bordo. Nega que n'essa occasião se achasse armado com qualquer especie de navalha. Mais disse que não viu se o palhabote tinha alguma bandeira içada. Chamadas novamente as seguintes testemunhas: Pedro Tavares, 1.º marinheiro n.º 120 da 2.ª companhia, José Luiz, carpinteiro de 2.ª classe n.º 11 da 16.ª companhia, João d'Oliveira Camillo, n.º 269 da 2.ª companhia, Antonio da Silva Lourinho, n.º 89 da 13.ª companhia, todos do corpo de marinheiros da armada, declararam que o palhabote a que este auto se refere não tinha içada qualquer bandeira que lhe designasse a nacionalidade. E de tudo quanto narrado fica, fiz lavrar o presente auto, escripto por Francisco Rodrigues Tavares, 1.º sargento do corpo de marinheiros d'armada, que serviu de escrivão, e vae por mim assignado com as testemunhas, depois de a todos ser lido, não sendo assignado por Pedro Tavares, 1.º marinheiro n.º 120 da 1.ª companhia do corpo de marinheiros d'ar-

mada, Antonio, 1.º grumete n.º 162 da 9.ª companhia, Antonio da Silva Lourinho, 1.º grumete n.º 89 da 13.ª companhia, todos do corpo de marinheiros d'armada, por não saberem escrever. E eu Francisco Rodrigues Tavares, 1.º sargento do corpo de marinheiros da armada, a escrevi e assigno, dando minha fé de que tudo se passou na verdade, conforme n'este auto fica referido.

Hypacio Frederico de Brion

Capitão-tenente

José Luiz

Carpinteiro de 2.ª classe

João d'Oliveira Camillo

2.ª companhia n.º 269

João Vianna
José Ferreira Marques
Annibal de Paula Barros
Placido de Meyrelles
Francisco Rodrigues Tavares

1.º sargento.

Documento B g'

Officio do consul Faria ao commandante da «Mindello» transmittindo perguntas de Lisboa sobre fugas

Montevideu, 13 de Abril de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Acabo de ter uma conferencia telephonica com o Encarregado de Negocios de Portugal em Buenos-Ayres, na qual me ordenou de communicar com a maior urgencia a V. Ex.ª o seguinte telegramma:

"Do Presidente do Conselho de Ministros ao Commandante da "Mindello".

"Diga quantos refugiados se evadiram de bordo das corvetas, quantos voltaram; se entre evadidos ha officiaes. O Governo Ar-

gentino reclama por escaler armado "Affonso Albuquerque„ tirarem refugiados bordo palhabote bandeira argentina informe minuciosa e precisamente succedido.—*Hintze Ribeiro*„.

Rogo a V. Ex.ª queira ter a bondade de me responder com a brevidade possivel afim de poder transmittir quanto antes a resposta de V. Ex.ª para Buenos-Ayres.

Deus guarde a V. Ex.ª

Ill.mo e Ex.mo Sr. Augusto de Castilho, commandante da corveta "Mindello„.

Antonio de Portugal de Faria

Consul

Documento B h

Relação incorrecta e augmentada de refugiados que tentaram fugir, enviada por elles ao commandante da «Mindello»

Lista dos «49» e não «30» exilados que, no dia 9 de Abril de 1894, foram retirados á força de bordo da golleta argentina «Pepito Donato» nas balizas exteriores do porto de Buenos-Ayres.

1.os tenentes:
Augusto Vinhaes. (*)
Gentil Meira. (*)
Victor Paulino. (*)
Paula Barros. (*)
Tenente, Antonio Valentim. (*)
2.º tenente, Manuel Souto.
Guarda-marinha, Lemos Bastos.
Aspirante, Frederico Villar.
Civis:
João Vianna. (*)
Placido Meirelles. (*)
Alferes. Balthazar da Silveira.
Civil, Ferreira Marques. (*)

(*) Os nomes que teem esta indicação são os unicos que realmente conseguiram embarcar no «Pepito Donato».

Cadete, Moreira Guimarães.
Capitão-tenente, Dr. Joaquim Franco.
Dr. Joaquim Botelho.
Dr. Luiz Baeta.
Dr. Americo Baeta.
Capitão, Felix Bialé.
1.os tenentes:
Octacilio de Almeida.
Thimotheo Rosa.
Mello Moraes.
Fontoura.
Antonio Sampaio.
Collona.
Libanio Lamenha Lins.
Guarda-marinha, Marianno Dias.
2.os tenentes:
Keller.
A. Thompson.
Delamare.
José Felix.
Dr. Ferreira Velloso.
Dr. Nogueira da Gama.
1.o tenente, Luiz Carvalho.
Voluntarios:
Miguel Russell.
Francisco d'Araujo.
Aspirantes:
Tancredo Gomes.
Alves de Sousa.
Adalberto Nunes.
1.os tenentes:
Moura Rangel.
Fructuoso Monteiro.
Olympio Gomes.
Coutinho.
P. Vaz.
Machinistas:
Costa Ferreira.
Luiz da Silva.
Moura.
Maria Velha.
Aspirante, Graça.

Documento B 1

Officio do Visconde de Faria transmittindo um telegramma do ministro Hintze Ribeiro

Buenos-Ayres, 11 de abril de 1894.

Ill.mo e E.mo .Sr.

Venho rogar a V. Ex.ª se digne de informar-me sobre o lamentavel incidente da fuga dos refugiados brazileiros que se encontravam a bordo das corvetas portuguezas, afim de poder communicar em officio ao governo a informação de V. Ex.ª

Recebi hontem á noite do sr. Presidente do Conselho de Ministros o telegramma de que V. Ex.ª encontrará junta uma copia authentica, e que tenho a honra de remetter a V. Ex.ª para seu inteiro conhecimento.

Do sr. Ministro da Marinha recebi tambem um telegramma, ordenando-me que o informe sobre o numero de praças pertencentes á corveta "Mindello„ que seguem no transporte que deve levar os refugiados brazileiros á Ilha da Ascensão; rogo a V. Ex.ª se digne de esclarecer-me sobre este ponto, com possivel brevidade, afim de poder reponder-lhe.

O transporte "Pedro Terceiro„ deve partir dentro de tres dias para o ponto indicado por V. Ex.ª onde receberá os refugiados que restam a bordo das duas corvetas.

Deus Guarde a V. Ex.ª.— Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Augusto de Castilho, capitão de fragata commandante da corveta "Mindello„.

O Conselheiro Encarregado de negocios

Visconde de Faria

Documento B 1

Telegramma terminante dos ministros Hintze Ribeiro e Neves Ferreira sobre a viagem á Ascenção

Lisboa, 10 de abril de 1894, ás 5 h. 55 (p. m.).

Encarregado de Negocios Portugal.— Buenos-Ayres.

De parte Ministro da Marinha transmitta commandante Castilho ordem terminante corveta Affonso de Albuquerque comboiar transporte que regulará sua marcha pela da corveta, pelo menos

durante cinco dias navegando depois á vontade, mas indo em todo caso corveta Ascenção informando-se de como se passaram as cousas, transmittindo noticias telegrapho de S. Thomé. Na Ilha Ascensão não desembarcar refugiados, passam para transporte "Angola„ que ali deve estar.

Hintze Ribeiro.

Está conforme.— Buenos-Ayres, aos 11 dias do mez de abril de 1894.

O Conselheiro Encarregado de Negocios

Visconde de Faria

Documento 15 k

Primeiras instrucções dadas pelo commandante da «Mindello» ao da «Affonso» sobre a viagem á Ascensão

Rio da Prata, 13 de abril de 1894.

Do commando da corveta "Mindello„ ao commando da corveta "Affonso de Albuquerque„.

O transporte "Pedro Terceiro„ fretado em Buenos Ayres pelo Governo Portuguez para conduzir á Ilha Ascenção, os refugiados brazileiros que estão a bordo d'estas duas corvetas, deve chegar a este ancoradouro, segundo me informa o encarregado de negocios, até ámanhã 14 do corrente. O dito transporte receberá ordem para fundear tão perto d'esta corveta quanto possivel, e a "Affonso„ deverá approximar-se d'elle para que a baldeação de gente e bagagens se opere com rapidez.

Logo depois de ter fundeado o transporte, deverá esse commando dar guia de destacamento para elle ás seguintes praças: 1.º tenente da armada. Francisco Annibal Oliver, que receberá nomeação minha de capitão de bandeira; um cabo marinheiro. um 1.º marinheiro, um 2.º marinheiro, e 9 grumetes. Estas praças de marinhagem levarão o seu armamento e 25 cartuxos cada uma.

Depois de installado no transporte "Pedro Terceiro„ o seu capitão de bandeira, bem como o pessoal menor ido dos dois navios, e de n'elle ter sido arvorada a bandeira portugueza e a flamula, que pela corveta "Affonso de Albuquerque„ serão fornecidas, far-se-ha a baldeação dos refugiados brazileiros e respectivas bagagens das corvetas para elle, empregando-se as embarcações dos navios commandadas por um official de patente.

Apenas a corveta "Affonso de Albuquerque„ estiver desembaraçada, partirá sem perda de tempo para Buenos Ayres a abastecer-se de carvão, mantimentos e quaesquer sobresallentes de que carecer, afim de dar o possivel cumprimento ás ordens expressas do Governo, transmittidas por intermedio do encarregado de negocios de Portugal no telegramma que junto vae por copia.

É de esperar que o sr. commandante d'essa corveta, bem compenetrado do transtorno que causa a mais prolongada demora dos refugiados n'estas aguas, e sabendo que a corveta "Mindello„ aqui permanecerá vigiando o transporte "Pedro Terceiro„, expostos ambos a quaesquer maus tempos que possam cair, empregará todo o seu provado zelo para abreviar quanto possivel a sua promptificação em Buenos Ayres, e regresse aqui para emprehender a sua viagem sem mais demora.

As instrucções para essa viagem, tanto para esse commando como para o capitão de bandeira do transporte "Pedro Terceiro„, serão opportunamente enviadas.

O Commandante

Augusto de Castilho.

Capitão de Fragata

Documento B 1

Officio do Visconde de Faria para o commandante da «Mindello» annunciando a proxima ida do transporte para Montevideu

Buenos-Ayres, 16 de abril de 1894.

Ill.mo Ex.mo Sr.

Segue esta noite para a Ponta d'Indio a collocar-se ás ordens de V Ex.ª o vapor "Pedro Terceiro„ para receber a seu bordo os refugiados brazileiros que se acham na corveta "Mindello„, do digno commando de V. Ex.ª, e na "Affonso de Albuquerque.„

No intuito de evitar a repetição de facto identico ao que se passou com a fuga dos asilados a bordo das duas corvetas, tomo a liberdade de lembrar a V. Ex.ª a conveniencia de que nenhum d'elles entre a bordo do "Pedro Terceiro„ antes que este tenha concluido o carregamento dos viveres e carvão, que não houve tempo de concluir aqui dada a urgencia da saida.

Por informação que recebi por telephone do Consul Portuguez

em Montevideu, tomei conhecimento de que a corveta "Affonso de Albuquerque„ tem de vir a Montevideu fornecer-se de carvão e mantimentos para a viagem; parece-me que deve, no entretanto, a corveta "Mindello„ ficar guardando o "Pedro Terceiro„, que em caso algum deverá largar da Ponta d'Indio a não ser para seguir viagem directa ao seu destino.

Junto tenho a honra de enviar a V. Ex.ª a copia do contracto do fretamento do "Pedro-Terceiro„ para que V. Ex.ª possa ficar ao corrente de todas as suas clausulas, e proceder em conformidade.

Por instancias de S. Ex.ª o Senhor Ministro da Marinha rogo a V. Ex.ª se digne de informar-me com toda a urgencia de qual o numero de praças da corveta "Mindello» que seguem a bordo do "Pedro Terceiro„ com os refugiados.

Deus Guarde a V. Ex.ª Ill.mo Ex.mo Sr. Conselheiro Augusto de Castilho, Capitão de Fragata, Commandante da Corveta Mindello.

O Encarregado de Negocios

Visconde de Faria.

Documento 15 m

Escriptura de fretamento no vapor «Pedro III»

Copia simples

Número treinta y uno.

En esta ciudad de Buenos Aires, capital de la República Argentina á los doce dias del mes de abril del ano mil ochocientos noventa y cuatro; ante mi Escribano Nacional de Marina y testigos que suscriben comparecen, de una parte Don Pedro Gartland, de estado casado, domiciliado en la calle de Florida número trescientos cuarenta, en esta capital, mayor de edad, de mi conocimiento, de que doy fé, asi como de que comparece en representacion y como apoderado general de su senor Padre Don Pedro A. Gartland, lo cual lo comprueba debidamente, con el poder que me exhibe, tengo presente en este acto y que transcripto testualmente dice asi: — "Escritura número ciento uno. — En la ciudad de Buenos "Aires, el seis de abril de mil ochocientos noventa y cuatro, ante "mi compareció Don Pedro A. Gartland domiciliado en esta capital, "calle de la Florida número tresciento cuarenta, casado, mayor de "edad, á quien conosco de que doy fé y en presencia de los testigos "al final firmados, dijo que confiere poder general á su hijo Don Pe-

"dro Gartland, domiciliado tambien en esta capital en la citada "calle y número, casado y mayor de edad, para que en su nombre "ejecute los actos, haga los negocios y entienda en los asuntos que "se determinaran en seguida: Representarle en todos sus asuntos "judiciales de jurisdiccion contenciosa ó voluntaria, nacionales ó "provinciales, iniciados ó por iniciar, como demandante ó deman-"dado, ya versen sobre su persona ó bienes. Cobrar judicial ó ex-"trajudicialmente todas las cantidades de dinero ú otros casos que "actualmente se le adeudan ó que se le debieren en do sucesivo "por cualquier titulo y razon. Conceder á sus deudores, quitos, es-"peras ó remisiones. Recibir todo cuanto se le entregare por resulta "de los cobros y otorgar recibos, cartas de pago, chancelaciones y "finiquitos, gobernar, cuidar y administrar todos sus bienes raices "ó muebles; vender los mismos bienes, hipotecarlos, arrendarlos, "permutarlos, donarlos, cederlos ó darlos en prenda, préstamo "mútuo como dato ó anticresis — ajustar precios, plazos, forma "de pago, interés y las de mas condiciones ó claúsulas de cual-"quier genero que cre a vantajosa, sean, ó resolutorias ó sus-"pensorias. Recibir los precios alquileres ú otras cosas al con-"tado ó á plazo, otorgar las escripturas, celebrar cualquier con-"trato que tenga por objeto adquirir el dominio uso ó goce de bie-"nes raices á titulo oneroso ó gratuito. Prestar dinero ó tomar "prestado á interés sobre hipoteca, prenda ú otra seguridad per-"sonal ó real. Gobernar y administrar todos sus bienes y negocios. "Emprender cualquier operacion de comercio celebrando los con-"tratos que fueren necesarios. Hacer pagos ordinarios y extraor-"dinarios. Hacer novaciones que estingan obligaciones ya existen-"tes al tiempo de este mandato. Solicitar y recibir en calidad de "préstamo de individuos comerciantes, sociedades, corporaciones y "establecimientos bancarios inclusive los de la racion Argentina, "de la provincia de Buenos Aires„ Nacional é Hipotecario de una "y otra jurisdiccion y sus respectivas sucursales, todas las canti-"dades de dinero que necesitar, girando, descontando ó aceptando "letras, pagarés ú otros documentos. Renovar cuantas veces fure "necesario las letras pagarés ú otros documentos librados hacien-"do autorizaciones. Extraer de banco los fondos depositados y sus "intereses por medio de cheques ú en otra forma y depositarlos á "plaso fijo en cuenta corriente, dando los garantias que se le "exigieren. Aceptar ú renunciar herencias pura ys implemente ó con "beneficio de inventario. Representarle en sociedades anonimas, "colectivas ú de otro genero; ejercitar todos sus derechos sociales y "cumplir los cargos y prestaciones que le competan, percibiendo "lo que corresponda. Constituirle en depositario ó fiador. Obligarle "por un tercero ofreciendo el hecho de este. Dar y recibir en pago,

"bienes de cualquier naturaleza. Formar sociedades estipulando "sus bases y obligaciones. Reconver, confesar y estinguir obliga- "ciones ya existentes al tiempo de este mandato. Renunciar á "prescripciones adquiridas. Comparecer en juicios, prorogar juris- "dicciones, deduzir, intentar y oponer todas las acciones derechos y "recursos que le competa; producir toda clase de pruebas, presen- "tar y absolver posiciones, prestar juramentos, renunciar el dere- "cho de apelar, transijir bajo los condiciones que creyere conve- "niente, cualquier pleito ó diferencia. que se subsistare ó some- "terse á la desicion de jueces arbitros, arbitradores amigables "componedores y terceros en los casos de discordia bajo la cor- "respondiente escritura de compromiso y pena convencional que "pactare. Conferir poderes generales y especiales y sustituir el pre- "sente total ó parcialmente, revocar y nombrar sustituto. Lida que "le fué la confirmó y la firmó siendo testigos Don Juan Cruz y Don "Federico Fernandez—Pedro A. Gartland—Testigo—Juan Cruz O "Campo - Testigo—Federico Fernandez—ante mi - Cipriano Sires "—Hay un sello - Concuerda con la matriz numero ciento uno ar- "chivada en el registo trece á mi cargo. A requerimiento del otor- "gante autorizo la presente en Buenos Aires á siete de abril de mil "ochocientos noventa y cuatro. Cipriano Sires.—Hay una estam- "pilla inutilisada por un sello„. De lo transcripto doy fé asi como de que por otra parte comparece el Excelentisimo Senor Encargado de los Negocios de Su Magestad el Rey de Portugal, el Vizconde de Faria, de estado casado, domiciliado en la calle de Moreno número mil trescientos setenta, en esta Capital; siendo ambos comparecientes mayores de edad, de mi conocimiento y capacidad legal de que doy fé asi como de que ámbos senores comparecientes esponen á una sola voz, que han venido en celebrar el contrato en el cual vienen á ratificarse y darle validez legal por medio del presente publico instrumento y cuyas claúsulas son las siguientes: —Primero—Don Pedro Gartland en el carácter que inviste de apoderado general de su senor padre Don Pedro A. Gartland, propietario del vapor argentino Pedro III actualmente en la rada exterior; fleta al senor Vizconde de Faria el citado vapor con el objeto de conducir hasta la isla de Ascension sobre la costa occidental del Africa, los asilados brasilenos que se encuentran actualmente á bordo de los buques de guerra portuguezes denominados "Mindello„ y "Affonso Alburqueque„, hasta el número seiscientos mas ó menos de los cuales ochenta mas ó menos seran de primera clase. Segundo el Senor Gartland se obliga por medio del presente instrumento público á proveer á los pasageros de primera clase, acomodacion, servicios y manutencion esmerada, como es de costumbre en los vapores de pasageros que salen de este puerto

dando racion de primera clase hasta el número de doscientas personas.—Tercero. Los pasageros de tercera clase tendran buena acomodacion y sus raciones seran las siguientes; café y galleta á las siete ante meridiano. Pescado ó carne con um plato de sopa á las doce meridiano, igual racion á las seis pasado meridiano dandose carne y papas con eccepcion de aquellos que participaren de la comida de primera clase quienes seran indicados por el oficial portuguez que comanda el vapor y cujo número no pasará de ciento veinte de acuerdo con el articulo anterior. Estos pasageros comeran despues de la primera comida de los ochenta pasageros de primera clase. Cuarto. El vapor "Pedro III„ recibirase de los pasageros á las seis millas al este del farol de punta Indio en el plazo de tres dias hábiles salvo fuerza mayor quedando los buques desde esta fecha á la disposicion de la Escuadra Portugueza, al efecto, obligándose el excelentisimo senor Vizconde de Faria á ordenar el embarque de los pasageros inmediatamente de tener aviso de la gente, de que el vapor está listo y en el punto indicado en este articulo.—Quinto.—El vapor "Pedro III„ llevará la bandera Portuguesa y será armado como buque de guerra de aquella nacion bajo el mando de um oficial de la marina portuguesa quedando su actual capitan como oficial de navegacion. — Sesto. — Llegado el vapor á su destino los pasageros seran trasbordados inmediatamente á un buque de guerra portuguez, en el caso de no efectuarlo en el término de cuarenta y ocho horas, despues de la llegada, el senor Vizconde de Faria se obliga á pagar por su gobierno la suma de siete chelines diarios por cada pasagero de los que comen de primera clase y cuatro chelines diarios por cada uno de los de tercera clase, abonando ademas el alquiler diario del vapor á razon de cuarenta libras esterlinas.—Septimo – El senor Vizconde de Faria en el caracter que inviste de encargado de Negocios de su Magestad el Rey de Portugal, obliga á su Gobierno por los desperfectos que por el estado armado del buque puedan ocasionarse y por cualquier otra averia que no sea de mar. — Octavo. — En caso de que el senor Vizconde de Faria, ya sea por órden de su Gobierno ó por cualquier otra causa desistira de este contrato perderá la mitad del flete abonado. — Noveno.— El senor Vizconde de Faria pagará al senor Gartland la suma de ocho mil libras esterlinas como importe total del flete del vapor "Pedro III„ al firmar el presente contrato de fletamento; quedando el espresado vapor afectado á favor del senor Vizconde de Faria en garantia de la espresada suma, hasta que se finalice el viaje y se de cumplimiento á todos las clausulas estipuladas en este instrumento público. Ambos comparecientes en los respectivos carácteres que invisten manifiestan estar en un todo perfectamente de acuerdo con lo es-

tipulado en este contrato y se obligan mútuamente á cumplirlo fielmente en todos y cada una de sus partes. De acuerdo con lo manifestado en la clausula novena el senor vizconde de Faria hace entrega en este acto y en mi presencia al senor Pedro Gartland, de la suma de ocho mil libras esterlinas importe total del flete del vapor "Pedro III„, cuya suma recibe el senor Gartland, otorgando por medio de este mismo instrumento, el mas bastante recibo y carta de pago en forma tal cual lo manda el derecho. El senor Pedro Gartland haciendo uso de sus facultades, y dando cumplimiento á la misma citada clausula novena constituye gravámen sobre el citado vapor "Pedro III„ en favor del senor Vizconde de Faria hasta la finalisacion del viaje y perfecto cumplimiento de todas las clausulas de este contrato; poniendose al efecto las notas de inhibicion respectivas y dandose cuenta en este mismo instante á la Prefectura Maritima delgravámen que pesa sobre dicho vapor. En su testimonio y previa lectura en que se ratificaron los comparecientes asi la otorgan y firman junto con los testigos presentes D. Luis Bedouret y Don Jacinto Velasques vecinos hábiles y mayores de edad, de mi conocimiento y capacidad legal, de que doy fé. Esta escritura sigue inmediatamente á la numero treinta. Pedro Gartland — Visconde de Faria — Testigo — Luis Bedouret — Testigo — Jacinto Velazques—Ante mi—Pedro S. Larrosa Escribano Nacional de Marina. Hay una estampilla inutilizada por un sello.

Cópia simple

Documento B n

Novas instrucções do commandante da «Mindello» ao commandante da «Affonso»

Rio da Prata, 16 de Abril de 1894.

Do commando da corveta "Mindello„ ao commando da corveta "Affonso de Albuquerque„.

São confirmadas as instrucções contidas nas notas d'este commando n.º 79 de 13 do corrente, com excepção da ultima parte, que fica alterada pela fórma que ao diante vae designada:

1.ª Logo que o transporte "Pedro Terceiro„ tenha recebido todos os seus passageiros de bordo das duas corvetas, bem como as respectivas bagagens, o que cada um dos dois navios de guerra indicará içando o signal FCDS, largarão, a corveta "Affonso de Albuquerque„ e o transporte "Pedro Terceiro„ em direcção á bahia de Montevideu, onde surgirão no ancoradouro exterior e no logar onde se espera a visita de saude.

2.ª A corveta "Affonso de Albuquerque„ receberá em Montevideu o carvão, mantimentos e sobresalentes de que carecer, nunca perdendo de vista o transporte, e passará conhecimentos de todos os generos recebidos dos quaes um exemplar enviará ao consul de Portugal para que elle satisfaça a sua importancia aos respectivos fornecedores.

3.ª Depois de ter a corveta recebido todos os artigos de que carecer, largará com o transporte "Pedro Terceiro„ para o mar, em direcção á ilha ingleza Ascenção, onde é final destino do referido transporte.

4.ª O transporte tem ordem de regular a sua marcha pela da corveta, pelo menos durante cinco dias, depois do que cada um dos dois navios navegará á vontade com o destino determinado.

5.ª O sr. commandante da corveta "Affonso de Albuquerque„ empregará todos os esforços para alcançar a referida ilha, onde provavelmente só chegará depois do transporte, informar-se-ha alli das circumstancias que se tiverem dado durante a viagem, receberá as praças que destaca para o transporte, caso este e o transporte "Angola„ ainda alli se achem, e, depois de ser abastecido de carvão, etc., largará para a Ilha de S. Thomé, onde communicará pelo telegrapho com o almirantado, aguardando ulteriores ordens.

6.ª O sr. commandante da corveta comboiante combinará com o 1.º tenente Oliver, capitão de bandeira do transporte "Pedro III„ quaesquer signaes convencionaes que entenda ter necessidade de empregar durante a viagem, já alterando secretamente a nomenclatura das bandeiras do codigo internacional, já por outra fórma que mais pratica e efficaz lhe pareça.

7.ª Attenta a difficuldade de communicações n'este actual pessimo ancoradouro, e á consequente impossibilidade de reunir uma junta de saude para inspeccionar as praças que careçam de ser repatriadas , fica o sr. commandante da corveta "Affonso de Albuquerque„ auctorisado a fazer seguir no transporte "Pedro Terceiro„ as praças que o medico d'aquelle navio indicar como carecendo de ser presentes á junta de saude naval em Lisboa.

8.ª Nos casos omissos ou extraordinarios guiar-se-ha o sr. commandante pelo seu reconhecido bom senso, patriotismo, discreção e longa pratica de serviço publico, empregando todas essas distinctas qualidades no sentido de encaminhar esta muito difficil, espinhosa e ardua missão, para o bom desempenho que todos desejamos.

O commandante,

Augusto de Castilho

Capitão de Fragata.

Documento B c

Primeiras instrucções do commandante da «Mindello» ao capitão de bandeira do transporte «Pedro III»

Rio da Prata, 16 de Abril de 1894.
Do commando da corveta "Mindello„.

Ao 1.º tenente Francisco Annibal Oliver, nomeado capitão de bandeira do transporte fretado portuguez "Pedro Terceiro„.

1.ª Por esta fórma fica V. S.ª nomeado capitão de bandeira do transporte "Pedro Terceiro„, fretado expressamente pelo governo para um fim especial.

2.ª De bordo das duas corvetas serão enviadas para esse transporte vinte praças de marinhagem ao todo, devidamente armadas e municiadas, bem como uma metralhadora completa com o respectivo reparo de flexa, armas e mais material. De todo o material recebido passará V. S.ª conhecimento aos encarregados das corvetas.

3.ª Apenas V. S.ª entrar a bordo do transporte, arvorará n'elle a bandeira e a flamula naçionaes, considerando o referido navio como um navio do Estado para todos os effeitos, e considerando-se para os effeitos da representação official exterior como seu commandante. A navegação será comtudo dirigida pelo capitão do navio, sempre sob indicações superiores e vigilancia cuidadosa sua.

4.ª O transporte "Pedro Terceiro„ receberá a seu bordo os asylados brazileiros das duas corvetas e respectivas bagagens; e, logo que a corveta "Affonso d'Albuquerque„ tenha recebido auctorisação de partida, largará em conserva d'ella para a bahia de Montevideu onde aquelle navio de guerra vae abastecer-se de carvão, mantimentos, sobresalentes, etc.

5.ª O transporte receberá tambem a seu bordo as praças doentes de ambas as corvetas que tiverem de ser transportadas para o reino, bem como espolios de officiaes e praças fallecidas, e quaesquer outros objectos que pelos respectivos commandantes lhe forem enviados.

6.ª Em Montevideu tomará todas as necessarias precauções para evitar que ao transporte atraque qualquer embarcação, com excepção das da corveta comboiante, em ordem a tornar impossivel a evasão de qualquer emigrado.

7.ª Depois de largar de Montevideu em conserva com a cor-

veta "Affonso d'Albuquerque„ navegará para a ilha ingleza Ascensão, regulando a sua marcha, pelo menos durante os primeiros cinco dias, de forma a poder ser acompanhado pela corveta e seguindo d'ahi em diante á vontade.

8.ª Em Ascensão deverá encontrar já o transporte de guerra portuguez "Angola„, a cujo commandante se apresentará e de quem receberá ulteriores ordens. Fica porém desde já na intelligencia que lhe é expressamente prohibido desembarcar n'aquella ilha britannica qualquer dos passageiros emigrados politicos.

9.ª Durante a viagem, ou emquanto navegar em conserva com a corveta "Affonso d'Albuquerque„ usará nas suas communicações com aquelle navio dos signaes convencionaes que pelo seu commandante lhe forem indicados, de modo a conservar sempre secretas aos passageiros essas communicações.

10.º Em uma grande agglomeração de perto de 400 passageiros, em geral estrangeiros, e todos pouco mais ou menos descontentes e contrariados, de proveniencias e categorias sociaes diversissimas, difficil será sempre manter uma perfeita harmonia, mórmente tendo o transporte a sua tripulação propria, além da guarnição da armada sob as ordens directas e unicas de V. S.ª E' por esse motivo que muito necessario se torna que V. S.ª use de uma activa e muito effectiva vigilancia sobre todos os negocios internos de disciplina, ordem, aceio, refeições, alojamentos, etc,, procurando sempre obter do capitão do navio as necessarias providencias para que tudo marche de forma conveniente e sem excitar queixumes a pessoa alguma. N'essa ordem de idéas, bom é que V. S.ª mantenha por meio de convivencia cortez e de boa camaradagem, relações com os mais graduados officiaes da armada brazileira que vão a bordo do transporte, de cuja influencia bem dirigida, principalmente dependerá o desideratum de nós todos. Espero que, n'este ponto especialissimo, V. S.ª empregará todo o seu tacto e sagacidade, procurando conseguir que a viagem chegue ao fim sem qualquer incidente desagradavel.

11.º Nos casos imprevistos guiar-se-ha V. S.ª pelo seu bom senso, dando ulteriormente conta circumstanciada da viagem em um relatorio que dirigirá ao conselho do almirantado e de que dará conhecimento ao commandante do transporte "Angola„.

O commandante, *Augusto de Castilho*

Capitão de fragata.

Documento B p

Novas instrucções do commandante da «Mindello» ao commandante do transporte «Pedro III»

Montevideu, 20 de Abril de 1894.

Do commando da corveta "Mindello„ ao commando do transporte "Pedro III„

Recebi hoje a copia do contracto celebrado entre o Encarregado de Negocios de Portugal em Buenos-Ayres, e os proprietarios do vapor "Pedro III„ para seu afretamento. Junta encontrará V. S.ª a copia das principaes clausulas de que esse commando deve tomar conhecimento, algumas das quaes vão ser por mim mencionadas aqui especialmente.

1.ª O numero total dos passageiros, portuguezes e brazileiros fica bastante áquem do total que o transporte tem obrigação de conduzir. Os de 1.ª classe porém, são mais do que 80, mas ficam decerto dentro do numero de 200, os quaes teem direito a alimentação de 1.ª classe. Este assumpto deve por V. S.ª ficar regulado desde o primeiro dia d'accordo com.o secretario do almirante Saldanha da Gama, o qual, melhor do que V. S.ª pode conhecer a cathegoria social dos diversos individuos—como está preceituado no art. 3.º do contracto.

2.º O transporte não está prompto a emprehender viagem, conforme esse commando me communicou em nota datada de hoje; e portanto não pode começar a ser contado o praso dos tres dias uteis de que falla o art. 4.º. Affirmou-me hoje o consul portuguez que hoje mesmo iam ser-lhe mandados carvão e mantimentos, ficando V. S.ª de me prevenir, logo que tenha recebido esses aprovisionamentos, para que n'esse momento comece o dito praso e se faça a baldeação de passageiros e bagagens, salvo caso de força maior.

3.ª Em consequencia do que dispõe o art. 5.º do contracto é V. S.ª realmente o commandante do navio, ficando o antigo capitão inteiramente sob suas ordens como official de navegação.

4.ª Chamo muito especialmente a sua attenção para o art. 6.º afim de que na ilha Ascenção haja a maxima diligencia na baldeação dos passageiros, para evitar ao governo o augmento de despesas.

5.ª Deve tambem V. S.ª ter muito cuidado em evitar quaesquer estragos no navio, ou avarias que não sejam de mar, afim

de poupar a responsabilidade que pelo art. 7.º cabe ao governo. Quando por accaso algum acontecimento d'esse genero occorra, deverá V. S.ª chamar o capitão do navio para verificar quanto possivel as circumstancias do caso, lavrando auto em que elle assigne e em que fique bem liquidada a responsabilidade do estrago, quando ella não seja manifestamente da cathegoria das que teem de ser pagas pelo governo. N'este ponto e em todos os outros, a boa harmonia entre V. S.ª e o capitão do navio, é absolutamente indispensavel e impõe-se como um cauteloso dever de boa politica.

6.ª Deve V. S.ª redigir um diario particular seu, no qual mencione, não só as circumstancias da navegação, da derrota e do tempo, mas tambem todas as occorrencias dignas de nota, a maneira como dispuzer e distribuir os alojamentos do navio, a disposição das diversas mezas de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, etc., etc.

7.ª Ao relatorio que vae mencionado no art. 11.º das instrucções de 16 de abril deverá ir appensa uma copia das instrucções de 16 d'Abril e d'esta data, para que o Conselho do Almirantado possa bem apreciar se V. S.ª cumpriu ou não o que lhe foi determinado.

8.ª Ficam por esta forma revogadas as pequenas inexactidões que se conteem nas primitivas instrucções, motivadas principalmente pela demora na vinda do transporte.

O commandante, *Augusto de Castilho*
Capitão de fragata

Documento B q

Officio do commandante do «Pedro III» ao commandante superior sobre o estado do seu navio

Dia 20 de Abril de 1894.

Ao commando da corveta "Mindello„. Do capitão de bandeira do vapor "Pedro III„.

Tenho a honra de participar a V. Ex.ª que o navio não tem a bordo senão sessenta e oito toneladas de carvão, e poucos ou nenhuns mantimentos, visto que a guarnição revoltada no porto de Buenos-Ayres quando abandonou o navio levou tudo quanto poude. Todo o pessoal do vapor é completamente novo, tendo vindo tomar conta do navio na vespera da sua partida para Montevideu, e desde o capitão até ao moço nenhum tem contracto.— O 1.º machinista

não conhece a machina e não tem confiança n'ella por ter encontrado alguns encanamentos rotos, e no pouco tempo que tem observado o seu funccionamento não sabe qual o estado d'ella, desconfiando que da parte da guarnição que se revoltou tivessem feitc algumas avarias em algumas peças principaes.— Não estando o navio preparado para receber os officiaes asylados, aguardo as ordens de V. Ex.ª.

Francisco Annibal Oliver.

1.º tenente

Documento B r

Officio do commandante do «Pedro III» ao commandante superior, dando mais pormenores sobre o estado do navio

Dia 21 de Abril de 1894.

Ao commando da corveta "Mindello„. Do commando do vapor "Pedro III„.

Tenho a communicar a V. Ex.ª que tendo passado uma revista ás embarcações do navio, as encontrei todas n'um estado lastimoso, existindo apenas quatro, tres baleeiras e um bote pequeno, que é o melhor. Ora a fim de prevenir qualquer fatalidade que possa sobrevir no decurso da viagem, era indispensavel que fossem fornecidas ao navio pelo menos duas embarcações de confiança. Tenho mais a dizer a V. Ex.ª que, devendo seguir viagem em curto praso, e não sabendo se os medicamentos existentes a bordo são os sufficientes para a commissão que me foi destinada, peço a V. Ex.ª a comparencia aqui de um medico para no caso de não bastarem os existentes se requisitarem. Direi mais a V. Ex.ª que, em virtude das visitas que passei ao navio, conclui que o seu estado hygienico deixava bastante a desejar, attento o seu pesimo estado de aceio. Finalmente, communicarei a V. Ex.ª que a bordo existe um unico chronometro e não ha cartas de navegação nem almanack nautico.

Francisco Annibal Oliver.

1.º tenente

Documento B 8

Informação do commandante da «Mindello» ao Visconde de Faria sobre o estado do «Pedro III»

Urgentissimo.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Rogo a V. Ex.a se digne de communicar com a maxima urgencia ao ex.mo encarregado dos negocios de Portugal nas republicas do Rio da Prata, Visconde de Faria, que em 19 do corrente ancorou junto d'esta corveta o vapor "Pedro III„ trazendo arvorada a bandeira portugueza.

Hontem de manhã mandei que um 1.º tenente da armada assumisse o commando do navio, communicando-me aquelle official pouco depois, que o "Pedro III„ só tinha a bordo 68 toneladas de carvão, e poucos ou nenhuns mantimentos. Dizia mais aquelle official, qne o 1.º machinista não conhece a machina e não tem confiança n'ella, por ter encontrado alguns encanamentos rotos, desconfiando-se mesmo que parte da guarnição que em Buenos-Ayres se revoltou tivesse causado avarias em certas peças principaes.

Hoje diz mais o commandante do "Pedro III„, depois de uma mais minuciosa inspecção ao navio, que ha a bordo apenas quatro embarcações, em lastimoso estado, carecendo pelo menos de mais duas de confiança. Accrescenta que as condições hygienicas deixam muito a desejar, pelo pessimo estado de aceio em que se encontra o navio, e que ha a bordo apenas um chronometro, faltando o almanack nautico e cartas de navegação!

Estes factos não carecem de commentarios, mas provam que o dono do vapor afretado está longe de ter cumprido as suas mais elementares obrigações.

Deus guarde a V. Ex.a

Bordo da corveta "Mindello„ surta no ancoradouro exterior da bahia de Montevideu, 21 de Abril de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr. commendador Antonio de Portugal de Faria, consul de Portugal.

O commandante, *Augusto de Castilho*
Capitão de fragata

Documento B t

Novas instrucções telegraphicas do governo portuguez ácerca dos asylados que tentaram evadir-se

Montevideu, 19 de Abril, 1894.

Illmo e Ex.mo Sr.

O Encarregado de Negocios de Portugal acaba n'este momento de recommendar-me pelo telephone desde Buenos-Ayres de transmittir com a maior urgencia a V. Ex.ª o seguinte telegramma:

"Encarregado Negocios Portugal Buenos-Ayres.

Transmita já ao Commandante Castilho seguinte ordem:

Recolha a bordo corveta "Mindello„ os refugiados que procuraram evadir-se da corveta "Affonso de Albuquerque„ e foram aprehendidos no "Pepito Donato„ e guarde-os até nova ordem sob sua responsabilidade. Todos os outros refugiados sigam para Ilha no vapor "Pedro III„ conforme as instrucções já dadas. — Ministro da Marinha.„

Deus guarde a V. Ex.ª. — Illmo e Ex.mo Sr. Augusto de Castilho, commandante da corveta "Mindello„.

Antonio de Portugal de Faria

Consul

Documento B u

Nota do almirante Saldanha ao commandante da «Mindello» protestando contra suppostas violencias praticadas na «Affonso»

Bordo da corveta "Mindello„, em Montevideu, 21 de Abril de 1894.

Ex mo Sr. capitão de fragata Conselheiro Augusto de Castilho, commandante da corveta "Mindello„ e superior da força naval portugueza na costa oriental da America do Sul.

Desde que a corveta "Affonso d'Albuquerque„ veio reunir-se á

"Mindello„ no ancoradouro da Punta del Indio, ao meu conhecimento chegou, ainda que vagamente, que alguma cousa de grave se havia passado a seu bordo, quando ancorada no porto de Quilmes, entre o respectivo pessoal tripulante e os meus companheiros d'exilio ali reunidos. Naturalmente inquieto, fiz com que no primeiro ensejo de communicação entre os dois navios, o meu secretario sr. capitão de fragata Benjamin de Mello escrevesse ao official mais graduado entre os recolhidos a bordo da "Affonso d'Albuquerque„, capitão tenente Joaquim Franco, pedindo informações ácerca do occorrido. Devido á difficuldade de nossas communicações sómente hoje recebi a resposta, e devo dizer que, longe de acalmar os meus receios, ao contrario veiu trazer-me a crua certeza dos vexames impostos aos meus companheiros. E' certo que alguns d'entre elles procuraram retirar-se de bordo (9 de Abril) aproveitando a circumstancia de se acharem atracadas ao costado do navio duas embarcações argentinas, porém não é menos certo tambem, que o fizeram sem violencia, e antes com leal aviso previo á segunda auctoridade de bordo. Se foi isso uma falta, tambem foi por outro lado um recurso extremo de que lançaram mão para se libertarem de um asylo que já se transformou em prisão de guerra. Facto identico, em maior escala se passára um dia antes (8 de Abril) a bordo d'esta corveta, e no emtanto nem V. Ex.ª, nem seu digno immediato, auctorisaram actos violentos como meio de repressão. Na "Affonso d'Albuquerque„ o proprio official immediato, acompanhado de praças armadas, foi arrancar á força do palhabote argentino "Pepito Donato„ já então afastado do costado da corveta, os asylados que n'elle haviam embarcado; e emquanto isto se passava fóra do navio, como a bordo os outros asylados que tinham permanecido quêdos levantassem protestos contra os meios violentos empregados contra seus companheiros, o official de quarto mandou que as praças arremetessem contra elles á mão armada.

Que não houve sequer tentativa de resistencia prova o mesmo resultado do conflicto, sobretudo attendendo-se ao crescido numero dos asylados. Não houve pessoa a bordo physicamente offendida, ao passo que varios dos asylados ficaram contusos ou feridos. Essas mesmas medidas repressivas postas em pratica a bordo da "Affonso d'Albuquerque„, sobre contrastarem com a hospitaleira complacencia de V. Ex.ª e do digno official immediato da "Mindello„, revestem-se de um tom premeditado aggressivo e insolito, que não era licito esperar certamente das cavalheirosas tradicções da nobilissima armada portugueza. O commandante, o immediato, os officiaes e demais tripulantes da "Affonso d'Albuquerque„ não podiam, e não podem mostrar-se esquecidos de que seus asylados eram, e são na mór parte officiaes de patente de uma marinha de

guerra regular, condição que até agora ainda não perderam no seu proprio paiz, apezar de classificados ali como revoltosos.

V. Ex.ª que já deve ter tido communicação d'essa grave occorrencia por conducto official, não ha de por certo extranhar que eu venha cumprir o ingrato, mas ineluctavel dever de protestar perante V. Ex.ª, contra tão insolito vexame, infligido áquelles meus companheiros de infortunio. Para justificar o que deixo dito apresento a V. Ex.ª por copia a parte que me foi dada pelo official acima referido. Não acredito dever voltar ás condições novissimas e excepcionalmente vexatorias do nosso asylo. V. Ex.ª é testemunha de visu dos nossos padecimentos, n'uma situação, que já perdura ha mais de mez, e que ameaça prolongar-se com a triste perspectiva de uma longa viagem por mar. Seja-me licito accrescentar apenas que se o governo de S. M. Fidelissima tem taes compromissos internacionaes tomados a nosso respeito com o governo reconhecido do Brazil a ponto de solicitar publicamente pelo orgão do seu representante diplomatico o auxilio do governo argentino para poder cumpril-os, tambem as tem explicitas e implicitas para comnosco em face do mundo civilisado e para honra da mesma reputação cavalheirosa da nobre nação portugueza.

Prevaleço-me do ensejo para reiterar a V. Ex.ª a segurança de minha mais distincta estima e pessoal gratidão.

Luiz Philippe de Saldanha da Gama.

Documento B v

Narração das occorrencias na «Affonso» feita por um asylado ao seu chefe

Ao Ex.mo Sr. Almirante Luiz Philippe de Saldanha da Gama.

Cumpro o dever de levar ao conhecimento de V. Ex.ª em parte official os graves successos occorridos com os nossos camaradas no dia 9 do corrente.

Ás dez horas da manhã d'esse dia, tendo findado a descarga de carvão que fazia para a corveta portugueza "Affonso de Albuquerque", onde nos achamos, a golêta argentina "Pepito Donato" para ella se atiraram muitos dos nossos camaradas, que. por esta fórma, procuravam abrigo em territorio argentino, afim de salvarem-se de uma vez para sempre das contrariedades que aqui soffremos. Logo que os nossos infelizes camaradas pisaram a golêta argentina, de dentro do porão d'esta surgiram marinheiros portu-

guezes antecipadamente ali occultos armados de refles, facas e cacetes e aggrediram nossos camaradas, emquanto outros marinheiros igualmente armados como os primeiros, invadiram a referida embarcação argentina, espancando aquelles. Em seguida á primeira aggressão o immediato d'este navio, capitão tenente Henrique de Brion, depois de haver retirado á força alguns dos nossos camaradas que se achavam suspensos da enxarcia da golêta argentina, saltou para o convez d'esta e em pessoa mandou cortar as espias e impellindo para o largo a goleta emquanto de cima do passadiço o official de quarto, 2.º tenente Bernardo de Mello e Castro Moreira dava a seus marinheiros a seguinte voz: "mettam o terçado n'esta canalha, sendo ouvidas estas palavras pelos officiaes seguintes: 1.º tenente Lessa Bastos, guardas-marinhas Peixoto, Lemos Bastos, 2.º tenente Delamare, 1.º tenente Carvalho e o aspirante Heitor Marques, e ainda mais pelo immediato de bordo que se achava presente na occasião.

Emquanto isto se passava em um navio argentino e em aguas argentinas, dentro da corveta portugueza novas scenas eram praticadas nas pessoas dos nossos camaradas que ali ficaram, contra os quaes se mandou uma carga de bayoneta que foi feita, repellindo-se assim aquelles dos compatriotas que procuravam correr ás bordas e portinholas do navio lusitano para protestar contra tão inopinada quão surprehendente aggressão, de que estavam sendo victimas aquelles que procuravam abrigo, amparo e liberdade em territorio e aguas argentinas. (Eu mesmo, sr. Almirante, apesar dos meus cabellos brancos, tambem fui victima de uma coronhada). O conflicto n'esse momento tomava proporções tão assustadoras, que, se não fôra a immediata intervenção do commandante d'este navio, teriamos hoje de lastimar a perda de alguns dos nossos camaradas, pois os marinheiros portuguezes usavam do espancamento mais horroroso que se póde imaginar!

Feita ao largo a embarcação argentina, o sr. immediato Henrique de Brion intimou os camaradas que n'ella se achavam a desembarcar em escaleres e passarem-se todos novamente para bordo da corveta portugueza. A essa intimação responderam os camaradas, alguns dos quaes já feridos, que só deixariam a golêta argentina em que se achavam, a viva força, á força de armas, e n'esse caso protestariam perante as auctoridades argentinas contra a violencia de que tinham sido victimas e praticada por estrangeiros em seu territorio. Á vista da tenaz resolução dos nossos camaradas, o sr. immediato de Brion, mandou buscar um novo contingente de praças, que de bayonetas-caladas, inteiramente armados e embalados, sairam da corveta para a golêta argentina, onde auxiliaram a arrancar os nossos camaradas, que com risco

de vida, tinham chegado a alcançar o abrigo de um pavilhão generoso; logo que chegaram a bordo da corveta portugueza, escoltados pelos referidos marinheiros, os nossos camaradas, eu, em nome dos nossos compatriotas feridos, pedi instantemente que se fizesse o competente corpo de delicto. Accedendo em parte ao nosso justo desejo o medico d'este navio examinou e descreveu os ferimentos dos nossos companheiros infelizes.

Os nossos camaradas aggredidos pelos portuguezes a bordo da golêta argentina estavam todos, á excepção do tenente Paula Barros, que levava uma velha navalha de marinheiro para cortar as boças que prendiam a golêta argentina á corveta portugueza, completamente desarmados. Um cidadão argentino, tripulante da golêta "Pepito Donato", revoltado com a aggressão brutal de que eram victimas os brazileiros que se encontravam a seu lado em agua da sua patria, chamou a attenção do nosso valente camarada João Vianna para uma pequena faca de cosinha que se achava a um canto da golêta e com a qual se armou fazendo recuar oito alentados marinheiros portuguezes, que até então o esbordoaram desapiedadamente. Em meio d'esta scena terrivel um triste episodio se destacou de todos os outros: estando o nosso digno camarada o 1.º tenente Gentil de Paiva Meira a luctar com a correntada impetuosa para alcançar a golêta argentina, todas as vezes que chegava a alcançar o leme da referida embarcação era espancado na cabeça por um marinheiro portuguez armado de um pau! Felizmente foi ainda a tempo repellido esse perverso marinheiro e o bravo official logrou subir á golêta argentina, auxiliado por seus camaradas que faziam de seus corpos trincheiras para salvar um companheiro da morte certa que o esperava. O nosso camarada dr. J. Botelho foi egualmente retirado das aguas, já a grande distancia do navio portuguez.

Eis, Senhor Almirante, a descripção succinta dos factos passados com os nossos camaradas asylados a bordo da corveta portugueza "Affonso d'Albuquerque"!!! por ella verá V. Ex.ª quão caro nos tem custado este asylo transformado em dura e ingrata prisão.

Utiliso-me do ensejo para apresentar a V. Ex.ª em meu nome e em nome de todos os camaradas, respeitos e saudações muito affectuosas.

Bordo da corveta Affonso d'Albuquerque, ancorada em frente a Punta d'el Indio, na embocadura do Prata, 14 de abril de 1894.

Confere.

(Assignado) *Joaquim Franco.*
Capitão-tenente *Benjamim de Mello.*
Capitão de Fragata, secretario

Documento B w

Auto de corpo de delicto feito aos feridos na «Affonso»

Ministerio da Marinha e Ultramar.—Corveta "Affonso de Albuquerque„. — Bordo da corveta "Affonso de Albuquerque„ em viagem no rio La Plata, 9 de Abril de 1894. Ao Commando da corveta "Affonso de Albuquerque„. — Do medico embarcado a bordo da mesma.

Aos nove dias do mez de Abril de 1894 na Camara dos officiaes, pela uma e meia hora da tarde, dei começo ao exame directo nos individuos abaixo mencionados, em presença dos medicos brazileiros, e constatei o seguinte: Adolpho Victor Paulino, 1.º tenente brazileiro, tem uma ferida contusa na região fronto-parietal esquerda, em direcção transversal e de cinco centimetros de comprimento, assente n'uma bossa enchymosada de diametro de sete centimetros.—Julgo ser devido a instrumento contundente. Não sobrevindo complicação, não é grave.—Annibal Paula Barros, 2.º tenente commissario brazileiro, apresenta na região supraciliar e frontal direitas, duas excoriações obliquas de cima para baixo e dentro para fóra; na região molar direita duas excoriações com séde em tumefacção enchymotica; no cotovello direito leve excoriação; no terço médio da face posterior do ante-braço direito, uma tumefacção com leve excoriação; no ante-braço esquerdo e terço inferior da face posterior, excoriações; na mão esquerda uma ferida incisa obliqua das partes molles, tem séde na extremidade do dedo médio; ferida incisa de egual direcção no dedo minimo. Accusa dôr no ante-braço direito.—A natureza das lesões indica serem produzidas, umas com instrumento contundente, as duas ultimas com instrumento cortante. — Não offerecem gravidade. — João Vianna, empregado de commercio, tem uma grande contusão comprehendendo toda a região da omoplata esquerda, até á axilla esquerda; na região thoracica esquerda, uma enchymose infra-clavicular de sete centimetros de extensão; longa excoriação, com tumefacção abrangendo quasi todo o ante-braço esquerdo de cima a baixo na parte postero-interna. Parecem produzidas por instrumento contundente. - Não havendo complicação na evolução do processo, as offensas corporaes nada offerecem de grave. — Alberto Goulart de Medeiros, medico naval. — Bordo da corveta "Affonso de Albuquerque„ fundeada nas aguas neutraes do Rio La Plata, 10 de Abril de 1894.

Assignado — Está conforme

H. de Brion
Capitão-tenente

Documento B x

Novas queixas do commandante do «Pedro III» ao commandante superior sobre falhas de coisas essenciaes

Montevideu, 24 de Abril de 1894.

Ao commando da corveta "Mindello„. Do commando do vapor "Pedro III„.

Passo a communicar a V. Ex.ª que não sendo agradavel para V. Ex.ª ter o desgosto de novamente se repetir uma revolta a bordo, peço a V. Ex.ª com a maxima insistencia, por o achar urgentissimo, o desembarque dos homens que hontem n'uma carta que escrevi ao Ex.mo Sr. Consul minuciosamente indicava, especialmente um d'elles de nome Lucrecio Motta.

Este homem já hontem se insubordinou; e como é irmão do fornecedor tem d'elle instrucções especiaes, e como tal não me inspira a menor confiança, bem como ao capitão do navio.

O outro é um italiano. Tenho mais a dizer a V. Ex.ª que não obstante estar requisitada uma barca de patente, estou intimamente convencido que me não será fornecida pelo armador, e não tendo a bordo meio para avaliar o andamento do navio é indispensavel me seja fornecida uma barca de mão prompta a servir, e duas ampulhetas, uma de 15' outra de 30'. O Sr. D. Pedro Gartland continua a affirmar que existem a bordo mantimentos bastantes, e para que as responsabilidades de futuro sejam bem definidas, mandei elaborar um inventario do que existia a bordo, e assim ficará bem claramente exposta a razão da minha insistencia na vinda dos mantimentos. Faltando-me ainda a receber alguns artigos e mantimentos que me vão ser fornecidos pelo Ex.mo Sr. Consul, apenas os tiver recebido prevenirei immediatamente V. Ex.ª aguardando as suas ordens. O carvão e aguada estão attestados, é o que por emquanto se me offerece dizer a V. Ex.ª

Francisco Annibal Oliver

1.º tenente

Documento B y

Telegramma do Visconde de Faria ao consul em Montevideu sobre varios pontos urgentes

Official.

Buenos-Ayres, 23 de abril de 1894.

E' necessario verificar com toda a minuciosidade se a bordo do "Pedro III„ ha algum armamento escondido de que possam prover-se os marinheiros do navio contra a força da armada portugueza. Parece conveniente que a bordo vá mais de um official superior; emquanto um só estiver dormindo podem fazer a bordo tudo que lhes parecer. Quando se faça a baldeação dos refugiados ao "Pedro III„ deve uma das corvetas ter os fogos accesos estando prompta para qualquer operação. Diga se as contas que mando ao commandante da "Affonso„ as devo pagar aqui ou se as pagam ahi depois que tenham vindo os fundos pedidos. Não se esqueça de transmittir a Castilho todas as indicações de hontem. A que horas podem partir hoje os navios? E' absolutamente indispensavel que saiam hoje a todo o custo. Diga Castilho que a falta de cumprimento d'esta indicação pode trazer-nos graves complicações. V. deve suprir todas as faltas no "Pedro III„, lavrando como hontem lhe disse termo no consulado com duas testemunhas. Não se encontram aqui os mappas que pede. Responda sobre a sahida dos navios hoje.

Faria.

Documento B z

Officio do commandante da «Mindello» ao consul em Montevideu, dizendo estar prompto o «Pedro III» e pedindo uma ordem positiva para a sahida

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Só hontem no fim da tarde largou de bordo do transporte "Pedro III„ a ultima embarcação de terra com provisões, e portanto só depois d'isso se poude considerar aquelle navio prompto a receber os asylados brazileiros.

Hoje é impossivel esse trabalho, pelo menos por emquanto, em consequencia do vento duro que está soprando e do grosso mar que elle tem levantado. Apenas porém as circumstancias do tempo o permittam, mandarei proceder ao trasbordo dos passageiros das duas corvetas, para que a "Affonso„ possa receber o carvão e mantimentos de que carece.

Antes de ordenar a sahida d'aquelles dois navios, careço porém de uma ordem positiva e cathegorica n'esse sentido, a qual espero V. Ex.ª se dignará de sollicitar com urgencia do ex.mo encarregado de negocios de Portugal, e me communicará logo. Tendo os periodicos repetidas vezes dito que ha negociações pendentes entre o nosso governo e o argentino das quaes depende a sahida de alguns dos nossos asylados, não devo, no meu entender, sujeitar os navios a qualquer enxovalho possivel, sem que pela pessoa que conduz essas negociações me seja dito que não ha razões para taes receios.

Deus guarde a V. Ex.ª.— Bordo da corveta "Mindello„ surta no ancoradouro exterior da bahia de Montevideu, 25 de abril de 1894. — Ill.mo e Ex.mo Sr. commendador Antonio de Portugal de Faria, consul de Portugal.

O commandante, *Augusto de Castilho*

Capitão de fragata

Documento C a

Nota do almirante Saldanha ao commandante da «Mindello» sobre a triste situação dos asylados

Bordo da corveta "Mindello„, surta no porto de Montevideu, em 25 de Abril de 1894.

Ex.mo Sr. capitão de Fragata Conselheiro Augusto de Castilho, commandante da corveta "Mindello„ e superior da divisão naval portugueza da costa Occidental da America.

A virtual terminação da lucta civil no Brazil e bem assim a maneira agasalhadora e franca pela qual acabam de ser acolhidos nas duas Republicas do Prata os numerosos combatentes de terra e mar do lado da revolução, vieram tornar mais afflictiva, mais desoladora ainda minha posição e a de meus companheiros de infortunio. Ao passo que os primeiros já conhecem a sua nova situação e desfructam de certa liberdade relativa em suas acções, nós conti-

nuamos ao contrario, no mesmo viver de ha quarenta e dois dias, padecendo as inclemencias do tempo, sem roupas, mal alimentados e coactos como verdadeiros prisioneiros de guerra; aquelles mesmos de nossos companheiros que procuraram n'uma evasão sem violencia de bordo da "Affonso d'Albuquerque„ a melhoria de sua sorte, foram retirados á força do convez da embarcação argentina em que já se achavam. Reclamados pelo governo da Republica Argentina, como justa reparação da offensa feita a sua bandeira, nas suas proprias aguas, esses companheiros ainda não lhe foram entregues.

E como se tudo isso não bastasse, hoje se nos offerece ainda a triste perspectiva de uma longa viagem para destino que V. Ex.ª deve sem duvida ignorar, visto como ainda não se dignou informar-me qual seja ao certo, tendo-se limitado a declarar-me verbalmente hontem pela primeira vez, suppôr não poder deixar de ser para Lisboa. Comprehende-se quanto nos importa saber quaes os compromissos de honra que o governo de Portugal diz ter contrahido com o do Brazil; quaesquer que sejam porém, e acima d'elles, deve estar o compromisso moral que contrahiu tacitamente para comnosco desde que nos aceitou como asylados, á sombra de sua bandeira. E é sem duvida menosprezar um tal compromisso o occultarnos como se tem feito até agora, as condições d'esse asylo, assim como guardar em reserva nosso destino que aliás todas as noticias que circulam na imprensa platina e do Rio de Janeiro indicam como devendo ser algum ponto das possessões portuguezas da costa Occidental da Africa.

Fico aguardando, pois, que antes de nossa partida das aguas do Prata a bordo do vapor argentino "Pedro III„ arvorado em transporte de guerra portuguez, V. Ex.ª se digne dar-me a conhecer officialmente, por escripto, qual o nosso exacto destino, assim como as condições reaes de nosso asylo e outrosim se o governo da Republica Argentina desistiu da entrega aqui dos asylados brazileiros que foram retirados á força de bordo do palhabote "Pepito Donato„ no ancoradouro da Ponta de Quilmes, entrega que, segundo a imprensa platense, ainda é objecto da reclamação entre aquelle governo e o representante diplomatico de Portugal. A resposta de V. Ex.ª será uma garantia para mim e para meus companheiros, ou então servirá para justificar qualquer resolução que acreditemos dever adoptar em face da situação tão singular quão vexatoria em que nos encontramos collocados.

Prevaleço-me da occasião para assegurar a V. Ex.ª os meus protestos de particular estima e elevada consideração.

Luiz Filippe de Saldanha da Gama„.

Documento C b

Novas instrucções de Lisboa ácerca dos asylados em litigio, transmittidas pelo consul Faria ao commandante da «Mindello»

Montevideu, 27 de Abril de 1894.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Em resposta ao officio de V. Ex.ª datado de 29 do corrente, tenho a honra de communicar-lhe que da Legação de Portugal em Buenos-Ayres acabo de receber a seguinte communicação telephonica:

«Diga confidencialmente ao ex.mo Commandante Castilho que recebi de Lisboa para lhe transmittir um telegramma de S. Ex.ª o sr. Ministro da Marinha que é como segue:

«Refugiados litigio ficam «Mindello», seguindo restantes «Pedro III» comboiados por corveta «Affonso de Albuquerque» até fóra risco regressando ahi essa corveta passando para ella os refugiados da «Mindello». Peço avise partida definitiva.

(a) *Ministro da Marinha.»*

Diga mais ao ex.mo Commandante Castilho que informe o governo de todos os acontecimentos de que S. Ex.ª me deu noticia bem como do boato que tem corrido, e que esta resolução do governo é posterior.

Que a meu vêr o risco a que se refere o sr. ministro da marinha existirá até que na Ilha da Ascensão sejam entregues os refugiados ao transporte de guerra portuguez,

Que essa resolução do governo é absolutamente confidencial, pois convem que se saiba que foi tomada espontaneamente e ha muito tempo, que os refugiados que fazem parte da reclamação são apenas só oito e portanto só oito e nada mais serão trasladados para bordo da corveta «Mindello», devendo todos os restantes seguir o seu destino».

Espero que V. Ex.ª se dignará accusar-me a recepção do presente officio.

Deus Guarde a V. Ex.ª — Ill.mo e Ex.mo sr. Conselheiro Augusto de Castilho, commandante da corveta «Mindello».

Antonio de Portugal de Faria — Consul.

Refugiados a que se refere este officio:

Augusto Vinhaes — Paula Barros — João Vianna — Antonio Francisco Valentim — Gentil Paiva Meira — José Ferreira Marques —Adolpho Victor Paulino—Placido Meyrelles.

Documento Cc

Providencias do commandante superior depois da fuga de bordo do «Pedro III»

Tendo fugido na noite passada, entre a 1 h. e as 3 h. de bordo do transporte «Pedro III», a grande maioria dos asylados brazileiros conduzidos do Rio de Janeiro nas corvetas «Mindello» e «Affonso d'Albuquerque», em circumstancias extraordinarias que exigem um exame immediato e rigorosissimo, determino o seguinte:

1.º E' immediatamente suspenso das suas funcções de commandante. e recolhe preso a bordo do navio a que pertencia, o 1.º tenente Francisco Annibal Oliver, sendo substituido por um dos 2.os tenentes do mesmo navio.

2.º Fica adiada até nova ordem a viagem que a corveta «Affonso d'Albuquerque» e o transporte «Pedro III» deviam emprehender esta manhã.

3.º Um auto de investigação ácerca das condições minuciosas em que se operou a referida evasão será immediatamente instaurado a bordo do transporte o qual será presidido pelo capitão tenente Henrique de Brion coadjuvado por um inferior e ouvindo as pessoas da guarnição do transporte que entender necessarias a uma completa e minuciosa averiguação, não sómente as da armada como tambem o pessoal mercante, examinando as condições do navio, as medidas policiaes e de vigilancia que haviam sido adoptadas em circumstancias tão graves, e exarando tudo por escripto para cabal e completa informação d'este commando.

Bordo da corveta «Mindello» surta no ancoradouro exterior da bahia de Montevideu, 27 de Abril de 1894.

O commandante, *Augusto de Castilho*

Capitão de fragata.

Documento C d

Telegramma do almirante Saldanha ao commandante da «Mindello» sobre a sua evasão

Isla Flores, 24 Abril 1894.

Commandante Castilho, corveta portugueza "Mindello„. Montevideo, Rada.

Movimiento de ante ayer irresistible tuvo que salir de abordo yo por no desamparar los alumnos navales sin recursos. Ruego el desembarco de los pocos alumnos que quedaron abordo y de todo nuestro equipaje. Si no puede V. E. ordenarlo ó si lo pasado no basta todavia para resolver el caso de nuestra traslacion á Portugal mi palabra queda empeñada al gobierno portugues y volveré á presentarme á V. E. luego que tenga llenado mis deberes de jefe y de companero aqui dispuesto á seguir para Lisboa de cualquier modo caso el Pedro 3.º tenga carpado antes. Debemos desembarcar en Montevideo á las dos de la tarde de hoy. En seguida me haré conducir á la rada esterior para recibir las ordenes de V. E. Lamento profundamente ser causa para V. E. de tantos disgustos y contrariedades. Saludo a V. E. atentamente y con la mas sincera gratitud.

Saldanha da Gama.

Documento C e

Telegramma apocripho, mandando deter na Ilha das Flôres a «Affonso» e a «Pedro III»

Isla Flores.

Pídole haga señal Pedro 3.º y Albuquerque se detenga y espere orden mia.

Faria

Consul de Portugal.

Documento C f

Telegramma da Ilha das Flores ao consul portuguez, em resposta ao precedente

Isla Fores, 28 Abril 1894.
Consul Portugal, Montevideo.

Dirijase coronel navio capitan del puerto que es donde corresponde.

José S. Olivencia.

Documento C g

Carta do almirante Saldanha ae commandante da «Mindello» acerca da fuga do «Pedro III»

Montevideo, Abril, 30, 1894.

Ex.mo prezadissimo camarada e amigo sr. conselheiro Augusto de Castilho.

Devo principiar repetindo as ultimas palavras do meu telegramma expedido do Lazareto da ilha das Flores: "Lamento profundamente ter sido causa das contrariedades e desgostos que V. Ex.a possa ter experimentado por motivo do nosso asylo, (meu e dos meus companheiros de infortunio) a bordo da "Mindello„ e da "Affonso d'Albuquerque„.

V. Ex.a não inspeccionou pessoalmente o vapor "Pedro III„. Se o houvesse feito teria sem duvida previsto, pelas condições internas do navio, qual não seria a impressão de todos nós ao entrarmos para elle após quarenta e quatro dias de soffrimento, e ainda deante da perspectiva de uma longa viagem. A scentelha contida produziu o incendio. O desejo de escapada lavrou rapidamente, de sorte que ao atracar a embarcação ajustada antes por alguns mais impacientes, o movimento de sahida tornou-se geral, irresistivel. Não encontro expressões para traduzir todas as scenas, que então se passaram a bordo. Na onda dos que se precipitavam para fóra do "Pedro III„, eu mesmo vi-me arrastado. Não pude resistir ao pensamento de deixar aqui ao desamparo aquelles de quem sou n'este momento o unico arrimo e protector. Refiro-me aos alumnos

da Escola Naval. Estava convencido de que todos haviam sahido de bordo. Ao verificar o contrario, apressei-me em expedir a V. Ex.ª o telegramma acima referido. Offerecia-me em refem por elles, empenhando a minha palavra, comtanto que desembarcassem tambem. Infelizmente, o sr. consul de Portugal, a quem foi entregue o meu telegramma logo cedo, guardou-o no bolso até á tarde de 28, e sómente o passou ás mãos de V. Ex.ª, quando era já tarde para qualquer resolução.

No meio de tanta afflicção telegraphei no dia immediato para Lisboa ao presidente do Conselho de Ministros dando minha palavra por empenhada, e declarando que para lá seguiria, logo que houvesse garantido a situação dos que aqui se acham e constituem o maior numero. Penso partir por meiados de Maio entrante. Se não lograr resgatar os meus companheiros e sobretudo os meus rapazes, que ora lá vão mar em fóra no "Pedro III", ao menos partilharei da sorte d'elles.

Ah! meu distincto camarada e nobre amigo, porque não lhe coube a direcção e responsabilidade do assumpto até ao fim! Quanto desgosto não se teria prevenido de parte a parte!

Classifique-se embora como peior se queira o nosso proceder, as resoluções adoptadas a nosso respeito tambem foram além do limite do supportavel e do justo.

Mas basta de importunal-o com semelhante assumpto. Li a reproducção da sua entrevista com o *reporter* do "El Siglo". Não direi mais palavra em contestação.

Vae inclusa a copia do meu telegramma ao presidente do Conselho de Ministros.

Faço aqui ponto final, rogando-lhe apresente minhas respeitosas homenagens á ex.ma sr.ª D. Maria, sua digna consorte, e tambem que me creia sempre, apesar de tudo, e com a maior sinceridade

De V. Ex.ª

Camarada e amigo muito attento, affectuoso e grato

Luiz Philippe de Saldanha da Gama

P. S. Desculpe o tremido da lettra; o estado do meu braço não permitte ainda a firmeza da mão.

Documento C h

Telegramma do almirante Saldanha ao presidente do conselho sobre a fuga ultima

Montevideu, Abril 29—94

Presidente Conselho Ministros—Lisboa

Representante diplomatico vosso aqui não informou por certo nossa afflictiva situação, más condições vapor "Pedro III„, e outras causas que motivaram e justificam retirada ultima de bordo meus companheiros infortunio. Tambem desembarquei para não deixar companheiros desamparo aqui, mas fica minha palavra empenhada pelos que seguiram, e logo haja garantido situação primeiros, partirei immediatamente Lisboa.

Não será preciso custodiar-me. Aceitai segurança respeitoso apreço.

(a) Contr'almirante *Saldanha da Gama*.

Documento C i

Telegramma do commandante da «Mindello» ao ministro da marinha, agradecendo a exoneração

Montevideo, 6 de Abril de 1894.

Agradecer muito reconhecido conceder a exoneração pedida; entregarei Talone 8, sair logo em seguida pedir conselho de guerra.—Helice folga media total 25 milimetros, sendo metade T metade queijo. Segundo impossivel reparar fluctuando. Pedir instrucções com urgencia ámanhã aliás dique impedido quinze dias.

Castilho

Documento C j

Telegramma do commandante da «Affonso» ao commandante superior participando a sua arribada ao Rio de Janeiro

Rio, 6 Maio 1894.

Ao commando corveta portugueza "Mindello„. Montevideu.

Vim receber carvão transporte seguiu sem novidade trabalhos urgentes machina só concluidos oito dias participei almirantado.

Do commando da corveta "Affonso Albuquerque„

Teves

INDICE

Pag.

Nota n.º 2: — Embarca em 27 de dezembro o ministro de Portugal e parte em 28 para Lisboa.—Avarias soffridas pelo cruzador revoltoso *Tamandaré* nos diversos bombardeamentos.— Como se diz que o marechal evitou as diligencias sediciosas do almirante Saldanha na tropa. — Os batalhões nacionaes.—Declarações do capitão (portuguez) do vapor argentino apresado *Parahiba*.—Indisciplina na esquadra revoltosa.—O governo legal suspeita dos tripulantes do *Parahiba*. — Recebem-se na *Mindello* alguns portuguezes tripulantes d'aquelle vapor. — Mais um ataque de tropas de terra contra a lancha "D. Carlos", empregando a artilharia da ponta da Ribeira. — Emissão de papel fiduciario com a efigie imperial, que já estava considerado obsoleto, por não haver outros recursos.—Apuros do thesouro. — O padre portuguez Ricardo Silva refugia-se na "Mindello".—Boatos. Desanimo dos revoltosos 7

Documento A:—Queixa do commandante da Mindello ao representante de Portugal ácerca de um novo ataque da artilheria do governo contra uma lancha da corveta..... 14

Pag.

Documento B:—Nota do almirante Saldanha ao commandante da Mindello ácerca do alastramento dos navios mercantes..... 15

„ **C:** — Communicação do commandante superior americano sobre o artilhamento do morro do Castello..... 16

„ **D:** — Informação de um official americano ao seu commandante sobre o artilhamento do morro do Castello..... 17

Nota n.º 5: — Ainda a captura do vapor "Parahiba„; varios documentos sobre o assumpto.—Relação de alguns dos prisioneiros detidos nas prisões do Estado.— Aventa-se uma opinião sobre o que talvez devessem ter feito os representantes diplomaticos.—Má vontade contra os estrangeiros e especialmente contra os portuguezes.— Proclamação anonyma contra as guarnições mercenarias da esquadra legal esperada.— Substituição do ministro da marinha por outro.— Desmente-se o boato de neutralidade de Santa Cruz.— Não se verifica o boato do desembarque de tropas de revoltosos em Maricá, nem o de terem sido mettidos a pique os navios "Bahia„ e "Tiradentes„. — Estão em Pernambuco varios navios do governo. — Scisão na revolta depois da sahida do almirante Mello. — Destruição da marinha.—Desanimo nas operações dos revoltosos.—Posição dos navios.— Tentativa sem exito feita pelo governo para tomar a ilha do Engenho. — O serviço das lanchas e rebocadores de carga a vapor. — Maneira como foram salvaguardadas as lanchas com bandeira portugueza. — Peiora consideravelmente o clima com a febre amarella. — Installa-se um conselho de saude naval estrangeiro. — Relatorio do Dr. Bright. — Instrucções aos capitães mercantes.— Communicação ao corpo diplomatico.—Correspondencia com o corpo diplomatico e com o governo brazileiro sobre o armamento da cidade, e prevenção, cáso esta rompa hostilidades contra os revoltosos. — Cahem alguns projecteis da artilheria do governo no

Pag.

hospital de sangue da esquadra revoltada.— Boatos inverosimeis sobre cousas do Sul.— Falta de mantimentos.—Falta de agua.—Os navios portuguezes recebem carvão.—Estado da "Mindello„. — Más condições de espirito da guarnição 19

Documento A :— Termo de protesto do capitão do vapor "Parahyba pelo apresamento de que foi victima 32

„ **B** :— Requerimento do capitão do "Parahyba„ ao juiz seccional sobre o aprezamento do seu navio 34

„ **C** :— Termo de posse do vapor "Parahyba„ tomado pelos revoltosos..... 35

„ **D** :— Nota de alguns presos detidos em prisões do Estado em 1 de janeiro de 1894..... 36

„ **E** :— Proclamação anonyma ao povo brazileiro.. 38

„ **F** :— Relatorio do medico presidente do conselho de saude naval internacional, sobre a crise da febre amarella..... 39

„ **G** :— Instrucções geraes para os capitães de navios mercantes. 41

„ **H** :— Instrucções do commandante da "Mindello„ para os capitães de navios mercantes portuguezes 41

„ **I** : — Nota dos commandantes superiores ao corpo diplomatico sobre as providencias adoptadas, relativas á febre amarella e pedindo o concurso do governo..... 42

„ **J**: — Nota dos commandantes superiores ao corpo diplomatico sobre o artilhamento do morro do Castello 43

„ **K** :— Nota dos commandantes superiores ao corpo diplomatico sobre a necessidade de aviso previo caso o governo tencione romper hostilidades 44

„ **L** :— Resposta do corpo diplomatico a uma nota dos commandantes superiores, de 25 de dezembro; com dois annexos. 44

„ **M**:— Nota do corpo diplomatico ao ministro das relações exteriores sobre os riscos que corre a cidade depois de se armar com artilheria. 45

N :— Nota do corpo diplomatico ao ministro das

Pag.

relações exteriores, pedindo prevenção de 48 horas pelo menos, caso hostilidades de terra para o mar em larga escala sejam inevitaveis 47

Documento O :— Nota do corpo diplomatico aos commandantes superiores enviando copia de uma nota do governo brazileiro, que segue 48

„ **P :**— Nota do governo brazileiro, manifestando as suas decididas intenções de suffocar a revolta; documento a que se refere o precedente 48

„ **Q :** - Nota do almirante Saldanha da Gama ao commandante superior estrangeiro mais graduado, ácerca do bombardeamento do hospital de sangue por artilheria do governo.... 50

Nota n.º 13 : — Tomada da ilha Conceição pelos revoltosos.— Occupação de Mocangué. — Vantagens estrategicas d'estes pontos. — Conflicto entre a lancha portugueza "D. Maria„ e as tropas do Caes da Harmonia. — Paralysação do serviço commercial maritimo sob bandeira portugueza. — Bombardeamento da ilha do Bom Jesus sobre navios revoltosos e seus perigos para os navios de commercio estrangeiros. — Nova reunião e representação ao corpo diplomatico. — Mais correspondencia do governo e sua critica. — Resposta dos commandantes superiores. — Serviço incontestavel das esquadras estrangeiras a bem da cidade do Rio. — Chegada de navios do governo a Pernambuco, e novas fortificações dos morros. — Mais bombardeamentos. – Retirada do commandante Lang da esquadra ingleza. — Chegada do cruzador americano "San Francisco„ com o almirante Benham. — Chegada do couraçado "Aquidaban„ sem o almirante Mello. — A corveta "Mindello„ recebe carvão e mantimentos. — Retirada do capitão-tenente Gonçalves Pinto para Lisboa; é indispensavel substituil-o. 53

Documento A : — Officio do commandante da "Mindello„ ao encarregado de negocios narrando mais um conflicto com tropas em terra 59

Pag.

Documento B: — Participação do machinista da lancha "D. Maria„ ao commandante da "Mindello„ sobre o conflicto em terra..... 61

„ **C:** — Officio do commandante da "Mindello„ ao encarregado de negocios ácerca do incidente já narrado..... 63

„ **D:** — Telegramma do commandante da corveta "Mindello„ ao conselho do almirantado.... 63

„ **E:** — Officio do encarregado de negocios de Portugal ao commandante da corveta "Mindello„ sobre conflictos..... 64

„ **F:** — Convocação de uma reunião de commandantes por causa de bombardeamentos, perigosos para os navios mercantes e de guerra estrangeiros..... 64

„ **G:** — Nota dos commandantes superiores ao corpo diplomatico sobre o fogo de artilheria da ilha do Bom Jesus..... 65

„ **H:** — Doc. appenso ao precedente marcando a zona de ancoradouro determinada pelo governo para navios estrangeiros..... 65

„ **I:** — Nota do corpo diplomatico á reunião dos commandantes superiores de forças navaes estrangeiras, enviando uma nota do governo. 66

„ **J:** — Nota do ministro das relações exteriores ao corpo diplomatico. Doc. a que se refere o precedente..... 67

„ **K:** — Nota dos commandantes superiores ao corpo diplomatico, rebatendo asserções do governo, contidas no documento precedente.. 68

„ **L:** — Telegramma do conselho do almirantado ao commandante da "Mindello„..... 69

„ **M:** — Telegramma do conselho do almirantado ao commandante da "Mindello„..... 69

Nota n.º 18: — Correspondencia do corpo diplomatico com o governo brazileiro sobre os perigos do actual ancoradouro. — Correspondencias ácerca do estabelecimento de uma estação sanitaria fluctuante. — Rectifica-se a data da tomada de Mocangué pelos revoltosos. — Consequencias da occupação das ilhas. — Boatos de desembarques na costa de Leste. — Chegada do gran-

Pag.

de cruzador americano „New-York„.—Poderosa demonstração de força dos Estados Unidos; varias opiniões sobre este ponto. — Animosidade de brazileiros contra estrangeiros em geral, e portuguezes em especial. — Tiroteios entre a terra e o mar. Uma praça da "Affonso d'Albuquerque„ cahe ferida a bordo. - Communica-se ao almirante americano.— A policia de terra requisita a comparencia dos tripulantes da lancha "D. Maria„; esses tripulantes fogem a nado para um navio revoltoso.—Mau estado da minha saude, que me obrigou a desembarcar para me tratar.— Insta-se pela necessidade da retirada da "Mindello„.—Doença de varias praças —A febre amarella..... 71

Documento A:—Nota do corpo diplomatico aos commandantes superiores alludindo ao documento 77

„ **B:** — Nota do corpo diplomatico ao ministro das relações exteriores sobre perigos no ancoradouro dos navios estrangeiros..... 77

„ **C:** — Nota do corpo diplomatico aos commandantes superiores accusando recepção da outra..... 78

„ **D:**—Nota do corpo diplomatico aos commandantes superiores sobre uma estação sanitaria fluctuante e hospitaes..... 78

„ **E:**—Nota do corpo diplomatico ao ministro das relações exteriores a que allude o precedente documento..... 80

„ **F:**— Ao commandante da corveta "Mindello„. Do commando da corveta "Affonso d'Albuquerque„..... 81

„ **G:**— Ao commando da corveta "Affonso de Albuquerque„. Do medico naval de 2.ª classe da referida corveta..... 82

„ **H:**—Ao commando da corveta "Affonso d'Albuquerque„. Do official de serviço do mesmo navio em 17 de janeiro de 1894..... 82

„ **I:**—Nota ao commandante americano..... 84

„ **J:**— Officio do consul com um pedido de policia. 84

„ **K:**— Nota da policia ao consul..... 85

Nota n.º 20: — O commandante da "Mindello„ continúa doen-

Pag.

te. — Boletim official do commando das forças revoltosas á esquadra. — Segundo manifesto do almirante Saldanha da Gama; sua critica. — Mais documentos sobre o desarmamento da ilha Bom Jesus. — Ordem do Benchimol de Buenos Ayres para a entrega do "Cidade do Porto„ aos revoltosos. — Telegrapha se para Lisboa a esse respeito. — Instrucções incomprehensiveis. — Resolução definitiva de não consentir a entrega do vapor. — Movimentos de navios de guerra brazileiros nos portos do Norte. — Uma lancha de carvão com bandeira ingleza é confiscada pelos revoltosos — Pedem todos os commandantes superiores instrucções sobre o assumpto aos seus governos. — Varios boatos. — O Estado do Paraná em poder dos revoltosos. — O almirantado telegrapha sobre a retirada da "Mindello„ opportunamente. — Considerações sobre o mau estado do navio e da guarnição, e em especial do commandante. — Participação official do almirante americano sobre um conflicto com as forças revoltosas. — Grande força d'aquella potencia e dos seus representantes. — Correspondencias do Sul sobre o engajamento de estrangeiros nas forças do governo. — Acto magnanimo do almirante Saldanha da Gama. — Circular do almirante Saldanha da Gama sobre as possiveis contingencias de um bombardeamento. 87

Documento A: — Boletim official publicado á esquadra revoltosa 96

„ **B:** — Segundo manifesto do almirante Saldanha da Gama ao povo brazileiro..... 97

„ **C:** — Nota do corpo diplomatico aos commandantes superiores remettendo copia de uma do governo.. 98

„ **D:** — Nota do governo brazileiro ao corpo diplomatico annunciando o desarmamento provisorio da ilha do Bom Jesus..... 98

„ **E:** — Carta da firma Benchimol & Sobrinho de Buenos Ayres ao encarregado do vapor "Cidade do Porto„..... 99

„ **F:** — Instrucções dadas ao commandante da "Affonso„ sobre o documento antecedente.... 100

Pag.

Documento G:— Telegramma do commandante da "Mindello„ ao conselho do almirantado ácerca do vapor "Cidade do Porto„ 101

„ **H:**— Telegramma do conselho do almirantado ao commandante da "Mindello„ sobre o vapor "Cidade do Porto„ 102

„ **I:**— Telegramma do commandante da "Mindello„ ao conselho do almirantado sobre tomadia de carvão pelos revoltosos 102

„ **J:**— Telegramma do conselho do Almirantado ao commandante da "Mindello„ sobre tomadia de carvão 102

„ **K:**— Officio da legação ao commandante da "Mindello„ transmittindo outra via das ordens contidas no documento precedente 103

„ **L:**— Communicação do commandante da "Mindello„ ao almirante americano sobre as instrucções recebidas ácerca da confiscação de carvão 103

„ **M:**— Nota do almirante americano accusando recepção da precedente..... 104

„ **N:**— Telegramma do commandante da "Mindello„ ao conselho do almirantado sobre varios boatos 105

„ **O:**— Telegramma do commandante da "Mindello„ ao conselho do almirantado sobre varios boatos 105

„ **P:**— Telegramma do conselho do almirantado ao commandante da "Mindello„ sobre a retirada para Lisboa 106

„ **Q:**— Nota do almirante americano ácerca de um conflicto com o almirante revoltoso..... 106

„ **R:**— Circular do almirante Saldanha da Gama sobre as possiveis contingencias do bombardeamento da cidade 107

Nota n.º 35:— Ainda o conflicto entre o almirante americano e Saldanha da Gama. — Apreciações da imprensa: artigo do *Tempo* contendo trechos apocryphamente attribuidos ao almirante Benham. — Protesto do almirante Saldanha contra o acto de força de que foi victima. — Responde-lhe o almirante americano sem convocar

Pag.

conferencia de commandantes estrangeiros. — Cessa o trafego das lanchas com bandeira portugueza, mas é de novo restabelecido. — Prorogação do estado de sitio. — O almirante pede novamente ser reconhecido belligerante. — Desenvolve-se rapidamente a febre amarella. — Doença e morte do medico Moura Borges da corveta "Affonso d'Albuquerque". — Regressam ao reino varias praças doentes. — Grandes difficuldades para o serviço, especialmente pelas avarias no fogão da "Mindello". — Pondera-se a urgencia de fazer recolher o navio. - Doença do commandante. — Começam os navios de guerra estrangeiros a ir espairecer no mar largo. — Outra proclamação das forças revoltosas contida em um Boletim official emanado da ilha das Cobras. — Enumeração das forças navaes do governo legal. — Não se garante a authenticidade do documento da ilha das Cobras. — Substituição do encarregado da pasta da guerra marechal barão do Rio Apa pelo general Costallat. — Outras mudanças nos commandos de corpos do exercito. – Reina o terror no Rio de Janeiro; descontentamento no exercito e nos officiaes da corporação da Armada chamados leaes. — Decreto presidencial para as eleições de presidente, vice-presidente, deputados e senadores federaes, em 1 de março. – Captura da lancha "Celestina" com bandeira portugueza, pelas tropas de terra; injustiça d'este procedimento brutal. — Numero de doentes dos dois navios, com febre, no hospital. — Dá-se a primeira noticia do combate da Armação 109

Documento A :— Artigo do "Tempo" do Rio de Janeiro de 30 de Janeiro de 1894 ácerca do conflicto entre os almirantes Benham e Saldanha..... 123

" **B** :— Protesto do almirante Saldanha da Gama contra o acto de força do almirante americano Benham. 124

" **C** : – Nota do almirante americano Benham ao almirante Saldanha em resposta ao documento precedente..... 126

Pag.

Documento D:— Telegramma do commandante da "Mindello„ ao conselho do almirantado sobre varios assumptos..... 127

„ **E:**— Decreto presidencial prorogando o estado de sitio até 25 de Fevereiro de 1894..... 128

„ **F:**— Nota do almirante Saldanha ao commandante da "Mindello„ pedindo mais uma vez para ser reconhecido belligerante..... 129

„ **G:**— Officio do encarregado de negocios de Portugal ao commandante da "Mindello„ accusando recepção de varias communicações.. 130

„ **H:**— Officio do encarregado de negocios de Portugal ao commandante da "Mindello„ accusando recepção de uma nota do almirante Saldanha..... 130

„ **I:**— Nota do almirante americano ao commandante da "Mindello„ respondendo a outra anteriormente transcripta..... 131

„ **J:**— Medidas hygienicas propostas pelo medico ao commandante da "Mindello„ e adoptadas quanto possivel..... 132

„ **K:**— Nota do medico da "Mindello„ ao seu commandante sobre providencias de prophilaxia e hygiene urgentes..... 133

„ **L:**— Telegramma do commandante da "Mindello„ ao conselho do almirantado sobre varios assumptos..... 136

„ **M:**— Proclamacão do commando das forças revoltosas dos brazileiros..... 137

„ **N:**— Telegramma do commandante da "Mindello„ ao conselho do almirantado sobre varios assumptos..... 138

„ **O:**— Notas do commandante da "Affonso„ ao da "Mindello„, dando conta do apresamento da lancha "Celestina„..... 138

„ **P:**— Nota do conselho do almirantado ao commandante da "Mindello„ sobre a sua opportuna retirada..... 139

„ **Q:**— Nota do Conselho do Almirantado ao commandante da corveta "Mindello„ approvando todo o seu procedimento e louvando-o calorosamente..... 140

„ **R:**— Carta do commandante da "Mindello„ ao al-

Pag.

mirante americano sobre assumptos de serviço 141

Documento S: — Carta do almirante americano Benham ao commandante da "Mindello„ sobre assumptos de serviço 142

Nota n.º 42: — Descripção do combate da Armação; as victimas; ferimentos do almirante Saldanha.—Soccorros medicos estrangeiros ao hospital de sangue; abstenção portugueza e seus motivos. — Pede-se um medico ao governo brazileiro para a corveta "Affonso d'Albuquerque„ o qual é posto á nossa disposição.—Instrucções para o serviço medico dos dois navios. — Instrucções de Lisboa ácerca da lancha "Celestina„; explicações. — Considerações que vêem a proposito sobre o conflicto do almirante americano.—A policia pede a comparencia de uma praça da "Affonso„ para averiguações, mas o commandante da „Mindello„ não defere o pedido. — Annuncia-se de Lisboa a ida do novo encarregado de Negocios Conde de Paraty e dão-se ao commandante da "Mindello„ instrucções restrictivas para as suas relações de dependencia com elle em todos os negocios. — Considerações largas sobre o caso. — O commandante da "Mindello„ pede a exoneração, a qual lhe é negada.—Appella-se em vão para o caracter do ministro da marinha. — A febre amarella; sua horrorosa propagação.—Boatos. — Os especuladores. — Movimentos da esquadra legal.—Estado decadente da esquadra revoltosa. — Reina o terror no Rio, mas as eleições vão realisar-se.—O estado de sitio.—Indigita-se o dr. Prudente de Moraes como provavel futuro presidente.—Chegada do novo commandante da estação naval britannica.—Boletim official á esquadra revoltosa sobre o combate da Armação. — Vinda do novo cruzador legal "Nictheroy„ á barra do Rio e volta para a Bahia 145

Documento A: —Officio da legação ao commandante da "Min-

Pag.

dello„, informando que o governo brazileiro vae dar um medico naval..... 160

Documento B: —Officio da legação ao commandante da "Mindello„, designando o medico que vae para a "Affonso„... 160

„ **C:** —Telegramma do conselho do almirantado ao commandante da "Mindello„, ácerca da lancha "Celestina„..... 161

„ **D:** —Officio do commandante da "Mindello á legação pedindo reparação pelo caso da lancha "Celestina„..... 161

„ **E:** —Officio do consulado geral, transmittindo um pedido da policia para apresentação de uma praça.. 163

„ **F:**—Officio do chefe da policia ao consulado, pedindo a comparencia de uma praça..... . 163

„ **G:**—Officio do commandante da "Mindello„ ao consulado, recusando-se a mandar apresentar a praça na policia..... 164

„ **H:**—Officio da legação ao commandante da Mindello„ ácerca da lancha "Celestina„.. 165

„ **I:**—Telegramma do conselho do almirantado ao commandante da "Mindello„ annunciando a ida do conde de Paraty..... 166

„ **J:**—Instrucções restrictivas do almirantado sobre as relações entre o commandante da "Mindello„ e o conde de Paraty..... 167

„ **K:**—Telegramma do commandante da "Mindello„ ao conselho do almirantado pedindo a exoneração do commando..... 167

„ **L:**—Telegramma do almirantado ao commandante da "Mindello„ dizendo ser inconveniente a exoneração pedida..... 167

„ **M:**—Telegramma do commandante da "Mindello„ ao conselho do almirantado, instando pela exoneração..... 168

„ **N:**—Telegramma do commandante da corveta "Mindello„ ao conselho do almirantado sobre varios assumptos 168

„ **O:**—Boletim official da ilha das Cobras, á esquadra revoltada.. 169

„ **P:**—Telegramma de resposta do almirantado áquelle em que o commandante da "Mindel-

Pag.
lo„ se dizia desconsiderado..... 170
Documento Q: — Communicação circular do almirante americano propondo a cessação das visitas de ceremonial maritimo..... 170
„ **R:** — Carta do dr. Carvalho ao commandante da "Mindello„ pedindo para ir, sob protecção da bandeira portugueza ver seu filho prisioneiro á ilha das Enxadas. Verdadeiro caso de protecção dada a uma auctoridade brazileira contra os revoltosos o qual não vem mencionado em qualquer nota 171

Nota n.º 50: — Retomada de Magé pelas forças do governo.— Sahida do couraçado "Aquidaban„ ao encontro do cruzador "Republica„.—Conjecturas sobre o destino d'estes navios —Noticias da esquadra legal surta na Bahia.—É mettido a pique perto da ilha do Engenho, por uma bala de artilheria do governo. um dos vapores da esquadra rebelde.—Chegada do novo encarregado de negocios, Conde de Paraty.—É restabelecido pelo governo federal o hospital da Jurujuba para doentes de febre amarella.— Recrudesce a epidemia; pessimas condições meteorologicas.—Falta de aceio na cidade.—Começam a debandar os navios de guerra.—O mau estado da guarnição da "Mindello„.—Vae a "Affonso de Albuquerque„ para Cabo Frio. —Morte de uma praça.—Impossibilidade de sahir a "Mindello„.—Conflicto entre marinheiros portuguezes e tropa de terra.—Relatorios medicos..... 173
Documento A: — Telegramma do commandante da "Mindello„ ao conselho do almirantado sobre varios assumptos 176
„ **B:** — Telegramma do commandante da "Mindello„ ao consul portuguez na Bahia, perguntando noticias da esquadra 177
„ **C:** — Telegramma do consul portuguez na Bahia ao commandante da "Mindello„. 177
„ **D:** — Officio do encarregado de negocios conde de Paraty ao commandante da "Mindello„, participando a sua posse..... 177

Pag.

Documento E:— Officio do commandante da "Mindello„ ao conde de Paraty ácerca da sua posse 178

„ **F**:— Communicação do almirante americano ao commandante da "Mindello„ sobre o hospital da Jurujuba 179

„ **G**: — Telegramma do commandante da "Mindello„ ao almirantado sobre varios assumptos.... 180

„ **H**:— Telegramma do commandante da "Mindello„ ao encarregado de negocios ácerca do conflicto com marinheiros..... 180

„ **I**:— Telegramma do encarregado de negocios ao commandante da "Mindello„ sobre o conflicto com marinheiros..... 180

„ **J**:— Telegramma do encarregado de negocios ao commandante da "Mindello„ sobre assumpto do precedente..... 180

„ **K**:— Officio do general Pimentel ao commandante da "Mindello„ sobre o conflicto com marinheiros..... 181

„ **L**:— Officio do commandante da "Mindello„ ao encarregado de negocios sobre a terminação do conflicto com marinheiros..... 181

„ **M**:— Do medico da "Mindello„ ao commando da mesma corveta, sobre o pessimo estado sanitario da guarnição..... 182

„ **N**:— Telegramma do almirantado ao commandante da "Mindello„ sobre varios assumptos 184

Nota n.º 54:— Instrucções ao commandante da "Affonso de Albuquerque„.— Conta do dito commandante ácerca de uma commissão na costa do Brazil. — Novas instrucções ao mesmo.— Estado sanitario da "Mindello„. — Fallecimento do segundo tenente Vizetto.— Continua a epidemia da febre amarella.— Doença do immediato Santos Pereira. — Seguem varios officiaes para o reino 185

Documento A:— Relatorio da viagem hygienica da corveta "Affonso de Albuquerque„ ao Cabo Frio... 188

„ **B**:— Relatorio do medico brazileiro da "Affonso„ na sua viagem ao Cabo Frio..... 189

„ **C**:— Informação sanitaria da 2.ª quinzena de fev.º 191

Pag.

Nota n.º 61 :— Creação de novos regimentos e batalhões pelo governo federal.— Prorogação do estado de sitio até 30 de abril.— Lei marcial para crimes politicos. — Realisam-se as eleições presidenciaes; probabilidades em favor do dr. Prudente de Moraes para presidente da republica, e do dr. Manuel Victorino para vice-presidente. — Boatos ácerca do marechal Floriano Peixoto, aqui dados com toda a reserva. — Outros boatos ácerca do tribuno paulista Francisco Glycerio.— O commandante da "Mindello„ tenta informar-se dos graves successos politicos da Bahia.— O senador Ruy Barbosa muito votado na Bahia. — Communica-se um escripto violento contra o governo federal.— A' ultima hora não se confirmam as exageradas noticias ácerca do estado da Bahia..... 193

Documento A :—Decreto presidencial creando varios novos corpos de tropas de linha 197

„ **B** :— Decreto n.º 1681—de 28 de Fevereiro de 1894 declarando sujeitos á jurisdicção do fôro militar os crimes que se relacionarem com a rebellião que ora conflagra o Districto Federal e outros pontos do territorio da União.. 198

„ **C** :— Documentos antigos a que se refere o decreto da lei marcial..... 199

„ **D** :— Pasquim anonymo ácerca da eleição presidencial..... 201

„ **E** :— Noticias telegraphicas da Bahia sobre as eleições e movimento das esquadras..... 203

„ **F** :— Officio da Legação ao commandante da "Mindello„ dando sentimentos pela morte do tenente Vizetto..... 204

„ **G** :— Officio do consulado geral ao commandante da "Mindello„ ácerca do abastecimento de agua.. 204

„ **H** :—Officio do consulado geral ao capitão do porto ácerca de fornecimento de agua para os navios de guerra e mercantes portuguezes. 205

„ **I** : — Nota do capitão do porto do Rio ao consulado geral enviando uma licença para a lancha "D. Carlos„ fazer aguada..... ... 206

„ **J** :— Nota da capitania do porto ao consulado ge-

Pag.

ral indicando o logar onde podem fazer aguada os navios de guerra e de commercio.... 207

Documento K : — Officio da legação de Portugal ao commandante da "Mindello„ remettendo copia da resposta do governo legal sobre a reclamação ácerca da lancha "Celestina„..... 208

„ **L** : — Nota do ministro das relações exteriores ao encarregado de negocios de Portugal ácerca da lancha "Celestina„..... 208

Nota extra : — E' recebida pelo commandante da «Mindello» ordem para retirar para Lisboa. — Explica-se a prolongada falta de noticias d'elle recebidas pelo Almirantado. — Bosquejo retrospectivo de acontecimentos da revolta. — Os dois manifestos do almirante Saldanha. — Accentuam-se os preparativos bellicos por parte do Governo. — Effeito de paralysação de uma grande parte do exercito de terra pela simples presença da esquadra revoltosa. — Conflicto entre os almirantes americano Benham, e Saldanha da Gama. — Mallogrado ataque das forças revoltosas contra a Armação. — Frustrada tentativa de Saldanha para destruir na Bahia a esquadra legal. — Sae da Bahia para o Rio a esquadra do almirante Gonçalves. — Com a ida do Conde de Paraty para o Rio, são mandadas novas instrucções officiaes ao commandante da «Mindello»; motivo porque ellas o melindraram. — Pedido de asylo pelo almirante Saldanha. — E' concedido, e em que circumstancias. — Reclamações diplomaticas do Brazil. — Apromptam-se os navios para seguir para o Rio da Prata. — Boatos tetricos. — Difficuldades da viagem para Buenos Ayres. — Chegada em 26 de Março. — Pessimo estado sanitario da guarnição, e difficuldades internas. — Reclama o commandante da «Mindello» ao governo portuguez um transporte de guerra para tomar conta dos asylados. — Recusa do governo. — Propõe o almirante Saldanha a sua abstenção de hostilidades, e com que condições. — Continuam os fallecimentos de officiaes a bordo da «Mindel-

Pag.

lo» e da «Affonso». — Reclamações dos medicos da «Mindello». — Negociações do encarregado de negocios portuguez em Buenos-Ayres para o fretamento de um vapor. — Novo alvitre do governo sobre o assumpto. — Mais outra lembrança: sahirem as corvetas portuguezas com os asylados.—Representação do commandante contra essa idéa.—Sae de Lisboa o transporte «Angola» para S. Vicente.—A idéa dos rebocadores é reputada inexequivel. — N'ella insiste o governo portuguez. — Alvitre do fretamento do vapor «Pedro III» para ir á Ascenção.—Novos alvitres inexequiveis.—Impaciencia recrescente nas phalanges dos asylados.—Protesto do almirante Saldanha.—Primeira tentativa de fuga em 8 de Abril. — Connivencia mais que provavel do almirante.— Partem as corvetas e vão fundear na ponta do Indio em aguas neutraes.—Conflicto do governo argentino com o portuguez.—Recepção da gente da esquadra revoltada pelo publico das republicas platinas.—Ordena o governo portuguez o comboio do «Pedro III» pela corveta «Affonso».—Inexequibilidade e inutilidade de tal plano, mandado comtudo pôr por obra pelo commandante da esquadrilha portugueza. — Embaraços para a promptificação do vapor «Pedro III». — Só em 20 toma posse do seu commando o 1.º tenente Oliver. — Analyse do contracto de fretamento do vapor. — Nova ordem do governo. — Procura-se dar-lhe execução.—Novo protesto de Saldanha.—Preparativos para a sahida do «Pedro III» para a ilha da Ascenção comboiado pela «Affonso».—Outra ordem do governo, destruindo resoluções anteriores.—Discussão dos meios de a executar.—Dá-se a inesperada fuga dos asylados de bordo do «Pedro III».—Consequencias disciplinares.—Em 28 largam de Montevideu o «Pedro III» e a «Affonso».—Telegramma do almirante Saldanha.—Outro apocrypho em nome do consul portuguez.—E' chamado com urgencia a Lisboa o commandante da «Mindello».—Consi-

Pag.

derações.—Destino ulterior da corveta «Affonso».—Conclusão d'esta Nota..... 211

Documento A :— Telegramma do Visconde de Faria ao consul de Portugal em Montevideu, transmittindo a exoneração do commandante da "Mindello„ 265

„ B :— Declararão do almirante Saldanha sobre a cessação das hostilidades..... 266

„ C :— Condições de capitulação propostas pelo almirante Saldanha da Gama..... 266

„ D :— Telegramma do commandante da "Mindello» ao conselho do almirantado sobre pedido de asylo..... 267

„ E :— Telegramma do commandante da "Mindello„ ao almirantado sobre a capitulação dos revoltosos..... 267

„ F :— Telegrammma do ministro da marinha ao commandante da "Mindello„ recusando-lhe a exoneração pedida 268

„ F' :— Relação dos refugiados embarcados na corveta "Mindello„..... 268

„ G :—Communicação do Conde de Paraty ao commandante da "Mindello„ ácerca do documento seguinte..... 276

„ H :—Telegramma do ministro dos estrangeiros ao encarregado de negocios, dando instrucções 277

„ I :— Telegramma do ministro dos estrangeiros ao Conde de Paraty com instrucções..... 277

" J :— Telegramma do commandante da "Mindello„ ao almirantado communicando ir ser armado o "Cidade do Porto„ para levar os asylados..... . 278

„ K :— Telegramma do ministro da marinha ao commandante da "Mindello„ pondo restricções ao projecto de armamento do transporte..... 278

„ L :— Officio do Conde de Paraty ao commandante da "Mindello„ approvando o asylo e annunciando a reclamação diplomatica..... 278

„ M :— Telegramma do encarregado de negocios ao commandante da "Mindello retardando a partida dos navios..... .. 279

„ N :— Telegramma do ministro Hintze Ribeiro ao Conde de Paraty sobre a entrega dos asylados 279

Pag.

Documento O :— Officio do Conde de Paraty ao commandante da "Mindello„ enviando o documento precedente 280

„ **O'** :— Telegramma do commandante da "Mindello„ ao almirantado, par'icipando a chegada a Buenos Ayres..... 281

„ **P** : — Relatorio da viagem da "Affonso de Albuquerque„ do Brazil para o Rio da Prata.. 281

„ **Q** :— Officio do Visconde de Faria ao commanante da "Affonso„ transmittindo instrucções do governo..... 282

„ **R** : — Officio do visconde de Faria ao commandante da "Affonso„ transmittindo instrucções do governo 283

„ **S** : — Officio do commandante da "Affonso„ ao visconde de Faria, em resposta ao documento precedente 283

„ **T** : — Telegramma do commandante da "Affonso„ ao almirantado, participando a sua chegada 284

„ **T'** : — Officio da repartição de saude ao commandante da "Affonso„ sobre medidas de profilaxia e desinfecção a seguir..... 284

„ **U** : — Officio do visconde de Faria ao commandante da "Mindello„ enviando dois telegrammas do ministro da marinha..... 285

„ **V** : — Telegramma do ministro da marinha ao visconde de Faria..... 286

„ **W** : — Telegramma do ministro da marinha ao visconde de Faria..... 286

„ **X** : — Telegramma do commandante da "Mindello„ ao almirantado sobre a impossibilidade de seguir para porto portuguez..... 287

„ **Y** : — Nota do medico da "Affonso„ ao seu commandante sobre as más condições do navio. 287

„ **Z** : — Nota dos medicos brazileiros da "Affonso„ ao almirante Saldanha sobre as más condições do navio..... 288

„ **A a** : — Nota do medico da "Mindello„ ao seu commandante sobre as más condições do navio 289

„ **A b** : — Nota dos medicos da "Mindello„ ao almirante Saldanha sobre as más condições do navio..... 291

„ **A c** :— Officio da repartição de saude ao comman-

Pag.

dante da "Mindello,, mandando-lhe um inspector sanitario e guarda de saude..... ... 293

Documento A d: — Communicação do inspector sanitario da "Mindello,, á repartição de saude sobre o estado do navio..... 294

„ **A d':**—Officio do Visconde de Faria ao commandante da "Mindello,, accusando recepção das informações dos medicos..... 296

„ **A e:**—Officio do Visconde de Faria ao commandante da "Mindello,, sobre fretamento de transporte..... 296

„ **A f:**—Telegramma do ministro da marinha ao commandante da "Mindello,, sobre transporte. . 297

„ **A g:**—Telegramma do ministro da marinha ao commandante da "Mindello,, dando varias instrucções..... 298

„ **A h:**—Telegramma do ministro da marinha ao commandante da "Mindello,, com novas severissimas instrucções..... 298

„ **A i:** -Telegramma do commandante da "Mindello,, sobre varios assumptos 299

„ **A j:**—Telegramma do commandante da "Mindello,. ao almirantado sobre varios assumptos.... 299

„ **A k:**—Telegramma do Visconde de Faria ao ministro Hintze Ribeiro sobre a situação desesperada dos asylados a bordo. 299

„ **A l:** — Officio de remessa da correspondencia das senhoras da Cruz Vermelha, mandada pela repartição de saude ao almirante Saldanha. 300

„ **A l':**— Nota do almirante Saldanha ao commandante da "Mindello,, ácerca de soccorros aos asylados..... 300

„ **A m:** — Officio do Visconde de Faria, mostrando-se offendido pelo procedimento da Cruz Vermelha. 301

„ **A n:** — Telegramma do ministro da marinha ao commandante da "Mindello,, reiterando ordens anteriores..... 302

„ **A o:** — Telegramma do almirandado ao commandante da "Mindello., annunciando a ida de um transporte de Lisboa..... 302

„ **A p** —: Telegramma do ministro da marinha ao commandante da "Mindello,, insistindo em anteriores instrucções..... 303

Pag.

Documento A q:—Telegramma do commandante da "Mindello„ ao almirantado, insistindo na impossibilidade de seguir viagem..... 303

„ **A r**:—Telegramma do almirantado ao commandante da "Mindello„ annunciando a saida de um transporte sem indicar destino..... 303

„ **A s**: - Officio do Visconde de Faria ao Commandante da "Mindello„ alvitrando a idéa de rebocadores para levarem as corvetas ao seu destino..... 304

„ **A t**:—Telegramma terminante do ministro da marinha ao commandante da "Mindello„ mandando-a sahir fosse para onde fosse... 305

„ **A u**:—Officio do Visconde de Faria ao commandante da "Mindello„ ácerca de um artigo do medico do navio..... 305

„ **A v**:—Artigo do medico da "Mindello„ na *Prensa* de Buenos Ayres sobre a situação a bordo perigosissima 306

„ **A w**:—Officio do Visconde de Faria ao commandante da "Mindello„ sobre fretamento de um transporte 309

„ **A x**:—Telegramma do commandante da "Mindello„ ao ministro da marinha sobre doentes de gravidade a bordo..... 310

„ **A y**:—Telegramma do ministro da marinha ao commandante da "Mindello„ dando instrucções sobre a viagem da "Affonso„ á Ascenção... 310

„ **A z**:—Telegramma do commandante da "Mindello„ ao ministro da marinha mostrando a impossibilidade e desnecessidade do comboio.... 311

„ **B a**:—Telegramma do commandante da "Middello„ ao conselho do almirantado, perguntando se vae ser substituido.... 311

„ **B b**:—Telegramma do almirantado ao commandante da "Mindello„ respondendo ao precedente..... 311

„ **B c**:—Nota do almirante Saldanha ao commandante da "Mindello„ mandando um protesto contra o governo portuguez.. 312

„ **B d**:—Parte official dada pelo official de serviço da "Affonso„ sobre a fuga de tres asylados 313

„ **B e**:—Officio do commandante da "Mindello„ ao

Pag.

Visconde de Faria, participando que vae sahir para a bocca do Estuario..... 313

Documento B f:—Parte official do official de serviço da "Mindello„ sobre uma mallograda tentativa de fuga de asylados 315

„ **B g:**— Auto de corpo de delicto sobre os acontecimentos da "Affonso„ 316

„ **B g':**— Officio do consul Faria ao commandante da "Mindello„ transmittindo perguntas de Lisboa sobre fugas. 322

„ **B h:**— Relação incorrecta e augmentada de refugiados que tentaram fugir, enviada por elles ao commandante da "Mindello„ 323

„ **B i:**— Officio do visconde de Faria transmittindo um telegramma do ministro Hintze Ribeiro. 325

„ **B j:**— Telegramma terminante dos ministros Hintze e Neves Ferreira sobre a viagem á Ascensão..... 325

„ **B k:**— Primeiras instrucções dadas pelo commandante da "Mindello„ ao da "Affonso„ sobre a viagem á Ascensão..... 326

„ **B l:**— Officio do Visconde de Faria para o commandante da "Mindello„ annunciando a proxima ida do transporte para Montevideu... 327

„ **B m:**— Escriptura de fretamento do vapor Pedro III»..... 328

„ **B n:**— Novas instrucções do commandante da "Mindello„ ao commandante da "Affonso„.. 332

„ **B o:** -- Primeiras instrucções do commandante da "Mindello„ ao capitão de bandeira do transporte "Pedro III„..... 334

„ **B p:**—Novas instrucções do commandante da "Mindello„ ao commandante do transporte "Pedro III„ 336

„ **B q:**—Officio do commandante do "Pedro III„ ao commandante superior sobre o estado do seu navio 337

„ **B r:**—Officio do commandante do "Pedro III„ ao commandante superior, dando mais pormenores sobre o estado do navio..... 338

„ **B s:**—Informação do commandante da "Mindello„ ao Visconde de Faria sobre o estado do "Pedro III„ 339

Pag.

Documento B t:—Novas instrucções telegraphicas do governo portuguez ácerca dos asylados que tentaram evadir-se 340

„ **B u:**—Nota do almirante Saldanha ao commandante da "Mindello„ protestando contra suppostas violencias praticadas na "Affonso„ 240

„ **B v:**— Narração das occorrencias na "Affonso„ feita por um asylado ao seu chefe 342

„ **B w:**— Auto de corpo de delicto feito aos feridos na "Affonso„ 345

„ **B x:**— Novas queixas do commandante do "Pedro III„ ao commandante superior sobre falhas de coisas essenciaes 346

„ **B y:**— Telegramma do Visconde de Faria ao consul em Montevideu sobre varios pontos urgentes 347

„ **B z:**— Officio do commandante da "Mindello„ ao consul em Montevideu, dizendo estar prompto o "Pedro III„ e pedindo uma ordem positiva para a sahida 347

„ **C a:**— Nota do almirante Saldanha ao commandante da "Mindello„ sobre a triste situação dos asylados 348

„ **C b:**—Novas instrucções de Lisboa ácerca dos asylados em litigio, transmittidas pelo consul Faria ao commandante da "Mindello,... 350

„ **C c:**—Providencias do commandante superior depois da fuga de bordo do "Pedro III„..... 351

„ **C d:**—Telegramma do almirante Saldanha ao commandante da "Mindello„ sobre a sua evasão 352

„ **C e:**—Telegramma apocripho, mandando deter na Ilha das Flores a "Affonso„ e o "Pedro III„. 352

„ **C f:**—Telegramma da Ilha das Flores ao consul portuguez em resposta ao precedente 353

„ **C g:**—Carta do almirante Saldanha ao commandante da "Mindello„ ácerca da fuga do "Pedro III„.. 353

„ **C h:**—Telegramma do almirante Saldanha ao presidente do conselho sobre a fuga ultima.... 355

„ **C i:**—Telegramma do commandante da "Mindello„ ao ministro da marinha, agradecendo a exoneração 355

Pag.

„ C j:—Telegramma do commandante da "Affonso„ ao commandante snperior participando a sua arribada ao Rio de Janeiro..... 356

JUN 24 1913